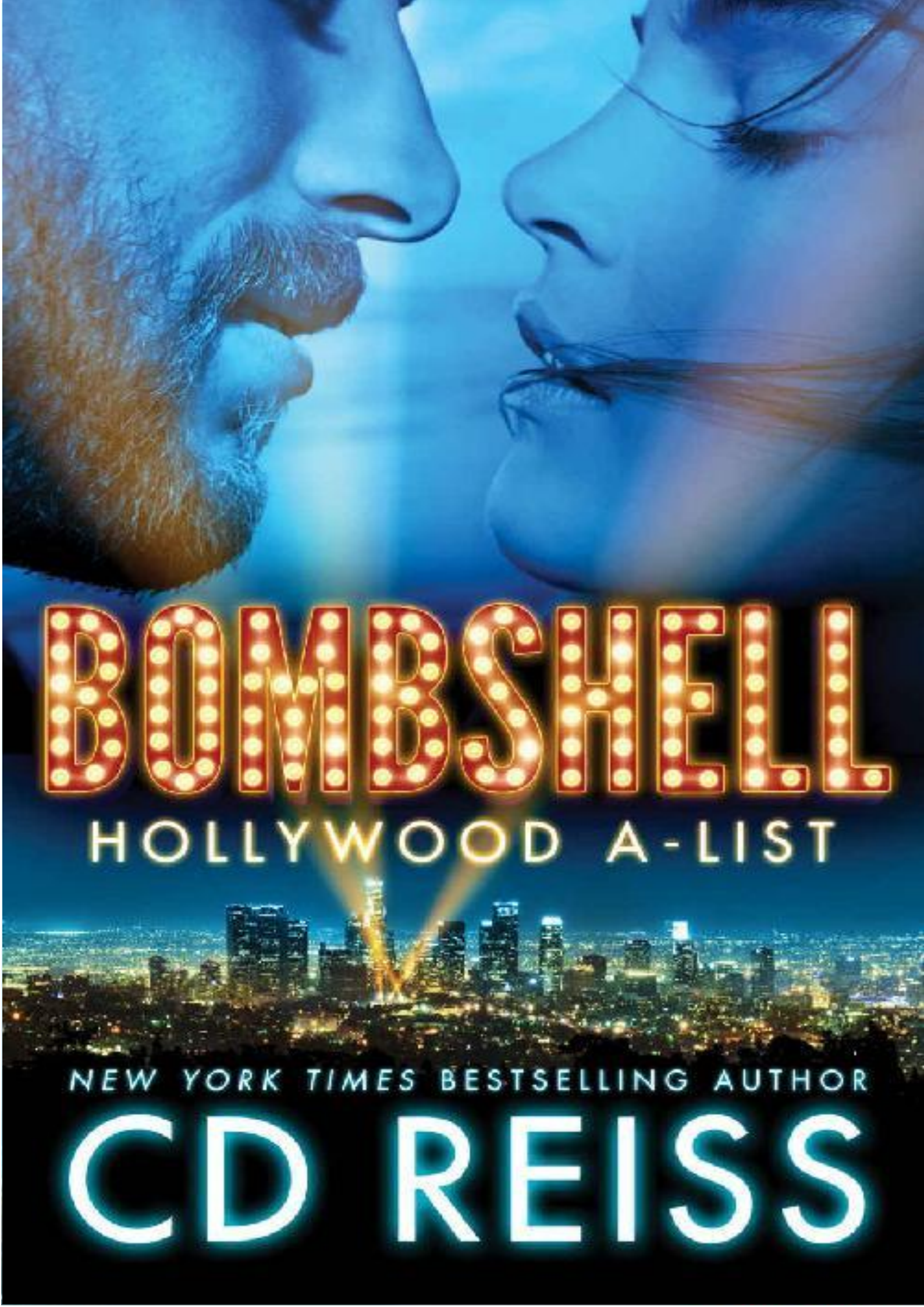

BOMBSHELL
HOLLYWOOD A-LIST
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
CD REISS



Disponibilização: Eva

Tradução: Naty

Revisão: Dani / Livinha

Leitura: Perpétua

Formatação: Niquevenen



O menino mau de Hollywood, Brad Sinclair, sempre consegue o que quer, seja o papel que deseja ou a modelo de biquíni que precisa ter. Mas quando uma bomba surpresa cai em seu colo sob a forma de uma covinha de cinco anos de idade de um relacionamento esquecido, ele sabe que sua vida está prestes a mudar para sempre.

Cara DuMont não está exatamente emocionada quando é designada para ser a babá do mais recente rei das bilheterias. Ela tem uma regra: sem pais celebridades, especialmente os solteiros com aparência diabólica e abdominais musculosos.

Mas assim que Cara conhece Brad e sua adorável garotinha, ela sabe que está em um mundo de problemas. Porque há algo sobre a forma como Brad olha para ela que a faz acreditar que algumas regras são feitas para serem quebradas...



CAPÍTULO 1

Cara

Lencinhos. Por favor, diga que você tem lencinhos.

Agora.

As duas mensagens chegam rapidamente, em sequência. O Ding Ding, muito alto na sala de espera. As paredes, o chão, o teto e a iluminação são sérios, um branco frio e o som ricocheteia como um gongo. A recepcionista, de cara feia e terninho preto, olha para mim com desaprovação. Faço um rosto de "Sinto muito" e então desligo o som. As outras cinco mulheres bem arrumadas em seus vinte e trinta anos me ignoram.

O que está acontecendo? Onde você está?

Banheiro feminino do corredor. Traga lencinhos. Estou sem.

Tudo sobre o texto é estranho. Por que Blakely está no banheiro? Ela deveria estar no outro lado das portas de vidro, em uma entrevista para um emprego de babá.

Sorrio para a recepcionista conforme saio. Ela me conhece. Trabalho com a Babás do West Side há anos. Falo francês, navego por aplicativos de escolas particulares, limpo narizes, ajudo com a lição de casa de matemática, dirijo o pessoal auxiliar e mantenho os pequeninos seguros.

Meu último trabalho terminou amigavelmente, porém de repente. Minha agente, Laura, encolheu os ombros e disse que poderia me dar alguma coisa. Então fiz exigências. Não iria trabalhar para pais ausentes. Nem atores. Nem celebridades. Nada de parasitas de Hollywood. Apenas ricos baunilha. Ou bem sucedidos baunilha. Glamour vinha com um preço um pouco elevado. A babá nem precisa dormir com um papai para acabar na primeira página de algum jornal e se tem alguma coisa que me aterroriza, é ver meu rosto nas prateleiras de revistas no caixa da mercearia.

Em uma hora ela encontrou algo tão perfeito que quase caí da cadeira. Dois banqueiros gays em Hancock Park. Conheci o filho deles, tomei café em sua casa e aceitei uma oferta. Eu estava no escritório para assinar o contrato e fazer

companhia a Blakely enquanto ela se encontrava em uma consulta com uma família que não iria dar o seu nome.

Aparentemente, a reunião não estava indo bem.

Posso ouvir os gritos e choros de uma criança do fundo do corredor.

Bato suavemente e a porta abre. Sou atingida no rosto pelo fedor de cocô e gritos lacrimejantes de uma garotinha.

Blakely está agachada no chão, rodeada por um anel de chumaços manchados de branco e marrom. O papel higiênico caro se desintegrou quando foi molhado. Seu cabelo sai do coque louro, perfeitamente profissional. Ela se vira para mim e estende a mão, estalando seus dedos para os lencinhos.

Ela é uma atriz em primeiro lugar, babá em segundo. Cuidar de crianças de Hollywood é mais fácil do que ser garçonete, muito bem pago, vem com um lugar sem pagar aluguel e, por vezes, se tiver sorte, o horário é flexível o suficiente para fazer um teste.

Mas ela teve dificuldade em encontrar trabalho recentemente. O dinheiro está ficando apertado. Blakely foi minha primeira amiga em Los Angeles. Nós nos conhecemos em uma festa de aniversário e ela me levou para debaixo da sua asa. Então, quando seu nome foi arrastado pela lama, fui a única a ir para a mercearia para que ela pudesse evitar ver seu rosto distorcido no caixa e a única que a defendeu para outros cuidadores em eventos.

Agora, ajudar com lencinhos é o mínimo que posso fazer.

O assento do vaso está coberto de manchas marrons. A garotinha de pé, ao lado, com as calças manchadas ao redor de seus tornozelos, chora tanto que seu rosto parece um tomate molhado.

Blakely está segurando um maço molhado de papel higiênico com a ponta dos dedos. A porta se fecha atrás de mim. Ela enxuga as lágrimas da garotinha com um pedaço desintegrado de papel higiênico e gentilmente a silencia. O aquietar, porém, não a acalma. Entrego a minha amiga os lencinhos e molho algumas toalhas de mão super caras para que possa limpar o cocô.

“Está tudo bem” ela diz em uma voz de babá suave, mas firme. “Vamos limpar você em um instante.” Blakely se levanta, cai meio fora de seu lugar e acaba com um chumaço encharcado de papel higiênico e cocô grudado na bunda.

A garotinha vai de um grande choro para um grito de terror. Passo por cima de Blakely e me ajoelho na frente da garotinha. Sinto meu peito expandir assim

que olho para ela. Meu coração incha e quebra um pouco. Faria ou diria qualquer coisa que pudesse acalmá-la.

"Você está bem?" Pergunto a Blakely ritmicamente de modo que a garotinha não fique chateada.

"Acho que caí no cocô" Blakely fala atrás de mim. "Que nojo. Caí."

Eu me viro para a pequena.

"Oi" digo, esperando que ela me ouça através de seu pranto. "Meu nome é Cara, qual é o seu?"

Blakely interrompe "Nicole, essa é..."

"Quantos anos você tem?" Pergunto. Ela funga, fazendo um enorme esforço para se recompor. Vi homens cavar valas com menos esforço. Boa garota.

"C-c-c-c..."

Blakely interrompe. "A filha de Brad Sinclair."

Fale sobre a porcaria da mercearia. O indicado ao Oscar do primeiro escalão teve uma filha de cinco anos, de um breve relacionamento, despejada em sua porta uma semana antes. Se eu fosse essa criança, sujaria minhas calças também.

"Cinco" a menina fala.

"Cinco?" Falo surpresa e impressionada. O fato é que, os guarda-costas de Brad Sinclair vão aparecer aqui em um minuto e nos prender. Esta menina precisa se acalmar. "Tão grande! Uau." Tiro alguns lenços do distribuidor e dou a ela. "Quer limpar os olhos ou posso fazer isso?"

"Você" ela funga. Acaricio suas bochechas. Noticias sobre ela estão por toda a internet. O notório Playboy de Hollywood Brad Sinclair engravidou uma mulher seis anos atrás, quando estava trabalhando em uma pequena loja de cristais em Venice Beach. Logo depois, ficou famoso com seu primeiro papel na carreira. A mulher colocou seu nome na certidão de nascimento, mas nunca lhe disse. Quando ela morreu em um acidente de trânsito, o estado entrou em contato com ele, o DMZ ficou sabendo disso e ninguém foi capaz de falar sobre qualquer outra coisa durante uma semana.

"Sua barriga está doendo?" Questiono.

Ela assente com a cabeça.

"E sua cabeça?"

“Dói bem aqui.” Coloca a mão na frente de sua cabeça e a move para trás. Para a parte superior da cabeça. Não o pescoço. Isso é bom. “E cheira muito mal aqui.”

Seu rosto enruga. Ela está prestes a chorar outra vez.

“Você está certa”, digo. “Cheira mal. Nós devemos limpar um pouco?”

“Sim, por favor!”

A mãe, quem quer que fosse, a criou muito bem até agora.

Blakely corta, “Tenho um teste em uma hora.” Ela joga o chumaço de papel no lixo.

“Você fede demais.” Olho para o meu relógio. “E não tem tempo para chegar em casa e tomar banho.” Aponto para o assento e me viro para a menina. “Ei, excelente trabalho de limpeza. Meu nome é Cara. Quer me dizer seu nome?”

Ela balança sua cabeça. Seu rosto vai de vermelho para um rosa normal, revelando olhos castanhos grandes como xícaras de café preto e sobrancelhas finas. Sua cor de pele não parece com a de Sinclair, mas as linhas e traços de seu rosto são tão semelhantes que pode ser o clone dele.

“Está tudo bem. Não tem que me contar. Deixe-me ver o que temos aqui.” Ela se inclina da maneira descarada das crianças para que eu possa ver que suas costas e coxas estão cobertas de fedor marrom.

“Não está tão ruim” falo. “Blakely, pode jogar estes e me dar um molhado?” Eu lhe entrego o lenço, mantendo meus olhos na criança. “Esta é uma camiseta legal. Quem é esta?” Aponto para um cavalo rosa com orelhas de gatinho.

“Pony Pie, o cavalinho rosa do My Little Poney. Seu símbolo natural é alegria.”

“Poderíamos usar um pouco disso.”

“Nós poderíamos” Blakely diz me passando um lencinho. “Mas essa querida é realmente uma alegria. Apenas estamos tendo um dia difícil.” Ela se inclina para frente para fazer contato visual com a menina e pisca. Nicole limpa seu nariz com sua manga.

“Eu concordo” falo. Começo a trabalhar na parte inferior da garota enquanto Blakely limpa o banheiro.

Blakely sussurra “Nunca vou conseguir chegar em casa para tomar banho e ir para Culver City em...”

Ela engole suas palavras de volta quando há uma batida forte na porta.

“Blakely Anderson?” Uma voz masculina late do outro lado. Minha amiga e eu olhamos uma para a outra.

“Estamos aqui dentro” grito.

Uma chave escorrega na fechadura e a porta se abre, revelando dois grandes homens em camisas escuras com rádios berrando. A pequena começa a gritar novamente, batendo seus pés nas manchas de cocô.

“Feche a porta, feche a porta, feche a porta” ela grita. Blakely joga suas mãos para cima. Os caras vieram pela menina, que está ficando cada vez mais chateada. O que eu deveria ter feito era dar um passo para trás e deixá-los levá-la, manchas de cocô e tudo. Eu teria menos problemas. Mas não tenho tempo para pensar. O banheiro é pequeno, os caras são grandes e a menina parece irremediavelmente chateada e perturbada. Não tenho tempo para ser racional. Apenas ajo por instinto.

Eu me levanto com as mãos para o alto.

“Parem!”

Eles param. Tenho três segundos para falar sobre os gritos dela.

“Esta garotinha está chateada porque está suja. Se a levarem daqui assim, isso vai piorar, então...”

Meus três segundos terminam. O cara número um me empurra para fora do caminho, enquanto o cara número dois a pega sob os braços conforme tira suas calças manchadas, os sapatos aterrissando na imundice, seus gritos são de estourar os ouvidos. Blakely fica no corredor falando com alguém. Meu coração se desfaz pela pequena malcheirosa.

“Ei, ei!” Uma voz masculina ecoa acima do barulho. “Podemos relaxar por um segundo?”

Todo mundo congela, exceto a criança, que passa de chateada para obediente.

Na porta está a minha agente, Laura e Brad Sinclair. Mas, honestamente, Laura é uma nota de rodapé em sua presença. Todos nós somos.

Estou acostumada com celebridades e atores. Poder de estrela não tem efeito sobre mim.

Mas ele é diferente.

Camisa de botão vermelho escuro e jeans. Olhos azuis e cabelo castanho que precisam de uma escova. 1,88m de altura. Uma mandíbula que pode ou não ser

geometricamente perfeita. Certo. Essas são todas as palavras que descrevem o que vejo e consigo ter mais uma centena no dia seguinte.

Mas neste momento, com os ombros enchendo o batente da porta e Laura atrás dele, segurando uma pasta, ele não é somente um conjunto de características perfeitamente ótimas. É ação e movimento. Projeta-se para fora, emanando calor. Minhas orelhas ficam vermelhas. Segundos se transformam em minutos. Ele é o furacão e o olho dele. Uma constelação de ângulos e planos que se curvam ao redor do mundo e o complementam.

Controle-se.

Ele é impressionante. Um em um mil iguais a ele.

Talvez uma centena.

Uma dúzia.

Ótimo. Você pode contar o número de homens lindos assim em um dedo.

"Senhor Sinclair" eu digo, dando-lhe o meu tom mais autoritário. "Não há nenhuma maneira de sair daqui por essa porta. Não vou levá-la. Apenas deixe-me limpá-la e trazê-la de volta."

"Quem é você?"

Preciso berrar sobre o loop ininterrupto de gritos da menina. "Meu nome é Cara DuMont. Sou babá dos filhos de Ray Heywood."

Ele conhece Ray. Todos conhecem Ray. Brad me olha de cima a baixo como se fazendo um balanço da minha alma. Continuo. "Não estou aqui a trabalho. Mas ela está aborrecida. Estou com as impressões digitais e antecedentes verificados e não tenho medo de um pouco de cocô no chão."

Brad olha para sua filha, os homens com as camisas escuras, Laura e depois para mim, olho no olho. Um homem que atira o poder de uma estrela como um farol, mas no momento é só um cara totalmente em apuros.

"Ok. Obrigado."

Estendo a mão para a criança e ela vem para meus braços. Os gritos desaceleram assim que suporto todo o peso dela e para completamente quando está em uma parte limpa do chão.

Eu viro para a minha agente. "Pode pegar algumas roupas e pedir ao serviço de limpeza para trazer algumas toalhas?"

Ela concorda. Os seguranças saem e Brad Sinclair me dá um olhar, um ardente que toma a respiração fora de mim antes que eu feche a porta do banheiro e me ajoelhe para encarar sua filha.

“Quer começar de novo?” Eu pergunto a menina.

“Sim.”

“Meu nome é Cara. É um prazer conhecê-la. Qual é o seu nome?”

“Nicole Garcia.” Ela funga e limpa o nariz com sua manga.

“prazer em conhecê-la, Nicole. Quer me ajudar a limpar isso?”

“Podemos limpar minha bunda primeiro?”

“Ótima ideia.” Eu gostei desta pequena. Ainda bem que já tenho um trabalho acertado ou cairia para ela e seu pai num piscar de olhos.



CAPÍTULO 2

Brad

"Anime-se, filho. Nenhum homem crescido está pronto para a paternidade quando chega. Melhor apenas se estabelecer para fazer isso."

Meu pai tem uma fodida atitude positiva. Melhor do que qualquer um dos "homossexuais e loucos" de Los Angeles com seus terapeutas de animais de estimação e sorrisos brancos. Cresci com "Pare de reclamar e entre na cozinha." Eu não tinha ideia do que a cozinha tinha a ver com alguma coisa, mas foi um sulismo bom, sólido, um dos muitos que ele lançou como foguetes em frente de toda a equipe das Babás do West Side como se não soubesse que eu era uma porra de um astro.

Papai teve sua cota de surpresas, incluindo engravidar mamãe quando estavam namorando por uma semana. Acabou por colocar suas botas de homem e começou a andar. E quando perdeu dois dedos, o mindinho e o anelar em sua mão direita, para uma serra circular em Redfield Lumber, os costurou e foi trabalhar dois dias depois. Não existe paciência na família Sinclair para choramingar, reclamar ou lamentar. Coloque um sorriso no rosto e sua cabeça de volta ao trabalho.

Como quando seu filho descobre que é pai, você pega um avião dentro de uma hora e arrasta a bunda para Los Angeles. Meus pais estavam aqui tão rápido que mal tive tempo de ter meus funcionários limpando a casa.

Conheci Nicole pelo Serviço de proteção após o teste de DNA ter dado positivo. Ela estava chorando. Estava sempre chorando. Era um saco de carne, ossos e lágrimas. Eu tinha certeza que era bonitinha. Cem por cento de certeza. Mas sua mãe morreu enquanto Nicole estava lendo (Eu confirmei, *realmente lendo*) no jardim de infância e aqui estava ela, como se pega e jogada por cima da cerca, sem chance de voltar. Eu choraria também.

A única vez que não estava chorando, ou quase chorando ou respirando entre soluços, é no Babás do West Side, no banheiro atrás de uma porta fechada. Disse a Laura que de maneira nenhuma ela está lá, porque não ouvi soluços.

Mas, vejam só, Nicole está lá dentro, sem chorar, embora estivesse mergulhada em suas próprias fezes.

Não é porque está cansada de chorar. É por causa da mulher com o lenço sujo e os olhos que demonstram um humor constante. A babá... que estava, me disseram...

"Indisponível", Laura fala. Meu pai resmunga desaprovação e minha mãe estala a língua. Eles estão realmente mexendo com o meu humor. Não posso ser uma celebridade e – esse menino Sinclair, não tão bom, que derramou tinta no gramado e agora quem vai pagar por isso — ao mesmo tempo.

"O que é que isso significa?" Indago. "Ela está no banheiro limpando Nicole enquanto conversamos. O que estará fazendo amanhã ou no dia seguinte?"

"Acabamos de designá-la para uma família em tempo integral. Vamos encontrar alguém para você, Sr. Sin..."

"Não sei se sabe disso, senhorita, mas não aceito um não como resposta. Aquela no banheiro é quem eu quero. É a única que foi capaz de parar aquela garotinha de chorar desde que aterrissou em minhas mãos há uma semana."

Nunca quis tanto uma mulher na minha vida e embora ela fosse definitivamente quente, meu pau não está nem mesmo envolvido.

Eu vou tê-la. Preciso dela.

* * *

Duas semanas antes, fiquei vinte e quatro horas na festa mais épica da minha vida. Minha casa estava de cabeça para baixo, povoada com algumas centenas de amigos e uma dúzia de seguranças.

"Relaxe, Gene" eu disse sobre a música, afastando-me dele. Ninguém se afastava do Super agente Gene Testarossa. Exceto eu. "Este é o mesmo pretexto daquela menina em março passado."

"Aquela que falou que você lhe passou herpes?"

"Sim. Aquela."

"Você passou herpes para ela."

Eu virei para ele. Cutuquei seu casaco Hugo Boss com a garrafa de cerveja balançando entre o polegar e o dedo indicador.

"A outra garota lhe deu herpes e foi oral. Eu estava limpo. Ainda estou limpo."

Ele balançou seu gordo relógio ouro-rosa até que pudesse ver a hora.

“Ken está a caminho” ele murmurou.

Ken Braque. Droga. Eu não podia virar as costas para o Relações Públicas tão facilmente como virei para o meu agente.

Saí da piscina. Todo mundo estava vestido para o verão, exceto Gene, que sempre parecia um banqueiro de Wall Street.

“Tenho um mês e meio de folga para realizar nada além de sentar em casa e fazer o que desejo. programei isso. Fiz isso acontecer. Movi céus e terra. A montanha veio ao fodido Maomé. E você está espatifando isso com o que? Quem? Uma garota chamada Brenda? *Brenda*?”

“Veja. Ela morreu em um acidente de carro há duas semanas e vim aqui assim que descobri. Não torne isso difícil. Se você é o pai, você é o pai.”

“Sempre uso um preservativo.”

“Tem certeza?”

“Porque isso é algo que eu esqueceria?”

“Seis anos atrás? Quando atuou naquele filme de terror pequeno e estava sobre a fodida lua porque era um ninguém trabalhando em uma loja de cristais? Sim. Esqueceria.”

“Isso é sério” uma voz veio atrás de mim. Eu me virei.

“Ken!” Eu o abracei. Quando assinei com ele sabia que consegui, como ator. Tinha uma carreira para agitar. Estourar. Festejei mais duro naquela noite do que quando fui nomeado para um Oscar. Que foi bom, porém muito surreal para beber por isso.

“Pode colocar uma calça?” Ele disse. Eu estava com uma camisa e uma toalha em volta da cintura. Não tinha nenhuma lembrança de como fiquei dessa maneira.

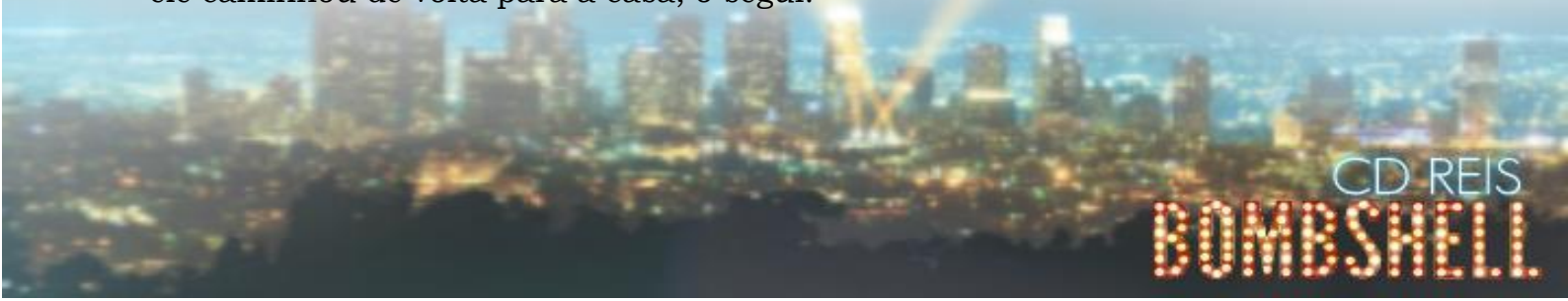
“Ei, é uma festa. Não gosto de me sentir restringido. Cueca me aperta.”

“Você tem muito mais para se preocupar do que sua calça.”

“É essa coisa da Brenda?”

“Brenda não é um problema e nunca foi. Isso é amplo e profundo, Sinclair.”

Meu agente era um babaca, mas meu RP era o negócio real. Então, quando ele caminhou de volta para a casa, o segui.



A festa foi para todos os quatro quartos, sala, escritório, cantos, sala de bilhar e qualquer sala que nunca soube o que fazer. Nós acabamos na lavanderia. Eu nem sabia que tinha uma lavanderia. Mamãe ficaria orgulhosa.

Gene se arrastou para dentro. Ken fechou as portas, então se inclinou sobre a máquina de lavar e cruzou os braços.

"Brenda Garcia. Lembra-se de alguma coisa sobre ela?"

A questão não era retórica. Ele estava realmente perguntando.

"Não."

"Você trabalhou com ela em uma loja de cristais."

"Eu me lembro da loja."

"Ótimo." Ele afastou-se da máquina de lavar e estava em seus próprios pés, como se mudando as engrenagens. "Não estou pedindo para se recordar dela ou de sua filha. É irrelevante. Tenho certeza que ela estava em uma célula do cérebro que você já matou."

"Meu cérebro está bem."

Eu soei defensivo. Cervejas demais ou muito poucas.

"Certo. Tanto faz. Eu não me importo. Sabe com o que me importo? Com o que as pessoas pensam de você."

Tomei um gole de cerveja. Lá fora, alguém foi jogado na piscina. Uma mulher, a julgar pelos gritos. Ele pode se importar com o que as pessoas pensam de mim, mas eu certamente não.

"Agora" Ken falou. Escutei sua voz, mas não as palavras. E se eu tivesse um filho? Isso me fazia um *pai*. Atuei como um pai em Verity, mas isso era diferente de *ser* um pai. Certo? Quero dizer, leva uma tonelada de tempo e tempo era uma coisa que eu não tinha muito.

"O que você estava dizendo?" Perguntei.

Ken suspirou e puxou um envelope amarelo quatro por seis para fora do bolso de sua jaqueta. Ele o abriu, apertando as bordas.

"O DMZ já descobriu, seguindo o agente de proteção à criança no escritório de Gene e sentando ao lado dela na sala de espera."

"Não é minha culpa" Gene murmurou.

Ken continuou. “Então mandaram uma repórter de meia idade para o escritório do Serviço de Proteção para posar como a tia de Brenda Garcia. Sem razão. Porque este ainda é real.”

Ele tirou uma foto do envelope.

Era uma foto escolar de uma menina. Talvez cinco? Seis? Quatro? Quem diabos sequer sabia? Qual era a idade máxima de fofura? Porque era a idade que tinha. Ela tinha cabelo castanho e enormes olhos castanhos escuros. Sorriso grande rodeado por covinhas. Nariz como um pimentão.

Eu tinha olhos azuis e cabelo castanho claro, mas, apesar disso, a parte do meu cérebro que reconhece rostos calculava uma equação visual e a reconhecia. Os olhos da minha mãe. Os cachos da minha irmã. O queixo do meu pai.

Eu. Ela parecia exatamente como eu.

“Oh. Merda” eu falei. “Não. Nãonãonãonão. Eu o embrulhei, Ken. Você tem que acreditar em mim.”

“Ok, não sei quando você vai entender isso” ele disse. “Não importa no que eu acredito. Importa o que o público acredita. Eu tenho o seu clone, aqui mesmo.” Ele ergueu a imagem. Quanto mais eu olhava para ela, mais entendia. Ela era minha. “E a Srta. Garcia colocou o seu nome na certidão de nascimento como o pai.”

“Vadia fodida.”

“Vai falar dela com respeito a partir deste momento” Ken rugiu. “Primeiro, porque está morta e as pessoas não gostam quando falam mal dos mortos. Em segundo lugar, te deu uma filha e não foi a público. Era uma mãe solteira que trabalhava atrás de um balcão na Coffee Chain. As pessoas vão estar do lado dela.”

Ele estava certo. Minha mãe me criou melhor que isso. Você não fala mal dos mortos ou insulta uma mulher. Não dá a ninguém uma razão para pensar menos de você. Tentei escutar a voz da minha mãe na minha cabeça, mas era difícil ouvir sem também degustar seus biscoitos e molho de carne. Com milho. E manteiga. E o cheiro de churrasco. Sim. Papai não ficaria bravo com o mensageiro. Papai não viraria suas costas. Papai seria o Senhor perfeito. Legal, calmo e senhor de si.

Ok. Eu estava bem. Eu tinha isso.

Tinha apenas que inspirar. Ser homem. Expirar.

“Onde ela está agora?” Eu perguntei. “A criança.”

“O nome dela é Nicole e está em um orfanato. Agora, aqui está o que você vai fazer antes disto explodir. Um, fazer um teste de DNA. Dois, se ela não for sua, lhe arruma um fundo da faculdade de qualquer maneira.”

“E se for minha?”

“Eu te acendo um charuto e te estabeleço com uma equipe. Porque você não vai abandoná-la. É tarde demais para isso. Não vai largá-la e aparecer na Tailândia, no set para *Irmandade Bangkok* como se nada tivesse acontecido.”

“Como é que ele vai...”

Gene não tem a chance de terminar a frase antes de Ken interromper.

“Ele não tem escolha. Se abandonar essa chance, nunca vai trabalhar novamente. E tem uma filha para cuidar agora.” Ele se virou para mim. “A escola particular não é brincadeira. Você precisa do dinheiro. Funcionários. Não pode perder um único ensaio ou vai estar de volta a Arkansas. Não importa o quão famoso pensa que é. Você pode desaparecer. E se não estiver no set na Tailândia no horário, vai desaparecer... Puf.” Ele beijou as pontas de seus dedos e os espalhou para fora.

Não quero desaparecer. Voltar para Redfield. Trabalhei muito duro.

“Eu cuido isso.”

Gene faz um ruído de bufar que foi longo na descrença e curto no humor real.

“O que, imbecil?” Eu perguntei a ele.

“Você? Homem. Isso é um fodido desastre. O que vai fazer com uma criança? Nem mesmo está usando calças.”

“Você”, eu cutuquei-o no peito, “precisa ter um pouco de fé, meu amigo.”

Passei por ele para sair, tomando um gole da minha cerveja. Tinha gosto de urina. Eu pisei em algumas calcinhas. Não tinha ideia a quem pertenciam.

Merda. O que diabos ia fazer? Viajei como Marco fodido Polo e trabalhei como um cão. Festejei como se fosse o meu trabalho porque o trabalho não me deixou muito tempo para festa. E iria adicionar uma criança à mistura? O que diabos vou fazer?

Gene não precisava ter um pouco de fé.

Eu precisava.

Eu teria que fingir até que fizesse isso. Agir como pensava que pais fariam. Fazer todas as coisas até que viesse naturalmente. Eu não sabia que coisas eram, mas não era como se estivesse inventando nada, certo?

* * *

A babá sexy no banheiro tem um dom e necessito disso.

Nicole chorou quando conheceu as crianças do meu amigo Mike. Chorou no colo da minha mãe. Soluçou quando mamãe comprou-lhe os tênis que acendem quando caminha, corre, dá um passo, ou pula. Ela chorou até dormindo.

Pensei que um pouco de ajuda era tudo que precisava. Mike me deu o número das Babás do West Side. Segurei o cartão como uma fodida espada mágica, mas saí de lá não melhor do que cheguei.

Na saída do incidente do banheiro, um insano grupo de paparazzi encontra a porta de trás, onde a limusine está estacionada. E por insano, quero dizer que são mais agressivos do que já vi na vida. Juro que suas vidas dependem de conseguir uma foto de Nicole. Um deles segura a câmera na frente dela e tira a foto de seu rosto. Ela chora. É claro que chora. Eu choraria também. Estendo a mão para a câmera e erro porque meu pai me segura. Coisa boa. Estou quase pronto para descascar a pele do cara de seu crânio.

Na parte de trás da limusine, Nicole não olha para mim. Muito ocupada chorando.

A única vez que parou de chorar foi para a babá quente.

Minha mãe está sentada diante de meu pai e eu, com Nicole em seu colo.

“Difícil perdê-la com esses sapatos” Papai resmunga.

“Eles são legais” falo.

“Você não nega para ela, depois do que aconteceu” Mamãe bufa para papai.

“O que eles querem?” Nicole pergunta.

“Apenas uma foto” Mamãe responde, acariciando seu cabelo.

“Querem um rosto quebrado” eu digo.

“Silêncio!” Mamãe faz seu rosto severo.

“Estou com medo” Nicole soluça.

Eu me sento de volta no banco e cubro o rosto. Posso sentir o cheiro do sabão do banheiro em minhas mãos. Jesus Cristo. Agir como se eu tivesse tudo sob controle não está funcionando.

"Deveríamos estar em casa." Papai estabelece a lei, apontando para mim com sua mão de três dedos. "Ela precisa de uma família. Não funcionários."

"Vamos fazer as entrevistas em casa a partir de agora." Movo minhas mãos. Nicole está olhando para mim como se estivesse tentando descobrir quem está no comando. Pena que eu não tenho ideia. Meu ato vai caindo aos pedaços de dentro para fora.

"Um homem precisa criar seus próprios filhos:" Papai declara. "Esses tipos de Hollywood apagam as coisas importantes e atendem pessoalmente as bobagens. Bem isso é..."

"As circunstâncias, Milton." A menina está mole nos braços da mamãe, cabeça no ombro, observando a Sunset Boulevard passar. "Eles não são normais."

"O inferno que não são."

"Não diga uma palavra ruim" Nicole fala, lágrimas diminuindo com pequenos soluços.

Papai bufa e cruza seus braços.

"A senhora vai voltar para casa com a gente?" Ela pergunta, levantando a cabeça, como se estivesse pensando pela primeira vez.

"Que senhora, querida?" Palavras de crianças ainda parecem estranhas na minha boca.

"A senhora do banheiro. Com o cabelo preto."

O que devo dizer a ela? Pela primeira vez desde que veio para casa comigo, não está chorando. Parece esperançosa, como se as nuvens se separaram à menção da senhora do banheiro ou algo assim.

"Talvez."

"Não diga talvez. Diga sim ou não."

"Não sei."

"Sim ou não! Sim, sim, sim!" Ela grita e posso sentir as lágrimas chegando.

"Vou tentar..."

“Não talvez. Sim ou não.”

“Sim,ok? Sim.”

Nicole assente como se dizendo a si mesma que é verdade. Eu falei que sim. Então ela descansa sua cabeça no ombro da minha mãe novamente.

Ao meu lado, meu pai cobre seus olhos e balança sua cabeça.



CAPÍTULO 3

Cara

Na manhã depois que encontramos Brad Sinclair, ele ainda está incorporado em meus pensamentos. Não consigo esquecer seu rosto na porta do banheiro. Ele é o cara. Um arroz de festas. Um galinha.

“Não acho que vou receber uma ligação de retorno” Blakely diz conforme subimos uma inclinação particularmente empoeirada no Griffith Park. “Eu estava dez minutos atrasada.”

“Mas cheirava bem.”

Ela balança sua cabeça, sacudindo seu rabo de cavalo para frente e para trás.

“Não é possível filmar um cheiro. Mas o rosto?” Ela passa a mão sobre o rosto como se estivesse no chão no Los Angeles Auto Show. “Esse rosto é imediatamente reconhecível como a mulher estúpida o suficiente para se apaixonar por Josh Trudeau.”

“Todo mundo esqueceu isso.”

Estou mentindo. Ninguém esqueceu. Ela seria para sempre o rosto de uma babá que se apaixonou por um pai. Fresco na prateleira do supermercado.

“E não acho que tenho o trabalho Sinclair também” ela fala depois de tomar um gole de sua água. “O que, talvez, seja uma coisa boa.”

Está ficando quente no início do dia, então Blakely e eu queríamos terminar a caminhada até a colina às nove da manhã. A montanha inclina e curva para o Cume de Dante, um bosque de árvores queimadas, que não foram destruídas nos incêndios de 2008.

“É uma espécie de desastre” digo. “A criança surpresa? Nada de bom pode vir disso. Embora possa dizer que ele está tentando.”

“Ele não tem escolha.”

“E o que falam sobre ele?” Questiono entre arfadas por oxigênio, continuando como se não tivesse ouvido. “Tudo verdade. É tão bruta. A presença.”

“Achei que ele era mais baixo.” Blakely bebe sua água. Seu rabo de cavalo loiro sacode atrás dela. Parece linda, mesmo depois de 3,2 quilômetros subindo. Minha franja está grudada na testa e meus olhos estão lacrimejando por causa da poeira.

“Excesso de boa aparência para se trabalhar” falo, ficando fora do caminho de uma mulher em um collant apertado e seu cão. “E hétero. Muito hétero.”

“Eu sei. E inexperiente. Provavelmente ele pensa que tem habilidade para isso.”

“Muito arriscado. Tenho pena da garota que ele contratar.”

Balanço a cabeça. Brad Sinclair é uma manchete sensacionalista esperando para acontecer.

“Espero que você tenha pena de mim. Preciso do dinheiro.”

Confirmo. Ele não vai contratá-la. Seria avisado por qualquer pessoa que se preocupa com sua reputação. Depois do caso com Josh Trudeau ela tornou-se a babá equivalente a um ator esquecido O boato nunca para.

Raymond, meu último chefe, me despediu antes que o boato tivesse a chance de acontecer. Não fizemos nada, mas quando ficou noivo de Kendall, ela não perdeu tempo me transformando em um problema. Poderes executivos vinham com o anel de noivado. Sua primeira ordem foi de que a outra mulher bonita na casa tinha que ir. Sou jovem e bonita e você não trás uma bomba relógio para dentro da casa.

E isso é exatamente o que uma babá celebridade é. Não só é atraente, mas é ótima com as crianças. Faz todas as coisas associadas à sua educação normal que os pais deveriam fazer, que é provavelmente a educação que prometeram que ia dar a seus filhos.

A babá representa essa promessa falha. Ela beija machucados, embala almoços, cozinha o que as crianças gostam e senta-se para comer com eles. Sua esposa é geralmente do ramo também, viaja, trabalha todas as horas e gerencia uma equipe de negócios bem como a equipe de casa. Ela representa todas as falhas do pai como um pai, porque está lidando com tudo, exceto as crianças.

Há muitos homens que não se interessam para a cara, educada, jovem babá bonita, mas existem muitos que fazem. Você pode ler tudo sobre eles, enquanto a sua comida está passando pelo caixa na mercearia. Isso aconteceu tantas vezes que é surpreendente quando não ocorre.

Apesar das inúmeras falhas de Raymond como pai e ser humano, nunca tentou nada comigo. Nem sequer me olhou torto. Eu apreciava isso e com o passar

do tempo o tomei por garantido. Ele ficava em Los Angeles, porque é dono de um aplicativo de internet e tabloides que alimenta as próprias pessoas que chama de amigos. Mas pelo fato de não ser uma celebridade de verdade, poderia encontrá-lo quando as crianças precisavam dele, respeitava o que eu fazia e eu amava Willow e Jedi.

"Você tinha um arranjo tão doce com Raymond Heywood" Blakely fala, a voz subindo e descendo com seu andar.

"Sim. Eu acho. Mas dois banqueiros gays? Esta nova família é ainda melhor. Não estão interessados em seduzir mulheres, não têm horários de viagens, não há paparazzi na frente."

"Sim. Você teve sorte."

Ela diz isso tristemente e entendo o porquê. Foi pega com Josh Trudeau por sua esposa. Marsha Trudeau gravou os dois do armário do quarto e postou o vídeo no YouTube. Foi uma bagunça. A carreira de Blakely veio a uma parada abrupta, mas o dano ao seu coração foi pior. Ela não sabia que ele era um traidor em serie. Confundiu um marido e uma esposa ocupados com um casamento fracassado. Acreditou em tudo que Josh falou e deixou-se apaixonar. Ele nunca deixaria sua esposa. Raramente o fazem.

Ela alugou um apartamento e não o deixou por meses.

Trabalhou como passeadora de cães e babá em casa. Mudou o nome em seu portfólio para Sarah Colt e começou tudo de novo. Às vezes, quando ia às audições e não era reconhecida tinha um retorno positivo. Às vezes, não era assim tão fácil.

Penso muito nela, porque o que aconteceu com ela me aterroriza.

Não desejo isso. Qualquer coisa menos isso. Pessoas olhando para uma imagem e decidindo que sou uma prostituta. Estranhos fazendo um julgamento sobre mim. Meu sangue se transforma em gelo sempre que imagino.

"Ouvi que Ray e Kendall voltaram ao West Side e pediram por uma mulher na casa dos cinquenta anos."

Quando Ray Heywood me dispensou, fui morar com Blakely. Suas perspectivas de emprego não tinham melhorado, mas ela podia fazer suas próprias compras e parecia estar seguindo em frente.

"Mulheres na menopausa são as que têm mais tesão." Blakely fala. "E West Side tem poucas mulheres atraentes ou mais velhas, lamento dizer."

Um velho casal de coreanos com viseiras de golfe xadrez acenam e sorriem.

Tristemente, Blakely continua “Gostaria de poder mudar meu rosto, às vezes.”

Meu telefone toca. Falando no diabo. Minha agente.

“Oi!” Eu falo, enquanto Blakely termina sua água.

Laura parece eficiente e positiva quando entrega uma má notícia.

“Matt e Dom furaram.”

“O que?”

“Desculpe, Cara. Não foi você.”

“O que quer dizer que não foi eu?” Sinto o mundo mudando sob os meus pés.

“Eles te amaram, mas simplesmente decidiram que queriam alguém que falasse espanhol.”

“Eu falo francês! O que há de errado com o francês? Willow Heywood é fluente por minha causa. Contou isso a eles?”

“Sinto muito, Cara. Podemos te enviar outra vez. Você se adapta fácil.”

Quero atirar o telefone. Em vez disso só o desligo.

Blakely escutou tudo. Ela coloca sua mão nas minhas costas.

“Vai encontrar alguma coisa.”

“Certo. Vou ser contratada e entrar como um cachorrinho, cauda abanando e querendo fazer um bom trabalho, então duas coisas vão acontecer. Não. Três coisas. Ele vai olhar para mim como se eu segurasse as chaves para a vida que queria e perdeu e vou sair antes de arruinar seu casamento.” Coloco um segundo dedo. “Ou a senhora da casa vai começar a estalar para mim cada vez que ele estiver na sala, ou vou acertar na loteria e conseguir uma mãe solteira que não vai me demitir até que tenha um namorado sério. Então estou fora. E isso não é justo. Porque eles só querem babás bonitas. Ter seus filhos carregados ao redor por alguém não atraente ou de meia-idade é como uma marca negra em seus registros. E somos como acessórios domésticos inanimados, até que a pessoa na casa com o pau se sinta triste ou solitário.”

“Uau. Você precisa de um pouco de sorvete.”

Estou frustrada e decepcionada. Também não tem nada a ver ficar reclamando sobre isso com Blakely, que se sente dez vezes pior.

“Desculpe” falo.

“Você está apenas expressando meus pensamentos.”

“Vamos tomar um na Cupsand Cones” eu falo. “Eu pago.”



CAPÍTULO 4

Cara

As coisas funcionam de um jeito específico por uma razão. Às vezes, a razão é que o universo quer ferrar você. Por diversão, talvez. Ou porque você está ferrando o serviço de outra pessoa com a expressão “as coisas acontecem por uma razão.”

Mas a razão não é sempre arco-íris e unicórnios. Quando meus pais foram encaminhados para Paris, a razão era para que eu pudesse aprender francês, quando foram para Paquistão foi para que eu ficasse em casa o tempo todo e quando foram para Coréia era para que eu pudesse me apaixonar por um menino chamado Shin que desajeitadamente tirou a minha virgindade duas semanas antes de nos mudarmos novamente. Quando a American School em Stuttgart estava cheia, Dennis e eu fomos para a escola Lycée Français e ficamos. O universo deve ter desejado que nossas lições fossem rigorosas e consistentes, não importa onde estivéssemos. Certamente, papai não se incomodava que fôssemos ensinados a sempre ser educados, respeitosos à autoridade e manter nossos narizes limpos. Mas por quatorze anos, nada sobre mim foi limpo.

É verdade, às vezes as coisas acontecem por uma razão. E às vezes as razões são uma droga.

Mover-me constantemente, significava que eu não tinha chance de me apaixonar. E não me apaixonando, deixei meu corpo ter uma festa. Sem controle de natalidade na Bélgica e não ficar nos lugares o tempo suficiente para conseguir uma “reputação” significava que eu poderia fazer o que quisesse. Só tinha que ter a certeza de ficar longe dos namorados das outras meninas e grudada a rapazes que não falavam tanto.

Quando tinha dezessete anos demorei a ter confiança do meu pai. Fui pega em um carro em uma estrada desolada escocesa com um jogador de rugby. As pessoas falaram. Meus pais, que mantinham seus narizes tão limpos que brilhavam, pediram uma transferência para que pudéssemos começar do zero novamente. Voltamos para os Estados Unidos em um silêncio tenso. Depois disso, senti como se não pudesse fazer nada direito. Meus pais me deixavam nervosa. Meu pai, em particular, sempre parecia olhar para mim de lado, como se estivesse esperando que eu entrasse em algum tipo de problema.

Quando nos estabelecemos no Texas, eu tinha o hábito de não divulgar qualquer informação sobre qualquer coisa. Ficava dentro e fora de pequenas situações por ser direta e respeitosa ao mesmo tempo. Adaptei-me facilmente a novos acontecimentos e observava como as outras pessoas se comportavam antes de agir. Era uma diplomata natural.

Meus colegas e seus pais talvez tivessem razão. Posso ter sido fria. Sem emoção. As pessoas e os seus julgamentos me assustavam. Apenas era eu mesma em torno das crianças.

Fui para a faculdade estudar o desenvolvimento infantil e assumi um cargo de docente por cerca de cinco minutos antes de me oferecerem uma tonelada de dinheiro para cuidar das crianças gêmeas de Jude e Karen McVino enquanto trabalhavam em um filme em Austin.

Quando retornaram para Hollywood, fui com eles. Disse adeus aos meus pais. Eles ficaram na Argentina enquanto eu estava fora e depois de alguns telefonemas, ficou muito fácil parar de falar com eles. Então ficou difícil de pegar o telefone.

Eu estava bem. Senti como se tivesse uma nova família, porque essas crianças estabeleceram uma luz em minha alma.

Nem toda criança que cuidei fez isso. Amei todas elas, até mesmo as crianças mais estragadas e esnobes na cidade. Mas alguns foram excepcionais.

* * *

"Brad Sinclair quer se encontrar com você" Laura avisa em um telefonema no dia seguinte a caminhada no Parque Griffith. Blakely e eu estamos na varanda de seu barato aluguel em Los Feliz. Ela tem uma cerveja e uma revista. Eu tenho um livro e uma garrafa de água.

"Ele é famoso demais."

"Disse a ele que você ia falar isso."

"Você tem alguma novidade? A esposa de Ken Braque não está grávida?"

"Três meses. Você pode querer se encontrar com Brad para uma consultoria. O pobre rapaz está confuso como o inferno e seus pais estão voltando para Arkansas em breve."

"Dizer a ele como ser pai? Isso nunca é legal."

“Apenas vá encontrá-lo” Laura pede. “Como um favor para mim. Isso vai parecer ótimo para a agência.”

“Por você” eu falo. Nos despedimos e desligamos.

Blakely coloca o pé no parapeito. Seu dedão cutucando para fora da meia e a marca da cerveja que está bebendo é um dólar por lata. Quando abro a porta de tela, ela segura a revista para cima.

“O que acha do nariz dela?”

Olho para a imagem de Frida Julian. “Parece um nariz.”

“Costumava ser enorme. Eu estava na escola de atuação com ela. Nariguda total. E ela era impressionante, mesmo com essa coisa no rosto.”

“Você tem um nariz bom.” Sento-me na cadeira ao lado dela.

“Sim. Mas se fosse maior do que isso, todas as pessoas veriam. Eu ficaria irreconhecível.”

Não alimento ainda mais sua fantasia. preciso descobrir se quero entrar na vida de Brad Sinclair.

“Talvez ela fosse impressionante por causa disso.” Blakely considera mais para si mesma do que para mim. Não estou mais na sala. Ela precisa de algo para fazer além de se preocupar e imaginar. Se pudesse apenas conseguir um emprego, ficaria bem.

Decido ver Sinclair. No mínimo, talvez, possa ajudar Blakely.



CAPÍTULO 5

Cara

A casa é enorme. O tipo de casa que você tem porque pode. Tudo sobre isso fede muito. Tudo sobre Brad Sinclair está errado. De sua agenda de viagens, a maneira como festeja, ao número de mulheres que supostamente dorme semanalmente.

Um homem em uma camisa branca e jaqueta preta abre a porta do carro. Provavelmente um motorista da equipe. É um bom sinal. Mas conforme os sinais se vão, o Maserati amarelo com o para-choque riscado estacionado na garagem não é tão bom.

"Obrigada" agradeço, entregando-lhe as chaves. Fui informada sobre o quão bem equipado Brad Sinclair é. Então, o manobrista particular não me surpreende. O guarda no portão não me surpreendeu. O caminhão de buffet atrás da casa é como alguns chefs de celebridades mantêm a geladeira e despensas abastecidas quando a celebridade em questão está em casa.

O que não é tão frequente quanto as pessoas pensam. Viajei com os McVinos e a vida que levavam era imprópria para manter uma casa, uma família, ou uma rotina. A menos que levasse toda sua equipe com eles, um ator trabalhando ou diretor passava semanas comendo em hotéis no meio da noite depois de um dia de quinze horas. Pegavam o que podiam nas mesas de buffets e se o filme não tivesse um orçamento enorme, as únicas opções sobre a mesa eram de gordura, açúcar e sal.

Trajes desconfortáveis, exposição ao clima, longas horas, toneladas de espera.

Eu precisaria de uma equipe quando estivesse em casa também.

A porta da frente se abre. Espero por uma governanta ou mordomo, mas é o próprio ator.

Não esqueci sobre como é lindo; apenas optei por não pensar nisso.

"Madame", ele fala. Menino do sul. Pais ainda juntos. Ensino fundamental cristão. Ensino médio público. Dois anos na Universidade do Sul da Califórnia cursando Drama. Namorou suas coadjuvantes por um mês após as festas de

encerramento, então seguiu em frente. Através de conversas e ligações, descobri que ele gastaria pelo menos oito dos próximos doze meses no exterior fazendo filmes de ação, mas a maioria tinha pós-produção na cidade.

"Sr. Sinclair", cumprimento, estendendo minha mão. "Prazer em vê-lo fora de um banheiro."

Ele balança minha mão.

Sacudi muitas mãos famosas ligadas a homens lindos, mas minha imaginação é provocada pela forma como seus dedos deslizam contra os meus para agarrá-los e a maneira como nossas palmas pressionam juntas. Meus pensamentos nublam com lençóis rasgados, músculos rígidos e pele macia.

"O prazer é meu" ele fala, meu cérebro salta como uma caminhada em uma calçada rachada sobre a palavra *prazer*.

Ele não me dá o aperto de mãos mais sincero para me mostrar quão malditamente feliz está em me ver, mas há algo íntimo sobre esse momento.

Apenas uma entrevista.

Eu o sigo para dentro da casa. Dora Donovan projetou. Parece como ela com seu sofá branco falso da metade do século e tapete felpudo. Isso não funcionará com playdates[1] a menos que ele queira manter um estofador na equipe.

Andamos através da sala de estar para uma menor com uma mesa de bilhar bem no meio. Tem uma lâmpada de garrafas Budweiser por cima e é preparada para nove bolas. Dora Donovan não tem nada a ver com esta sala, com certeza.

"Quer se sentar?" Ele segura uma cadeira para mim. A mesa com tampo de vidro está no interior das portas abertas do pátio e abastecida com chá gelado.

Eu me sento.

"Não sou um encontro" digo gentilmente, indicando a configuração do chá gelado. "Só para você saber. Não tem que fazer coisas como segurar a cadeira para mim."

"Hábito, eu acho."

Ele se senta à minha frente.

"Cavalheirismo é bom. Mas com a babá, quem quer que você contrate, pode ser mal interpretado."

[1] Uma data e hora estabelecidas pelos pais para crianças brincarem juntas.

Ele sorri um pouco, como se mal interpretando seus próprios pensamentos. Limpo a garganta e puxo minha jaqueta fechada.

“Onde está a Nicole?” Pego o jarro e coloco um pouco no copo.

“Meus pais a levaram ao parque. Ela fez o chá. Minha mãe, quero dizer.”

“Ouvi dizer que não vão ficar?”

“Não.”

“E como ela é?”

“Minha mãe?”

“Sua filha.”

Ele leva um segundo olhando para o pôr do sol escaldante, depois para o seu chá. Agita o gelo no copo.

“Não tenho ideia.”

Sua honestidade é refrescante. Ele ganha a minha atenção e respeito com essas quatro palavras.

Ele olha para a mesa, então para mim. A câmera sempre pega suas pequenas imperfeições: a cicatriz em sua testa, o nariz ligeiramente torto. Em pessoa, são indicadores tangíveis de seu carisma e lembretes poderosos da perfeição do resto dele.

“Laura falou que tem uma sessão de fotos agendada para você e Nicole com *Vanity Fair*.”

“Sim. E daí?”

“Precisa do dinheiro?”

“Vai para a caridade. Um fundo de dislexia. Minha irmã tem isso então...”

“Cancele.”

Olho bem para ele. Não vacila. Não derrete mesmo que eu deseje. Ele sabe que estou certa. Na pausa de milissegundo e do jeito que ele quebra seu olhar, compreendo que não preciso me explicar.

“Vou fazer isso.” Sua voz é baixa e rouca, como um rosnado. Como se quisesse gritar sobre não lhe dizer o que fazer, mas entende melhor. Posso ver somente a corda com a qual está amarrado.

“Acho que ela precisa de tanta consistência quanto você pode gerenciar. Ela está fazendo ginástica. Deveria ir com ela para algumas aulas.”

“Consigo fazer isso.”

“Já encontrou uma escola para ela?”

Ele toma um gole de chá, então aponta com o polegar para o sul.

“Há uma no lado Valley.”

“Laurence?”

“Sim. Há outra em Wilshire. A escola pública está em Franklin.” Ele dá de ombros. “O verão apenas começou. Temos alguns meses.”

Ele não está preparado para isso. Nem mesmo um pouco. Nem eu, porque ele parece tão vulnerável por trás do verniz arrogante que quero ajudá-lo e esse é o primeiro sinal de que deveria fugir.

Estou aqui como uma consultora, então vou ajudar.

“Nicole é uma garotinha muito confiante. E acho que, em circunstâncias normais prosperaria em um ambiente escolar difícil, competitivo.”

“Ela vai para a primeira série.”

“Los Angeles também é. Uma cidade de trabalhadores confiantes e seus filhos. Então, o jardim de infância é o ano de entrada. É muito difícil ter uma criança na primeira série, mesmo uma tão madura quanto Nicole. Simplesmente não há espaço.”

“Ela é madura? Consegue ler. Certo? É incrível.” Ele sorri. Quero sorrir, mas não posso estar muito contente por ele. Isso é inapropriado.

“Sei que a vi em lágrimas, mas uma vez que se acalmou, seguiu as instruções e falou claramente. Tem grandes habilidades motoras finas e quando limpa uma mancha de cocô, tira cada partícula fora. Na idade dela e pelo que passou, você está certo. Isso é bem incrível.”

Elogiar a criança é uma maneira de começar o trabalho e mesmo que não esteja interessada em trabalhar para ele, o ver sorrir como um pai orgulhoso me dá esperança por eles.

“Testamos sua leitura. Ela é perfeita.”



Ele está realmente preso na leitura. A maioria das crianças pode ler no momento em que entra na primeira série, mas ele parece feliz em sua bolha. Não quero estourá-la.

"Ela está indo muito bem" continuo, tentando focar em Nicole e não na forma como sua mão se curva em torno do chá gelado. "Há uma escola em Santa Monica chamada Crossroads. É uma ótima escola, academicamente, mas uma das suas diretrizes fundamentais é a saúde emocional do aluno. Tem um curso de suporte de classe que se concentra nas emoções de cada criança."

Ele sorri aquele premiado sorriso.

"Madame, sou do Sul. Essa tolice não vai funcionar."

"E quando sua filha ruir, porque nunca lidou com a perda de sua mãe, sua merda de bom e velho menino não vai funcionar também."

Escuto seu pé bater, mas não olho para baixo. Estamos com os olhos bloqueados, medindo um ao outro.

Graças a Deus não estou trabalhando para ele. Ele está me derretendo de dentro para fora e tenho a sensação de que é de propósito.

"Joga sinuca?" Ele pergunta.

"Claro que sim."

"Você ganha e vou ver sua escola boba. Eu ganho e você vai ver a de Wilshire."

"Não acho que seja importante que escola eu veja. A decisão é sua."

"Está dando consultoria ou não?"

Não considerei vê-lo depois dessa reunião, mas ele tem um ponto. Uma verdadeira consultoria em como gerenciar sua filha, iria demorar mais de uma reunião e o pagamento é excelente. Mas não estou aqui por mim. Estou aqui por Blakely.

Eu me levanto. "Você começa."

Ele me entrega um taco. "Damas primeiro."

Eu o pego e coloco a bola no meio da mesa, cerca de quinze centímetros a partir da calha superior e alinhada com o triângulo central. Tenho um método de quebra que um traficante que namorei em Paris me mostrou. Sempre afundava algo na sinuca.

Estabeleço o taco sobre a madeira do trilho e deslizo para frente e para trás, fazendo uma ponte alta com minha mão esquerda.

“Que diabos é isso?” Ele questiona.

“Sou eu quebrando.” Fico em linha reta, recebendo o poder de meus quadris. “Laura falou que você não vai encontrar outras babás.”

“Não quero outras babás.”

Eu quebro. *Clack tic tic tic pup pup pup...* três bolas ameaçam do lado, mas pula sobre as almofadas. Nada entra. Essa é a primeira vez.

“Qual é o problema com elas?”

“Nicole não gosta delas, ou eu não gosto delas.” Ele faz sua jogada e a bola três afunda.

“Muito tolas?”

“Não aprecio mulheres que flertam em uma entrevista para cuidar da minha filha.” A bola sete. Cai. Ele vai encaçapar todas as bolas em cima da mesa.

“Acho que você está vendo coisas.”

Ele deve ter se enganado. Somos profissionais, cada uma de nós. Laura é malditamente séria sobre esse tipo de coisa.

“Conheço as mulheres.” A bola cinco. Cai. Ele está focado na bola sete e se jogar bem, o nove seria a próxima. Eu deveria ter feito uma jogada melhor.

“Eu tenho alguém” falo. “Uma amiga. Ela teve algum azar, mas tem experiência e adora crianças.”

“Realmente.” Ele olha para mim depois que dá sua tacada. “Onde ela trabalhou antes?”

Não paro. Fazer uma pausa é a morte.

“Os Trudeaus.”

Ele perde a sete. Parado.

“Não estou procurando por esse tipo de ajuda.”

“Não é o que pensa.” Eu me debruço e aponto para a bola nove.

“Nunca é. Faça a sua tacada.”

“Ela é realmente ótima.” Afundo a bola nove. Fim de jogo. “Então é Crossroads. Vou marcar a reunião. Por favor, não use a palavra ‘tola’ na entrevista. A escola não precisa do seu dinheiro ou problema.”

“Bom conselho.” Ele se inclina e traz o triângulo.

“Você realmente deve aceitar o meu conselho sobre isso.”

Sorrio para ele e me debruço sobre meu taco.

Ele monta as nove bolas no triângulo outra vez. “Não desejo a babá de Josh Trudeau. Mesmo sem os serviços extras. Desejo você.”

Este é o tipo de coisa que uma menina solteira quer ouvir de um homem bonito. Estou aqui como uma profissional. Apesar disso, fico um pouco mole. Aperto a boca em uma linha, assim ele não vê.

“O mesmo acontece com Nicole” ele continua, colocando as bolas na forma. “Ela pergunta sobre a mulher no banheiro o tempo todo.”

“Isso é muito legal.”

“Não vou fingir que entendo o que ela está passando. Pra começar, não conheço muitas crianças de cinco anos de idade. Mas você conhece. Ou finge bem o bastante. Ambos os seus pais estão por perto?”

“Eles vivem em Fiji.”

“Onde diabos é Fiji?”

“Longe.”

“Você visita?”

“Não.” Deixo a minha voz cair uma oitava. Não falo com meus pais em anos e não estou com disposição para descrever a deriva lenta das marés que nos separa. “Saber o que está acontecendo com Nicole é uma questão de compaixão humana, não fingimento.”

“E sua amiga? Tem compaixão humana também? Por que está tentando encaixá-la?”

Eu me sinto presa. Cavando mais profundo do que deveria. Não sei como isso aconteceu, mas nunca tive a intenção de dizer a ele os problemas de Blakely. Agora sinto como se tivesse que contar ou mentir. Não quero mentir.

“Ela é ótima. E não está fazendo os mesmos erros novamente. Ficou arrasada.”

Ele levanta a forma da configuração em formato de triângulo de bolas.

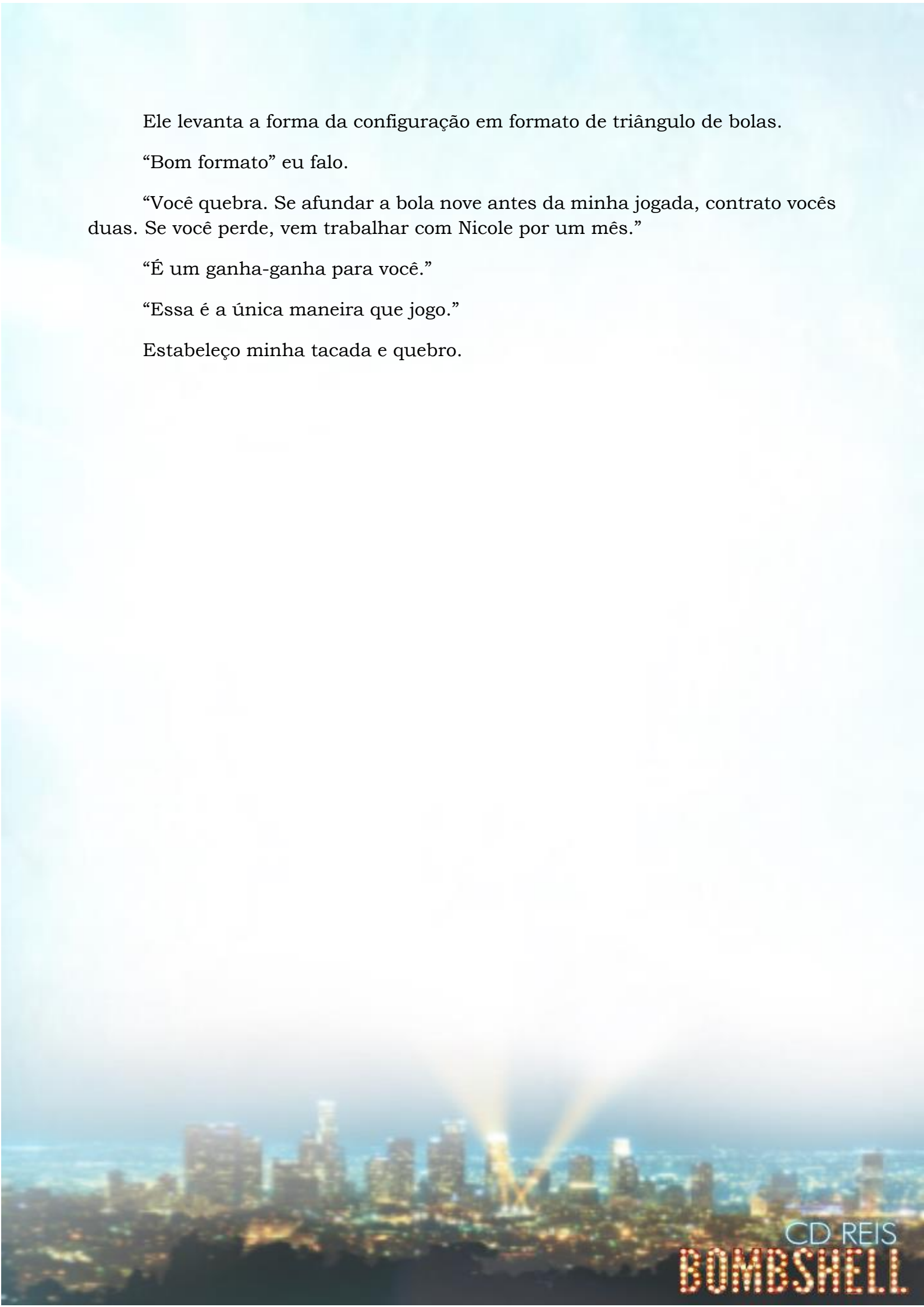
“Bom formato” eu falo.

“Você quebra. Se afundar a bola nove antes da minha jogada, contrato vocês duas. Se você perde, vem trabalhar com Nicole por um mês.”

“É um ganha-ganha para você.”

“Essa é a única maneira que jogo.”

Estabeleço minha tacada e quebro.



CAPÍTULO 6

Cara

Na noite depois que ganhei de Brad no bilhar, sonhei com sinuca. Fiz a tacada mais e mais e toda vez acontecia o mesmo. Eu perdia, o que não foi o que aconteceu no dia anterior. O dia antes de eu afundar uma bola no contra-ataque e a nove na caçapa.

No mundo real, não importa como ganhei, só que ganhei. Minha vida de sonho é mais eficiente. Nove fora da caçapa e estou nua, porque as roupas saem do corpo no sonho de Brad Sinclair curvado sobre o meu enquanto me inclina sobre a mesa.

Ele beija a minha nuca e sua ereção pressiona contra meu traseiro. Não me viro, mas no sonho consigo ver seu corpo em cima de mim. Cada pedaço de umidade no meu corpo corre para o meio das minhas pernas. Acordo inchada e necessitada.

Cuido da minha necessidade eficientemente conforme o sonho conta a história, transformando Brad em alguém, qualquer outra pessoa conforme circulo meu clitóris com dois dedos. Quando chego mais perto do clímax e meus pensamentos ficam mais fracos, Brad reaparece e gozo rápido e forte.

Totalmente acordada, prometo fazer um trabalho melhor em controlar minhas fantasias. Elas são perigosas. Brad Sinclair está fora dos limites. Eu não seria um brinquedo do papaizinho. Não nesta vida.

Não contei isso a Blakely enquanto pegamos nossas coisas para o primeiro dia com Nicole. Fomos conduzidas em carros separados até a colina para a casa enorme. Prendo a respiração durante todo o caminho. Não sei se consigo até mesmo olhar para aquela mesa de bilhar.



CAPÍTULO 7

Brad

Ela ganhou de mim justo e corretamente. Nove contra quatro. Ela transformou uma perda em uma vitória. Legal. Gostei daquilo. Também adorei a bunda dela.

"Não fale sobre a bunda dela. Ninguém quer ouvir. Nem mesmo eu."

Meu amigo Michael. Príncipe Limpíssimo. Foi de criança a adolescente famoso para o cara que conheci na faculdade. Jovem adulto famoso. O cara nunca teve um aborrecimento até que conheceu sua esposa. Ela era uma paparazzi e um problema real. Para um cara que passou a vida se preocupando com o que as pessoas pensavam dele, ela era a última mulher com quem deveria estar. Ele está deitado ao sol, ao lado da minha piscina.

"Só estou dizendo" falo. "E tenho que contar a alguém. Meus pais estão me dando cólicas. Todo dia no boletim escolar tenho linhas de Fs e Ds."

"Diga-lhes para irem para casa."

"Partem hoje, mas acredite, podem escrever no boletim escolar para mim de Arkansas."

"Vai levar Nicole para o sexto aniversário de Blueberry?"

O convite chegou nesta manhã. Não sabia o que era no início. Era um cupcake em uma cesta amarrada ao fundo por quatro balões de hélio. O serviço de entrega usou um drone para flutuar sobre a caixa dos correios. Então, seguiu a governanta até a casa quando ela trouxe a correspondência. Isso foi o que minha mãe me informou quando me entregou o cupcake. E que meu pai quase o atirou para fora.

BLUEBERRY ADORARIA DAR AS BOAS VINDAS PARA NICOLE A VIZINHANÇA.

Estou sendo bem-vindo também. De alguma forma. Para algo. Não tenho ideia do que. Para um mundo aonde os convites de aniversário vem em balões de hélio e crianças tem nomes como Blueberry.

Nicole amou o cupcake e os balões a deixaram animada. Não podia dizer não.

“Você vai?” Pergunto a Michael. Pergunta estúpida. Ele tem seis filhos agora. Entrou de cabeça nessa merda de crianças. “O que devo comprar? De presente. Deveria levar um presente, né?”

“Deixe a babá cuidar disso. Elas pesquisam. Fazem ligações. Perguntam as outras babás o que a criança gosta. Blá blá. Não se preocupe. Só não traga a babá loira.”

Eu me inclino para trás para ver o escritório fora da cozinha. Paula, minha mão direita e facilmente metade do meu cérebro, senta-se com as duas babás. O cabelo de Cara é castanho escuro. A outra, aquela que veio com o negócio, é loira. Blakely. Ela caiu na cantada de Josh Trudeau.

Eu fiz a matemática de Hollywood.

Blueberry Trudeau está fazendo aniversário. Seu pai é Josh Trudeau. Ele em uma sala com Blakely é um não. Certo.

“Mano. Vou levar a outra. Não sou um fodido idiota.”

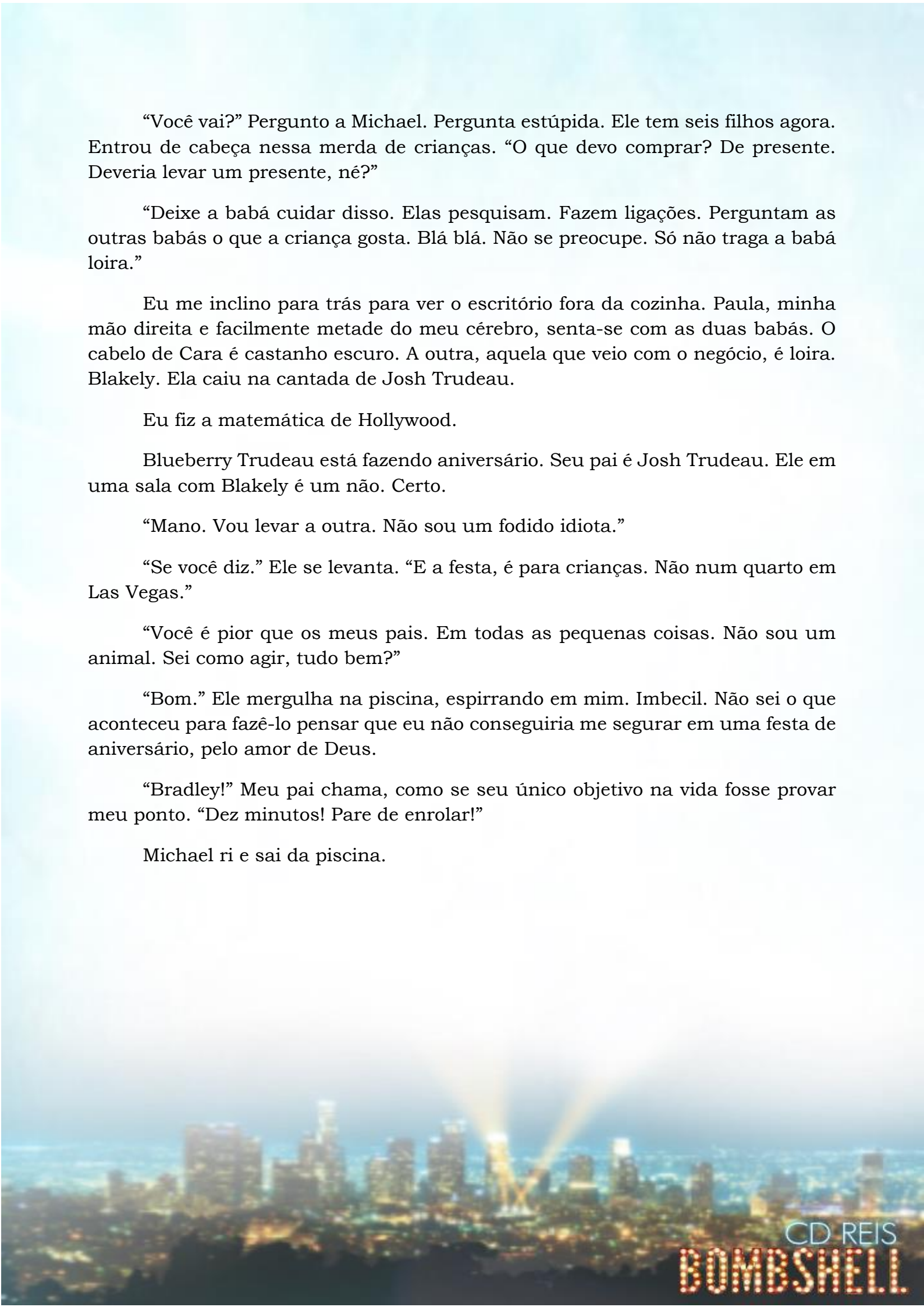
“Se você diz.” Ele se levanta. “E a festa, é para crianças. Não num quarto em Las Vegas.”

“Você é pior que os meus pais. Em todas as pequenas coisas. Não sou um animal. Sei como agir, tudo bem?”

“Bom.” Ele mergulha na piscina, espirrando em mim. Imbecil. Não sei o que aconteceu para fazê-lo pensar que eu não conseguiria me segurar em uma festa de aniversário, pelo amor de Deus.

“Bradley!” Meu pai chama, como se seu único objetivo na vida fosse provar meu ponto. “Dez minutos! Pare de enrolar!”

Michael ri e sai da piscina.



CAPÍTULO 8

Cara

A assistente pessoal de Brad realiza o que todos os AP fazem. Tudo.

Quando Paula abre a porta para mim e Blakely, coloca a mão no peito como se estivesse falando do fundo do seu coração. Usa um terno de linho fino e escapins lavanda correspondentes. Sua saia é meio centímetro menor do que sexy e seu sorriso é tão grande quanto o rio Mississipi.

“É apenas um alívio ver vocês aqui. Juro sobre uma pilha de tortas de pêssego que ela é fofa como um botão e selvagem como um cão sem coleira. Vamos entrar.”

“Tenho certeza que é muito boa” Blakely oferece.

“Bem, deus a abençoe. Minha mãe sempre me falou que eu era muito adulta quando criança, por isso não admira que não as entendo.”

Ela nos guia para o escritório ao lado da cozinha.

“Nós temos cerca de noventa minutos para ficarmos a vontade” ela diz, indicando cadeiras com pastas na frente. “Sei que vamos ser as melhores amigas.”

Através das portas do pátio de trás, Brad se estende à beira da piscina com um homem cujo rosto não consigo ver.

“Os pais de Bradley estão partindo hoje. Eles são tão queridos. Arrumamos para irem num voo privado, mas não concordaram com a despesa de um helicóptero.” Ela faz um sorriso absolutamente adorável de enrugar nariz. “Abençoados sejam.”

O homem com Brad à beira da piscina levanta-se e consigo vê-lo. Michael Greydon. Há muito poder de estrela nesta casa. Michael pula na água.

“Bradley!” Chama uma voz masculina do fundo da garganta de outra parte da casa, “Dez minutos! Pare de enrolar!”

Paula cruza as mãos na frente dela, ignorando a cena externa.

“Um toque de história” Paula fala, colocando o polegar e o indicador a um centímetro de distância. “O cavalheiro da casa e eu tínhamos uma coisa na escola, mas agora é estritamente profissional.” Ela nos entrega duas pastas. “E existe um pouco de negócios. Ele tem uma grande equipe antiga. Na página um, podem ver todos os nossos nomes e números de celulares listados, incluindo os seus. Bem-vindas ao time!”

A lista são duas páginas longas e inclui segurança, organizadores de eventos, mais segurança, fornecedores, empregados domésticos e agora, eu e Blakely.

“Essa pequena Bombshell[2] com certeza o atordoou, mas nosso objetivo como seus ajudantes é ter a certeza de que ele não tenha que tomar um minuto sequer de folga do trabalho. Estamos buscando por...” Seu polegar e indicador pressionam juntos e ela os desenha diretamente através do espaço na frente dela. “... perfeição.”

Todos querem perfeição. Cada celebridade e poderosos para quem trabalhei programava sua vida com vinte e quatro meses de antecedência e se uma criança veio seis meses depois disso, então a perfeição tinha de ser alcançada. Atores não anulam projetos uma vez que a pré-produção começa. Um cancelamento seria a última coisa, não importa quem fossem.

“Podemos fornecer muito perto da perfeição” falo.

“Eu vi o currículo de vocês” ela responde. “Tenho certeza que conseguem. E entre mim e vocês...” Com a mão ao peito, ela se inclina para Blakely. “Joshua Trudeau é um libertino da pior espécie. Eu sei que você aprendeu a sua lição e, felizmente, embora o Sr. Sinclair esteja ocupado com as damas, ele não é nada como aquele homem terrível.”

Eu enrijeço. Blakely é sensível sobre Josh e não sei o que ela vai falar.

“Eu era jovem e estúpida” ela diz, fazendo um aceno rápido. “Agora, confira, sou velha e amarga.”

Paula faz um sorriso de enrugar nariz, outra vez. Duvido que ela alguma vez entenda o humor de Blakely.

“Posso te fazer uma pergunta, Srta.?” Paula diz.

“É claro.” Blakely tenta soar otimista, mas temo que uma pergunta pessoal sobre Josh esteja por vir. A julgar pela forma como bate a caneta sobre os nós dos dedos, está esperando apenas tal pergunta.

[2]Bombshell significa Bomba Surpresa, mas aqui a Paula usa como um tipo de apelido para Nicole.

Paula sussurra como se quisesse descobrir um segredo sujo. “Esse é realmente o seu nome?”

“Meu nome real é Blair. Mas odeio. Tem gosto de limões.”

“Senhora do banheiro!” Uma pequena voz grita. Antes que eu perceba, quase sou espetada por uma varinha mágica incrustada de strass conforme a princesa Nicole sobe no meu colo. Seu cabelo está agrupado em um rabo de cavalo de um lado da sua cabeça.

“Bom dia, Bombshell!” Paula diz suavemente.

Nicole gira para me encarar. “O que é uma Bombshell?” Ela dá um tapinha em minhas bochechas com cada sílaba.

“Uma surpresa divertida. Quem escovou seu cabelo?”

Ela vira sua cabeça ao redor para Blakely, apontando seu dedo como se tivesse algo a dizer por um longo tempo e agora está apenas cuspindo.

“Não molhe o papel higiênico. Ele se desfaz.”

Blakely a cumprimenta. “Nunca mais. prometo.”

Paula limpa a garganta. “Nicole?” Sua voz é impaciente, tolerante, dentes moendo irritados e um passo fino longe de tímida, tudo ao mesmo tempo. “Estamos trabalhando.”

“Uh-huh.” Ela se torce no meu colo até que enfrenta a mesa e cruza as mãos na frente dela. “Eu posso trabalhar também. Depois posso ir para o aeroporto.”

Brad aparece na porta de tela do pátio com seus óculos de sol no topo da sua cabeça. Bagunçou seu cabelo apenas o suficiente para fazê-lo parecer casualmente impecável. O sonho na mesa de bilhar e a sensação de seus dedos entre as minhas pernas vêm à tona.

“Ei, senhoras. Bem-vindas a Casa Sinclair.”

Nós três falamos Olá. Todas, exceto Nicole.

“Silêncio, papai, estamos trabalhando.”

“Posso escovar o cabelo dela antes de você ir?” Questiono.

“Está bem. Ela se parece com a Amy Winehouse. Vamos, princesa” ele chama, abrindo a porta e entrando. “Hora de levar a vovó e vovô para o aeroporto.”

“Depois sorvete?”

“Claro, garota. Claro.” Ela sai do meu colo, sopra-nos um beijo e pega a mão de seu pai. Paula não disse uma palavra até que estão fora do alcance da voz.

“Vamos passar por nossas pastas, sim?”

Abro a pasta novamente e coloco a lista pessoal de lado. Lado direito. Vinhos. Senhas para a passagem de trás, o portão de trás, a porta lateral. Instruções de estacionamento. Um contrato clichê. Um acordo de não divulgação. Todos padrões.

Lado esquerdo. Algumas páginas que incluem uma programação diária e o horário de Brad Sinclair para o mês seguinte.

“Pensei que ele estava entre as filmagens?” Eu falo. “Dez horas por dia bloqueado para ‘roteiro’? Isto é...”

“Ninguém no ramo trabalha mais do que esse homem” Paula diz. “Todos falam que ele é um animal de festa estúpido, mas vou gentilmente discordar.”

Isso pode ser ótimo e legal, mas não vi um minuto lá para ele ser um pai. Não que fosse da minha conta. Naturalmente.

Mudo de assunto. “Se precisar agendar uma excursão escolar ou entrevista para ela, falo com você primeiro?”

“Sim” Paula confirma, de volta à linha de base. “É para todos. A meu ver, não é para criar qualquer distância entre vocês e ele. Mas ele é muito ocupado então, elaboramos um sistema. Eu sou sua faz tudo para mudanças de horários e solicitações. Podem falar com ele a qualquer hora. Política de portas abertas é o que ele quer, mas apenas por favor, me perguntem primeiro, está bem?”

Blakely e eu assentimos. Já vimos isso antes. Se eu fosse honesta comigo mesma, quanto mais longe estiver de Brad Sinclair, melhor.

Paula muda para a próxima folha na pasta. “Temos uma linda casa da piscina de dois quartos na propriedade com uma cozinha muito boa. Cada uma de vocês terá um quarto. Agora, se olharem na página três, trabalhei um cronograma que certamente espero que gostem.” Ela puxa a última folha para fora do lado esquerdo de sua pasta e Blakely e eu fazemos o mesmo. “Eu configurei como o do meu pai. Era um bombeiro. Quarenta e oito horas trabalhando, quarenta e oito horas de folga. Durante o horário de turno, estará de plantão a partir das dez da noite às seis da manhã. Se precisarem alternar entre vocês, eu digo... vamos mantê-lo amigável. Basta alterá-lo. Exceto...” Ela tira o último “e” e aperta seus lábios. “Vocês, senhoras, irão viver com a gente, então não vamos ter nada desconfortável. Somos todas meninas aqui. Certo?” Ela vira seu pulso para Blakely.

“Eu me orgulho do meu jeito de menininha” Blakely fala de uma forma muito não-menininha.

Paula anda para a direita. “A festa de aniversário de Blueberry Trudeau cai no seu turno. Isso tem que ser mudado. Não acha?”

“Entendo” Blakely fala categoricamente. Porcaria. Esta não seria a última vez que os pais de Blueberry e Nicole cruzariam seus caminhos. Felizmente, Brad iria manter uma rotação de duas babás depois que eu sair para que ela possa se esquivar de coisas como esta.

“Isso certamente é um alívio. Agora, Srta. Dumont pode cobrir isso, certo?”

“Claro que posso.” Tento combinar seu entusiasmo ensolarado e falho.

Paula se debruça e pega uma pilha curta, cuidadosamente dobrada de novas roupas em sacos de plástico. Ela as passa para mim.

“O que é isso?” Pergunto, folheando a pilha de roupas. Polo branca. Calça cáqui.

Paula revira os olhos e acena afastando mais preocupação do que eu realmente tenho. “Todas as babás na festa tem que usar isso. É coisa de Marsha Trudeau. Ela tem algum tipo de ‘problema’ de modo que apenas vamos junto para nos darmos bem. Pronto! Querem ver a casa da piscina?”

“Meia calça?” Blakely exclama. “Quero dizer, aff. Acho que não posso culpá-la. Desculpe, Cara. Vou compensar você. Pense grande. Um cruzeiro. Um condomínio nas colinas.”

“Já usei pior. Ute Maven fez todas as babás usarem esses terninhos com um zíper na frente. Entregou todo o vestuário até as roupas intimas.”

“Esta vai até o sutiã, na verdade” Paula diz, levantando-se. “Espero ter pegado o tamanho certo.” Ela olha para seu relógio. “Brad vai estar de volta em torno das duas horas. Geralmente recebe amigos à noite. Se você puder ter a certeza de que estamos livres da Bombshell pelas sete, isso seria ótimo.”

Com um grande sorriso e um piscar de olhos de uma pilha de pastas, Paula encerra a reunião.



CAPÍTULO 9

Cara

Adoro homens bonitos tanto quanto qualquer garota, mas estou ao redor deles o tempo todo então seu efeito já desgastou. Penso que com Brad não será diferente.

Continuo a ter sonhos na mesa de bilhar com ele e é desconcertante. Afundo a nove na caçapa a cada vez. Estou nua o tempo todo. Depois disso, eles mudam.

Às vezes, incorporam um gesto ou uma palavra a partir da última vez que eu o vi. Às vezes não. Já tinha uns dias trabalhando antes do Brad do Sonho me penetrar. Ele me pegou de costas sobre a mesa e ficou em cima de mim. Como metade da América, o vi nu antes. Em Technicolor. No sonho, tinha todos os detalhes de seu peito com a sua pitada de cabelo sobre ele, os abdominais trincados, os olhos azuis me comendo viva. Eu latejava. Ele abriu minhas pernas e empurrou para dentro de mim.

Acordo no meio do orgasmo.

Ele sempre me faz mais molhada do que já estive e o mais estranho é que parei de empurrá-lo para fora das minhas fantasias matinais. Não tenho o controle mental pela manhã e acho que se apenas deixar assim, ele sairá da minha cabeça.

Não funcionou dessa maneira.



CAPÍTULO 10

Cara

Eu me sinto solidamente estabelecida após seis dias trabalhando para Brad Sinclair. Não deveria ter ficado ajustada em nada porque não é um emprego permanente, mas não posso me conter.

Culpo Nicole. Ela tem um intestino grosso excepcionalmente lento e medo do som da descarga de sanitários. Isso nos deu bastante tempo juntas em banheiros e fiz o que sempre faço.

Eu me apeguei. Só um pouco. Nada que eu não consiga lidar.

Ela cruza os tornozelos quando consegue fazer um bom número dois, o que pode durar mais de onze minutos. Seus tênis se iluminam quando balança e atingem a lateral do vaso.

“Já terminou?” Pergunto no sétimo dia, não que esteja contando.

“Só mais dois minutos.” Ela levanta dois dedos e cantarola uma música sobre os dedos. Eu me junto a ela, de pé ao lado da janela. Dois andares abaixo, em um pequeno recanto com uma mesa de piquenique de madeira, Brad se senta ao lado da Paula. Ela usa um paletó rosa pastel, mas não posso dizer muito mais sobre ela desse ângulo. Ela tem um roteiro de filme em suas mãos.

Qualquer pessoa em Hollywood consegue ver um roteiro a 1,6 quilômetros de distância. Uma pilha de papel com três buracos presos com pregos de latão ou uma capa da agência de cor viva. Fonte Courier. O texto é organizado em direção ao meio da página onde o diálogo é formatado. A ação, escrita através das margens e longos pedaços de que, é desconhecida. Roteiros de cinema não se parecem com roteiros de TV. São mais cheios e o papel é todo branco em vez de codificados por cores para revisões de última hora.

Então. Roteiro de filme, dobrado ao meio. A voz de Paula chega até a janela. Não tem nenhuma inflexão ou sotaque qualquer. Soa como uma máquina.

Brad tem seus cotovelos sobre a mesa. Mesmo dois andares acima, posso ver sua perna sacudindo. Seu corpo inteiro empurrado para frente em atenção, como um laser.

Logo ele fala algo. Estou longe demais para discernir suas palavras. Possivelmente uma repetição do que a loira disse, mas também roboticamente.

Nunca, em anos de trabalho para os produtores e atores, eu vi este método e pensei que já tivesse visto tudo.

“Posso te contar um segredo?” Nicole fala do vaso. Eu me agacho na sua frente.

“Sim.”

Ela me faz um sinal para chegar muito perto, então me inclino para frente. Ela coloca as mãos sobre minha orelha e sussurra.

“Gosto do meu pai.”

“Sério? Bem, isso é maravilhoso. Eu gosto dele também.”

Não quero dizer mais do que isso, mas me ouvir falar assim, me faz pensar um pouco mais sobre o assunto.

Gosto dele?

Além das coisas óbvias. As que você pode ver e ouvir. Gosto dele e isso importa?

“É um segredo” Nicole sussurra. “Não pode contar.”

Ela se preocupa que eu diga para quem? Brad? O fantasma de sua mãe?

“Não vou contar.”

Ela coloca o polegar e o indicador no canto da minha boca e o puxa até o outro lado.

“Feche o zíper, tranque, coloque isso em seu bolso” ela diz, fechando a boca e colocando a informação invisível em um bolso da camisa igualmente invisível.

“Feito” eu respondo com um aceno.

“Estou pronta!” Nicole cantarola com seus braços para fora. Eu a ajudo a sair do vaso.

Eu a limpo e seguro para que possa lavar as mãos. Precisamos ter um banquinho para seu banheiro. Geralmente venho depois de uma consultoria, quando os pais têm alguma experiência com crianças. Nunca estive em uma casa onde muitas das pequenas coisas foram perdidas.

“Para onde nossos ossos vão quando morremos?” Ela pergunta, rolando o sabão entre as palmas das suas mãos.

Pergunta perfeitamente normal, mas preciso ir com calma. Ela está questionando sobre sua mãe.

“Volta para a terra onde fazem flores e frutos.”

“E o que acontece com a nossa pele?” Ela coloca o sabão abaixo e gira suas mãos sob a água corrente.

“Volta para a terra para fazer árvores e grama.”

“Isso dói?” Ela sustenta as mãos escorrendo.

“Não” Puxo a toalha de pônei fora da haste.

Nicole esfrega suas mãos sobre a toalha.

“Nós estamos sozinhos na terra?”

“Nós não mais estamos dentro de nossos corpos.”

Isso está indo a lugares que não deveria levá-la. Brad foi criado na igreja Batista do Sul, de modo que não discutimos isso, essa é a teologia que estou dando mastigado para Nicole.

“Para onde nós vamos?” A pergunta esperada é entregue como um trem na estação a tempo. Eu me abaixo. Ela é tão bonita e inocente. Não entende a sua própria dor, o que aconteceu ou por quê. E não ia ficar mais claro quando ficasse mais velha. Tudo o que ela quer saber é sua mãe está bem. Para fazer sentido sobre a situação.

“Ela está no céu brincando com Deus.”

“Brincando de quê?”

“Não sei.” Aliso seu vestido. “O que ela gostava de brincar com você?”

“Pôneis. Ela os fazia falar.”

“Então aposto que está brincando disso com Deus, agora mesmo.”

Isso parece uma mentira. Não acho que Brenda Garcia está fazendo qualquer coisa. Eu não tenho ideia, mas não posso dizer a esta menina. Me preocupo com ela mais do que quero admitir. Ela é pensativa, graciosa, bondosa e metódica em tudo que faz. Se eu pudesse ter minha própria menina, seria igual a Nicole.

Pare. É o bastante.

“Há flores do lado de fora” Nicole fala, me resgatando dos meus próprios pensamentos.

“Sim. Quer ir olhar para elas?”

“Sim, por favor.”



CAPÍTULO 11

Brad

“Ele pode me dizer o que fazer” eu digo. “Pode me enviar a mais de 1600 quilômetros de distância. Colocar muitos quilos nas minhas costas. Tomar minha terra. Tomar a minha casa. Ele pode quebrar minhas costas... inferno, pode até quebrar todos os ossos do meu corpo. Mas não pode me dizer onde meu coração está e meu amor, ele encontra-se profundamente dentro de você.”

Paula não move um músculo, mas o ar brinca com o cabelo dela, trazendo à tona alguns fios e os agitando. Quando estava na escola, ela o mantinha em um rabo de cavalo com franja fina. Depois que nos mudamos para LA e se tornou mais como Redfield de antes. A franja ficou mais espessa e o resto do cabelo com um comprimento no ombro mostrando que sua maneira de ser fashion, tentando ser não tão fashion, é legal.

Tentei romper delicadamente com ela antes de vir para Los Angeles, mas vamos apenas dizer que não funcionou dessa forma. Ela é uma mulher muito persuasiva. Nós viemos para LA juntos, mas ela sabia que não duraria. Não quando o negócio e todas as mulheres estavam prontos para mim. Terminamos de um jeito limpo. Ela namorou. Eu namorei. Ela voltou como uma amiga, um ano depois, quando minha carreira tornou-se cinquenta por cento de atuação e cinquenta por cento de — merda com a qual não quero lidar — seu sotaque e comportamento são muito reconfortantes para resistir.

Eu precisava de um assistente pessoal. Estava me levando muito tempo para aprender minhas falas e ela conhecia o suficiente sobre mim para me dar a ajuda que eu necessitava. Tenho o estúdio que paga a ela. Meu primeiro gosto do privilégio. O resto não entra em vigor há quase um ano.

“Sua fala” ela fala. “Dentro de você.”

“Isso não faz sentido” eu objeto.

“Tenho certeza que o seu roteiro médico de milhões de dólares gostaria de ouvir todos os seus pensamentos, querido. Mas, em seguida, vão mudar isso.”

“Como ele pode estar preocupado com seu próprio coração se está em outro lugar? Se está com ela, ele não está falando de sua vida.”

“Minha mãe é as flores amarelas!”

A voz de Nicole sobe acima das aves e brisa pela terceira vez em poucos minutos. Ela e os pássaros fazem uma fusão de jazz no jardim. Se ficasse úmido o bastante, eu poderia fingir que estava em Arkansas por alguns doces minutos.

“Você faz isso o tempo todo.” Paula inclina-se e coloca a mão sobre a minha. “É tão duro consigo mesmo. Basta memorize as falas.”

“Quero uma rosa!” A voz de Nicole outra vez. “Podemos colocar na água para o papai.”

Paula retira a mão e se inclina para trás, mostrando aquele sorriso que parece raio de sol e cachoeiras, mas na verdade significa uma irritação profunda. “Que tal ir para dentro? Talvez se estiver tranquilo, vai ser capaz de se concentrar.”

“Eu não tenho TDA. Concentração não é um problema.”

Não vou criar obstáculos. Realmente não me importo com distrações.

Paula é geralmente fria e imperturbável, exatamente o que preciso, mas está agindo como se uma criança causou o caos no mundo. Fui criado com crianças em todos os lugares, então sei o caos que parece e vi adultos ignorando isso.

Ela se debruça para frente, olhos azuis gelo afiados com intenção. “Sinto muito. Só estou pensando em você. Me preocupo. Sabe disso.”

Nicole corre para o pátio com um ramo de flores que parece que veio das caixas da beira da fogueira. Nunca pensei em flores. Tenho pessoas que tomam conta desse tipo de coisa. Mas quando vem correndo na minha direção com um punhado de amarelas, estou feliz que tenho jardineiros contratados.

“Aqui!” Ela grita, empurrando-as no meu peito. “Estas são a mamãe!”

“Quer dizer *da* mamãe?”

“Não!” Ela franze suas sobrancelhas e cruza seus braços.

“Apenas aceite isso” Cara fala por trás da menina. “Explico mais tarde.” Com o sol atrás dela, é apenas uma silhueta suavizada com brilho. Ela se mexe até que meus olhos estão na sombra e posso vê-la.

Paula está constantemente entre nós com seu grande sorriso estilo Arkansas e sua maneira de cuidar de tudo. Mas mesmo com a obstrução de Paula, consigo sentir Cara a um quarto de distância. Estou fantasiando com ela desde que se inclinou sobre a mesa de bilhar para fazer sua jogada. Minha imaginação é frustrantemente genérica. Não ouço sua voz na minha cabeça porque não falei com

ela o suficiente para recriá-la. Não tenho como saber o que ela iria dizer ou fazer. No entanto, não consigo parar de pensar nela.

Cheiro as flores com um grande som de sucção.

"Mamãe cheira muito bem" eu digo. A babá sorri para mim. Fico preso naquele sorriso por um segundo. É a primeira vez que ela sorri para mim e não *apesar de* mim.

Nicole sobe no meu colo. "O que está fazendo?"

"Trabalhando" Paula fala, fechando seu roteiro e sorrindo. "Cara, querida, seja bondosa e vá nadar ou algo assim com a Srta. Bombshell enquanto papai trabalha."

"Vamos, Nicole." Cara estende a mão. "Vamos pegar um lanche. Podemos colocar essas na água."

Entorto a margarida amarela para o lado e falo com uma voz estridente.

"Água, por favor, Nicole, coloque-me na água. Estou com tanta sede."

"Ah, pobre mamãe flor." Ela acaricia as pétalas. Cara sorri.

Coloco meus dedos no cabelo de Nicole. Está bem escovado e liso. Pego em um nó e gentilmente puxo separado. Procuro por outro emaranhado. Encontro.

"Ela precisa de um corte de cabelo?"

"Não!" Nicole exclama. "Mamãe gostava dele longo."

"Bem, longe de mim interromper o tempo da família." Paula se levanta. "Vou utilizar as instalações."

"Ok, tchau, Paula. Beba um pouco de água por mim" Faço um guincho de flor. Nicole adora e Cara ri, mãos cruzadas na sua frente. Paula desaparece dentro da casa. Cara a observa sair, então olha para mim.

Baixa os olhos quando encontram os meus. É estranhamente recatada. Então coloca o cabelo atrás da orelha. Não consigo tirar meus olhos dela. É tão afiada e inteligente, mas existe algo sobre essa pose, a inclinação da cabeça, olhando para a minha filha, a ponta dos dedos mal tocando seu cabelo.

Nicole aborda a flor. "Mamãe, você acha Cara bonita?"

Eu penso... bem não. Não *acho*. Eu *sei*. Simplesmente não posso *dizer*. A menos que me esconda atrás da voz de Brenda Garcia, que mal conheci. Sinto ter o direito de falar o que penso com esse disfarce.

“Muito bonita” diz a voz de Brenda da flor.

O rosto de Cara fica rosa. Merda. O que estou pensando?

“Está tudo bem se ela for minha nova mamãe?”

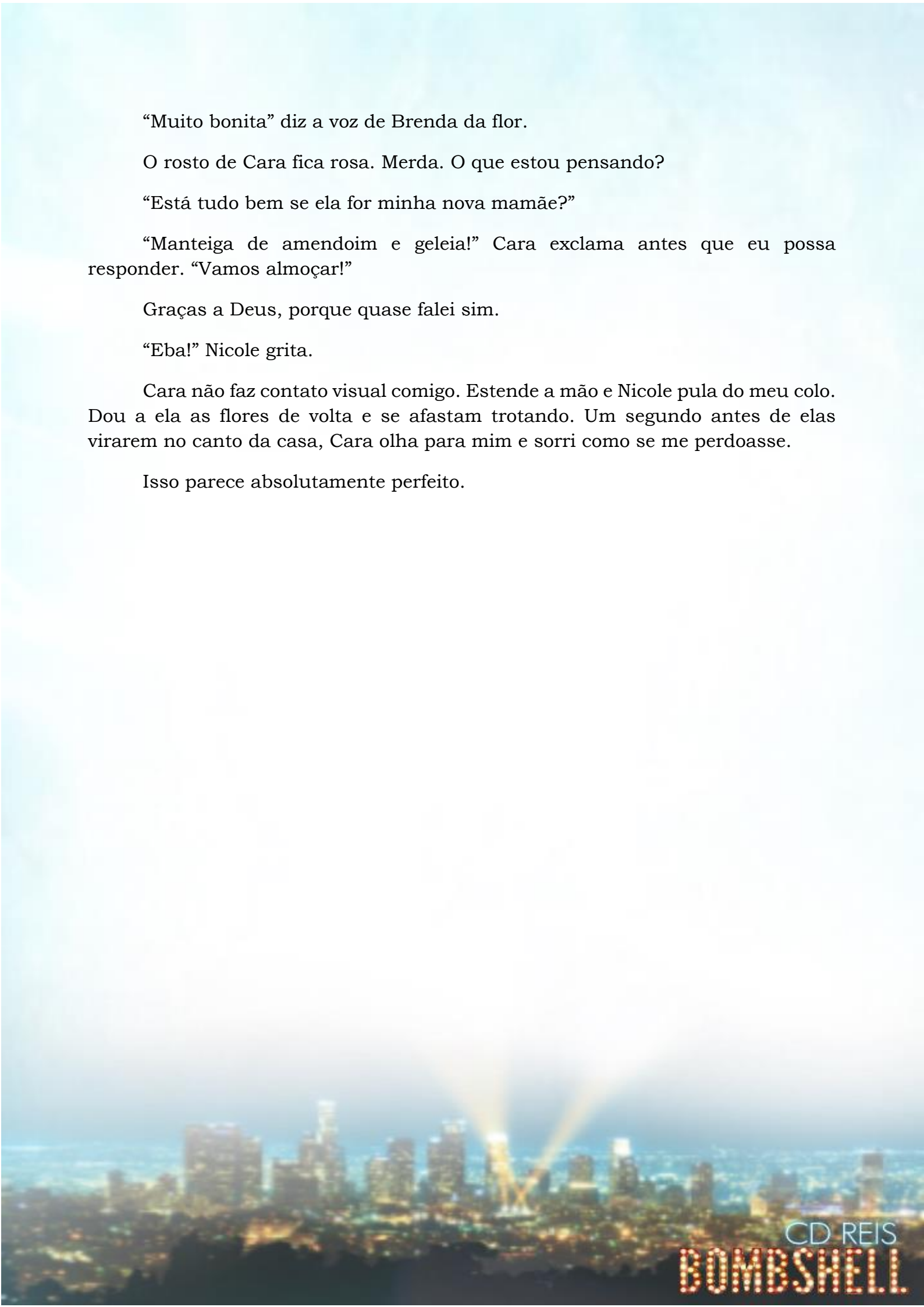
“Manteiga de amendoim e geleia!” Cara exclama antes que eu possa responder. “Vamos almoçar!”

Graças a Deus, porque quase falei sim.

“Eba!” Nicole grita.

Cara não faz contato visual comigo. Estende a mão e Nicole pula do meu colo. Dou a ela as flores de volta e se afastam trotando. Um segundo antes de elas virarem no canto da casa, Cara olha para mim e sorri como se me perdoasse.

Isso parece absolutamente perfeito.



CAPÍTULO 12

Cara

Faço uma trança francesa em Nicole para a festa de Blueberry, que deveria ter levado três minutos, mas ela se mexe e o puxa para fora. Brad comenta que o cabelo de sua filha é uma bagunça antes que eu possa corrigi-lo.

Ele está tentando. Continuo me dizendo que ele está tentando.

Nas horas antes da festa de Blueberry, os Greydons vieram ao Chez Sinclair para brincar. Trouxeram seus seis filhos, quatro babás e almoço.

Se Brad Sinclair é um ator Top e com certeza é, Michael Greydon subiu acima do alfabeto. O mais Top dos Top. Ele é uma grande estrela que adotou seis filhos com sua esposa, a paparazzi notória. Estou até um pouco fascinada e nunca fico assim. Mas quando ele e sua esposa chegam para um chá gelado pré-festa, noto seu brilho de humildade e acessibilidade. É difícil não perceber.

A carona para a festa estaciona pontualmente às duas. Crianças e babás são levadas para um ônibus preto brilhante revestido com telas de vídeo e jogos. Brad, Michael e Laine entram em um carro separado. Aparentemente, nosso destino não tem um heliporto.

Todas as quatro babás dos Greydon são da West Side, então estão em forma e atraentes. Calças cáqui plissadas e uma camisa polo branca não podem esconder isso, mesmo no meu caso, com uma camisa que é três tamanhos maior e um sutiã que tem um bojo de dois tamanhos menor. As pregas na minha calça de sarja parecem projetadas especificamente para criar bolsas duplas sobre a virilha e as pernas são tão longas que tenho que prendê-las.

“É um trabalho de trinta dias” digo. “Depois vou embora. Então, se souber alguma coisa...”

“Você está partindo? Por que sairia?” Helen interrompe em francês. As crianças estão absortas em um filme muito esperado que ainda não foi lançado nos cinemas. “Não há nenhuma esposa para julgá-la o tempo todo. É perfeito.”



Helen veio da França como uma aupair[3] cinco anos antes e ficou por causa do sol e trabalho fácil. Ela segura o Greydon de seis meses de idade, enquanto as outras babás entretêm as crianças ou fofocam.

"Sempre foi temporário" respondo em francês. "O estilo de vida de celebridade não é para mim."

Ela balança a cabeça. "Todas as vantagens! Roupas bonitas, com etiquetas ainda. Comida dos melhores restaurantes. Todas as pessoas que conhece. Pode viver uma vida sem ter esta vida. Não?"

Apenas sacudo minha cabeça, mas não lhe conto a outra razão pela qual tenho que fugir como se meus sapatos estivessem em chamas.

Tive outro sonho na mesa de bilhar. E outro. É uma coisa boa Paula ser a minha intermediaria. Estou começando a corar sempre que estou na mesma sala com Brad Sinclair e ele nem sequer me tocou.

[3] Um jovem estrangeiro, tipicamente uma mulher, que ajuda com tarefas domésticas ou de assistência infantil em troca de moradia e estudo.

CAPÍTULO 13

Brad

+

Michelle Novatelli realiza um julgamento na festa de Blueberry mesmo que não seja sua casa.

“Espere até chegar ao ensino médio. Vai querer colocar uma bala em sua cabeça.”

Ela coloca os dois dedos juntos e imita um tiro em sua cabeça. Ela saiu diretamente do Brooklyn. Trabalhou seu caminho até o topo do estúdio em Overland e nunca olhou para trás, a menos que estivesse com sua atitude do bairro onde nasceu, Bensonhurst Então seu sotaque fica mais espesso do que um tijolo e fala mais rápido do que uma lebre quando acasala.

“Cinco escolas. Dois eventos cada. Ensaios. Gente. *Ensaios*. Eles sabem quem sou. Sabem o que faço, mas não consigo entrar sem ensaios. Don poderia comprar e vender esses idiotas, mas ainda tenho que usar salto alto para a entrevista.”

Estamos cercados por dinheiro e fama, mas Michelle continua como uma menina italiana de classe média chocada com o sistema escolar privado. Todo mundo se diverte com o ato, concordando o suficiente para mantê-la bem, balançando a cabeça, porque eles também passam por isso ou o farão em breve. Eu deveria acenar também. Mas quero levantar meus dois dedos e explodir os meus miolos.

“E, depois, ela pergunta a criança de doze anos de idade, o que quer fazer quando se formar na universidade, (rolar de olhos) pergunta a ela... a *próxima pergunta*... é ‘O que você quer fazer em dez anos?’ Então a minha filha responde, ‘Isso não é tipo a mesma coisa?’ Por isso tiramos essa da lista.”

Risadas.

Meu copo está vazio.

Porra. Quero pular de um prédio alto. Eu deveria prestar atenção, mas já esqueci sobre que escola está falando.

Conheço essas pessoas. Vejo-os o tempo todo. Ken Braque, meu RP, está aqui com sua esposa. Eu a encontrei uma vez. Não foi possível guardar seu nome na cabeça. Ela tem 1,72 m. com cabelo vermelho longo. Grávida de três meses e parece que talvez tivesse comido um grande jantar. Isso é tudo o que sei sobre ela.

Mas este é quem ele é. É o que ele faz com sua bela esposa e seus dois filhos quando não estou por perto. Quando está fazendo coisas familiares. Está conversando com Michelle Novatelli sobre escolas de ensino médio.

Eu me sinto como um intruso, mais do que nunca, nesta cultura clandestina de entorpecimento mental.

Olho para o quintal. Todas as crianças estão montando em pôneis e comendo açúcar. Desejo montar pôneis e comer açúcar. Nicole corre em meu campo de visão, puxando Cara pela mão.

Esse corpo fumegante em uma polo branca e calça cáqui plissada. Quer falar sobre injustiça? Está ali mesmo. O que há de errado com essas pessoas? Escondem o que não podem lidar.

Estou morto. Enrolando e morrendo na esquina da Avenida do Aborrecimento com a Rua do Tédio.

E pensar que eu era o cara que não deixava o clube com apenas uma garota. Eram duas, às vezes mais, ou por que se preocupar?

“Eles são muito progressivos e têm um estúdio de cerâmica.” Nem sei mais quem está falando.

As crianças têm a festa e tenho que morrer de tédio, lembrando os bons velhos tempos como um homem velho. Quais eram os seus nomes? As garotas? Era algo engraçado. Eu ri todo o caminho para a casa de Mike, porque as deixei ter minhas fodidas calças.

“Não, mas eles dão uma tonelada de ajuda financeira, então você realmente não sabe com quem as crianças estão indo para a escola.”

Duas mulheres quentes chegam até as portas de vidro. Vinte anos. Uma tem o cabelo encaracolado. Outra com o cabelo escorrido. Uma com mais curvas que a outra. Elas se sentam na frente e acendem cigarros. Não podem ver aqui dentro. Coisa boa também, porque as reconheço. Dois anos atrás, passaram uma manhã brigando por causa da minha calça. Escapei e fui para a casa de Mike de cueca. Eu sorrio para mim mesmo. Foi divertido.

“E há um real problema de droga. Boquetes na oitava série. Precisa ser cuidadoso.”

Quais são os seus nomes? Folheio os arquivos na minha cabeça onde guardo a desordem que estou muito ocupado para pensar. As coisas que intencionalmente esqueço então posso funcionar.

"A menos que você goste de boquetes" Ray Heywood fala e todos riem.

Jenn e Jennifer.

Estão aqui. Meninas das calças. Preciso dizer olá, pelo menos. É como destino.

Bato na janela com uma unha. Jenn ou Jennifer se inclina para trás e foca através da janela, os lábios cheios que se abrem para um O quando me vê. Agarra o cotovelo de sua amiga de cabelos encaracolados até que ela se vira. Aceno e puxo meu polegar para a porta lateral.

Coloco minha bebida em uma bandeja e fujo.

Ken me para enquanto caminho através da sala da família.

"Como vai?" Ele pergunta.

"Bem, bem."

Jenn e Jennifer estão do outro lado da porta, esperando. Me lembro destas duas. Retorna para mim e sorrio um pouco. Sim. Elas eram divertidas até a briga de garotas, depois ficaram ainda mais divertidas.

"Cancelou a sessão de Vanity Fair com Nicole?" Ken questiona.

"Sim, ela está com medo de paparazzi. Não quero fazê-la surtar."

"As pessoas querem vê-la" Ken diz "É a foto mais cobiçada na cidade agora."

"Não preciso do dinheiro."

O que eu preciso é ficar longe de conversas estraga prazeres. Pausa. O que necessito é ser Brad Sinclair.

"A publicidade não tem preço." Ken inclina seu copo para mim. "Veja. Não estou tentando trabalhar em situações sociais, mas esta é uma encruzilhada para sua imagem. É uma oportunidade de ouro para se deslocar de jovens talentos que pisaram na merda para um profissional experiente. Vamos encontrar uma maneira de fazer isso funcionar. Ok?"

"Claro, claro." Brindo com ele sem ligar os pontos entre Nicole e minha reputação como ator. Tenho duas meninas esperando por mim e se me lembro direito, podem chupar uma bola de golfe através de uma mangueira de jardim.

E é disso que Brad Sinclair se trata. Anseio ser *eu* novamente.



CAPÍTULO 14

Cara

A festa é bastante normal. Uma equipe de cavalos e mini pôneis foram trazidos para as crianças. O rosto de Nicole se ilumina como néon de Vegas quando os vê. Ela não consegue se segurar e passa o tempo todo agradecendo Blueberry a cada passeio.

Blueberry, que é feita de açúcar e pimenta e cabelos loiros encaracolados, gosta de Nicole quase que imediatamente. Todo mundo gosta de ser bajulado.

O baixo custo de festas de aniversário para as meninas chamadas Blueberry é assim.

Sim, é um show de dinheiro, mas todos neste mundo têm dinheiro. Por isso a área externa, os funcionários, a comida gourmet orgânica, os caminhões de decoração e artistas de classe mundial parecendo como uma competição de mijo, é um concurso de dinheiro.

Não se trata só de dinheiro. Trata-se de mostrar a criança o quanto são amadas. Sessões de foto da mamãe seis dias por semana durante doze horas por dia e papai no telefone durante o jantar e essas coisas irritam pais de Hollywood.

Então, uma ou duas vezes por ano, eles mimam as crianças exatamente com as coisas que adoram. Cavalos. Super-heróis. Princesas. E, claro, seus amigos. Vale tudo porque esse único dia é sobre a criança. Depois que percebi que a intensidade dos eventos era sobre o amor, fiquei muito menos desconfortável.

As crianças, no entanto, têm pais e se eles ficam, precisam se divertir. Algumas festas são escapatórias. Traga-nos o seu filho e vamos lhes mostrar um bom tempo. Vamos despejá-los suados e dormindo no carro do seu motorista. Algumas, como a festa dos Trudeau, são festas do pijama com um grande componente adulto. Open bar. Buffet separado de pratos adultos complexos. Badejos. Corte de bife. Salada de quinoa.

Babás e crianças comem em uma mesa separada. Sussurramos notícias em voz baixa e fazemos com que os pequeninos na outra extremidade da mesa tenham o que precisam. Mantenho um olhar atento sobre Nicole. Afinal de contas, é nova e apesar das meninas não ficarem realmente horríveis até a quarta série, ela é

sensível. Aconselhei Brad a estar preparado para ela pular a parte da festa do pijama. Na verdade, tinha aconselhado Paula, que disse que ia avisar Brad. Ela parecia mais interessada em se certificar que o seu trabalho não fosse interrompido do que qualquer coisa.

A fofoca é boa na mesa das babás. Alguns divórcios, o que significa que a necessidade de ajuda será ajustada. Mulheres grávidas. Alguns rumores.

"E então ela... Grace... flagra ele bebendo da garrafa do bebê." Brandy, uma babá dos Greydons educada em Cornell, diz enquanto pega uma batata frita. Está transmitindo uma fofoca sobre os famosos disfuncionais Grace e Thomas Dresden. Também conhecidos como Gromas.

"Oh meu Deus" murmuro. "Será que ele tem um fetiche por leite materno?"

Ela se inclina totalmente para frente e o resto de nós faz o mesmo.

"Não. Está em reabilitação. Álcool."

Ela faz uma pausa para o efeito, fazendo contato visual com cada uma de nós.

"Mayra estava batizando as mamadeiras noturnas com uísque Baileys. Quando ele descobriu isso, as bebeu."

"Não."

"Sim."

"O que ela fez? Grace?"

"Parou a amamentação. Obviamente. E jogou fora os Baileys."

Nós todas gememos. Heidi me devolve meu telefone, onde esteve navegando on-line nomes de bebês para a criança de Ken Braque.

"Isso é loucura" acrescento. "É por isso que ninguém decente trabalha lá."

A pesquisa de nomes está um pouco grande. No sexo masculino são alguns tipos de nome. Menino. Menina. Andrógino. Não sabemos o sexo da criança, mas do nome, uma vez que um menino pode facilmente ter um nome de sonoridade de menina e vice-versa. No sexo feminino: Frutas. Ocupações. Natureza. Vintage. Cultura pop. Locais.

Pilot, Scout, Governor, Poppy, Pepper, Cayenne, Sequoia, Jupiter, Happy, Beautiful e Vancouver foram digitados. O pagamento em conseguir o nome exatamente certo é enorme.

A nova babá dos Heywoods se senta a mesa, desde que Jedi está na turma de Blueberry. A babá é parruda, com um coque de prata e um comportamento rude. Tem um forte sotaque parecido com húngaro.

"Que nome você apostou?" Ela pergunta. "Escolhi Nature. Nome de menino."

"Não posso nem mesmo pensar em quaisquer nomes de menino após Nature. Maple? Pine?"

"Essas pessoas vão pensar em alguma coisa." Ela acena com a mão carnuda na direção dos adultos.

"Acho que Nature. Menina. Isso é Bluegrass, Hibiscus, Flower..." Reivindico minha aposta e desligo o telefone. "Falando nisso, como estão Willow e Jedi?" Pergunto.

"O menino está bem. Não percebe nada." Ela afasta suas batatas fritas e o frango. "A menina. Sempre tão ranzinza?"

"Não. É geralmente muito otimista."

Ela encolhe os ombros. "Talvez haja um namorado."

Talvez. Willow teve paixões fugazes desde que tinha cinco anos. Aos doze anos, está na hora de ter um para grudar.

"Como vai Brad Sinclair?" Petra pergunta. Ela é uma jovem aupair de Madrid. "O menino de ouro? Será que se ajustou?"

"Passou um pouco mais de uma semana" respondo. "Seus pais acabaram de partir. Ele gosta de Nicole e tenho que dizer, ela é uma ótima criança. E ele quer fazer isso direito. Mas sua agenda está definida um ano à frente. Não é como se tivesse tempo para fazer qualquer alteração. Então, estamos trabalhando nisso." Dou de ombros. Não quero contar nada, mas não deixar de falar sobre a maior história da cidade poderia me alienar.

"Ele é tão bonito" Petra sussurra. "E solteiro."

"Silêncio!" Helen diz. "Somos profissionais aqui."

Petra e as outras meninas trocam olhares. Não desejo confirmar ou negar o que sinto por Brad. Meus sonhos em torno da mesa de bilhar ficaram mais vivos e excitantes conforme os dias passam. São ridículos, é claro e provavelmente tem mais a ver com o fato de que preciso de um namorado do que outra qualquer coisa.

"Vou ver Nicole" digo, colocando meu guardanapo de pano no prato. "Alguém quer que eu leve o prato para a cozinha?"

Junto alguns pratos e talheres e vou para a cozinha com eles. Procuro por Nicole na mesa de sobremesa. Não está lá. Vou até a mesa de arte, a cabine de foto, o pula-pula. Finalmente a encontro ajoelhada na grama com Blueberry, jogando com uma pilha de cartões com ilustrações de pôneis.

Brad está no bar, segurando uma das bebidas que é a assinatura da festa e conversando com duas garotas. Mulheres. Senhoras. Tanto faz.

Não me incomodo.

Ele é meu chefe e não conheço o cara.

Não de verdade.

Uma das meninas é alta e tem seu cabelo puxado em um coque frouxo. Está em forma. Parece uma corredora, o que me recorda que não corro há muito tempo. A outra é curvilínea e tem cabelo encaracolado. Ambas possuem a pele mais perfeita que já vi e estão penduradas em cada palavra dele.

O que não é nada da minha conta. Ele coloca seus braços ao redor delas e sussurra no ouvido da garota alta. Ela dá uma risadinha e assente, então ele fala algo a de cabelos encaracolados, que fica com raiva e o empurra.

“Senhorita Cara!”

Nicole e Blueberry estão em meus pés. Os grandes olhos castanhos de Nicole imploram enquanto segura um cartão de pônei.

“Deixei Pony Pie na van e gostaria de mostrar a Blue.”

Quero agradecer profusamente a pequenina por me dar uma desculpa para ficar longe de tudo o que seu pai está fazendo.

“Você quer que eu vá buscar?”

“Sim, por favor!”

“Ok, vai brincar e vou vasculhar a van.” Ela e Blue correm de volta para o lugar no gramado com os cartões entre elas.

Viro e me encontro cara a cara com Josh Trudeau.

Ele é um ator e um galã legítimo. Nunca se comercializou como um homem bom. Sempre teve um traço escuro e o diabo em seus olhos azuis. Sua boca é feita para o sexo. Então, quando seu caso com Blakely veio a público, ninguém ficou surpreso, muito menos a esposa dele.

“Ela disse que desejava um mágico” ele fala com um sotaque australiano. “E agora está sentada na grama com a menina órfã em vez de assistir.”

“O nome dela é Nicole.”

“Ela parece agradável. Embora não muito para mágicos.”

“Quer que eu as leve até ele? Posso fazer isso facilmente, mas prometi a ela que pegaria seu brinquedo na van.”

Ele olha para sua bebida, pensativo. “Qual é o seu nome?”

“Cara DuMont.”

“Nos conhecemos?”

“Trabalhei para os Heywoods.”

“Ah. Deixe-me adivinhar.” Ele me olha de cima a baixo, da minha calça cáqui a polo aprovados pela Sra. Trudeau. “Kendall te achou ameaçadora.”

“Trabalho para as famílias. A família inteira. Se uma pessoa na família pensa que não vou funcionar, então sigo em frente.”

Ele confirma como se verdadeiramente compreendesse todas as nuances dos meus problemas. Sei por que Blakely foi para o caminho escuro com esse cara. Sua atenção é fascinante.

“É claro” ele diz, então faz sinal em volta da cozinha. “A van. Está no beco. Deixe-me levá-la.”

Tanto quanto qualquer pai casado de Hollywood quer ser visto sozinho com Blakely, eu não desejo ser vista a sós com Josh Trudeau. Não vi Ray e Kendall, mas Jedi está provavelmente em algum lugar e não quero provar que Kendall estava certa sobre minhas intenções.

“Consigo resolver” falo.

Ele estende sua mão para mim. “O portão tem um código. Vamos. Não vou morder.”

Não é com morder que estou preocupada, mas tenho que ir com ele ou arriscar ficar rotulada como difícil. É a sua festa. Sua casa. Ele não quer ser visto comigo mais do que eu quero ser vista com ele.

Como se provando meu ponto, ele me leva por trás, longe da festa.

“De onde você é, Cara?” Ele pergunta. Conversa fiada enquanto caminhamos o comprimento da cerca de madeira alta.

“De todo lugar. Sou uma filha de militar, mas principalmente dos países de língua francesa. Meus pais fizeram algum trabalho de inteligência.”

“Como espiões?”

“Não assim tão glamoroso.”

“Parlez-vous français?”[4]

“Oui, je parle français. Le faites vous?”[5]

“Você acabou de ouvir a extensão disso.”

Eu rio com ele conforme soca números em um teclado. O bloqueio faz barulho e abro o portão. A van está ali, bem aberta com televisões de tela plana preta cobrindo as paredes interiores. Posso ver o pequeno pônei rosa de Nicole no assento. Eu o agarro.

Quando me viro, Josh está fechando o portão. Mudo o brinquedo de pelúcia de uma mão para a outra, então de novo. Um gesto nervoso, porque de repente estou inquieta.

“Você é realmente uma garota bonita.”

“Obrigada.”

Ele dá um passo em minha direção e me afasto. Minhas costas atingem o lado da van.

“Você tem uma presença real” ele fala suavemente. “Mais do que parece, a presença é o que é importante.”

“Sr. Trudeau, eu...”

“Consigo fazer as coisas acontecerem para você. Uma garota como você...” Outro passo e posso ver onde seus lábios estão sempre tão ligeiramente rachados. “... tem algo.”

“Não preciso de nada.” Coloco minhas mãos em seu peito, o pônei entre a gente. “Estou bem.”

[4] Na tradução do francês: Você fala francês?

[5] Na tradução do francês: Sim, eu falo francês. Você?

Ele abre a boca para dizer algo, mas uma risadinha silenciosa e sshhss vem do outro lado do portão. Josh não se move. Jesus Cristo, o que ele pensou em fazer? Forçar-me? Estava perfeitamente disposta a morder um pedaço de qualquer coisa que chegasse perto o suficiente da minha boca, não me importo o quão lindo é. Olho bem nos seus olhos, mostrando minha intenção para ele.

"Se. Afaste."

Ele sorri.

Atrás dele, ouvimos o código ser digitado. O sorriso desaparece, mas ele não se move até o portão ficar entreaberto com uma saudação de um par de vozes femininas e um "hey-ho!" de uma voz masculina que reconheço, mas não consigo ver porque este idiota está no meu caminho.

Dou a Josh outro empurrão. Ele dá um passo para trás e Brad aparece, com um braço em volta de cada menina que esteve com ele no bar.

"Tio Josh?" Diz aquela com o coque.

"Jennifer" Josh fala, esfregando os lábios como se eu tivesse colocado meu gloss labial em cima dele. Que filho da puta inacreditável.

"Cara" Brad diz, olhando para mim. Ele está de olhos alerta e sóbrio. Aponta para Josh. "Que porra está fazendo?"

"Ei, mano." Josh mostra seu sorriso mais premiado e estende a mão para Brad. "Sabe como é isso." Ele sacode a cabeça para mim. Só consigo ficar com o pônei de Nicole na minha mão, boca aberta em estado de choque. Está me acusando de algo que faço um enorme esforço para evitar. Filho da puta. De maneira nenhuma irão acreditar em mim. Não com amizade e carreiras no meio.

Parece que Brad vai apertar a mão de seu amigo e o idiota relaxa por um segundo. Que é tudo o que basta para Brad dar um soco na boca dele.

O estalo é imediatamente seguido por um *oomph* e um *thup* conforme a cabeça de Josh atinge o lado da van. Brad está sobre ele, colocando seu corpo entre Josh e eu.

"Oh. Meu. Deus" uma das meninas exclama.

"Não tente trazer essa merda na minha casa" Brad diz, apontando para Josh como se estivesse pronto para abrir um buraco nele.

"Você está falando sério?" Josh parece totalmente incrédulo. "Esta é a minha casa."

“Total e fodidamente sério. Ela cuida da minha filha. Está fora dos fodidos limites.”

Josh endireita sua postura. “Você não tem ideia do que ser pai significa, seu estúpido. Só esteve nisso por uma semana.”

Brad vira-se para mim. “Vamos.” Pega meu braço e me leva até o portão. Ele cheira a vodca cara, mas parece tão sóbrio como nunca o vi antes.

“Precisa saber que não comecei isso.”

“Temos que pegar Nicole juntos.” Ele nem sequer olha para mim, apenas fala por entre os dentes. “Não quero que você ande por aqui sozinha agora.”

“Estava apenas indo procurar o pônei e ele insistiu em vir. Não estava tentando seduzir Josh Trudeau.”

“Vou ligar para o carro.”

“Você me ouviu? É importante.”

Ele para na porta dos fundos da casa, segurando suas mãos para cima.

“Eu ouvi você. Acredito em você. Ele é conhecido por essa merda. Mulheres que cuidam de crianças o excitam. É a coisa dele.”

“E Blakely ganhou toda a culpa.”

“Bem, me bata com um saquinho de chá.” Ele está pingando sarcasmo e raiva. Não acho que é mesmo possível para esse homem relaxado ficar intencionalmente assim sobre qualquer coisa.

Respiro fundo.

“Nicole estava no gramado a última vez que eu vi.”

“Vamos.” Ele anda pela casa, pelo caminho de tijolo do jardim, tão rápido que preciso acelerar meus passos para acompanhar. “Tenho que sair daqui antes que eu o golpeie novamente.”

“Ele realmente não chegou a me tocar.”

Brad não responde, mas anda para a grama, onde Nicole senta-se sozinha com cartões espalmados na sua frente. A trança francesa está torta, metade para fora do nó, criando um halo de cabelos soltos.

“Obrigada, mas não arruíne a sua amizade por mim.” Estou minimizando isso e é claro que não deveria, mas as apostas são bastante altas para ele. Ele tem

que manter uma parceria com essas pessoas. “Isso não tem que ser um grande problema.”

Ele gira sobre mim como se eu tivesse dito que ele é imbecil e sua mãe usa botas militares. Já vi esse rosto antes, em filmes. É ainda mais lindo quando está agindo com raiva ou dor. Mas são filmes. Esta é a vida real. Sim, seu rosto ainda é bonito, mas com a adição de algo temível se torna sobrenatural.

Ele aperta seus lábios entre seus dentes, como se reprimindo suas palavras que tenho certeza não quero ouvir.



CAPÍTULO 15

Brad

Você sabe. Não sou esse cara. Que fica todo estranho e intenso sobre qualquer um ou qualquer coisa. Talvez sobre trabalho. Eu sou intenso quando estou no set. Mas quando se trata de pessoas que não estou relacionado, vem fácil, vai fácil. Ganhar algo, perder algo. Tudo legal.

Não deveria ter golpeado Josh. Provavelmente, essa foi a resposta mais intensa fora matá-lo, que me ocorreu. Uma vez que fiz aquilo, tive que ir embora. Levar Cara e Nicole para fora de lá, de volta para casa, longe de toda aquela cena estranha. Mas continuei queimando. Como os carvões profundos na fogueira. Os que dez caras podem urinar e ainda ficam quentes.

Quente demais para palavras, até que ela fez um pequeno comentário sobre o que Josh *não* fez e como eu não tinha que ficar louco. Assim, a fúria ficou até mais quente e eu tinha palavras. Três palavras. Não devo nunca dizer estas palavras e graças ao bom deus, eu as mordi de volta.

Você é minha.

Agora, como falei, não sou esse homem. Mas quando ela falou que ele não a tocou e eu deveria deixá-lo ir como uma besteira tola de amor, quase me perdi. Quase voltei, encontrei Josh e rachei a cabeça dele contra o canto de um armário para garantir.

Ela é minha e Nicole é minha e ele pisou nisso. Entrou na minha casa e tentou pegar algo que pertence a mim.

Não estou sendo razoável. Ela não é apenas um ajuda temporária, ela é *a ajuda*. Tem sua própria vida e estou levando isso longe demais. Tornando isso pessoal. Isso não é pessoal.

Certo?

"Ei, Brad!" A voz de uma mulher chama atrás de mim. Uma jovem mulher. Eu viro.

Jenn e Jennifer, correndo pelo gramado em minha direção. Jenn na frente. Jennifer agarra a camisa dela e a puxa para trás. Ela cai.

“Merda” eu xingo.

“Vou pegar Nicole” Cara diz conforme Jenn tenta se levantar e tropeça em Jennifer, que dá dois passos gigantes e se endireita. Cara não pode me deixar sozinho com essas duas. Não sei porque, mas necessito dela.

“Fique.”

Jenn consegue se levantar e as duas caminham diretamente para nós. Estão a cinco passos quando noto por que preciso de Cara aqui.

Para provar que não estou dormindo com qualquer uma delas.

Estive a cinco minutos de ter as duas ao mesmo tempo. Apenas merda normal. Mas algo mudou em mim sobre o acordo para levar o nosso trio perto da van quando avistei Josh com Cara. Como se a descarga da adrenalina tivesse mudado a minha composição celular, me senti estranhamente, inexplicavelmente... culpado.

Elas chegaram até nós, arfando e ofegando como se tivessem subindo uma montanha em vez de atravessar um gramado. Olho para Cara. Ela tem seus olhos em Nicole.

“Ei, Brad” Jenn fala, começando a apontar entre ela e sua prima.

“... Se você quiser...”

“... Nós estamos por aí...”

“... Podemos encontrá-lo...”

“... No andar de cima?”

A cabeça de Cara vira para elas. Agora é a minha chance de provar que sou melhor do que ela pensa. Oportunidade de ouro. Tão perfeito que não tenho um minuto para me perguntar por que me importo.

“Nah” digo. “Temos que ir.”

“Da próxima vez” Jennifer fala, dando uma cotovelada em Jenn.

Cara já foi ao encontro de Nicole antes que elas terminem e sigo em seus calcanhares.

“Ei, querida, como está indo?” Digo quando chego perto de Nicole. Ela está empilhando as cartas, arrumando-as.

“Blue falou que posso ter estas.”

“Onde ela está?” Cara pergunta, escaneando em torno da festa. A brisa joga seu cabelo em volta do rosto. Parece uma guerreira.

Ela não é sua, Sr. Impulso Esquisito.

“Ela foi ver o cara com o coelho e o chapéu grande.” Ela estende a mão para Cara. “Você tem Pony Pie?”

Cara se agacha e entrega o brinquedo a Nicole. “Você está bem?”

Ela espera por uma resposta que não vem. Com o canto do meu olho, Jenn e Jennifer se aproximam outra vez.

“Vamos” digo, estendendo a mão para a minha filha.

“Quero ficar para a festa do pijama.”

“Não essa noite.”

“Por que não?”

“Porque eu disse que não.” Soa exatamente como meu pai, pelo amor de deus.

O rosto de Nicole fica endurecido. Olhos semicerrados. Lábios apertados. Queixo enrugado. Coloca seus braços sobre o peito e os cruza.

“Eu disse” Nicole repete como se eu não a tivesse ouvido pela primeira fodida vez, “Quero ficar para a festa do pijama.” Ela até enuncia mais lentamente.

“Querida” Cara começa, mas nunca termina. Não tenho tempo para ser super legal. Explicando merda para uma criança de cinco anos de idade que não está na minha lista de afazeres. Levanto minha filha, penduro-a sobre meus ombros gritando e a carrego para fora.

O carro e o motorista estão perto.

“A mochila dela” Cara fala.

“Deixe. Ela tem seu pônei.”

O motorista fecha a porta e estamos fora. Nicole tem lágrimas em suas bochechas. São tão grandes como bolas de golfe e seus lábios estão muito vermelhos e inchados enquanto chora. Ela nem mesmo deixa Cara tocá-la.

Eu me sinto como um idiota de primeira classe.

“Não faça isso ser da minha conta” Cara fala.

“A sua conta é da minha conta.”

Você é minha.

Tudo está confuso e inverso. Eu me sinto como outra pessoa. Como o homem que veste um terno cinza e uma gravata vermelha com seus sapatos pretos brilhantes. Um que dirige um Buick para trabalhar todos os dias e o troca a cada dois anos por um novo. Come o jantar no mesmo horário todas as noites, fode sua esposa duas vezes por semana e bebe a sua raiva com o jogo de futebol. Não me sinto bem sendo esse cara, mas é o único homem que posso ser na parte de trás dessa limusine.

"Aqui é como vai ser" eu digo para Cara tanto quanto para mim. "De agora em diante, vou levá-la para onde quero. Ela é minha e não vou ficar pendurado em torno destas pessoas. Vai ter que viver minha vida comigo, não ser parte dessa multidão de idiotas. Segundo, não vou esconder Blakely. Ela vai para onde precisa estar. Terceiro. Se ele te tocar de novo, vou quebrar o rosto dele. Vamos ver como um cara que nasceu em Redfield se sai em uma luta justa contra um de Encino."

Cara afaga sua perna distraidamente conforme fala. "Tenho certeza que você pode vencê-lo em uma luta." Seu sorriso me desafia a ser um idiota por entrar em uma briga na festa de aniversário de uma criança. Estava quase pronto para ver como isso iria funcionar.

Mas não.

Sou um pai. Pais não fazem merda assim.

Certo? Desejo que alguém me diga.

Nicole ainda está brava, mas está amenizando com algumas fungadas e mangas umedecidas pelas lágrimas. Ela rasteja no colo de Cara para que possa exibir seu mau humor bem na minha frente. Cruza seus braços com força e faz uma careta.

O que meu pai pensava quando eu olhava para ele assim? O que *qualquer* pai imagina? Eu deveria discipliná-la ou aguardar? Dizer-lhe que é o quê? Quem está no comando? Como isso faz outras pessoas se sentirem? Falar com sabedoria?

Não sei como fazer isso e Nicole não torna fácil de descobrir. Ela só se enrola em Cara, que é malditamente firme com ela. Todas as vezes que as vi juntas, Cara estabelecia regras, ou corrigindo-a ou ouvindo. Não tinha feito nada disso.

Em todo o tempo que passei com...

Espere.

Não muito tempo.

Papai não nos levava em qualquer lugar e caia no sono na cadeira verde na maioria das noites. Mas ele ficou nos primeiros cinco anos. Certo? Teve a chance de desenvolver *sentimentos* que eu não tenho.

Talvez isso explique o porquê estou tão envergonhado. Não tive nenhuma emoção quando conheci minha filha. Apenas uma pequena voz que me disse que ela era fofa e outra que iria ficar bem. Outra voz falou que ela era minha responsabilidade e outra respondeu que significava que eu tinha que conseguir a melhor equipe.

Mas nenhuma pequena voz com um *sentimento*.

A voz da minha mãe me repreende.

Você nunca conte a uma alma que apenas teve esse pensamento, Bradley. Porque, olhe para essa pequena pepita! Vão dizer que é um sociopata.

Respondo a voz na minha cabeça, mal humorado como uma criança de doze anos de idade.

Não me importo com o que as pessoas pensam.

Isso acalma a minha mãe por meio segundo enquanto Cara acaricia o cabelo de Nicole, dividindo-o em mechas para uma nova trança. Em seguida, ela se parece como um personagem, pendendo a cabeça para a direita.

Fecha a boca, tranca, coloca isso em seu bolso.

"Sabe o que é engraçado?" Pergunto antes que pensem sobre isso, "Tenho uma equipe e uma casa tão grande quanto um palácio, mas nunca me senti como o rei do meu castelo. Nem mesmo com Nicole lá."

Pareço um panaca antes mesmo de terminar a frase. Aquilo é informação demais. Ela é uma empregada. Não deveria estar na parte de trás da limusine comigo. Mas eu a desejo aqui. Eu a quero acariciando o cabelo de Nicole quando minha filha está com raiva de mim e falar com ela sobre...

O que?

Nada.

"Você nunca teve uma coroação adequada" ela fala antes que eu consiga terminar o pensamento, tirando o elástico da trança de Nicole. "A maioria dos homens tem tempo para se preparar mentalmente. Gravidez ou o processo de adoção. Você foi tipo jogado para o trono." Desfaz a trança. "E a pequena princesa também."

Ela me surpreende. Imaginei que ela iria me dizer que não sou o rei de nada. Não tenho problemas em usar termos antiquados. Sou antiquado. Estúpido. Um homem das cavernas.

Mas ela não o faz. Entende o que eu estou contando.

Em uma polo branca de tamanho grande e calça bege, ela é a pessoa menos da realeza que já vi e talvez eu não seja muito rei de sandálias e shorts, mas entendemos o reino e quão fodido ele é.

Estou feliz que a tenho por um mês e compreendo que irei me inclinar sobre ela mais do que devo. E estou contente que me afastei de Jenn e Jennifer antes que fizesse uma besteira ainda maior.

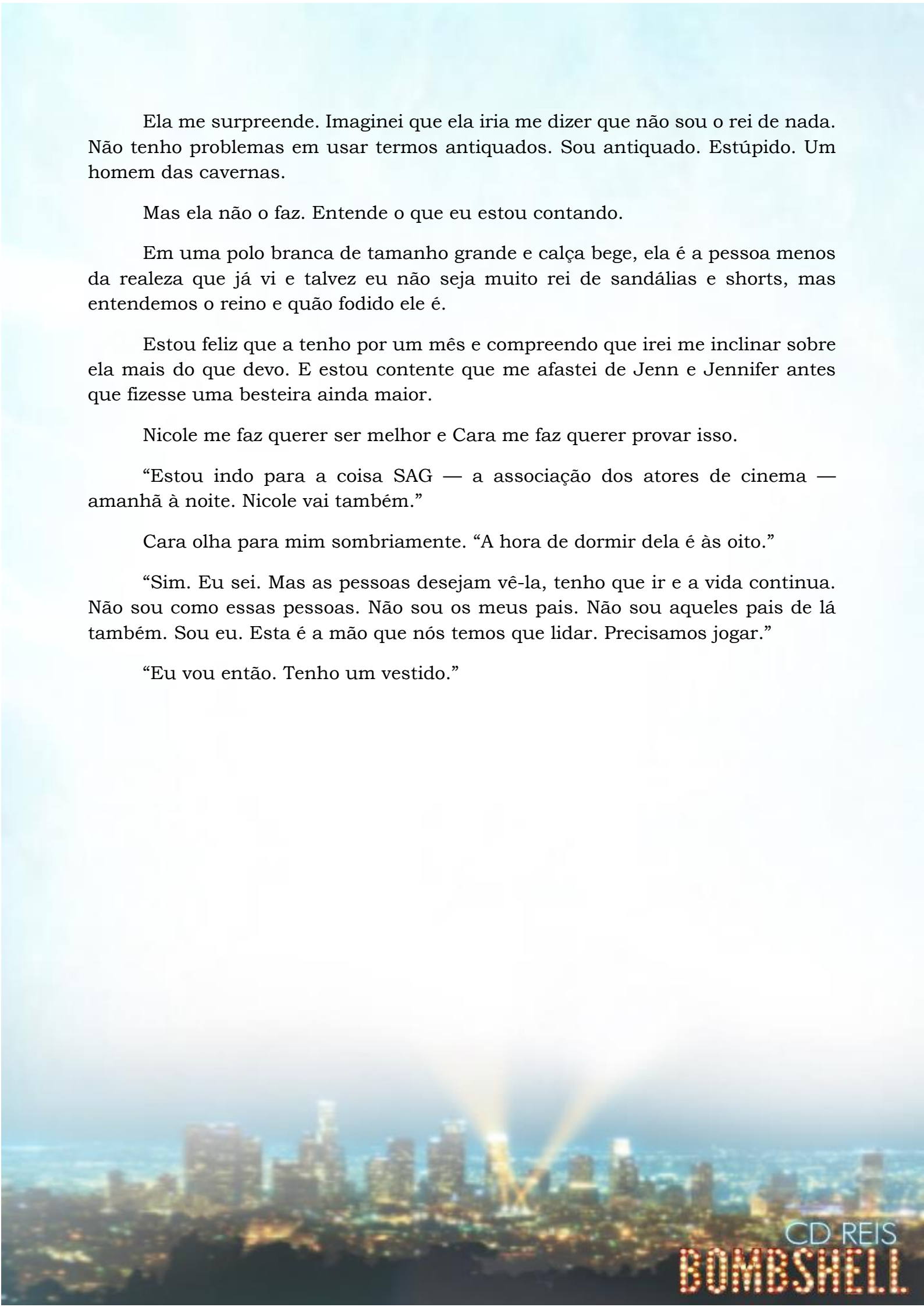
Nicole me faz querer ser melhor e Cara me faz querer provar isso.

“Estou indo para a coisa SAG — a associação dos atores de cinema — amanhã à noite. Nicole vai também.”

Cara olha para mim sombriamente. “A hora de dormir dela é às oito.”

“Sim. Eu sei. Mas as pessoas desejam vê-la, tenho que ir e a vida continua. Não sou como essas pessoas. Não sou os meus pais. Não sou aqueles pais de lá também. Sou eu. Esta é a mão que nós temos que lidar. Precisamos jogar.”

“Eu vou então. Tenho um vestido.”



CAPÍTULO 16

Cara

Quando você vê fotos de celebridades em eventos com seus filhos, pode apostar que há uma babá nos bastidores para cada criança. Existimos na periferia, apenas fora do campo de visão da câmera. Vestimos roupas pretas simples, sapatos confortáveis e um pouco de maquiagem, por isso não nos destacamos. Nós sabemos para onde levar as crianças quando fazem pirraça e como gerenciar uma sala cheia de rebatedores potentes sem sermos vistas.

Ninguém quer nos ver. Provamos que Hollywood está cheio de pessoas que não são mágicas ou perfeitas, mas seres humanos que precisam de ajuda para fazer malabarismo doze horas por dia e com as responsabilidades familiares. Gosto disso nas sombras. Gosto do meu anonimato.

Blakely não tem esse luxo. Ela será vista e fotografada. Todo o episódio com Josh Trudeau voltará e ela não conseguirá emprego outra vez.

Blakely está esparramada sobre a minha cama, deslizando seu iPad. preciso contar a ela sobre o incidente com Josh, mas estou muito nervosa. Considero colocar isso em uma nota, um e-mail, qualquer coisa, exceto cara a cara.

“Não estou dizendo que me importo de tirar a noite de folga” ela diz. “Mas é uma droga.”

“Está no Tinder de novo?”

“Vê esse cara aqui?” Ela vira a tela para que eu possa ver um cara segurando seu telefone em frente ao espelho.

“Não entendo a coisa de foto-no-espelho-do-banheiro. Essas pessoas não têm amigos?”

“Aqui o que ele me escreveu. ‘Ei. Você é muito quente. Se parece com aquela babá que dormiu com Josh Trudeau. LOL.’”

“Deslize para a esquerda nele. Ou direita. Qualquer que seja.” Puxo um vestido preto simples fora do armário e o atiro sobre a cama.

“Por que não sabia que ele era um jogador?”

“Porque você não sabia e o respeitava o suficiente para mantê-lo em segredo. No entanto, ninguém te avisou.”

“Errado. Porque minha mãe me apoiou por dormir com homens casados então tenho isso na minha cabeça que é normal, o que não é. Nunca.” Ela bate na sua cabeça com os dedos, como se pudesse tocar na maneira certa de pensar nisso.

Pego meus sapatos. Pretos. Salto baixo. Discreto. Fácil de correr atrás de uma garota nos camarins. É o momento perfeito para contar a ela, mas não faço.

“Olha.” Ela bate na tela e mostra para mim novamente. Reconheço seu portfólio mas ela parece estranha. “Maçãs do rosto mais elevadas. Os lábios um pouco afastados. Lentes marrons.”

“O que aconteceu com o nariz enorme?”

“Descobri que é mais difícil do que torná-lo menor.”

Respiro fundo e cuspo.

“Ele me deu uma cantada” eu falo. “Na festa ontem. Atrás da cozinha. Eu sinto muito.”

Ela cai de costas no colchão e cobre o rosto com o meu travesseiro.

“Estou tão envergonhada.” Sua voz é abafada.

“Não fique. Eu entendo. Ele não é a minha coisa, mas compreendo.”

Ela joga o travesseiro para mim. Eu o pego.

“Pare de dizer isso. Se você me perdoar, tenho que perdoar minha mãe, o que eu não quero.”

“Brad falou que Josh tem uma queda por mulheres que cuidam de crianças.” Arremesso o travesseiro na cama. “Ele é um babaca. Deveria guardar aquela ereção para a esposa dele.”

Blakely se senta. “Você disse a Brad?”

“Ele viu.” Sacudo o vestido. “Josh é um imbecil. Fim da história.”

“Espere. Ele não demitiu você?”

“Não. Ficou...” Qual era a palavra? Não era simplesmente *irritado*. “... protetor.”

Percebo que estou olhando para o nada com o vestido drapeado sobre o meu braço, lembrando do meu chefe com fogo em seus olhos. Como se quisesse rasgar o rosto de Josh Trudeau fora, com suas mãos nuas.

Por mim.

Eu.

Eu sou importante.

“E?” Blakely pergunta.

E adorei. O que é errado. Tudo sobre como isso parece é errado.

“E o que?”

“E você está bem?”

Blakely sabe quão errado é. Ela foi arrastada pela lama por meses.

“Estou bem” digo, olhando para meu relógio. “Se puder arrumara Nicole, acho que vamos sair às sete.”

Ela dá um pulo.

“Sim. Ok. Puxa, gosto do nosso chefe.”

Ela me beija na bochecha e corre para a casa de frente para arrumar Nicole.

Tenho que admitir, também gosto do nosso chefe.

Merda.

Não me movo por um tempo. Nem sequer sei o que estou olhando. A maneira como ele me protegeu, deixou aquelas duas meninas para trás, jogou sua filha por cima do ombro e assumiu o comando? Podia vê-lo como algo mais. Algo real e estável.

Tudo isso envia o calor do meu coração para a dobra entre as minhas pernas. A lógica distorcida dos sonhos clica junto com ideias não relacionadas. Sexo. Brad Sinclair. Segurança. Estabilidade.

No mundo real, nada diz instabilidade como Brad Sinclair. Ele e segurança não ocupam o mesmo quarto confortavelmente. Ele é menos estável do que os meus pais. Mais propenso a se mover. Menos emocionalmente acessível. Mas na terra dos sonhos, quando estou inclinada sobre a mesa de bilhar trabalhando em um orgasmo tão forte que acordo, todas as peças do quebra cabeça se encaixam e fazem perfeito sentido.

No mundo real, poderia descartar a lógica do sonho, até que ele quase quebrou o rosto de Josh Trudeau. Então isso veio junto. Tornou-se verdadeiro e é mais excitante do que qualquer coisa que já senti.

Você perdeu sua cabeça.

Verdadeiramente, perdi. Tiro minha calça jeans e camisa e vou para o chuveiro, argumentando que preciso de um banho de qualquer jeito, que só tenho que me ensaboar, enxaguar e sair rápido, portanto não seria capaz de funcionar com um pulsar constante entre as minhas pernas, então devo tomar uma ducha fria.

Nah. Coloco a temperatura toda até em cima. Quero sentir cada gota. Entro e estou envolta no calor calmante da água.

Desejo um lar de verdade. Uma pessoa segura com quem passar minha vida e eles estão em falta. Não desisti; apenas parei de procurar por um homem.

Na minha fantasia ele dizia...

Abra suas pernas, baby. Vou te lamber.

Finjo que ele é alguém completamente diferente, quando se abaixa e coloca seu rosto entre minhas pernas. Quando coloco minhas mãos no meu corpo, sinto suas mãos. Quando toco meus mamilos, realizo isso da maneira que penso que ele iria fazer. Que quero que ele faça.

Leve-me... leve-me... leve-me...

Não devo pensar em Brad Sinclair. Tenho uma desculpa nesta manhã. Estou meio dormindo e saindo de um sonho. No chuveiro, faço dessa pequena sala de azulejos um lugar seguro onde é aceitável colocar uma mão na parede, uma mão entre minhas pernas e provocar meu clitóris até que acho que vou explodir. Só dessa vez. Fazer durar.

Está perto? Vou gozar em você.

Com aquela voz. Aquela voz mágica. Não muito alta ou baixa. O ritmo dela. Ele abre minhas pernas enquanto seus quadris empurram, olhando para mim. Seus olhos em mim conforme me rasga com seu pau. Rápido, então lento. Empurrando todo o caminho até a raiz. Ele me diz para não gozar. Me pede para esperar por ele. Exige que eu espere por ele. Diminui os movimentos dos dedos quando chego mais perto.

Imaginando seu orgasmo. Seu suspiro. Seu gemido. Perdendo o controle por causa de mim.

É isso. Gozo tão duro que preciso me apoiar na parede.



CAPÍTULO 17

Brad

Meu pai tirou sarro de mim quando comprei meu primeiro smoking. Me chamou de idiota chique.

“Acho que você precisa de uma atualização” Paula diz, endireitando a minha gravata. “Vou ligar para Max e chamá-lo para uma repaginada.”

“Todos parecem iguais.”

Estou na frente do espelho. Pareço um palhaço. Puxo a gravata fora. Nicole aparece na porta.

“Posso usar o tênis de luzes?”

“Claro.”

Ela grita no corredor. “Papai disse que sim.”

Blakely entra no quarto e se dirige a mim.

“Eles não vão encaixar em um evento black-tie” ela explica. “Mas é sua decisão.”

“Tudo o que ela quiser” digo. “Não me incomodo com o que as pessoas pensam.”

Paula coloca suas mãos em seus quadris.

“Estrelas! Vai levar a Bombshell?” Ela pergunta. O apelido era engraçado nas primeiras quinze vezes.

“Minha filha? Sim.”

“Brad, querido. Ninguém leva seus filhos para este evento. Agora, não estou tentando dizer a você como ser pai...”

“O inferno que não está.”

“Leve-a ao... como é chamado? A festa depois.”

“Ela vai. Deixe-os tirar suas fotos. Quero sair com ela e se não tenho o tempo livre para fazê-lo, ela pode vir trabalhar comigo.”

Paula faz uma feição onde aperta seus lábios e ergue as sobrancelhas. Desaprovação. Ela é a via para quando eu ando acima da linha, mas desde Nicole, a marcação no meu barômetro mudou.

Estou no comando. Ninguém nunca disse ao meu pai como nos criar.

“Estou indo. Vou levar Nicole e sabe o que mais?”

Não espero por uma resposta. Eu me inclino para fora da porta e grito pelo corredor.

“Blakely!”

Ouço sua voz gritar de volta.

“Sim?”

“Vista-se para vir com a gente.”

“O que?”

Não repito, mas me viro para Paula.

“Eu não me importo se as pessoas falam. Minha filha pode vestir o que ela desejar. Esta é a minha casa. Este é o meu negócio. Vou dizer a Cara para ficar em casa.”

Saio porque não quero ouvir o que Paula tem a dizer. Todo mundo nesse ramo pode beijar minha bunda. Vou para a casa da piscina com toda a justa ira de um homem fazendo o que ele quer sem pedir permissão para uma maldita coisa.

* * *

Uma vizinhança onde você não tem que trancar as portas é um clichê. Nostalgia de cidade pequena. Cidades pequenas é uma droga. Você não pode sonhar em uma cidade pequena. Mas a coisa da porta destrancada é verdade. Nunca bati para ir a qualquer lugar. Entrava e saia de cada casa na minha rua, porque foi assim que aprendemos.

A casa da piscina é na minha propriedade. Eu a possuo. Claro, é um espaço privado, mas sou um produto da minha infância. As portas de vidro na parte de

trás estão abertas, então apenas entro para informar a Cara que tem a noite de folga.

Quando ouvi o chuveiro ligado, deveria ter saído. Obviamente. Mas vou para o quarto dela. Espio. Estou me certificando de que é o chuveiro e não só uma torneira.

Sim, é isso. Se for uma torneira, posso entrar e falar com ela. Então estou verificando.

Seu jeans está esticado sobre o chão na forma da letra W. E o som de água definitivamente está vindo do chuveiro.

Um cavalheiro partiria.

Mas não sou um cavalheiro desde que cruzei o Condado de LA no meu Chevy Cavalier 2003. Não. Fui governado por minha carreira e meu pau. Logo depois, o meu pau está tomando a decisão, a porta do banheiro está entreaberta e o boxer do chuveiro é de vidro.

Oh, Jesus Cristo.

Sim.

A água e o vapor obscurecem minha visão da clareza pornô completa, mas isso faz a cena ainda mais sexy.

Se isso for possível.

Ela tem uma mão na parede em frente a ela e a outra, deus me ajude, entre suas pernas. Posso ver a forma de seus seios e sua bunda apontando para cima.

Cabeça jogada para trás.

Bunda girando.

Pele lisa e brilhante.

Meu pau está em total atenção.

Consigo cheirar seu sabonete e ouvi-la apenas sobre o som da água.

Eu me aproximo da porta sem perceber que fiz isso. Esse foi o pau pensando.

Ela geme. Vejo a sua boca aberta. Um oval escuro atrás do vidro molhado.

Eu realmente irei me masturbar imediatamente.

Então ela goza, dobrando o braço que está na parede até que fica pressionado contra ela. Um longo gemido atravessa o azulejo.

Porra! Porra! Porra!

Quero vê-la gozar para mim.

Assim. Para mim. Sim.

Almejo transar com ela. Fodê-la. Meu pau me diz para entrar no chuveiro e transar com ela. Meu pau não foi recusado nos últimos anos. Conseguiu o que queria e bem ali, deseja Cara DuMont tanto, que acho que o sangue correndo para ele o quebrará.

Tenho um momento de sentido. Um onde posso me virar e esperar na sala de estar, ou no exterior, ou em Marte. E essa lógica não é esmagada pelo meu pau. Não, vou pegar o meu foguete e ir para a porra de Marte, mas, provavelmente, a sala de estar. Eu vou sair.

Mas a porta do chuveiro se abre.

E meu cérebro sente toda a vergonha que você esperaria, mas o pau? Só vê os seios dela ensaboados e o comprimento de suas coxas lisas.

Mencionei que deixei meu casaco na casa principal? Não tenho nada para esconder o tesão de vinte centímetros pressionando contra a minha perna.



CAPÍTULO 18

Cara

Estou me recuperando do orgasmo quando percebo que preciso de shampoo e ele está sob a pia. Irei me atrasar se não correr com isso, então abro a porta sem tomar outro fôlego e lá está ele.

Não grito porque sugo o ar muito rápido.

“Merda!” Ele grita, colocando a mão sobre seus olhos como uma criança em um filme de terror.

Oh meu Deus, ele tem uma tenda em suas calças.

Não uma tenda. Um ônibus de turnê.

“Que diabos?”

Estou muito chocada para fechar a porta do chuveiro. É de vidro, então qual é o ponto?

Eu me cubro, um braço mal cobrindo meus seios e o outro o triângulo entre as minhas pernas.

“Eu sinto muito! Estava apenas...” Ele tira a mão de seus olhos para apontar para lá, onde quer que fosse.

“Está falando sério?”

“Nicole! Eu estava indo...”

“Saia!”

Tiro meu braço do peito e estendo a mão para bater a porta do banheiro. Mas mesmo com ele fora da minha vista eu o sinto. Os olhos dele. Como olharam o meu corpo e subiram para o meu rosto antes que ele os cobrisse.

Minhas roupas estão do outro lado da porta.

Estou constrangida e com raiva. Não quero pensar sobre o que ele me viu fazer.

E sobre aquela ereção?

Também estou formigando pela perspectiva dele me vendo com a minha mão entre as pernas. Tudo sobre isso é desconfortável, esquisito e excitante.

Estou tremendo conforme me envolvo com a toalha.

Para o inferno com isso.

Enfio a borda da toalha debaixo do braço e saio, deixando pegadas de água atrás de mim.

Ele está na sala de estar, sentado no sofá com suas pernas cruzadas.

"Não vi nada" ele diz, mãos para cima.

"Você não bate?"

Ele aloja a língua em sua bochecha e desvia o olhar.

"Olha, me desculpe" ele pede. "Mas como falei, não vi nada."

Uma segunda pequena voz me diz para mencionar o tamanho desumano de sua ereção. Isso incluiria eu admitir que estivesse olhando para sua virilha, o que me lembra que ele estava estrelando a minha fantasia. Então a voz número dois me fala para calar a maldita boca. Não reconhecê-lo. Nem sequer pensar sobre isso. O estado de seu pênis é um tópico inadequado de conversa.

"Sempre fica duro quando não vê nada?"

Tanto para a voz número dois.

Ele me olha bem nos olhos, o nivelando em seriedade absoluta.

"Tenho certeza de que não sei do que está falando, Srta."

Agora parece que estou sofrendo de ilusões. Ele é irritante.

"Você é um idiota." Digo com veneno suficiente para matar um elefante.

Ele olha para seu relógio. "Vim aqui para te dizer que Blakely vai esta noite. Você tem a noite de folga."

"Boa jogada, Sr. Sinclair."

Fecho a porta do quarto para que possa me vestir sem seus olhos trabalhando sobre mim.

"Sinto muito!" Ele fala do outro lado da porta.

Eu não respondo. Eventualmente ele sai.



CAPÍTULO 19

Cara

Você deveria pedir demissão.

Ainda recebo o seguro desemprego dos Heywoods. Dinheiro não é o problema. Isso foi o limite de assédio. Me deito na cama, no escuro, olhando para o teto.

Você deveria pedir demissão e processá-lo.

Blakely voltou as quinze para as dez e saiu de novo, deixando o monitor de Nicole comigo. Brad ficou no evento.

Não contei a ela sobre o chuveiro. Não estou com medo, mas não quero que ela pense mal dele. Não sei por que isso importa para mim. Talvez não deseje que ela pense que ele é outro Josh Trudeau.

Realmente, o que quero dele?

Devo ter adormecido em um momento, porque tenho outro sonho com Brad. As minhas mãos na parede do chuveiro e ele está me fodendo por trás.

Mais profundo. Mais duro. Dê para mim.

Há bolas de bilhar no chão e tento não pisar nelas, porque rolariam para baixo dos meus pés e eu cairia, mas quanto mais perto chego do orgasmo mais difícil é.

No meu sonho, ele bate no boxer de vidro do banheiro, alto o suficiente para me acordar. A sensação de seu eixo entre minhas pernas desaparece e o som da água caindo continua.

"Cara, aaaacooooordeeeee..."

Sua voz longe, mas real. Não verdadeira como um sonho, mas de verdade. Sento.

Ele está batendo na janela do meu quarto.

"Eeeeu estouuuu baaaateeeeeendoooo..."

São 2:17 da manhã. A água vem do som dos sprinklers.

“Jesus Cristo.” Espanto o sono. Estou vestida? Sim. Calça de moletom e camiseta preta. Saio da cama e abro a janela. Ele praticamente cai através dela. Engulo uma risada. Ele está adorável em seu smoking molhado e os olhos vermelhos.

“Sinto muito” se arrasta, estendendo todo o braço na janela, apontando o dedo a esmo. “Eu...” Ele coloca sua mão em seu peito. “Sou um idiota. Deveria ter batido. E não ter apreciado a vista tanto tempo. Sou um...” Ele oscila. Agarra o peitoril da janela. “... sou um porco.”

“Você está bêbado.”

“Eu sinto muito sóbrio, também.”

“Desculpa bêbada aceita. Vou aceitar o seu pedido de desculpas sóbrio de manhã.”

“Ok. Gosto de você. Não quero que fique com raiva de mim. Você deve estar com raiva de mim, mas não quero que esteja. Quero que você goste de mim.”

“Vá para a cama.”

Ele se inclina para trás para fora da janela, faz uma pausa. “Gosta de mim?”

“Contra o meu melhor julgamento, sim.”

“Ok.”

Ele está tão bêbado que mal consegue ficar de pé.

“Por favor, vá para a cama.”

“Ok. Vou pedir desculpas amanhã. E no dia seguinte. E...” Ele se desequilibra. “E no dia seguinte. Não fui criado assim.”

“Vá. Para. Cama.”

Ele me dá uma saudação e anda direto através de um sprinkler, em direção a casa da frente. Fecho a janela.

Este trabalho é o pior que já tive. Realmente deveria ir embora.

Mas não posso. Não sei se é Nicole, ou Blakely, ou Brad que me mantém aqui, mas sinto um puxão para ver através disso. Ou, pelo menos, decidir mais tarde. Vou ao banheiro, faço xixi sem acender a luz e ando de volta para o quarto.

Consigo ouvir os sprinklers e a luz do sensor de movimento ainda está ligada. Estendo a mão para as cortinas para fechar.

Brad está deitado na grama de bruços, com os braços e as pernas em um grande X, todo molhado.

Eu poderia deixá-lo lá fora.

Os sprinklers desligariam.

Eu poderia, ele merece isso. Mas não posso.

Coloco tênis e uma blusa de moletom e vou lá fora. Ele está de cara em uma poça de lama.

“Brad?”

Ele não se move. Já movi grandes homens bêbados antes. Na Escócia, havia um menino que não tinha ideia de quando parar de beber. Depois na faculdade, mais do que um menino, mais de uma vez.

Puxo o braço dele até que está de costas, então seguro os seus pulsos e puxo para frente. Se estou fazendo isso parecer fácil, não é. Escorrego e caio na grama molhada e grito como um jogador de tênis. Mas o tenho sentado. Metade de seu rosto lindo está sujo de lama.

“Brad?”

Nenhuma resposta. Eu lhe dou um tapa. Nada. Bato novamente, mais forte. Ele geme.

Então puxo meu braço para trás e realmente o soco forte.

“Ai.”

“Você tem que acordar. Não posso te carregar.”

“Isso dói.”

“Você merece isso.”

Eu me agacho, colocando meu ombro debaixo do braço dele.

“Ok, vou contar até três. No três, levante-se.”

“Sabe que você é linda?”

“Um.”

“E cheira como uma xícara de frutas.”

“Dois.”

Ele olha para mim, o peso de sua cabeça inclinando seu rosto em um ângulo para o meu. “Você é a rainha da casa.”

“Três.”

Nós damos uma guinada para cima. Um passo para a esquerda. Ajustamos. Ficamos estáveis.

“Posso só dormir aqui?”

“Não. Nicole não vai encontrar a sua bunda bêbada no gramado pela manhã.”

“Merda.” Apesar de sua saturação de álcool, essa palavra tem uma tonelada de significado.

Esqueci que tenho que pensar na minha filha.

Não pensei sobre ela me encontrar.

Vou ter que mudar.

Ninguém deve contar com a autenticidade da emoção da embriaguez, ainda há algo tão profundo sobre o tom dessa palavra. Mesmo que ele não se lembre de como pronunciou na manhã seguinte, existe algo dentro dele que sabe que tem que corrigir.

“Apoie-se em mim” eu peço.

Damos um passo para frente, depois dois. Seguro seu pulso com uma mão e sua cintura com a outra. A frente da camisa do smoking está marrom por causa da lama. Fico molhada onde suas roupas me tocam.

“Obrigado” ele diz quando tropeça.

“Sem problemas. Pise aqui.”

Ele se aproxima do pátio da piscina.

“Você feriu meus sentimentos” ele fala, sem dor em sua voz. Como se estivesse apenas afirmando um fato. “Quando me chamou de idiota.”

“Eu não sinto muito.”

“Não te culpo. Você tem fantasias, sempre?” Ele dita as duas questões na declaração como se fizesse sentido juntas.

“Como sobre o quê?” Questiono. Seu braço em volta de mim, sua respiração suave em meu ouvido. Mesmo sua dependência é uma espécie de fantasia.

“Sabe o que me incomoda sobre fantasias?”

“Cuidado com esta cadeira aqui. Whoa.” Eu o desloco para a esquerda, por pouco não tropeçando em uma espreguiçadeira.

“Você nunca sabe se está fazendo certo” ele fala.

Eu me viro para ele e encontro seus olhos ocupando todo o meu campo de visão e meu nariz a cinco centímetros do dele.

“O que quer dizer?” Mais à frente, a porta de tela está aberta. Ele deve ter saído por aqui.

“Como quando fantasio te fodendo.”

Quase tropeçamos na entrada. Engulo meus pulmões, estômago e coração em um gole. Ele está bêbado. Não quis dizer isso. Nunca pensou em me foder. Não Brad Sinclair.

Ele é meu chefe.

“Um passo para cima” falo, virando. Meu rosto arde em brasa.

Ele dá um passo para cima. Estamos na sala de trás. Não conseguiria levá-lo até as escadas para seu quarto, então viro em direção ao quarto de hóspedes.

“Você goza com um pau?” Ele arrasta as palavras, mas não as confundo ou seu significado. “Só o pau? Ou precisa de um pouco de ajuda?”

“Brad, sério?”

“Tenho essa fantasia onde você goza sem ajuda e uma onde toco você.”

“Isso é totalmente inapropriado.”

Chuto aberta a porta do quarto de hóspedes.

“Desejo saber qual é a certa, então não vou perguntar de novo. E do que chama suas... você sabe... partes de menina?”

Abaixo e deixo seu peso cair. Ele cai em uma posição sentada, as roupas encharcadas coladas a seu corpo bonito. A camisa branca expondo seus mamilos e o cabelo em seu peito, olhos meio fechados, me perguntando seriamente o termo que uso para minha vagina.

“Estou supondo que você fala sujo” ele diz. “Eu não deveria assumir. Mas é a minha fantasia e vou manter isso.”

Uma gota de água cai do punho dele para o tapete de lã.

“O blazer tem que sair.”

Ele assente e toca na sua lapela, mas mesmo isso mexe com seu equilíbrio e ele quase tomba. Eu o agarro e o puxo para cima.

“Sabe a melhor parte delas?” Ele pergunta. Removo o punho da camisa para que ele consiga tirar o seu braço. “A parte quando abro suas pernas.”

Sugo uma respiração. Meu sistema nervoso dispara, direcionando todas as sensações e urgência para o meu núcleo. Tenho que fazer uma pausa para respirar antes de remover o outro punho.

“Estou olhando em seus olhos e você diz *sim*” ele continua. “Você dobra os joelhos.”

Atiro o blazer sobre uma cadeira.

“E eu...” Ele coloca as costas das mãos juntas e as move separadas. “Deus.”

Não tenho que tirar a camisa dele. Nem mesmo tenho que ficar no quarto com ele. Posso sair. Mas talvez seja um pouco da minha fantasia também. Talvez sua atenção é algo que desejo, mesmo com ele bêbado ou enlameado.

Ele parece preocupado por um segundo.

“Você se depila? É igual a uma pista de aterrissagem? Eu não me importo, mas quero ter a coisa certa.”

Desfaço os botões da sua camisa. Me ajoelho para chegar aos botões de baixo.

“Diga-me” ele pede.

Chego ao último botão. Sua cabeça inclinada para baixo me observando e olho para ele.

“Apenas me diga isso.”

Estendo a mão para os botões do seu punho, mas ele puxa o braço para trás e faz sozinho.

“Minha fantasia é sobre você.” Ele aponta para mim. “Se eu não souber essas coisas, será sobre uma mulher aleatória.”

Ele deixa cair as abotoaduras no tapete.

“Como me depilo depende do meu humor” eu digo, agarrando seus punhos. Tiro a camisa molhada e a coloco sobre o blazer. “Não fico preocupada com essas coisas. Realmente espero que você esqueça isso amanhã.”

“Ainda preciso memorizar o terceiro ato” ele fala. “Aposto que você tem gosto de morangos.”

Eu o empurro de volta e ele cai como um saco de batatas, braços para fora, peito nu de tirar o fôlego ao luar. Quero colocar minhas mãos nele. Arranhar a pele. Sentir os mamilos ficarem duros sob meus dedos. Falar sujo até que ele fique duro.

Me agacho e retiro seus sapatos.

“Obrigado por cuidar da minha filha” ele agradece enquanto levanto suas pernas pelos tornozelos e as viro até que ele está reto na cama.

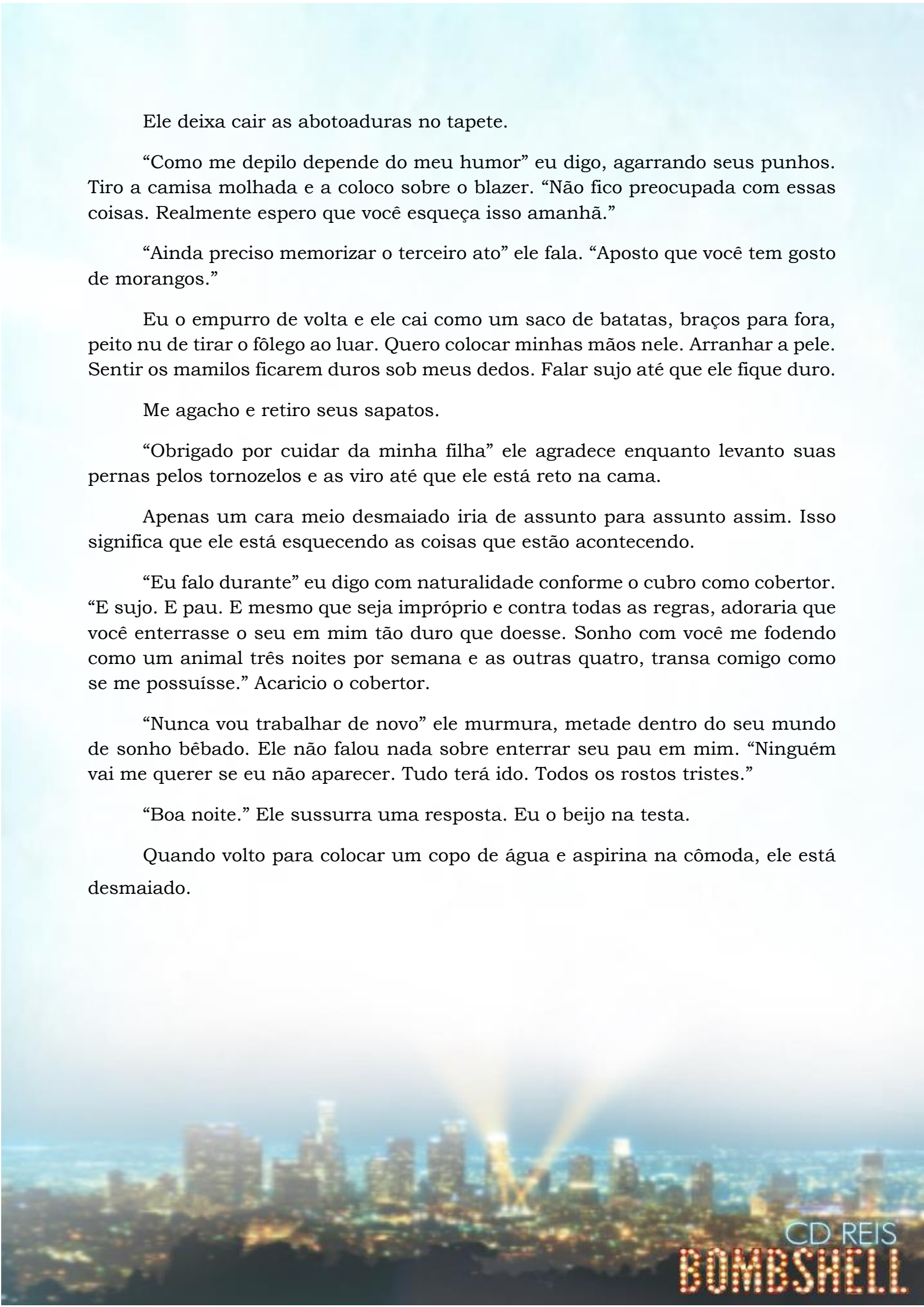
Apenas um cara meio desmaiado iria de assunto para assunto assim. Isso significa que ele está esquecendo as coisas que estão acontecendo.

“Eu falo durante” eu digo com naturalidade conforme o cubro como cobertor. “E sujo. E pau. E mesmo que seja impróprio e contra todas as regras, adoraria que você enterrasse o seu em mim tão duro que doesse. Sonho com você me fodendo como um animal três noites por semana e as outras quatro, transa comigo como se me possuísse.” Acaricio o cobertor.

“Nunca vou trabalhar de novo” ele murmura, metade dentro do seu mundo de sonho bêbado. Ele não falou nada sobre enterrar seu pau em mim. “Ninguém vai me querer se eu não aparecer. Tudo terá ido. Todos os rostos tristes.”

“Boa noite.” Ele sussurra uma resposta. Eu o beijo na testa.

Quando volto para colocar um copo de água e aspirina na cômoda, ele está desmaiado.



CAPÍTULO 20

Cara

Eu me levanto mais cedo e vou para a academia. Corro, escalo, faço abdominais e um pouco de bicicleta, mas nada faz com que as palavras de Brad saíam dos meus pensamentos.

Ele fantasiava sobre mim. Essa é a linha de fundo. Imagino a voz dele me dizendo o que quer fazer comigo e reproduzo isso mais e mais enquanto pedalo em uma massa de suor e músculos queimando. Nas telas acima, DMZ brilha com Brad no tapete vermelho com Nicole em seus braços.

Estavam adoráveis e Nicole nunca ficou fora até tarde. Blakely não está nas fotos. Eu chamaria toda a noite um sucesso se ele não tivesse aparecido na minha janela em um smoking molhado.

É o turno de Blakely até depois do jantar. Quando volto da academia, Brad está trabalhando com Paula na piscina, fazendo o que quer que seja a coisa que fazem. Nicole está sob os pés com seus brinquedos; o espaço debaixo da mesa é o seu próprio mundo único. Os pôneis estão entre os pés de Brad e Paula. Nicole faz um dos pôneis chutar uma bola e rola para fora da proteção da mesa. Ela vai pegá-la. Enquanto isso, com as costas da garota virada e seu pai recitando uma linha, Paula levanta a perna e silenciosamente tritura o estábulo de cavalo Lego sob seu salto, desalojando o pônei de pelúcia lilás que vive lá. Com um movimento de seu pé, ela joga para o outro lado da mesa.

Quando Nicole volta engasga em horror. Ela passou uma tonelada de tempo naquele estábulo.

“Silêncio” diz seu pai, distraído.

Nicole foi bem treinada em ficar quieta. De seus dias no armário do café, quando sua mãe não podia ter uma babá, sabia que tinha que ficar quieta quando um pai estava trabalhando, então ela fez.

Fico quieta também. Por agora.

Quando chego à casa da piscina, Blakely está encolhida no sofá com um iPad. Seu cabelo cortado curto e escuro.

“Seu cabelo” eu falo.

“Gostou? Pareço diferente, não é? Você me reconheceria?”

“Sim. E Paula é uma vadia” digo sem preâmbulos.

“Você quer dizer que a Srta. Fria Louca Vadia? Sim. Ela que se dane. Toda vez que Brad quer sua filha ao redor, ela olha para mim como se fosse minha culpa que tenho uma hora de folga.”

“Como foi a noite passada?” Pergunto.

“Chato. Fiquei com ela por uma hora e depois, na limusine pelas próximas duas horas esperando por ele para trazê-la de volta para fora.”

“Ela estava com medo das câmeras?”

“Um pouco. Não foi tão ruim.” Ela olha para o relógio. “Tenho que levá-la para ginástica às duas. Estou testando o cabelo. Ver se o cara na recepção acha que sou uma estranha.”

Somos interrompidas por uma batida na porta da frente.

“Quando você voltar, vamos trocar” falo, abrindo a porta. Brad está do outro lado com óculos aviador e uma camiseta branca. O dia anterior volta em uma inundação de hormônios formigando a pele. O chuveiro, as fantasias, andando com seu braço no meu ombro, o despindo.

“Vou levar Nicole” ele fala, sem uma saudação, então aponta para mim. “Você deveria vir.”

É o turno de Blakely, mas ela apenas dá de ombros.

“Ok” eu digo. “Deixe-me colocar meus sapatos.”



CAPÍTULO 21

Cara

Celebridades que vivem em Los Angeles dirigem mais frequentemente do que você pensa e fazem todo o resto menos do que você acha. Dirigir é um direito. Significa que você tem o controle. E Brad 'Eu Não Vi Nada' Sinclair está tentando provar que tem controle.

Nicole senta-se no banco traseiro. Tem um livro no colo e seu collant sob o vestido de verão.

Brad encosta-se no volante do Range Rover, braços tonificados e bronzeados, óculos de sol brilhando, parecendo insatisfeito e no comando. Está quente, mas da minha parte, ele precisa cobrir-se o tempo todo, a cada segundo do dia. Com uma lona. Porque a noite anterior retorna com força total. Começando com o sonho dele no chuveiro, imaginando sua pele contra a minha. A ereção na minha bunda. Seus lábios na parte de trás do meu pescoço... todo o caminho até às suas perguntas muito reais sobre como gosto de foder.

"Ontem..." Eu começo, mas não consigo terminar. Eu sabia o que queria dizer, mas o pensamento dele me observando congela minha língua.

"Sabe, com o vapor saindo daquele banheiro, pensei que o lugar estava em chamas."

A avenida Jefferson ao meio-dia está limpa e estaremos na academia em dez minutos.

"Sr. Sinclair. Sério?"

"Ah, é Sr. Sinclair agora? Escute. Eu não vi nada, madame."

"Preciso que você apenas não entre na casa de trás de novo" eu falo. "De onde venho, quando você vai à casa de alguém, você bate. Coloca os dedos juntos em um punho e..."

"De onde eu venho", ele começa com total sotaque do bom velho garoto "Nós não deixamos as portas destrancadas a menos que queiramos pessoas entrando."

Seu tom de sotaque Arkansas implica em uma educação superior com tradições polidas com o tempo.

“Bata de qualquer maneira.”

“Acredite em mim” ele fala, ligando a seta e mudando de faixa sem nenhuma razão aparente. “Nunca vou entrar naquela casa novamente sem um convite gravado.”

“Ok. Bom. Sem mais espiar.”

Então. Do que você se lembra?

“Não fui criado assim.”

“Você continua dizendo isso.”

“Quando eu disse isso?”

Ele contou isso na noite passada, na minha janela. Mas se não se lembra, eu não quero lembrá-lo. Nós atravessamos uma linha. Se desmaiou, então o que aconteceu na noite anterior era meu e só meu. Se ele se lembrasse, entre o chuveiro e as fantasias? Eu teria que me demitir.

“Alguma entrevista, eu acho. Você se divertiu noite passada?”

Ele sorri e faz um som *pfft*. “Claro. Depois que mandei Nicole para casa tive algumas bebidas e acordei no quarto de hóspedes.”

Ele se lembra da água e aspirina? Será que assumiu que Paula os deixou? Ou era apenas um copo vazio quando acordou?

“Papai contou piadas o tempo todo!” Nicole entra na conversa. Nós dois nos viramos. Ela salta seus pequenos dedos acesos. “Como... Pergunte-me se sou uma árvore!”

Eu obedeço, lembrando-me de manter isso limpo no banco da frente. “Você é uma árvore?”

“Não!” Ela ri. “O que é marrom e pegajoso?”

“Eu não sei.”

Ela e Brad respondem juntos: “Uma vara!”

Nicole está fora de si de tanto rir.

“De onde você é, afinal?” Brad me pergunta.

“De toda parte. Lugar nenhum.”

“Está tentando ficar misteriosa comigo?”

“Cresci em bases da força aérea. Habitação diplomata. Esse tipo de coisa. Não há realmente nenhum, ‘De onde sou os portões são trancados e as portas estão abertas’, porque isso mudava o tempo todo. Mas, principalmente, estivemos atrás de grandes paredes com guardas. Eu precisava de uma escolta em alguns lugares. Paquistão. Aquilo foi louco.”

Balanço minha cabeça e olho para fora da janela.

“Quão louco? Foi sequestrada?”

“Não. Usava um lenço de cabeça sempre que deixávamos a base porque queria me encaixar. Não havia Lycée, então não fui à escola. Tive esse sentimento de lugar nenhum. Eu acho que não soa muito louco.”

“Quantos anos você tinha?”

“Doze. Aposto que você estava fazendo algo completamente diferente quando tinha doze anos.”

Ele ri para si mesmo.

“Merda. Sim. Esse foi o meu primeiro verão trabalhando no depósito de madeira. Quente pra po... diabos. A serragem prendia em mim em todos os lugares. Toda noite eu tinha aquilo na minha bunda.”

Eu rio, mas é apenas para encobrir o fato de que estou imaginando sua linda bunda cheia de serragem. Nicole tem suas próprias razões para sorrir.

“Papai disse *bunda* de novo!”

“De novo?” Eu falo. Brad dá de ombros e Nicole apenas continua rindo. Pelo menos estão se dando bem.

Ele puxa para dentro do lote e estaciona.

“Vou levá-la” falo, abrindo a porta. “Você fique despercebido antes dos paparazzi encontrá-lo.”

“Cara” ele fala, tirando seus óculos escuros.

“Sim?”

“Isso não vai acontecer outra vez.”

A maneira como olha para mim, quer dizer isso. Cada palavra vem de um poço profundo de sinceridade e pesar.

“Eu sei” falo, lidando com o meu próprio arrependimento.

CAPÍTULO 22

Brad

Cara sai e desafivela Nicole. Viro-me para olhar para ela. É super bonita quando sorri. Se eu pudesse colher aquelas covinhas e vendê-las no mercado aberto, estaria mais rico do que já sou.

“Vire-se” ela diz. “preciso consertar esse cabelo. Quem fez essa trança?”

“Papai!”

“Estava perfeita quando saímos.” Eu me defendo no banco da frente.

Cara reorganiza os fios castanhos dispersos de Nicole e conecta grampos em um rabo de cavalo apertado.

“Vou me equilibrar sozinha.” Nicole diz, sacudindo seu cabelo para se certificar de que está direito. “Não vou ter medo.”

Um grampo escapa. Cara inclina-se para pega-lo. Posso ver embaixo de sua camisa e a maneira como seu corpo nu ficou no chuveiro volta para mim. Eu me viro para frente.

“Pule para baixo” Cara fala. Nicole salta para o chão e fecha a porta com as duas mãos. Tem que fazer tudo sozinha. A autossuficiência é da minha família ou de Brenda?

Não sei, mas quando minha filha vira-se e acena para mim, posso colocar dinheiro em onde ela conseguiu o sorriso.

Nem sequer conheci Brenda, realmente. Ela tinha um sorriso agradável. O tipo de sorriso para o qual quer olhar o tempo todo, porque era muito acolhedor. Quando os clientes entravam na loja, as meninas vinham até mim e todos os outros iam para Brenda. Tudo sobre ela era convidativo, mas o sorriso era mais do que tudo.

Veja, você se lembra dela.

Sim. Não há muito mais do que o sorriso embora. Eu nem sequer me lembro da nossa noite juntos. Ou noites. Pode ter havido mais de uma. Ela era de uma época, há muito tempo, quando eu precisava de um sorriso reconfortante.

Assisto a bunda de Cara balançar em sua calça jeans enquanto vai para as portas duplas de vidro com a mão de Nicole na dela. Ela é alguma coisa. Não o meu tipo. Muito séria. Muito mandona. É um filme de arte que teve uma renúncia do sindicato. Gosto de meninas chamativas. Limpas e produzidas. Maior do que a vida. Eu poderia trabalhar com elas rápido e passar para a próxima sem nunca pensar novamente.

Mas aquela cena do chuveiro. A boca aberta quando gozou. Eu não deveria ter visto, mas fiz. Andei direto para aquilo. Tive uns bons trinta segundos em que poderia ter me virado e ido para a outra sala, mas estava excitado como um garoto de treze anos de idade.

Que tipo de homem fica e assiste?

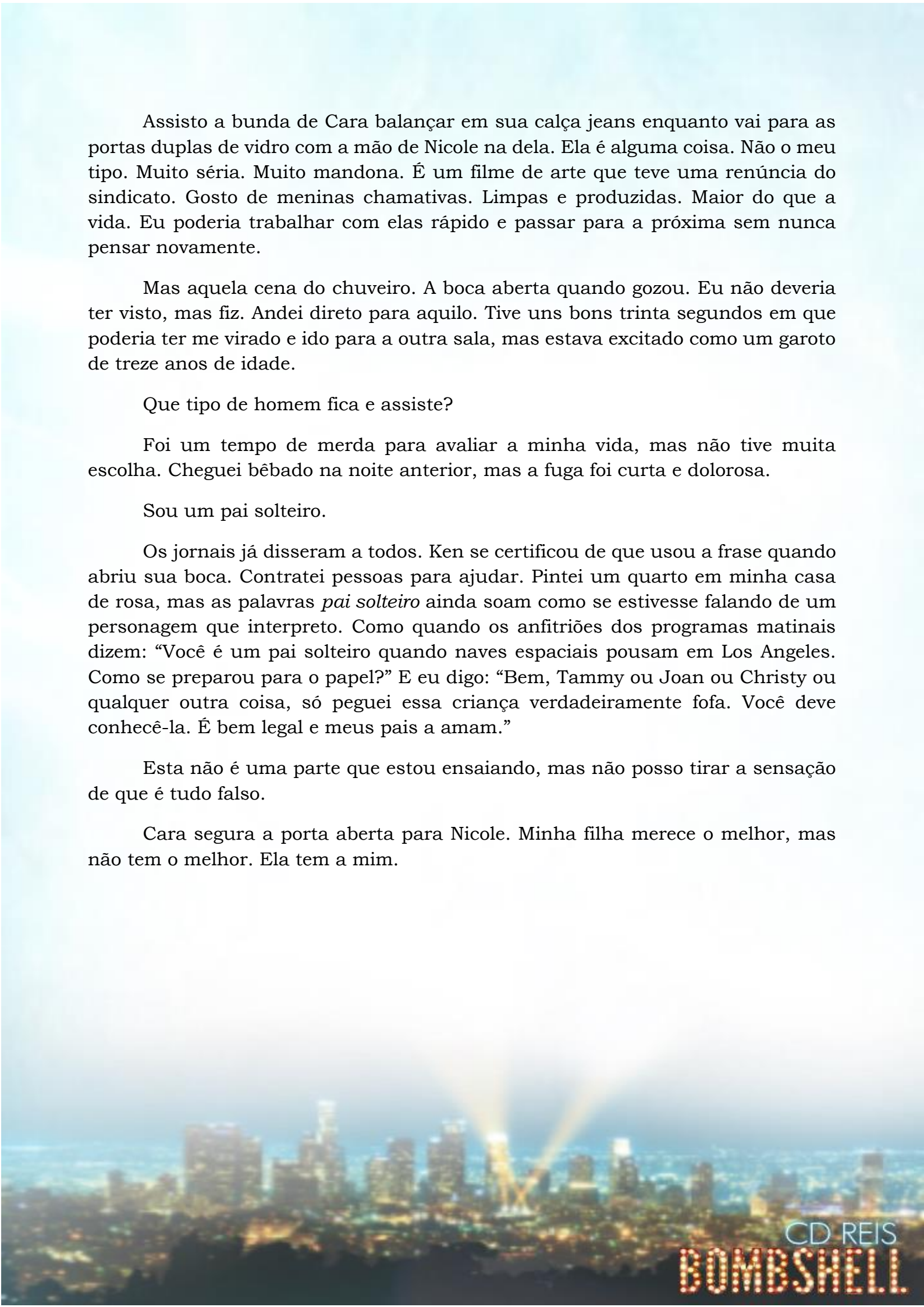
Foi um tempo de merda para avaliar a minha vida, mas não tive muita escolha. Cheguei bêbado na noite anterior, mas a fuga foi curta e dolorosa.

Sou um pai solteiro.

Os jornais já disseram a todos. Ken se certificou de que usou a frase quando abriu sua boca. Contratei pessoas para ajudar. Pintei um quarto em minha casa de rosa, mas as palavras *pai solteiro* ainda soam como se estivesse falando de um personagem que interpreto. Como quando os anfitriões dos programas matinais dizem: “Você é um pai solteiro quando naves espaciais pousam em Los Angeles. Como se preparou para o papel?” E eu digo: “Bem, Tammy ou Joan ou Christy ou qualquer outra coisa, só peguei essa criança verdadeiramente fofa. Você deve conhecê-la. É bem legal e meus pais a amam.”

Esta não é uma parte que estou ensaiando, mas não posso tirar a sensação de que é tudo falso.

Cara segura a porta aberta para Nicole. Minha filha merece o melhor, mas não tem o melhor. Ela tem a mim.



CAPÍTULO 23

Brad

Arnie gosta de ter um cigarro em sua boca quando joga sinuca embora o cinzeiro esteja bem ali.

Trouxe alguns caras do Arkansas comigo. Todos encontraram a sua própria vida ou o caminho para casa eventualmente. Não Arnie. Arnie é uma espécie de imbecil. E por "espécie" quero falar "completamente." Meu amigo Michael me perguntou por que o mantenho por perto. Ele diz coisas estúpidas, tem um senso de humor que desagrada às pessoas, zero ética de trabalho e uma pequena constelação de talentos. Sua corrente de ouro é tão pesada que faz vincos na pele de seu pescoço e usa óculos de sol dentro de casa porque gastou duzentos dólares neles.

É o imbecil que não tem nenhum lugar para onde ir. Ninguém mais deseja ser amigo dele. Lamento por ele. Na quinta série, deu a Ray Borden um olho roxo por me chamar de afeminado. Na oitava série, ele não disse a Maryann Jonas que era eu jogando pedras em sua janela naquela noite, embora o pai dela realmente tenha segurado seus pés no fogo. Ele me deixou copiar seus trabalhos de casa na maioria dos dias e corrigiu a ortografia em meus ensaios, nunca pedindo uma coisa em troca. A lista continua.

Então, talvez ele não seja um completo idiota. Talvez só tenha uma visão do mundo estreita e sem filtro.

É ótimo no bilhar. Geometria não foi a sua coisa no ensino médio, mas de alguma forma vinha para ele quando atirava a bola nove. Ele se mexe um pouco, alinhando, a curva do cordão de ouro ao longo da borda do taco.

"A babá vai embora, certo?" Arnie pergunta girando o taco através de seus dedos. Tenho certeza que ele tem toda a mesa já resolvida. "Então posso chegar junto, certo?" Ele olha para mim pela borda superior de seus envolventes óculos azuis.

"Nós vamos ver."

"Vamos." Ele faz sua tacada, afundando a oito no canto um.

Concordamos em um mês e o tempo acabou. Iria ser eu, Blakely e Nicole em breve. Além de alguma babá misteriosa pela qual a agência está procurando. Preciso de alguém que possa viajar.

"Poderia mantê-la" falo, passando giz no meu taco. "Se fizer isso, está afastado indefinidamente."

Digo isso como se fosse uma opção, mas Cara foi convicta que queria seguir em frente.

"Vamos, cara." Arnie circula a mesa, olhos as bolas, ainda em óculos de sol e com cigarro. "Se você não vai pegar aquele corpo, pelo menos me deixe fazer isso."

"Não e não."

Ele traga e coloca o cigarro entre dois dedos que estende para mim. "Apenas duas vezes. Quero ver como aqueles peitos balançam quando está levando por trás."

"Cale a fodida boca, Arnie."

"Então quero ver seu rosto com meu pau nele."

Quando eu tinha doze anos, Grady Markham fez uma piada sobre o rosto da minha irmã. Algo sobre como ficaria com os joelhos dela em cada lado dele.

Fiquei profundamente ofendido. Isso é o que disse ao xerife quando ele estava no escritório do diretor. "Profundamente ofendido." O que no sul significava "Tão fodidamente louco que não tive nenhum problema quebrando uma garrafa de refrigerante na mesa e cortando a bochecha de Grady."

Era a minha irmã. Ele estava insultando minha família.

Arnie dizendo merda sobre Cara não é nada disso, porque ela não é da família. Não, meus sentimentos não são fraternais, mas a raiva é a mesma. Arnie coloca todas as coisas que pensei sobre Cara nas palavras mais repugnantes e vergonhosas possíveis.

O que me faz vergonhoso.

E esta é a mulher que cuida da minha filha.

Então é família.

Mas não é.

Mas isso é tudo confuso e estou louco pra caralho.

Minha mão, a mão esquerda, estranhamente, considerando que sou destro, afasta os óculos azuis de Arnie. Eles voam, expondo os olhos cor de raposa de Arnie e os cílios finos.

"Porra? Mano?"

"Eu quero dizer isso. Essa é a babá da minha filha."

O que isso mesmo significa?

Foda-se. Não sei o que significa e não importa. Só tenho uma dívida com a raiva incandescente. Coloco meu dedo em seu rosto.

"Qualquer ser humano que cuida da minha filha está fora dos limites para balançar peito e foder rosto."

Muito bem, usando Nicole assim.

Arnie põe suas mãos para cima em defesa. Como um cara que pisou em um monte de cocô de cão de outra pessoa.

Talvez ele tenha. Quem sabe o que sinto não tem nada a ver com ele.

"Você sabe o que?" Ele fala. "Quer que eu o mantenha em minhas calças, contrate uma feia. Não fique balançando alguma cadela gostosona na minha cara e diga que não posso nem mesmo falar sobre tocar essa coisa."

"Coisa? Você se esquece de onde é?" Admito que falo com um pouco da minha voz treinada para fazer o ponto. "Nenhum garoto de Redfield fala assim. Sua mãe não te criou para chamar uma dama assim."

"Não me diga sobre casa. Quando foi a última vez que foi para casa? Buddy refez o bar e você nem sequer foi vê-lo. Tem sobrinhos e sobrinhas contando a todos os seus amigos do tio Brad famoso e aposto que nem mesmo sabe como eles se parecem. Levo-lhes presentes quando vou. Não." Ele abana seu dedo para mim. "Não me diga merda. Amo esta vida, tanto quanto você e ainda volto para casa."

Sabe como isso me atinge?

Atinge abaixo da cintura, exatamente onde Faye Sweeny me chutou na quinta série e eu desmaiei. Embora Arnie não seja Faye. Ela me enviou uma nota manuscrita pedindo desculpas. Arnie ataca outra vez.

"Buddy consertou Margie." *Slap*. Afunda a seis. "A formatura do ensino médio do seu sobrinho. Ele pode atuar, sabe? Maior talento em Redfield desde você." *Slap*. Afunda a um fora do sete. "E que tal levar sua filha?"

“Você sabe o quê, seu fodido? Senta aqui me dizendo o que fazer? Quer viver minha vida? Tenho um roteiro de trezentas páginas para memorizar e uma porra de uma criança. Claro, deixe-me tirar férias em Arkansas. Ótima ideia.”

Arnie joga suas mãos para cima. “Foda-se essa porcaria.” Ele dá um passo para longe e pega seus óculos, depois o aponta para mim como um professor da faculdade comunitária. “Sou seu amigo. Até você morrer, eu sou seu amigo. Com ou sem a casa. Não gosto de pessoas de fora e gosto da vida aqui. Mas tem que cuidar do que é seu.”

Foda-se ele. Não posso ir para casa. Não tenho muito tempo antes que esteja filmando em locações na Ásia e não é somente deixar um filme em pré-produção. Não é o dinheiro. Não o meu dinheiro, pelo menos. Centenas de pessoas planejaram a filmagem e sem o ator principal ninguém tem emprego.

Eu me pergunto se tenho tempo para falar com meu sobrinho sobre atuar.

Será que tenho tempo para voltar? Se o impulso empurrar, eu poderia visitar? Levar Cara e Nicole?

Não quero voltar. Não desejo ver a rua em que cresci, porque ainda está fodida. Meus pais não se mudaram. Reformaram a casa deles e minha irmã apenas fez a eles casas agradáveis em uma cidade que é como uma prisão.

E sou diferente agora. Partir foi desaprovado. Claro, meu amigo Buddy estava feliz por mim, mas ia me dar merda se eu pensasse que sou melhor do que ele. Se casou com sua namorada de dezoito anos de idade, quando a engravidou e aqui estou eu, com uma criança secreta. Menino festeiro. Da Califórnia. Derrubado do céu.

Desde quando você se importa o que ele pensa?

Não me importo e nunca o julguei, nem ninguém.

Eu deveria levar Nicole primeiro. Eu não ligo para o que eles pensam, mas achariam que perdi minhas maneiras. E todos iriam me chatear porque engravidei uma garota. Como Buddy fez. Como meu pai fez.

Eles me perdoariam porque sou como eles. Não importa o que eu diga, o pensamento me incomoda. Trabalhei muito duro para ser melhor. Fazer melhor. Fazer mais de mim.

E não me incomodo com o que eles pensam, mas agora eu me importo.

Não poderia ignorar isso. Estou ficando tenso. Odeio ficar nervoso.

“O que está em seu cérebro estragado, Brad?” Arnie pergunta depois de errar a sete. Levei muito tempo para pensar nisso.

“Esqueci seu aniversário” digo.

“É amanhã.”

Eu me debruço para dar a tacada.

“Festa, então. Bem aqui.” Afundo a sete. “Mas jure, Arnie. Mantenha as mãos fora da babá.”

“Por minha honra, cara.”

Quase rio alto.

A voz de Nicole vem da cozinha enquanto corre para a sala de bilhar.

“Papai!” Ela fala a palavra como uma exigência, os dois pés plantados. Tem uma canetinha azul aberta em uma mão como se estivesse no meio do desenho.

“Sim, querida?”

“A Srta. Blakely diz que fomos convidados para Sam e Bonnie?”

Leva um segundo para me lembrar que Sam e Bonnie são dois dos filhos de Mike e Laine.

“Se ela disse.”

“Desejo usar o maiô com a flor bem aqui.” Ela aponta para seu pescoço, ganhando um ponto azul em seu queixo. Arnie ri e se inclina sobre a mesa. Coloco o taco para baixo.

“Posso pegar?” Estendo minha mão para a canetinha. Ela torce todo o seu corpo para mantê-la longe de mim. “Nicole. Canetinha não sai. Dê-me isto.”

Ela aperta o lábios e levanta o queixo como uma arma. Ela conseguiu esse orgulho teimoso do meu lado ou de Brenda? Nunca vou saber.

“Precisa de ajuda?” Blakely pergunta da porta, alcançando a canetinha. “Se pegá-la, agarro a canetinha.”

Estico minha mão para pará-la. “Eu cuido disso.” Lançando minha mão ao redor, eu a coloco na minha filha. “A caneta. Se quiser usar o maiô com a flor aqui.” Cutuco onde ela deixou o ponto azul. Ela suaviza um pouco, mas não muito.

“A Srta. Cara e a Srta. Blakely esconderam.”

Blakely interrompe. “É um tamanho oito. Parece um saco de compras nela.”

“Eu cresci!” Ela atira de volta para sua babá antes de se virar para mim e segura a mão dela tão longe quanto consegue ir, a canetinha encravada entre seu polegar e o indicador. “Estou tão grande. Muito grande.”

Atrás de mim, ouço bolas batendo e o som oco de uma delas afundando. Perco o interesse no jogo e em Arnie. Só quero ver o quão grande é esse maiô.

“Ok, menina grande. Dê-me a canetinha e vamos dar uma olhada no maiô.”

“Prometa com o mindinho que posso usá-lo.”

Seguro meu dedo mindinho para fora e Nicole une o dela sobre o meu. Quão ruim poderia ser?

Ela me passa a canetinha e a entrego para Blakely.

“Bom trabalho negociando o refém, senhor” ela fala, colocando a tampa.

Pisco para ela e levo Nicole para seu quarto. Vou para sua penteadeira, mas Cara e Blakely são péssimas em esconder coisas, porque Nicole sabe exatamente onde o maiô está. Ela arrasta-se debaixo da cama e tira uma sacola azul de zíper com uma alça.

“Está aqui dentro.” Puxando o zíper, abre a aba. Reconheço todas as coisas que meus pais compraram antes de conhecê-la e descobrir seu tamanho. Muito grande. Muito pequeno. Cor errada. Desenho errado.

Ajoelhando ao lado da sacola, ela enfia uma mão dentro, mexe e traz uma única peça rosa, branca e azul com uma flor tridimensional no pescoço.

“Este. Vê a flor? Desejo este. Não é muito grande.”

Eu o seguro para cima.

“É fo..” Eu me paro. “É enorme.”

“Não é.” Ela estala e levanta para que possa colocá-lo contra o corpo. Os buracos das pernas estão a meio caminho até os joelhos. Olho mais atentamente. Isso não esteve nas coisas que meus pais compraram. Eu lembraria.

“Onde conseguiu isso?” Pergunto.

“Mamãe comprou para mim na liquidação. Disse que eu poderia usá-lo.”

Nicole não veio com muito. Uma bolsa de plástico com Pônei Pie e algumas roupas. Eu nunca fiz um inventario do que estava na bolsa, mas nesse ponto, a

deixaria usar um sapato masculino tamanho 42 se saísse dessa bolsa. Era tudo o que tinha e não ia negar-lhe um único item.

"Bem, se sua mãe pensa que está tudo bem, acho que vamos descobrir."

Ela bate palmas e pula para cima e para baixo, então atira-se contra mim, apertando o máximo possível.

"Mamãe disse que eu tinha um bom papai! Ela disse isso e sabia e eu também!"

"Oh, ela fez?" Sento na cama, pronto para ouvir mais.

"Ela fez!" Ela coloca suas mãos no meu rosto e pressiona. "Falou que você era agradável."

A pior palavra no idioma Inglês. Não me lembro se Brenda era sutil o suficiente para saber que agradável poderia ser um elogio ou um insulto. Não me lembro de nada sobre ela, além de seu sorriso.

"O que mais ela disse sobre o papai?"

"Que morava longe e era o mais bonito."

Pequenas mentiras inofensivas. Certo? Mas dentro delas, me pergunto se Brenda pensou que eu era incapaz de criar Nicole e não queria nada comigo porque não era estável o bastante. Ela estaria certa. Estava certa sobre um monte e ainda, eu não a conhecia.

Eu poderia ter dito algumas dezenas de coisas que Nicole não está pronta para ouvir. Que muito mudou desde que estive com sua mãe. Que poderia ter ido por ela, eventualmente. Que não sou realmente agradável. De jeito nenhum, mas poderia ser se tentasse.

"Estou feliz que te conheci" falo. E é verdade. Estou contente que consigo estar aqui para ela. Não serei metade do pai que sua mãe foi, mas pelo menos poderia comprar seus trajes de banho que cabem, mesmo se ela não use. Isso tem que valer alguma coisa.

"Você também, papai. Podemos experimentar? O maiô! Vamos tentar experimentá-lo!"

Ela corre para o banheiro para experimentar o enorme maiô que sua mãe prometeu que ela poderia vestir.

CAPÍTULO 24

Cara

"Nós tínhamos uma piscina" Nicole diz para o salva-vidas. "No número trinta e quatro!" Trinta e quatro aparentemente é o número de seu antigo apartamento. Ela usa um maiô rosa, branco e azul com um aplique de flor no pescoço. Ela e seu pai insistiram que cabia. O maiô não cabe. Blakely e eu improvisamos um cinto elástico de outra roupa, alguns alfinetes de segurança e shorts de nadar apertados em algo estranho, mas funcional.

"Minha mãe me ensinou. Olhe!" Ela salta, mexe debaixo d'água enquanto seguro minha respiração e aparece, nadando cachorrinho até a borda. O salva-vidas me dá o polegar para cima, mas fico na água para assistir de qualquer maneira.

Blakely e eu estamos no Greydons em um dia de recreação.

"Sua mãe realmente estava no topo disso" Blakely fala.

"Sim. Como a Super Mulher. Sabia que ela a levava para trabalhar?"

"No Coffee Chain?"

"Nicole ficava nos armários quando sua mãe não conseguia uma babá. Honestamente, sua mãe pensou que Brad fosse o pior dos piores. O que é totalmente injusto, se me perguntar. Ele é legal."

Blakely tira as meias e coloca seus pés na piscina. Atrás dela, Michael e Laine Greydon sentam-se na mesa do pátio com outro casal.

"Não é por nada." Blakely estica suas pernas. "Mas você está se apaixonando."

"Ela é uma boa garota, é tudo." Eu me afasto das crianças para deixá-las se divertir. "Faz as perguntas mais maravilhosas e..."

"Não estou falando sobre a garota" Blakely diz suavemente. "Isso era esperado. Você é impotente contra crianças. É sobre Brad Sinclair."

Estar na mesma casa com aquele o homem está ficando difícil. Ele constantemente contorna Paula para sentar-se com Nicole e comigo. Tem uma

forma de se mover que me faz pensar em sexo. Sua rotina de bom e velho garoto sugere um conjunto de valores fundamentais com os quais posso me relacionar, mesmo que ele não vivesse esses valores, poderia quase, às vezes, em lascas de momentos... mais ou menos... ver isso.

Ao menos estou realizando isso na minha cabeça.

"Ele é atraente." Não olho para ela. Ela saberia que estou mentindo. "Qualquer mulher na América irá te dizer isso."

Minhas negativas parecem ocas. Se não consigo me convencer de que não estou atraída por meu chefe, não irei convencer Blakely. Uma vez que ela ouviu falar sobre o chuveiro (*Oh meu Deus, isso é tão brega*) ou despi-lo enquanto me perguntava como gosto de foder (*Oh meu Deus, isso é tão quente*), desisti e contei a ela sobre os sonhos e fantasias matinais (*Oh meu Deus, você está envolvida*) e ela decidiu que algo estava para acontecer entre nós, não importa o quanto eu negasse.

"Só não acabe na capa de um tabloide." Ela chuta um pouco de água. "Não por foder o seu chefe. É horrível. Realmente horrível."

"Sou uma profissional" falo, falando muito tarde. "Me desculpe, não quis dizer que você não é."

"Não, você quis. Eu não sou. Me sentei na limusine noite passada pensando. Quero ser uma atriz. Fui sugada para este mundo, porque o dinheiro é bom. Mas não posso mais fazer isso."

Eu me levanto no degrau.

"O que você quer dizer?"

"Acho que tenho que sair."

Não sei por que estou surpresa. Talvez fosse a hora e o lugar, ou o fato de que ela está me contando e não a Paula. Talvez fosse o fato de que ela não está pensando, ou esperando uma chamada de retorno, ou até mesmo uma reunião.

"Você tem certeza?"

"Não... sim... não?" Ela se encolhe como se pensasse que vou ficar louca. "Sei que saiu do seu caminho para me dar esse emprego e aprecio isso. Mas economizei o suficiente para ter algumas coisas realizadas. Apenas o bastante para parecer diferente. Agora tenho que ir fazer isso."

"Este é o plano que tem? É loucura. Totalmente louco."

"Estou em uma situação louca."

“Está se desfigurando.”

“Cara. Não seja assim. Nunca quis nada tanto que faria qualquer coisa para conseguir? Alguma vez?”

“Você deve deixar seus lábios em paz. Tem ótimos lábios. Eu mataria por eles.”

“Ótimo. Sem mexer nos lábios.”

Tenho a sensação de ser deixada para trás. Estou prestes a me tornar o que minha amiga Blakely “costumava ser” antes de “perceber que queria mais da vida.”

É errado que isso é tudo que desejo? Cuidar das crianças é divertido. Eu gosto. Adoro Nicole e seu pai, mesmo que ele seja o declive mais escorregadio que já tentei subir.

“Sinto muito” ela fala. “Eu preciso mudar. Muito.”

“Não sinta.” Estou sentada no parapeito ao lado dela. “Sou uma menina grande.”

Eu não poderia estar com raiva. Não exteriormente. Não posso culpá-la ou exigir mais do que ela pode dar.

“Quando vai dizer a Paula?” Pergunto.

“Quando tiver certeza. Quem sabe o que ela vai fazer.”

“Não confio nela.”

“Se ela chamar Nicole de Bombshell mais uma vez, vou quebrar a cara dela.”

“Blakely, agora...” Eu a advirto, mas meio que concordo.

“De uma maneira agradável.”

“Senhorita Cara! Senhorita Blakely! Vejam!”

Nicole está sentada ao lado da piscina. Ela dobra os joelhos e mergulha com mãos primeiro. Bato palmas para ela.

Aquela menina faz tudo isso valer a pena. Não sei se poderia deixá-la. Não se Blakely está saindo. E não sei se posso ficar.



CAPÍTULO 25

Cara

Nós seguimos para cima na rua privada de Brad nas colinas. Os carros bloqueando o caminho me irritam mais do que deveriam e a música que vem da parte de trás pode ter parecido mais alta e mais abrasiva do que teria se Blakely não tivesse apenas me dito que estava saindo.

“Paula disse festa” eu falo. “Mas isso é doideira.”

“Não é nada. Vamos. Já viu isso antes.”

Eu vi. Um milhão de vezes. O que me surpreende é o meu próprio desapontamento. Pensei que, com base em pequenos gestos e esforços, ele estava tentando. Obviamente, estou errada.

O rosto do segurança se aproxima da minha janela aberta.

“Posso ver sua identidade?” Ele pergunta. Estou pronta para ficar nervosa e sua exigência apenas ajuda.

“Como trabalha para Brad Sinclair e não sabe quem somos?”

Blakely se inclina sobre mim. “Ignore-a. Aqui está a minha licença. E esta é Nicole Sinclair na parte de trás.” Ela se vira para o banco de trás. “Diga ‘oi’, Nicole.”

Nicole levanta Pony Pie e acena. “Oi!”

Uma Maserati para logo atrás de mim, mas o guarda não se move. Olha para a carteira de Blakely, então para ela. Ele folheia sua prancheta, enquanto ela tenta segurar um sorriso.

“Esperem.” Ele vai para a cabine.

“É o cabelo”, ela fala.

“Talvez você não precise de cirurgia plástica.”

“Ou ele só vai tornar isso muito mais fácil.”

O guarda verifica Nicole contra uma foto em uma prancheta diferente, então a mim e Blakely antes dele nos deixar entrar.

Respiração profunda.

Respiro profundamente saindo do carro, tirando minha bolsa, trancando a porta. Isso não está ajudando. Não entendo por que estou nervosa.

“Vou levar Nicole para dentro” Blakely fala, levantando o saco de natação da menina. “Então tenho uma audição. Vou ficar fora hoje à noite.”

“Tudo certo. Vou te encontrar.”

Vou pela entrada lateral, toda a pretensão de calma quebra completamente pelo som de grunhidos por trás da cerca que separa os espaços de estacionamento da entrada de serviço.

“Cadela! Solte!”

Corro ao redor da cobertura.

Duas pessoas. Uma mulher em uma saia prata fosca e cabelo cor de vinho. Um homem em jeans skinny e camiseta branca apertada. Ambos envolvidos em uma batalha épica.

A mulher, que percebo ser uma jovem, conforme corro na unidade de serviço, tem o cabelo do cara em um aperto de morte. Ela rosna como se a única parte do seu cérebro que está funcionando é na parte de trás da cabeça, onde os lagartos vivem.

Fico entre eles. Ela solta, mas só depois de torcer seu corpo tão forte que ele cai contra a parede. Ele tem quatro longos arranhões no rosto.

“Ela está fodidamente louca!” Ele grita.

Eu me viro para a menina.

“Willow?”

Ela é menor de idade. Sei disso com certeza. Para não mencionar sem fôlego. Corada. Manchada de batom.

“Senhorita Cara?”

“Abotoe sua camisa.”

Eu olho para o cara. Ele puxa uma moita de cabelo sangrento para fora de seu couro cabeludo.

“De maneira nenhuma você confundiu esta pessoa com alguém de dezoito anos.”

“Eu a confundi com uma mulher. Porra. Olha o que ela fez!”

Pego meu telefone. “Você está certo. Vamos deixar que a polícia resolva isso.”

Ele corre como se sua bunda estivesse em chamas. Quando me viro, Willow abotoou sua camisa. Pego seu queixo na minha mão.

“Olhe para mim.” Ela faz e em meio a lágrimas, vejo pupilas largas. “O que você usou?”

“Só um pouco de ecstasy?”

“O fato que acha que usar um pouco e usar muito faz alguma diferença fala muito.” Solto seu queixo.

“Não diga ao papai” ela soluça.

“São cinco horas em ponto. Quem deveria estar cuidando de você?”

“Estou no ensino médio. Não preciso de ninguém cuidando de mim.”

Passei a maior parte da minha carreira cuidando de crianças muito menores, mas compreendo tudo sobre falsa lógica adolescente.

“Não posso sequer começar a responder a isso. Venha comigo.”

“Eu não preciso.”

Ela está fazendo um último esforço para manter a sua autonomia e ficar fora de problemas. Felizmente para ela, não estou impressionada com a forma como ela lidou com qualquer um. Pego a bolsa prata que caiu contra a parede. Abro. Verifico o telefone e o fecho. Sem dúvida nenhum adolescente de LA ia a qualquer lugar sem seu telefone.

“Willow” eu digo. “Você é uma menina inteligente e engraçada com um futuro brilhante. Esse cara precisa estar na cadeia. Ele estava errado. Mas esta é uma festa adulta e você não pertence aqui.”

Ando para frente, sabendo que ela irá me seguir. Mas ela não o faz. Não imediatamente. Ela grita atrás de mim.

“Você nos deixou!” Ela berra.

Eu não me viro, mas paro.

“Num minuto estava lá e no outro papai tinha aquela velha senhora cozinhando e Kendall está tentando ser minha amiga e compartilhando dicas de maquiagem.” Ela corre até mim e fica em frente, onde posso ver as veias de rímel

por suas bochechas. “E o nosso almoço de quarta-feira? Já pensou alguma vez? Hã? Porque tenho pensado sobre isso por três quartas-feiras e você nem sequer me ligou.”

“Esta é a droga falando.”

“Oh, besteira. Você é uma mentirosa de merda.”

Tomo uma respiração profunda. Sou a adulta e não serei tentada.

“Não seria apropriado fazer planos com você. Desculpe-me por isso. Mas sinto sua falta também, Willow. Desde que fui demitida senti falta de vocês.”

Os músculos do seu rosto ficam frouxos e seu queixo cai o suficiente para deixar seus lábios entreabertos.

“Demitida?”

“Você achou que eu pedi demissão?”

Ela olha para longe, como se assistindo ao filme das últimas semanas na tela grande em sua cabeça.

“Eles disseram que você partiu.”

“Isso não importa. Venha comigo.”

Ela vem, de repente, novamente uma criança dócil, obediente e vestida espalhafatosamente.

Encontro um segurança. Ele chega perto. Coloco um sorriso no meu rosto e lhe dou a bolsa de Willow. “Pode se certificar que essa mocinha chegue em casa?”

Willow não fala uma palavra para mim enquanto é levada para longe. Há uma boa chance de seu motorista estar esperando na parte inferior da colina. Ela vai chegar em casa bem. Vou ter que chamar Ray e dizer-lhe o que aconteceu. Temo isso. Falar com ele e deixar Willow em apuros. Mas ela ainda é uma criança. Não tem nenhum direito e agradeço a Deus por isso. Ela não está pronta para eles.

Agora, preciso para lidar com o outro adolescente na minha vida. Este tem sua própria casa e uma nova filha e é meu chefe.



CAPÍTULO 26

Brad

"Não quero ninguém nesta parte da casa. Está fora dos limites. Se encontrar alguém, além da minha filha ou suas babás aqui..." Paula e o segurança esperam que eu termine. Eu consegui o maior, mais assustador guarda para ficar no hall do quarto de Nicole.

"Eu cuido disso" ele fala. "Sem problemas."

As pessoas começam a chegar. Música começa a tocar e o sinto que vou me arrepender disso.

"A Bombshell e as babás estão retornando" Paula fala quando chegamos à cozinha. Ela está vazia. Um desenho preso na geladeira. Eu, Nicole e Cara. Blakely está um pouco para o lado. Nicole escreveu todos os nomes no topo. Estou tão feliz que ela consegue escrevê-los que quase enquadrei a coisa.

"Quem está de serviço esta noite?" Sei que Cara está porque conto os dias, mas às vezes trocam.

"A de cabelos escuros. Vai ficar tudo bem. Não preocupe sua cabeça com isso. Tenho tudo sob controle."

"Obrigado, Paula. Significa muito fazer esta festa para Arnie. Eu não poderia fazer isso sem você."

Ela cora um pouco. Às vezes acho que ela ainda é afim de mim e às vezes acho que deveria dizer a ela que não vai acontecer. Mas não posso me dar ao luxo de perdê-la. Correr o risco de estar certo e envergonhá-la ou estar errado e ofendê-la para ir embora.

"Só se divirta hoje à noite." Ela acaricia meu peito. Ela é do Sul. Nós tocamos um ao outro. Não pensei nada disso até esta noite, quando seus dedos demoram um pouco demais.

"Vou tentar."

O roteiro está no balcão. Almejei tanto a *Irmandade Bangkok* um ano atrás quando fiz o teste para ele. Apenas queria. Não houve quaisquer consequências ruins para consegui-lo. Apenas positivas. Agora tenho uma filha e um cronograma

a cumprir. Tenho que estar na Tailândia preparado ou, como Ken gosta de me lembrar, nunca trabalharia novamente.

Coloco o roteiro na gaveta de talheres e a fecho.

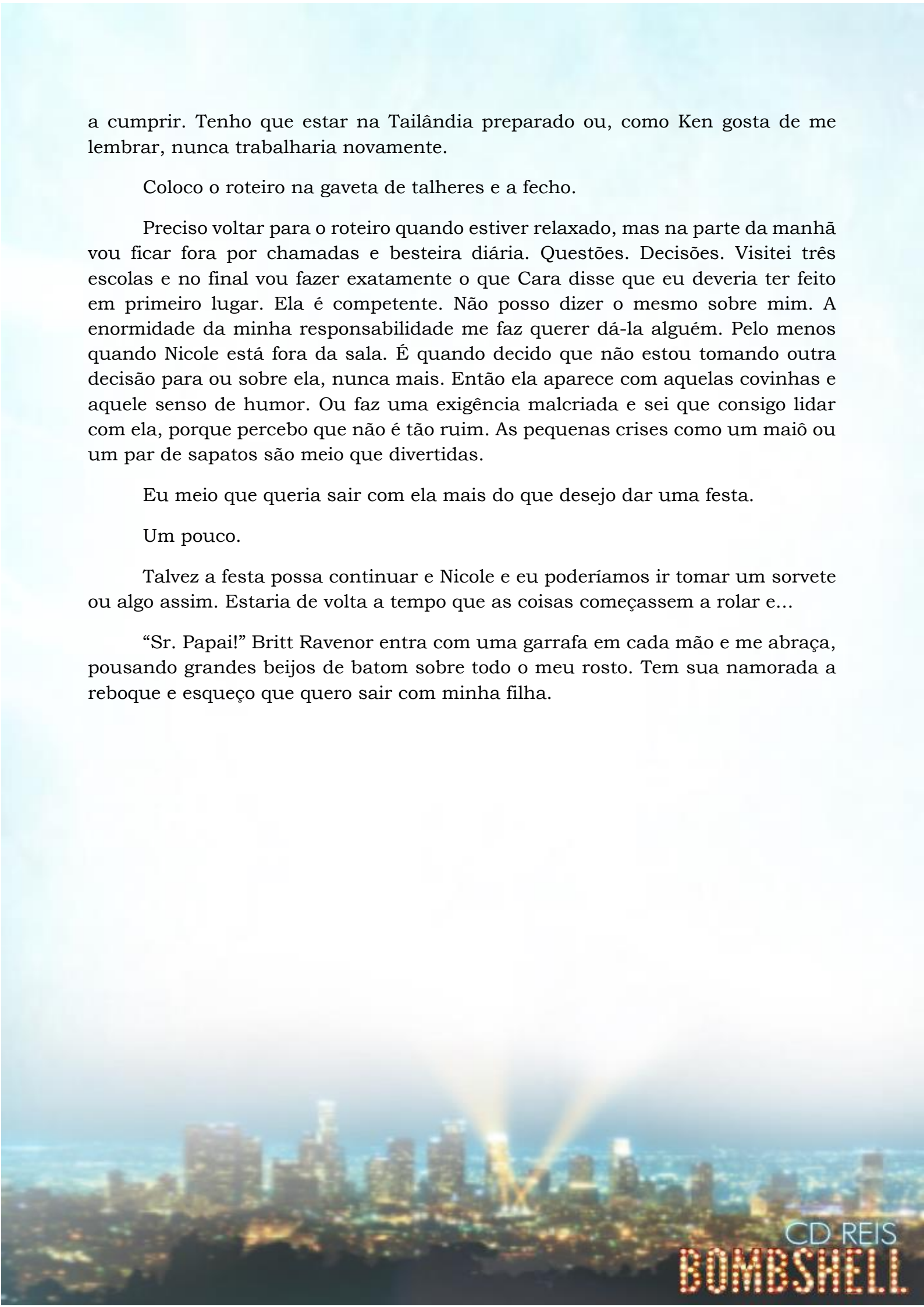
Preciso voltar para o roteiro quando estiver relaxado, mas na parte da manhã vou ficar fora por chamadas e besteira diária. Questões. Decisões. Visitei três escolas e no final vou fazer exatamente o que Cara disse que eu deveria ter feito em primeiro lugar. Ela é competente. Não posso dizer o mesmo sobre mim. A enormidade da minha responsabilidade me faz querer dá-la alguém. Pelo menos quando Nicole está fora da sala. É quando decido que não estou tomando outra decisão para ou sobre ela, nunca mais. Então ela aparece com aquelas covinhas e aquele senso de humor. Ou faz uma exigência malcriada e sei que consigo lidar com ela, porque percebo que não é tão ruim. As pequenas crises como um maiô ou um par de sapatos são meio que divertidas.

Eu meio que queria sair com ela mais do que desejo dar uma festa.

Um pouco.

Talvez a festa possa continuar e Nicole e eu poderíamos ir tomar um sorvete ou algo assim. Estaria de volta a tempo que as coisas começassem a rolar e...

"Sr. Papai!" Britt Ravenor entra com uma garrafa em cada mão e me abraça, pousando grandes beijos de batom sobre todo o meu rosto. Tem sua namorada a reboque e esqueço que quero sair com minha filha.



CAPÍTULO 27

Cara

Não é incomum para um ator top ou queridinho do estúdio ter uma equipe constantemente se movendo dentro, fora e sobre a casa. Governantas, assistentes, cozinheiros, babás e segurança se movem livremente durante horas atribuídas. Mas a festa na qual entro é além do que já vi antes. Pessoas demais na casa. Biquínis demais. Mamilos demais. Bebidas demais. O que diabos ele estava pensando? A música está tocando na casa inteira.

Nicole e eu nos distraímos por um tempo construindo torres de blocos e derrubando-os. Montando um quebra-cabeça. Brincando de princesas. Dou um banho nela e a coloco na cama. Felizmente, o mergulho a esgotou. A festa se tornou um ruído surdo. Não noto o poder dela até que chego à parte principal da casa. Até então, estou em brasa, examinando as risadas e rostos bonitos procurando por Brad.

Perda de tempo. O homem tem o seu próprio campo magnético. Ele está falando com alguma jovem deslumbrante com o pé descalço na mesa de café. Todo sorrisos e charme, pernas expostas e mão bronzeada sobre uma cerveja. Óculos de sol no topo da sua cabeça.

“Sinclair!”

Não poderia ter gritado mais alto, mas ele mal me reconhece até que estou a sessenta centímetros de distância. Então ele olha.

“Sim?”

“O que está fazendo?”

A jovem impressionante me olha de cima a baixo com um sorriso de escárnio desmascarado. Que desperdício de um rosto bonito.

“Dando uma festa de aniversário.” Ele dá de ombros.

Fui dispensada.

Não tenho o direito de fazer o que faço em seguida. Sou uma empregada. Não a mãe de sua filha, nem a chefe da criadagem. Não sou ninguém. Infinitamente substituível. Exatamente nada. Afirmar a minha opinião sobre ele, sua ação, sua

atitude é tão longe das minhas obrigações contratuais que espero ser jogada para fora assim que termino.

Eu o empurro. Literalmente.

"Você é um idiota." Tem um momento em que poderia ter pausado, ou fugido, ou me acalmado. Mas ele parece tão arrasado, vejo uma abertura e na minha ira vou direito nisso. "Deveria ter dado ela para adoção, se é isso que vai fazer. Porque já vi isso ir para baixo antes. Eu vi como acontece. Faz isso o normal para ela e vai cheirar cocaína no ensino médio. Em Malibu. Com um motorista e uma bolsa prada, sim, tudo isso. E não vai saber onde ela termina e os paparazzi começam. Vai ser um alvo para os meios de comunicação a menos que a proteja. Você é o único entre ela e..." E o que? Ser apalpada por um cara mais velho atrás da cerca? "Olhe para você! *Olhe para você*!"

Eu posso ter dito isso mais dez vezes.

Ganhamos uma plateia e embora a música não tenha parado, toda a conversa sim. Paula se coloca entre nós, de frente para mim e estende seus braços.

"Nós todos vamos tomar uma respiração profunda e..."

"Quer olhar para mim?" Brad grita passando Paula quando bate com a cerveja na mesa de café.

"Olhe como está agindo!" Eu me debruço em torno de Paula, mesmo quando ela se mexe para me bloquear. "Tem uma filha no outro quarto."

Ele desabotoa sua calça. Quando todos engasgam, ela se vira e o vê por cima do ombro.

"Bradley!" Paula repreende. "Não..."

"Dê uma boa olhada!"

Ele gira e deixa cair sua cueca, me expondo com sua bunda perfeita.

A sala fica em ruidosas gargalhadas, vaias e gritos. Os telefones com câmera estão gravando. Brad a balança para mim. Não estou mais com raiva. Estou humilhada. Completamente intimidada.

Paula faz um show cobrindo seus olhos. "Oh meu bom Senhor Jesus o que você está..."

Pela terceira vez, ela não é autorizada a completar uma frase.

"Papai! Sua bunda está para fora!" Nicole grita em seu pijama. Ela, obviamente, não estava tão exausta quanto eu pensava.

Talvez eu tenha ficado com raiva de novo. Talvez encontrasse uma maneira de ficar e protegê-la. Talvez meu coração suavizasse mais dez graus, se um dos fornecedores não segurasse uma bandeja com copos. Ele não esperava uma criança de cinco anos de idade, parada em seu pijama e pés descalços. Só tentou se esquivar de uma cadeira e tropeçou em Nicole.

Por um segundo, o tempo para.

O garçom mantém a bandeja no alto, mantendo seus pés debaixo dela, mas o peso além da dinâmica, mais o prato molhado escorregadio resulta em um acidente de parar o show.

Nicole está no centro de um campo minado de gelo derretendo e cacos de vidro.

"Não se mova!" Brad grita.

"Tire-a daqui!" Paula aponta para mim com uma mão e Nicole com a outra.

Antes que eu possa dizer a Paula que nada me faria mais feliz, Nicole derrete em altos soluços e grunhidos.

Brad nas pontas dos pés atravessa o vidro a levanta em segurança. A equipe chega a confusão com toalhas.

Quando ele se vira, estamos cara a cara, Nicole chorando em seu ombro. A música aumenta. A conversa volta e ele e eu ainda estamos nos observando, não falando.

Não com palavras, pelo menos.

Sua raiva ainda está por todo seu rosto, mas isso vela outra coisa. Algo mais profundo. Arrependimento? Compreensão?

Ele apenas te expôs para fazer um ponto.

"Vou embalar minhas coisas" eu falo.

Ele não responde e embora eu devesse apenas sair e fazer o que disse que ia, ele me segura firme com seu olhar.

"Seu currículo diz que você tem um certificado de primeiros socorros."

"E daí?"

Ele olha para baixo. Olho para baixo. Uma poça de sangue se espalha sob seu pé.

“Você está uma bagunça” digo.

“Pode corrigi-lo, doutora?”

“Só se prometer não me mostrar sua bunda novamente.”

“Não posso prometer isso, desculpe. Só vou ter que contar com a bondade em seu coração.”

Eu deveria ter educadamente recusado, porque não posso estar nesta casa mais um minuto. Mas o que é isso sobre erros? Por que são tão pegajosos? Eles rolam junto, pegando outros erros, crescendo como uma bola de incontroláveis maus hábitos em um declive cada vez mais íngreme. Uma dúzia de pessoas não olharia para seu pé, mas eu tinha que fazê-lo porque ele desafiou minha generosidade.

“Apoie-se em mim” falo, prestes a entrar em meu milionésimo erro. “Coloquei o kit no banheiro de Nicole.”

Ele coloca seu braço em volta do meu ombro, enquanto seu outro braço segura sua filha. Ele cheira a cloro de piscina e álcool, inclinando-se sobre mim para pular ao banheiro conforme bate punhos com seus amigos, prometendo voltar para bons momentos. Quando chegamos à parte privada da casa, sua mão segura meu ombro, em vez de a tirar. Como as ondas da praia, os sonhos infiltram em minha imaginação. A mesa de bilhar. Suas mãos em mim. A forma como gozei quando ele entrou em mim.

Lembra-se da parte em que ele puxou a calça para baixo como uma criança?

Eu lembro. E isso é um sintoma de ser uma mulher heterossexual em idade fértil que não tem sexo ou atenção masculina há muito tempo. Mas sua mão parece boa no meu ombro e depois de gritar com ele na frente de uma sala cheia de pessoas, preciso me sentir bem.



CAPÍTULO 28

Brad

O banheiro de Nicole parece uma cena de crime sangrenta e Cara é a porra de uma criminosa sádica. Eu me sento na cadeira roxa de tamanho infantil. Cara senta no banquinho rosa e verde de plástico que temos ao lado da pia para minha filha poder alcançar a torneira. Meu pé descansa em seu colo quando ela cava uma pinça na minha pele. Ela colocou Nicole na cama e fechou a porta atrás de nós.

"Um grande saindo" ela diz. Se é tão grande, por que precisa do óculos? Ela está tentando parecer um fodido alien feroz e torturador de humanos de Vênus?

"Ai! Jesus!"

Ela levanta um caco sangrento, sorrindo.

"Você está bem, papai?" Nicole pergunta do outro lado da porta.

"Estou bem, abóbora."

Clink. O fragmento cai em uma bandeja. Sádica.

"Você tem bonitos pés" ela fala, dobrando a pinça para pegar outro pedaço de vidro.

"Obrigado."

"Não posso dizer o mesmo da sua bunda."

"Minha bunda não é bonita?"

Estou verdadeiramente ofendido. Profundamente magoado. Eu fui chamado de coisa pior, mas vindo dela corta profundamente.

"Não." Ela puxa a pele na parte inferior do meu pé para expor o vidro. Ou para me excitar um pouco. Só um pouco. Entre suas mãos sobre mim e o jeito que coloca meu calcanhar entre suas pernas, estou excitado, apenas um pouco.

Muito. Se tiver que confessar, ela está me excitando um monte e não tenho ideia se pretendia isso ou se é somente Cara sendo Cara.

"Pago um bom dinheiro por essa bunda."

“Bem, não é boa.”

“Você está fazendo um comentário sobre as circunstâncias.”

Ela leva os óculos para o topo da sua cabeça. Seus olhos estão vermelhos e seu cabelo bagunçado.

“As *circunstâncias*?”

“Você veio a mim como um demônio selvagem.”

“... e então me expôs?”

“Você me tratou como uma criança na frente das pessoas com quem trabalho.”

“Então agiu como uma?”

“É o meu trabalho fazer a história divertida. Isso é o que eu faço.”

Ela desliza seus óculos de volta para baixo e inspeciona meu pé, empunhando a pinça com sua boca pressionada. Ela deve ter engolido o argumento. Eu não iria esfregá-lo. Gosto de ter sua atenção em mim. Gosto de suas mãos. Me inclino para trás na cadeira de plástico, mergulhando em minha vitória. Vou pegar leve com ela. Estou bêbado na dor e perdão. Seu polegar ao longo da minha pele. Sim. Gentil e confiante. Meu pau acorda um pouco e estou relaxado o suficiente para não dar a mínima que ela está fora dos limites.

A música ainda vem em alto e bom som lá de baixo. Estou dividido entre sentir falta da minha própria festa e me acomodar na forma como ela me toca.

“Tenho um retorno para isso, sabe” ela diz. Com seus olhos não pegando toda a minha atenção, tenho a chance de realmente olhar para aqueles lábios. O de cima é um pouco cheio e o inferior fica preso sob os dentes enquanto ela o morde em concentração.

“Ah, é?” pressiono meus dedos sobre o estômago. “Diga-me o seu retorno.”

E se isso envolve aqueles lábios em torno de meu pau.

Ela puxa um pedaço de vidro do meu pé. Sem dor.

“É o meu trabalho proteger Nicole e ao gritar com você eu a estava protegendo. É um retorno muito bom. Mas depois que você voltaria com ‘Não, é o trabalho de seu pai protegê-la’, e eu diria: ‘Bom trabalho, papai’ e ia ganhar a batalha, mas perder a guerra.”

Tão fodidamente sexy.

“Ninguém me disse que havia uma guerra” eu falo.

“Há.” Ela deixa cair a pinça na pia e tira os óculos, arrancando um pequeno frasco do kit. “Há uma guerra por Nicole. E você ganha. Não importa o que. Você pode e deve fazer tudo o que precisa. É o meu trabalho apenas me certificar de que ela não morra no meu turno.”

Ela pulveriza no meu pé e pulo. Ela segura o tornozelo estável, conforme queima a porra da pele. Tudo o que consigo dizer é *ah ah ah*.

“Mas sinto muito que agi daquela forma. Você poderia me demitir por muito menos. provavelmente deveria.”

“Acho que estamos quites então, por causa do chuveiro.”

Ela olha para o meu pé, mas não realmente para ele. Mais através dele.

“Aquela noite, que você chegou em casa tarde do evento SAG.”

“Sim?”

“Se lembra de alguma coisa? Como chegou na cama?”

Ah Merda. Minha boca, minha garganta, minhas entranhas ficam secas.

“Minha calça estava no lugar.” Minha única defesa.

“De nada.”

“O que aconteceu?”

Seus olhos escurecem e entro em pânico. Eu a quero, mas será que tomei algo que não deveria?

“Nada. Você falou um monte de besteiras. Tirei seus sapatos e camisa e o coloquei na cama.”

“Obrigado.”

Ela esguicha de novo as feridas abertas e grito.

“Papai?” A voz de Nicole vem do outro lado da porta. “Está bem? Mesmo?”

“Ele está ótimo!”

“Ela está me matando!”

Cara abre um sorriso. É uma visão deslumbrante.

“Ei! Não mate o papai!”

Nicole não está brincando. A voz dela está encharcada de terror. Nós olhamos um para o outro. Certo. Morte deve ficar fora da mesa.

Eu me inclino para a porta e a abro. Nicole entra com um pequeno bloco de desenho em uma mão e um lápis na outra. Ela quase me espeta com ele enquanto pula no meu colo e se vira para Cara. Do meu ponto de vista posso vê-la apontar o lápis para sua babá. Imagino seu pequeno rosto fechado.

"Não. Mate. O. Papai."

"Eu não vou." Ela abre um Band-Aid e o gruda em mim. "Mas se ele continuar assim, poderia ter que machucá-lo um pouco."

"Ok", Nicole concorda.

"*Ok*?" Eu objeto. Meu pai sempre se queixou de que havia uma conspiração feminina na casa e começo a pensar que pode estar certo.

Como se quisesse confirmar a conspiração, Nicole se vira para mim, praticamente me ajoelhando na virilha. Mesmo que esteja no meu colo, ela acena seus dedos para mim para me aproximar. Sussurra em meu ouvido.

"Eu gosto da Srta. Cara."

"Ok."

Ela coloca seu dedo nos lábios.

"Shh." Ela corre os dedos sobre meus lábios.

"Feche o zíper, tranque." Abre meu bolso no peito e deixa cair o pequeno bloco nele. "Coloque isso no seu bolso."

"Estou com o zíper fechado." Olho além dela e vejo Cara sorrindo. Nicole pesca seu pequeno bloco de volta e senta-se para frente. Pego seu cabelo em minhas mãos, separando mechas.

"Você sempre faz essas tranças bonitas" eu digo, cruzando uma mecha sobre outra. Em seguida, outra. Então, faço uma bagunça. "Precisa me ensinar."

"É fácil" Nicole fala, como se já tivesse feito alguma vez.

"No que está trabalhando?" Cara aponta para o pequeno bloco antes de pegar outro Band-Aid da caixa. Não sinto mais dor.

Nicole folheia o pequeno caderno espiral até que encontra sua página.

“É um unicórnio.” Ela me mostra com o lápis como um ponteiro. “E esse é seu irmão. Ele é um Pegasus.”

“Uau” eu falo. “É muito bom, de verdade.” Eu o seguro para Cara. “Isso é normal?”

“Ela está à frente em ótimas habilidades motoras e verbais, se é isso que quer dizer.”

“E ela pode ler.” Eu beijo seu nariz. “Você é incrível.”

Ela acena com a mão na frente do seu nariz. “Papai, você cheira mal.”

Meu telefone toca e toca. Eu o puxo para fora. Arnie.

Mano

Certo. Eu tenho uma vida que estou vivendo. A música parece mais alta uma vez que o feitiço destas duas é quebrado. Tenho amigos no térreo e coisas que estão acontecendo. Um filme para fazer e um férias para tirar. Fiquei disperso de minhas distrações por minha distração favorita.

Ele me envia outra mensagem de texto logo depois.

Está transando com a babá?

Porra. Que babaca.

NÃO!

Coloco o telefone longe e tiro Nicole do meu colo.

“Eu tenho que ir.”

Preciso provar imediatamente que não estou transando com a babá. E não porque me importo com o que alguém pensa de mim. Merda, apenas mostrei minha bunda na frente de vinte pessoas com celulares com câmera e e-mail do DMZ. Mas porque não é bom para ninguém imaginar que Cara está fodendo o papai.

Nicole vira uma página e a ergue.

“Este é o meu pônei.”

“Legal.” Eu olho para Cara. “Você está de serviço hoje à noite?”

“Sim” ela confirma com uma pitada de desconfiança.

“Você precisa me comprar este pônei” Nicole pede com seriedade monótona.

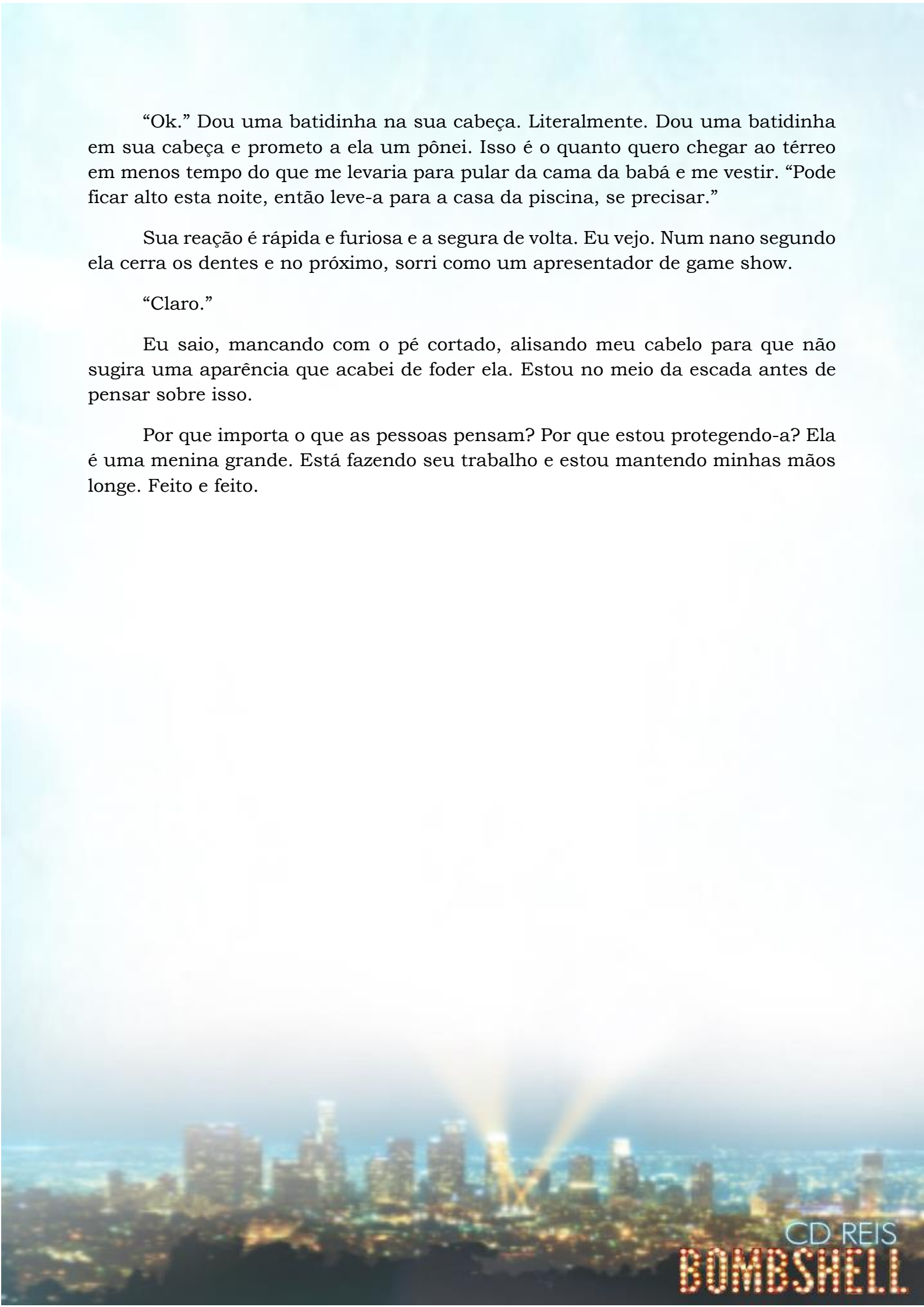
“Ok.” Dou uma batidinha na sua cabeça. Literalmente. Dou uma batidinha em sua cabeça e prometo a ela um pônei. Isso é o quanto quero chegar ao térreo em menos tempo do que me levaria para pular da cama da babá e me vestir. “Pode ficar alto esta noite, então leve-a para a casa da piscina, se precisar.”

Sua reação é rápida e furiosa e a segura de volta. Eu vejo. Num nano segundo ela cerra os dentes e no próximo, sorri como um apresentador de game show.

“Claro.”

Eu saio, mancando com o pé cortado, alisando meu cabelo para que não sugira uma aparência que acabei de foder ela. Estou no meio da escada antes de pensar sobre isso.

Por que importa o que as pessoas pensam? Por que estou protegendo-a? Ela é uma menina grande. Está fazendo seu trabalho e estou mantendo minhas mãos longe. Feito e feito.



CAPÍTULO 29

Cara

Cara. É Ray

Como se Ray Heywood não estivesse em meus contatos. Como se eu não soubesse o seu número direto ou o limpei de meu telefone. O quarto de Nicole está escuro e a menina recém-banhada dormiu enquanto me reclino ao lado dela.

Willow diz que viu você? Pode me ligar?

Se ligasse para ele, ouviria a música e a festa no andar de baixo. Não quero isso. E não desejo acordar Nicole, que está dormindo no meu ombro. E não quero navegar no campo minado da palavra de Willow contra a minha em tempo real. Não tenho dúvida de que ela mentiu. É uma boa menina, mas não existe uma aluna da oitava série sã em Hollywood. A puberdade é uma droga de passagem para a adolescência e todo mundo tem uma overdose.

Não posso falar agora. Desculpe

Ela ainda está muito abalada

Não tenho ideia do que ela disse a seu pai. Só certeza que é tudo culpa minha. Talvez fosse. Talvez eu tenha sido uma empregada demais e não uma líder o bastante. Enrolo um braço sobre Nicole e seguro o telefone com a outra mão para que consiga escrever.

Não trabalho mais para você. Então, só vou dizer o que penso.

Eu vou fazer isso? Envio, mas ainda assim... posso voltar atrás. Suavizar isso. Certo?

Como se em resposta direta, uma garrafa cai lá em baixo. O quarto de Nicole tem a vista para a piscina e conforme a festa continua noite adentro, minha decepção com a humanidade cresce mais.

Ela estava na festa de Brad Sinclair esta tarde. Nenhum amigo. Somente ela. Não apropriado. Grito total para ajuda. Você é sortudo. Isso poderia ter sido realmente mal.

Mais? Continuo? Pode apostar que sim.

Você e Kendall não são amigos dela. Ela é uma boa garota, mas precisa de supervisão e orientação. Pais.

Espero pela resposta enfadonha defendendo sua parentalidade e sua filha. Em vez disso, tenho algo muito mais curto.

Ligue-me quando puder. Quero conversar

* * *

Meu trabalho com Ray Heywood não foi terrível. Na verdade, foi ótimo. Talvez seja por isso que doeu perdê-lo.

Ray Heywood era um pai solteiro vivendo e trabalhando em Los Angeles. Ele nunca olhou para mim como uma amiga de cama disponível ou reclamou sobre como eu gerenciava a casa. Ele era apenas completamente desligado e como os pais de Hollywood são, era bom.

Meu último dia de trabalho começou como qualquer outro dia. As crianças estavam na escola. Eu tinha feito seus cafés da manhã, embalei seus almoços, me certifiquei que Willow tinha seu dever de casa, confirmei o torneio de robótica para sábado e os coloquei no meu carro. Deixei-os em duas escolas particulares separadas em toda a Los Angeles, prometi voltar às duas e meia e quatro e meia para pegá-los e levar de volta para a casa onde pretendia pegar os brinquedos de Jedi, em seguida, fazer consultas médicas anuais.

Quando retornei, Raymond estava no sofá em seu terno de linho, parecendo como se seu cão tivesse acabado de morrer.

Mas ele não tinha. Frisky estava a seus pés, batendo a cauda contra o tapete, esperando por mim para que eu pudesse alimentá-lo.

“Oi” disse, olhando para o relógio. Ray nunca estava em casa às nove da manhã, não a menos que houvesse uma reunião de pais e professores e às vezes nem isso. Ele raramente estava em casa para o jantar ou antes de dormir também. Ele era um pai “tempo de qualidade.” Uma semana na Disney com todas as armadilhas. Verão em Aruba. Esquiar num resort de Aspen. Parentalidade como se estudando para um teste. Eu não podia reclamar. Gostava de Aruba e de suas crianças.

“Você está bem?” Perguntei, pendurando meu casaco. Alinhei os sapatos de Jedi com os de Willow. O talento especial de Jedi era o riso. Ele não era detalhista e eu o perseguia durante todo o dia, pegando, endireitando, guardando enquanto ele ria através da vida.

“Estou bem. Só queria conversar.”

Ele indicou para me sentar em frente a ele, o que foi estranho. Me sentei em qualquer cadeira que quis nos últimos dois anos. Sentei-me com ele e trabalhei em estudos do ensino médio para Willow. Eu o informei sobre as entrevistas e fiz pesquisa sobre quais as escolas que ela gostaria. Ela entrou em todas, é claro. Não só ela poderia ir para onde quisesse em seu próprio caminho, mas seu pai era um nome familiar que era temido e respeitado.

Eu fui imune a seus dentes brancos e cabelo elaborado. Ele usava um anel de prata grande no dedo do meio e uma pulseira de couro em seu pulso.

“Ok.” Estava sentada em frente a ele. “Reunião de professores nesta semana. Acho que a administração vai chamar Jeannie em Harvard Westlake, mas ela realmente gosta de Marlborough. Eles não vão empurrá-la para ambos, então...”

“Isto não é sobre Willow.”

“Oh. Ok.” Isso era tudo o que tínhamos falado no mês passado quando ele chegou tarde da casa de sua namorada e partiu cedo para os telefonemas matinais. Então poderia ser qualquer coisa.

“Acho que você é provavelmente a melhor babá que já tive. Todos os meus amigos estão com inveja.”

Ele sorriu com seus grandes brancos como se tivesse prazer pessoal da inveja dos outros.

“Obrigada.”

“As crianças. Elas te amam. Eu acho...” Ele bateu seus polegares juntos. “Acho que pensam em você mais como mãe do que a própria.”

A mãe deles vivia em Humboldt County. Quando seus trabalhos ativos secaram e o divórcio passou, ela se mudou para lá com um namorado e cultivava erva em tempo integral. Raymond fez o impossível no estado da Califórnia e conseguiu custódia total. As crianças conversavam pelo Skype com sua mãe uma vez por semana. Era desconfortável e Willow ficava desgostosa quando a chamada chegava.

“Eu não sou uma substituta” falei, citando o mantra babá. “Apenas um suplemento.”

“Certo, bem, isso faz com que seja realmente difícil, é o que estou tentando dizer.”

Ah.

Porcaria.

A superfície da minha pele ficou fria.

Havia apenas uma conversa de um empregador que começava dessa forma.

“Isso? É difícil?” Perguntei. Ele iria falar. Eu não estava salvando-lhe da dificuldade porque ainda não acredito nisso.

“Tenho que te dispensar.”

Lá estava.

“Por quê?”

“Vou te dar referências em qualquer lugar deseje ir.”

“Por quê?”

“Vou dizer que as crianças ficaram mais velhas e...”

“Não me faça te perguntar de novo.”

Usei minha voz mandona. A voz que caia uma oitava. Que falava sério. Jedi recolhia sua merda e Willow fazia sua lição de casa quando eu usava essa voz. O bronzeado de Raymond ficou cinza e sua mandíbula afrouxou um pouco. Deus, não sabia se o esbofeteava por ser um covarde ou rastejava debaixo de uma pedra por torcer meus limites.

Prendi a respiração e minha língua. Essas referências eram importantes.

“É Kendall” ele disse, abrindo suas mãos como se estivesse apresentando uma caixa de ouro cheio de motivos em vez de mais um relacionamento de alta qualidade com outra atriz. “Ela é... você sabe que é uma garota de Hollywood. Vê alguém...” Ele fez um movimento de mãos abertas verticais para mim “Uma mulher vivendo comigo.”

“Não é desse jeito. Explicou que não é assim?”

“Sim. Mas tem que admitir Cara, não há esconderijo.” Ele fez esse movimento novamente, para cima e para baixo do meu corpo.

“Eu me visto modestamente.”

“Sim, eu sei. Você é uma profissional. Mas, olha”, ele deu de ombros, “ela está preocupada. E se vai casar comigo, quer saber que não há uma segunda mulher bonita no corredor.”

Oh, eles iam se casar. Pelo menos ele estava comprando a vaca que estava derrubando merda por toda a casa.

Sua casa.

Agora a casa de Kendall.

Não a minha casa.

“Debati se deveria te dizer a verdade, mas acho que lhe devo muito.”

Mais uma vez, ele não estava sendo um idiota. Deus, queria estar tão brava e não podia ficar.

“Obrigada pelas referências.”

“Vou te fazer um cheque de indenização de seis meses.”

“Obrigada. Vou guardar minhas coisas.”

Levantei-me e caminhei para a escada.

“Quer esperar pelo cheque?” Ele chamou atrás de mim.

Quero esperar pelo dinheiro?

Sim. Queria. Também queria chamar Kendall e explicar-lhe que o seu futuro marido não era atraente para mim. Ouvi ele brigar com sua ex-esposa. Vi ele abandonar suas crianças por uma foda. Nunca o vi entregar a qualquer um dos seus filhos um bocado de comida quando estavam com fome. Ele distribuía elogios como batatas fritas, mas eram frágeis e escorregadios e sem nutrientes. Ele era um grotesco em declarações da moda e em seus olhos pude ver o homem intitulado velho e amargo que se tornaria.

Queria contar a ela que eu não era uma ameaça, mas ela não acreditaria nisso.

Peguei a minha mala na parte de trás do armário. Estive com os Heywoods desde que tinha vinte e dois. Dois anos. Consegui um mestrado em desenvolvimento infantil nesse tempo. Valeu a pena, mas não estava pronta para sair.

“Você não tem que arrumar tudo tão rápido.” Raymond ficou na porta, com o rosto e corpo rígidos em preocupação.

“Eu não quero que Kendall pense que vou tentar levá-lo para cama antes de ir. O que sua noiva pensa é importante. Sério. Precisa mostrar a ela que se preocupa com seus sentimentos e vai fazer o que ela quer. Não quero bagunçar o que vocês dois têm.”

Estava sendo hipócrita. Acreditava no que falei, mas não acho que dar a Kendall o que ela queria iria satisfazê-la.

Joguei uma pilha de roupas da minha gaveta dentro da mala. “Posso passar por aqui algumas vezes para ajudar na transição.”

“Eu não tenho ninguém para pegar Jedi hoje” ele disse. “A nova senhora não vem até esta tarde e tenho que começar a trabalhar.”

Um monte de jeans pairava sobre a mala. Parei de pensar sobre arrumar quando meu cérebro sobrecarregou.

Ele já tinha contratado alguém.

E estava me pedindo para pegar Jedi, que saia do jardim de infância às duas e meia e não Willow, que saia da aula de robótica às quatro e meia, porque já tinha alguém para o final da tarde.

“Será que as crianças sabem?” Perguntei.

“Não. Vou dizer mais tarde. Você deve apenas deixá-los.”

Ele enfiou os polegares nos bolsos da frente e bateu os dedos nas coxas.

“Deixe-me pegar ambas as crianças. Falar com eles. Cozinhar para eles mais uma vez e comer com eles para que possa responder às suas perguntas. Tenha quem quer que seja começando depois do jantar.”

“Não. Vamos fazer isso dessa maneira.”

É por isso que você não se apega às crianças. É por isso que faz o seu trabalho e pensa em outra coisa e tenta ter seus próprios relacionamentos. Você protege o coração, como se sua vida dependesse disso. E você falha, mas tenta.

Fechei a mala.

“Vou pegar aquele cheque agora.”

* * *



Nicole não é geralmente uma pessoa de sono profundo, mas tenho que sair de debaixo dela. Ficou escuro uma hora atrás e preciso usar o banheiro. Cuidadosamente, centímetro por centímetro, saio, deito-a e uso o banheiro.

Quando volto para cama, olho pela janela. Posso ver a casa da piscina, onde a minha própria cama está, a piscina, as pessoas que a rodeiam, suavizados pela noite. A música abrandou também. Seria mais difícil de escorregar de volta para o meu quarto sem ser notada.

Eu não estou preparada para isso.

O que Ray quer? O que está acontecendo com Willow? O que aconteceria com Nicole se eu saísse?

Ela ficaria bem.

Todos vão ficar bem.

Não tenho poder. Nenhum controle. Em nada. E eu poderia estar errada sobre qualquer coisa porque não são meus filhos e jamais teria os meus próprios.

Deixe isso pra lá.

No pátio, Brad abraça um cara. Ao nível do solo, à luz do dia, provavelmente poderia identificá-lo. Mas no quarto de Nicole, ele é somente um cara falando com meu chefe, um homem leal com enorme talento, uma atitude relaxada e um sério tipo de humor.

Ele é apenas mais uma coisa que desejo, mas não posso pensar sobre querer.

Auto piedade prova ser pior que uma ressaca. Odeio isso.

Saio, caminho pelo corredor, os degraus, através da sala de estar, o piso seco a um brilho estéril. A porta de tela está aberta. Fecho atrás de mim e contorno a borda externa da área da piscina, levando minha impotência comigo.

CAPÍTULO 30

Brad

Estou na fase suave da noite, mas o sono não me alcançou. Fico parado na piscina observando todos dançando e nadando. O barman flerta. Os caras de segurança estão dispersos. O DJ que contratei no último minuto é famoso em seu próprio jeito e a merda está enlouquecendo.

E sou o Sr. Pensativo segurando a mesma cerveja quente por vinte minutos. Não luto contra isso. Suave está tudo bem.

Vejo Cara escorregar da porta de trás e caminhar em torno da cerca da piscina. Andando rapidamente, seu cabelo sacudindo no ritmo de seus passos. Sapatilhas sensatas para perseguir uma criança ao redor. Jeans e blusa que seria horrível em qualquer outra mulher, mas parece sexy como o inferno nela.

Se eu estivesse pensando em me estabelecer, o que não estou..., mas se estivesse pensando sobre isso, ela é exatamente o tipo de mulher que procuraria. Mesmo sem Nicole. Não é sobre Nicole. Cara não tem medo de falar o que pensa e seus pensamentos estão realmente no ponto. Sem contar que poderia disparar um jogo médio de nove bolas.

Nada disso estava no meu radar, sendo honesto comigo mesmo. Isso é uma merda depois do ocorrido. E o fato é que ela me excitou. Não deveria fazer isso. Mas homem, oh homem, algo sobre o cheiro de pêssegos e do corpo que tenta esconder.

Sei o que ela tem e é perfeito. Mesmo através do vapor nas portas de chuveiro.

Não noto que estou profundamente no buraco do coelho até Arnie cruzar com ela. Diz algumas palavras com uma risada. Droga. Nada que sai da boca daquele cara é algo que quero que Cara escute.

Ela fala algo de volta e quando se afasta, ele dá um tapa na sua bunda.

Estou no meio do quintal antes de decidir conscientemente me mover.

“Arnie, seu fodido estúpido.”

Ele tem as mãos como se dissesse: “O que foi que fiz?”

Foda-se ele. Lido com ele mais tarde.

Eu a persigo.

“Cara” chamo.

Ela vira.

“Sinto muito, por ele. Sobre ele. Tanto faz. Não que tanto faz. Porra!”

Não me sinto inadequado desde que me mudei para Los Angeles. Não tenho problemas se alguns dos meus amigos conseguem algo. Meninas me adoram. Olha, é a verdade. Eu poderia adoçá-la com humildade, mas você não acreditaria. Sou um rei e um herói, tanto quanto posso ver.

No entanto, bem ali me sinto como um almoço de dois dólares e noventa e nove centavos.

“Está tudo bem.”

“Não, não está.”

Ela se apoia em um pé e olha para cima.

“Ok, não está bem. Apenas mantenha-o longe de mim, ok?”

“Eu vou.”

“Tenho o monitor.” Ela indica a casa da piscina, mas não olha para mim. Como se *não pudesse*.

“Claro, claro.”

Homem. Ela quer você. Vê como ela não pode te olhar?

Estou fazendo coisas na minha cabeça. E isso não importa. Ela é uma empregada. A mais bela funcionária que tenho. A mais essencial. A mais quente. A maior dor na minha fodida bunda...

Ela passa pela pista de obstáculos de pessoas e móveis, tomando o caminho mais rápido para trás. Sigo-a como se ela me tivesse em uma corda.

Não posso deixá-la ir. Ela desenhou um círculo de sanidade e me pegou nele. Preciso de cinco minutos de seu tempo. Ela me relaxa. Faz a minha vida parecer um pouco menos louca. Não entendo o que quero dela, mas não conseguiria essa suavidade de volta, enquanto desejo-a contra a razão.

Pergunto a ela no portão da casa da piscina.

“Já foi à Tailândia?”

“Sim” ela fala, ainda andando rápido. “Por quê?”

“Eu tenho esse filme...”

“*Irmandade Bangkok*.” Ela coloca a mão no portão, como se estivesse prestes a empurrá-lo. Atrás de mim alguém mergulha na piscina.

“Como sabe?”

“É meu trabalho saber.” A música está mais baixa longe da piscina. Ou do contrário eu não a teria ouvido. Ela ainda não olhou para mim. Impressões rápidas e fugazes. Seus cílios negros batem conforme olha para baixo. A luz turquesa ondulante da piscina de um lado do rosto e a escuridão, do outro. Uma mulher rindo na casa. Os grilos do lado da casa da piscina do portão. O rangido da terra esmagando contra minha vida.

“Não sei o que fazer” digo. “Estou confuso a cada dia. Mas não posso ir sem ela. E não posso ir sem você.”

“Meus trinta dias acabam durante essa filmagem.”

Ela está sendo hostil? O que é esse olhar aguçado, ou a forma como sua cabeça inclina para que seu cabelo caia ao longo de sua bochecha? Preciso dela. Sua presença tornou a vida de Nicole fácil e minhas responsabilidades suportáveis. Mas há mais do que isso. Ela me atrai. Sua competência não é reconfortante. Ela alimenta o desejo que todas as meninas selvagens do mundo não têm.

“Vou dobrar sua taxa” eu falo.

“Você não acha que vai levá-la, não é?”

“Perdoe-me?” Eu falo, reagindo antes de pensar. Estou tentando ser educado, mas ela responde, segurando suas mãos para cima, como se me cortando.

“Deixa pra lá. Desculpa. Está certo. Sua decisão, totalmente.”

Ela dá um passo para trás, gira, abre o portão para a casa da piscina. Está indo para a cama. Não quero estar sozinho em minha casa superlotada. Terminar a noite com essa nota.

“Espere.” Eu pulo para o lado dela, fechando o portão atrás de mim. O trajeto entra em erupção com luz. Sensores de movimento. Eu os instalei ao longo de todo o caminho para a casa.

Ela gira sobre mim.

“Sr. Sinclair. Não tenho nada a dizer sobre onde a leva ou o que faz.”

“Deixe-me ouvir a sua opinião de qualquer maneira.”

Ela cruza seus braços. Para. Pensando antes de falar. Adoro isso. Uma mulher que engata o motor antes de colocar o carro em movimento é uma coisa rara no meu mundo. Ou talvez não. Talvez só goste de seu motor um pouco mais.

“Tem certeza?” Ela olha para mim com desconfiança. Seus olhos mudam de cor constantemente e atrás são azuis marinho com manchas marrons. Tenho um pensamento estranho e impróprio sobre as crianças lindas que ela faria.

“Tenho certeza. Desembucha.”

Ela não o faz. Toma mais um segundo para olhar para a piscina onde a festa está em pleno andamento, então de volta para mim.

“Qualquer coisa que eu diga é porque me importo.”

“Entendi. Continue.”

“E porque quero que você tenha sucesso.”

“Trem puxado para fora da estação, Srta. Melhor entrar.”

“Ok. primeiramente. Você realmente não lida com tudo. Não que eu culpe você. Ter uma criança caindo no seu colo do nada é um ajuste mesmo para as pessoas que estão preparadas. Mas você ainda não parou de festejar ou trabalhar nem um pouco desde que ela chegou.”

Irrito-me, mas ajo como se não o fizesse. Ainda bem que sou um ator.

“Eu parei de festejar um monte, se quer saber.”

“Bem, vou confiar em você. Mas todas essas pessoas tornam difícil para você ficar e conhecer uns aos outros. E o trabalho. Sempre que Paula está, você deixa Nicole e Paula está por mais de dez horas por dia.”

“Tenho que trabalhar. Não sou o único na cidade trabalhando.”

“É o único na cidade com uma criança que nunca conheceu.”

Caraca, ela está tão perto da linha onde eu diria a ela para fazer as malas. Está certa sobre a fodida coisa. Mas do outro lado da linha está um penhasco. Ela não tem ideia do que está em jogo, tudo o que sempre trabalhei e queria, porque Nicole apareceu.

“Seus pais fizeram um excelente trabalho enquanto estavam aqui, mas são de um mundo diferente e todos os filhos deles são adultos. Não te estabeleceram

com rotinas. Hábitos. Eventos com os quais ela pode contar. E agora vai levá-la para a Tailândia?"

"O que eu deveria fazer? Deixá-la aqui?"

"Ficar em casa."

Ficar em casa. Claro. E deixar um filme de US $ 120 milhões furar. Diga a eles apenas para lançar outro cara financiável que passou a estar disponível no momento. Porque qualquer um que é rentável não está programado um ano de antecedência. Sim. Isso iria ajudar quando não pudesse conseguir outro filme porque sou um risco de fuga.

Eu acho que rio, ou alguma versão maliciosa disso.

Seu rosto fica suave, passando de verdade difícil a uma realidade maleável que não entendo.

"Eu não posso ver isso. É demais." Ela anda em todo o trajeto escuro, passando pelas luzes conforme caminha.

Jesus. Ela continua movendo aquela maldita linha.

"Você não deveria se envolver emocionalmente, sabe!" Eu grito.

Ela para e fica parada tempo suficiente para que as luzes apaguem. Prendo a respiração. O luar cai azul no cabelo dela e parece que poderia simplesmente sumir na escuridão.

Mantenho a minha respiração. Não preciso de ar. Não saberia o que fazer com ele.

Ela vira-se tão lentamente que as luzes não registram.

"Está certo" ela diz. "É por isso que é temporário. É por isso que não quero trabalhar para uma família de celebridade. Porque não suporto ver crianças sendo arrastadas em todo o mundo ou órfãs pelos empregos dos seus pais. Já vi e vivi isso, mas não muitas vezes."

Ela desce o caminho e as luzes seguem.

Isto é besteira. Corro e fico na frente dela.

"Senhora. Você não tem ideia do que está falando. Faço o melhor que posso. Estava indo muito bem, como você quiser, antes desta bomba surpresa cair."



“Ela não é uma bomba surpresa. Não é um problema para resolver. É um ser humano que você fez. Você não a vê. Não vê o quanto ela está trabalhando para aguentar o que aconteceu.”

“E sobre você?”

“O que...?”

“Com o que está lidando?”

“Como sua consultora, aconselho...” Ela para de falar, deixando seu conselho pendurar no ar. Desejo isso. Quero arrancá-lo do espaço morto e levá-lo, o que quer que fosse.

“O que?”

“Eu aconselho...” Ela respira fundo. “Você parece bem.”

“Que tipo de conselho é esse?”

“O que quer para ela? Para você? Pelo que está esperando?”

A ideia de que estou esperando por qualquer coisa é ridícula. Eu sorrio. Um sorriso sarcástico, o que minha avó chamaria de “rir com os dois lados do rosto.”

“Não tive a chance de esperar muito, madame. Só estou indo sobre o meu negócio. Era um cara feliz, sabe? Tudo o que tinha que fazer era trabalhar e ser legal para as pessoas. Então, você vai me desculpar se tenho que ajustar.”

“Nunca pensou sobre isso? Quando via seu amigo Michael Greydon adotar seis filhos, o que pensou? Alguma coisa?”

Eu não sabia se ela está querendo insinuar que sou deficiente. Ela iria? E o que *pensei* do meu amigo se casar com uma paparazzi e adotar seis crianças?

“Achei que iria acontecer em algum momento. A maneira normal. Namorada, então esposa, depois o bebê. E acho que ele é louco. Fodidamente louco. Não pode sair sem pedir a sua esposa. Ir ao banheiro sem ter uma criança batendo na porta. Ele tinha uma carreira... uma carreira real. Agora está fazendo um filme por ano e passando o resto do tempo no teatro para que possa estar em casa. Que diabo é isso? Isso sou eu? Esse é Brad Sinclair? Mike não trabalhou seu caminho para fora de um depósito de madeira em Arkansas, tudo bem? Ele nasceu realeza. Não é sequer uma opção para mim, então esta garotinha? Ela vai ter que se acostumar.”

Cara bate o dedo contra seu bíceps e observa enquanto tenho um mini colapso. Não se move. Jesus Cristo, está tão no controle. Como faz isso?



Eu deveria me envergonhar de ter um discurso inflamado. Mamãe tinha um jeito de me fazer tão envergonhado dos meus acessos de raiva que parei. *Como você gosta disso agora? Todo mundo vendo o seu interior? Bonito como um javali, eu diria.*

De alguma forma, Cara não me faz sentir assim. Sinto-me seguro. Estranhamente seguro. Desconfortavelmente seguro.

"O quê?" Pergunto.

"Fui uma reflexão tardia. Meus pais me amam, mas não sabiam o que fazer com a gente. Éramos uma inconveniência. Foi assim que me senti. E quando vejo outras crianças ter que dobrar suas vidas em torno das carreiras de seus pais? Isso me deixa triste e quero resolver para eles. Mas não há o que resolver. E aqui estou eu de novo."

"Uau." Isso foi mais informação do que jamais pensei que ela iria dar sobre si mesma e quero responder a cada palavra. Dizer a ela que não é inconveniente de ninguém. Seus pais a amam. Eles necessitam. Quem não iria?

"Todas as babás falam assim?"

"Apenas aquelas com contratos de trinta dias."

Ela vai sair. Continuo esquecendo. Imaginei que desistiria, então ficaria. Obviamente, essa esperança é unilateral.

Não estou acostumado a perseguir mulheres. Elas me perseguem ou aparecem bem e prontas onde preciso delas. Mas esta é diferente em todos os sentidos. Não uma mulher em sentido estrito, porque é da equipe. Eu a estou pagando para realizar um trabalho. Não é uma parasita ou uma co-estrela. Não está disponível. Não deveria ficar perto dela. Não dessa forma.

Mas, foda-se. Atiro-me na cara. O jeito que ela corre os dedos pelo seu cabelo para tirá-lo de seu rosto e a forma como flutua de volta? E os grilos? E o cheiro de grama como casa. Apenas parece certo.

Pela primeira vez, faz sentido.

E fodidamente faz.

"Você é uma bomba relógio" eu falo. Brad livre de filtros em pleno vigor.

Sua mandíbula contrai e pela segunda vez ficamos parados tempo suficiente para que o caminho fique na escuridão. Seus lábios se separam e antes que mais uma palavra saia de sua boca, estou em movimento.



Eu a beijo. Não entendo o porquê. Para quebrar a barreira de sua mandíbula endurecida. Para varrer a conversa de besteira de consultoria. Tanto faz. Isso está errado. Mas no momento, parece a única coisa a fazer.

Ela me empurra com tanta força que recuo um passo. Decepcionante, mas não sem precedentes. Ela recua, ofegante. Engole em seco. Tenho que me esforçar para não sorrir.

Eu ainda tenho isso.



CAPÍTULO 31

Cara

Seus lábios são o céu. Suas mãos no meu rosto são o Planeta Sonho e o Planeta Real colidindo, fundindo, puxando os dois fora de órbita. Não consigo respirar, não posso pensar, nem gemer quão bom ele parece me tocando. Melhor do que os sonhos, do que os orgasmos matinais que ele inspira.

Oh Deus, estou caindo nisso. Em meio segundo quente, minhas defesas caíram com um estrondo e me deixo ser arremessada para o espaço profundo por aquele beijo, girando e torcendo, realidade e fantasia se juntam em um único corpo queimando.

Cara.

Você não deveria fazer isso.

Uma única pequena voz se introduz através de minha consciência.

Então arrependimento.

Depois raiva.

Dele. De mim. Do meu corpo. Tenho que afastá-lo violentamente ou o impulso se transformará em uma carícia. Ele dá um passo para trás e tomo fôlego.

“Jesus Cristo, Sinclair, o que pensa que está fazendo?” Não me sinto mal sobre empurrá-lo porque a raiva ainda está em minhas veias. Tenho que me impedir de empurrá-lo novamente. Não acho que sou capaz de ir embora. “Acha que quero acabar na capa de alguma revista? Que quero ganhar olhares sujos para cima e para baixo da Sunset?”

Este cara pode me arruinar. Tem todas as ferramentas para fazer isso. É lindo e descontraído. Ouve quando falo e tem uma filha que é quase perfeita.

Mas eu estaria na capa de tabloides. Eu me tornaria um estereótipo feio. Seria abandonada com nada além de uma má reputação para mostrar. Choraria. Odeio chorar. Crianças choram e as acalmo, para eu não ficar toda chorosa.

Lá está ele, com a festa na piscina atrás dele. Uma estrela de cinema. O solteiro mais cobiçado de Hollywood e para mim, é um pai sobrecarregado sem

nenhuma pista de como gerenciar suas tarefas diárias, mas formidavelmente iluminado por estrelas. Um display inspirador de poder e presença com um magnetismo que leva direto para ele.

As estrelas de Hollywood não são estrelas apenas por causa de sua luz. Eles têm uma gravidade gerando massa e calor insuportável. Algo codificado em seus genes, como cor do cabelo ou altura. Já vi isso antes, dos diplomatas que conheci quando era criança, aos pais e mães para quem trabalhei em Los Angeles e identificando, resisti a isso. Fácil.

Ele é diferente. Seu calor parece feito para mim.

Não é.

É um truque. Aquele beijo, tão curto e inadequado como é, vibrou cada célula minha. O seu gosto, seu cheiro, a sensação de seus lábios.

Tenho que fazer as malas. Apenas juntar e ir embora. Este trabalho está contaminado. Tudo está contaminado agora. De cabeça baixa, ando para a casa da piscina, meus sapatos assexuados entrando e saindo da minha visão.

Tenho que ir.

Nunca vê-lo novamente.

Talvez uma vez.

Parando minha caminhada com a mão na maçaneta da porta, sorrio.

“O que é tão engraçado?” Brad pergunta três metros atrás de mim. Ele segura sua ponta da camisa em seu lábio, expondo um tanquinho liso e musculoso e aquele maldito e musculoso V na cintura de seus shorts pendurado para baixo.

“Fiquei louca, isso é tudo.”

“Temos algo em comum.”

“Não. Não vamos fazer isso. Olha...”

“Olha, eu...”

Ele para quando falamos a mesma coisa ao mesmo tempo...

“Sinto muito.”

Pelo que estou pedindo desculpas? Ser beijada? Ser observada no chuveiro? Que diabos há de errado comigo?

“Você continua tendo que pedir desculpas por seu comportamento impróprio” digo, então abro a porta e entro. Ele fica do lado de fora, iluminado pela lâmpada da frente. Noto que estamos sozinhos. Está escuro. Ele acabou de me beijar em um momento de fraqueza. Eu poderia reivindicar fraqueza também, porque *sou* fraca. Meus joelhos mal me seguram e meu corpo jorra de desejo.

“Não seja por isso” ele diz sua voz acariciando sob minha roupa. Que é tudo na minha cabeça. O resultado de um ano sem um encontro. Mas não consigo respirar direito e os meus mamilos ficam duros sob o sutiã de algodão.

Meus sentimentos são tão inadequados quanto suas ações e não tenho controle sobre qualquer um.

“Não sei o que fazer”, falo. Estou sendo muito honesta. Estou prestes a atravessar para o não profissional.

“Diga-me o que fazer então.”

Não sei onde fiquei tão ousada. Algo em mim o está empurrando porque ele me assusta pra caramba. Ou eu assusto a mim mesma. Quando ele ergue sua sobrancelha como se eu tivesse atravessado uma linha, algo em meu peito diminui. Não quero que ele fique aborrecido, mesmo que queira que torne mais fácil para mim e me jogue fora, bem ali.

“Chute todos para fora” digo.

Ele não hesita em pegar o seu telefone, o que é inesperado. A luz brilha em seu rosto enquanto ele digita, a luz moldando sombras de baixo e iluminando seus olhos azuis para cinza claro. Ele coloca o telefone no bolso e a luz sob ele se apaga.

“Cinco segundos.” Não explica mais. Se ele estivesse inseguro de si mesmo, não está agora. Seus pés afastados, braços cruzados, o queixo alto, música batendo atrás dele.

Cinco. Quatro. Três. Dois. Um.

Nada muda.

“Dez então.”

Cinco segundos depois (mais ou menos) a música para abruptamente. Um coro de *ahs* se eleva, mas ainda assim, não nos movemos. As luzes do caminho desligam. Então as vozes e ruídos acabam. Depois as ondulações da luz turquesa desaceleram. Ainda não falamos nada, apenas consideramos um ao outro. Não compreendo o que ele sente. Não posso adivinhar isso. Ele poderia ter qualquer mulher a qualquer hora que quisesse. As mais glamorosas mulheres sofisticadas do mundo estão ao alcance do seu aceno e chamada.

Mas talvez as coisas que ele não recorda que disse, sejam verdade. Talvez ele me queira.

Cuido de crianças para viver. A fim de fazer o meu trabalho, uso roupas sensatas e falo com uma voz cantante cadenciada. Nada sobre mim pode ser desejável para um homem como ele.

No entanto, naqueles segundos, com seus olhos em mim na escuridão, formigo em todos os lugares em que a minha pele está coberta, como se sua visão tivesse queimado minhas roupas.

"Você tem o monitor" ele fala, entrando totalmente na casa. No novo silêncio, sua voz ressoa contra o som dos grilos e o filtro da piscina.

Ele ainda está de pé, descalço, braços cruzados.

"Sinto muito" ele diz. "Não estou fazendo isso fácil para você."

"Não é o seu trabalho fazer mais fácil para mim." Mudo o pequeno alto-falante de um lado para o outro nervosamente. Ele chia e estala conforme o mexo. "Precisa começar a procurar novos funcionários."

Estendo o monitor. Ele coloca a mão sobre ele, mas não o pega.

"Fique. Você realmente deve ficar."

"Eu não posso..."

Sou interrompida por um grito ensurdecedor do monitor.

Nicole.

Brad vira-se e sai correndo. Estou bem atrás dele. Fora da porta, correndo mais rápido do que os sensores de movimento possam reagir, ele dá dois passos longos e pula por cima da cerca. Vou até o portão e derrapo sobre o piso molhado ao redor da piscina, enquanto Brad mantém seus pés descalços na grama, correndo pelo pátio, pela cozinha, passando por garrafas derrubadas, um sutiã e uma meia de algum lugar. Nós corremos até as escadas, no corredor e através da porta branca onde...

Nicole. Lágrimas escorrendo, enrolada em uma bola de pôneis rosa e babados brancos.

Brad a pega e ela grita.

"Cara! Srta. Cara!" Ela mexe para fora dos braços dele e ele a deixa cair nos meus. Ela enrola as pernas na minha cintura e seus braços ao redor do meu pescoço como uma cobra faminta.

Ela cheira a sabão e talco e se encaixa em meus braços como um ovo em uma caixa. Existe algo decididamente desconfortável sobre o conforto, especialmente com seu pai de pé ali como um jogador defensor direito em um jogo da pequena liga.

Ele acena a levemente a cabeça e vira-se para sair do quarto. Isso é muito fácil. Muito fácil para ele ir embora; é muito fácil segurar Nicole em meus braços enquanto se acalma. Tudo muito fácil e é o início de uma encosta em declive que o leva a não ser o pai que precisa ser.

Mas isso não é da minha conta, será?

Muitas pessoas dizem que as crianças são intuitivas. Outra suposição leve é que elas só sabem coisas que nós não sabemos e sentem o que precisam sem nunca verbalizar. É tudo muito fácil... mas então algo acontece e todos os pressupostos parecem incontestáveis.

“Papai” ela grita, erguendo sua cabeça. “Fique aqui, por favor.”

Posso acreditar que ele quer duas coisas ao mesmo tempo. Sair desse quarto e me deixar lidar com isso e quer ficar tanto quanto. O conflito não está em seu rosto, porque não consigo ver sua expressão, está no desleixo resignado de seus ombros e a rapidez com que ele se vira para entrar no quarto outra vez.

Ele coloca a mão nas costas dela e ela deita a cabeça no meu ombro.

Nicole boceja e aponta para a cama. “É hora de dormir agora.”

Brad e eu olhamos um para o outro no quarto escuro. Nicole só espera. E quando nenhum de nós não reage com rapidez suficiente, ela levanta sua cabeça e aponta para a cama de novo e não fala nada.

“Diga boa noite para o papai” sussurro.

“Não” ela exige. “Ele precisa ficar. Você precisa ficar. Tive um sonho muito assustador. Não estou brincando.”

Seguro minha boca fechada para que não rir de seu medo, mas ela fala como uma pequena adulta e é tão malditamente fofo.

“É uma cama de solteiro, querida” Brad fala.

“Nós podemos encaixar” Nicole insiste. “A Srta. Cara é magra. Eu sou magra. Papai, você pode ocupar mais espaço.” Ela indica a cama. “Vá, vá, vá, Srta. Cara. Apena vá!”

Não olho para Brad. Nem sequer quero saber o que ele está pensando. Apenas tenho um trabalho a fazer.

Coloco Nicole na cama e a enfio sob as cobertas. Na minha visão periférica consigo ver Brad parado do outro lado da cama, com suas mãos em seus bolsos. Ainda não posso ver sua expressão. Acho que estou bem com isso. Tenho toda a intenção de tirar proveito.

Deito ao lado de Nicole bem em cima das cobertas.

"Vê?" Brad diz. "Não há espaço para mim."

"A Srta. Cara tem que ficar debaixo das cobertas." Ela fala como se o espaço entre os lençóis fosse realmente alguma dimensão alternativa onde tenho um terço da minha massa corporal. "Podemos ser como uma família real."

Olho para Brad, com seus braços cruzados e metade de um sorriso em seu rosto. A perspectiva daqui de baixo o faz parecer mais alto, mais amplo, mais confiante e arrogante do que nunca. Talvez seja por ter uma mulher em uma cama, qualquer cama. Ou vendo que estou prestes a obedecer uma criança de cinco anos de idade, quando estou muito ansiosa para dizer a ele o que fazer.

Fico debaixo das cobertas.

Nicole se deita mais, enfiando suas mãos sob sua bochecha e fala: "Vê, há espaço de sobra." Seu rosto está tão perto do meu que parece que ela tem um olho marrom grande com cílios de vassoura.

"Eu não..."

Meu protesto nunca sai. Os lençóis voam como se ventos golpeassem. A cama range e inclina para um lado conforme Brad se contorce sob as cobertas. Eu me mexo. Nicole se mexe. Nós encaixamos como colheres de sopa aninhadas no lugar da colher de chá. Coloco meu braço em torno da menina porque não tenho outro lugar para ir. Ele tem que fazer o mesmo e posso sentir os pelos de seu braço bem perto do meu.

Levanto a cabeça apenas o suficiente para ver sobre Nicole. Ele está sorrindo para mim. Quando nossos olhos se encontram, ele pisca. Deito a cabeça. Picaretinha presunçoso. Lindo, charmoso, surpreendentemente autêntico e, ainda sem surpresa, um picaretinha presunçoso.

O desejo de tocá-lo é esmagador. Consigo sentir o seu cheiro. Uma combinação de cerveja e festa e algo que não consigo definir. Algo *dele*.

Em segundos, Nicole respira uniformemente. Não ouso falar. Não quero acordá-la. Mas quero que Brad saiba que como ela dormiu, ele pode sair.

Certo?

Isso faria sentido. Mas ele não sai. Mesmo depois que sua filha está profundamente na terra dos sonhos e posso dizer que está acordado, ele fica. Assim como eu. Não sinto sono. Noto o polegar dele roçar a pele do meu braço e estremeço.

“Devo ir?” Sussurro.

“Ela espera que fiquemos. Nós dois.”

“Nem vai se lembrar de manhã.”

“Ela é metade sulista. Não vai esquecer.”

“Você é todo sulista e se esqueceu.”

Seu polegar ainda toca meu braço. Eu não me afasto, mas sei que não é certo. Ele não deveria estar me tocando, mas se me mover, ele vai parar.

“Esqueci algo que deveria recordar? Diga-me.”

Fico repassando na minha cabeça que um movimento brusco irá acordar Nicole, mas essa não é a verdadeira razão que mantenho meu braço onde está.

“Sua calça estavam no lugar. Mas você falou coisas que não queria.”

“Sobre?”

A ponta de seu polegar acaricia meu braço. Ele me deseja. Esquivo-me de uma centena de balas em forma de tabloides. Nunca ansiei um dos pais das minhas crianças e quando faziam um movimento em minha direção, educadamente recusava e me demitia antes que pudessem me demitir.

Mas Brad Sinclair é diferente. Entre ser perseguida para a casa da piscina, suas admissões na escada, correndo para Nicole e deitados aqui juntos, algo mudou. *Nós* tínhamos mudado. Ficamos suavizados e moldados. Podemos acordar de manhã e voltar para o que éramos, mas não existe manhã no quarto escuro. Apenas os lugares onde nos encaixamos e as vozes suaves de confissão.

“Preciso mudar de assunto” sussurro. “Por favor.”

“Como é tão boa com crianças? É como se soubesse o que dizer a elas.”

“São apenas pessoas. Pequenas, novas pessoas.”

Ele não responde de imediato. Nicole se mexe, ficando na sua frente e ele olha para seu rosto adormecido.

“Não sei o que fazer” ele fala. “Eu pensei... noite passada, que deveria colocá-la para adoção. Parecia totalmente correto e razoável. Tinha o número do meu assessor ali, na ponta dos dedos. Estava pronto para dizer-lhe para encontrar um bom lar para Nicole. Resolver isso, sabe. Apenas sair disso porque sei o que tenho que fazer. Tive onze primos. Vi pessoas criar filhos. Pessoas sem um pote para mijar. Mas não consigo realizar isso. Só não posso. Que diabos? Certo? Mas não é sobre o dinheiro. Não posso comprar como ser um bom pai. E não posso mudar a minha vida. Não tanto assim. A não ser que queira ir trabalhar no depósito de madeira em Redfield por dez dólares por hora e o que depois? Meus pais e minha irmã acabariam criando-a de qualquer maneira.”

“Você não vai trabalhar em um depósito de madeira em Redfield.”

“Você não sabe.”

“Tem duas indicações ao Oscar.”

Ele não parece convencido. Poderia falar sobre suas perspectivas, mas o depósito de madeira em Redfield não é sobre trabalho manual, ou o salário mínimo, ou longas horas de respirar pó de madeira. É sobre algum medo maior que o seguiu para Los Angeles.

“Não sinto nada, Cara. A coisa que precisa para ser um pai... não tenho isso. Estou apenas passando através dos movimentos. Ela é bonitinha e fofinha. Sim, gosto de brincar com ela e abraçá-la, mas no dia-a-dia? É como um filhote de cachorro de outra pessoa. Quero dizer, olhe para ela. Quem poderia não amá-la? Eu.”

Eu o vi tentar. Mostrar afeto real e agir como um pai com participações no jogo. Não concordo com cada uma de suas escolhas, mas parece que foram feitas porque estava tentando ser o melhor pai que podia.

“Trabalhei para Rachel Fitzsimmons”, digo. “Cuidei de um de seus filhos enquanto ela estava no parto e logo após. Rachel teve um pós-parto muito ruim e não queria tomar qualquer medicação. Desejava amamentar. Foi difícil para ela, porque emocionalmente não queria ter nada a ver com o bebê. Mas todos os dias, durante três meses, passou pelo processo da amamentação até que sentiu como se pudesse tomar o medicamento. E assim, sei que isso não é o mesmo. Mas às vezes você apenas atravessa os acontecimentos até acordar e perceber que ama a criança o tempo todo.”

Ele move a mão para esfregar o lábio, como se o atrito o ajudasse a pensar. Com certeza não me ajuda.

CAPÍTULO 32

Brad

Até estarmos juntos na cama, não tinha pensado seriamente em fazer Cara minha.

Isso é uma mentira. Imaginei. Só não pensei sobre as consequências.

Isso é uma mentira. Simplesmente decidi ignorá-las.

Até estar na cama com a minha filha entre nós, eu risquei desejar estar perto de uma mulher quente. Mas estou em torno de mulheres quentes o tempo todo. São como caranguejos de areia nas ondas. Você não tem que cavar muito longe ou muito tempo antes de um aparecer em sua mão.

Estou cansado. Metade de ressaca. Está escuro e a beira da cama está a dois centímetros de distância. Se me mover, cairei e se eu não me mover, cairei também. Todas as minhas defesas caíram. Contei a ela coisas que escolhi guardar para mim mesmo. Que não sei como amar minha filha. Que estou desconfortável e infeliz. Fiquei aliviado de ter isso fora do meu peito. Não sabia que estava sufocado sob o peso disso.

Toco Cara sobre o corpo adormecido da minha filha. Apenas o braço dela. O beijo no caminho foi tão rápido que não tive a chance de prová-lo, mas aquele braço? Eu o senti. Desenhei meus dedos no comprimento suave dele. Ela não se afastou por um longo tempo. Quando fez, colocou o travesseiro e se manteve longe.

“Ela está dormindo” diz. “Você provavelmente pode sair agora.”

Não fui rejeitado por uma mulher desde o ensino médio. E a rejeição de Doreen McCody não durou mais de uma semana, antes de eu ter a minha mão em sua saia.

“Você tem certeza?”

“Sim. Basta ser silencioso e ir devagar.”

Tenho que ver se está certa. Então tiro o braço debaixo da minha filha e coloco uma perna no chão, escorregando até a cama pra não inclinar do meu lado.

E acontece.

Nicole levanta a cabeça.

“Onde está indo?”

Faço contato visual com Cara sobre o tapete do cabelo de Nicole. Ela está com uma expressão como se estivesse segurando o riso.

“Apenas indo para a minha cama” falo. “A Srta. Cara vai ficar.”

“Não. Você fica.”

Ela joga seus braços ao redor do meu pescoço e solta todo o peso. Estou preso.

“Você deve ir” Cara fala. “Se ela se acostumar com você aqui, vai se tornar um hábito.”

“Vou ter medo de novo” Nicole diz, a voz ainda rouca de sono.

Cara tenta puxá-la de cima de mim, mas a pequena é persistente como o inferno.

“Ela é uma Sinclair” falo deitado. “Vai proteger seus hábitos. Certo, Nicole?”

“Shh” ela emite, enfiando suas mãos sob sua bochecha. “Estou dormindo. Feche seus olhos. Vá dormir também.”

“Ok.” Deito minha cabeça. Nicole coloca seu braço sobre mim para se certificar de que eu não saia e Cara fica quieta do outro lado da cama de solteiro. Talvez tenha dormido. Eu com certeza não. Não consigo relaxar com o conhecimento de que Cara está a trinta centímetros da minha cabeça.

Foi uma noite longa. Suspeito que Cara esteja acordada, mas não quero falar.

Posso me levantar, mas a cama cheira a ela, pêssegos enlatados e flores. Sua respiração chega a um ritmo raso, longa. Ela está dormindo. Foda-se. Não desejo sair. A casa está uma bagunça. E não quero deitar em minha própria cama. Para quê? Estou metade dentro, metade fora do colchão de solteiro.

Relaxo. Só quero pensar em sua presença. Perguntar a ela o que diabos está acontecendo sem dizer nada. Tenho uma lista de coisas que Cara não faz. Não me julga. Não diz mesmo quando me julga. Não me olha torto.

As coisas que ela *fez* são desconfortáveis.

Ela me fez confortável, o que é desconfortável. Tem uma voz suave e sedutora que nunca tentou me conquistar. Em torno dela, desejo fazer a coisa de ser um pai. Um verdadeiro movimento. Não um espetáculo à parte. Ela faz parecer

possível. Não sei como realiza isso, ou por que, ou se é intencional. Mas quando penso sobre tentar mais duro, Cara é a segunda coisa em meus pensamentos, depois da minha filha.



CAPÍTULO 33

Cara

O sonho naquela noite foi o mesmo, mas diferente. Nós estávamos de joelhos sobre a mesa de bilhar completamente vestidos, nos beijando. Apenas beijando. Eu o provei. Ouvi. Cheirava a cloro de piscina e rum. Acordo lentamente, ainda sentindo a pressão sobre meus lábios.

Noite passada.

Coisas aconteceram. Nada grande, mas no meu pequeno universo despertei para novas fronteiras. Fui de ter uma paixão secreta noturna, a tê-lo me beijando e tocando.

Sinto-me mal sobre isso. Confusa e ambivalente. Percebo a respiração de Nicole no meu ombro e me chuto por me colocar em uma posição onde tenho que deixá-la.

Abro os olhos. Brad foi embora e Nicole está cutucando meu rosto cantando uma canção de pônei, cada dedo no meu queixo.

"Bom dia" falo. "Como você dormiu?"

"Ok. Papai saiu."

"Quer café da manhã antes da Srta. Blakely chegar?"

"Pãozinho e queijo cremoso, por favor."

"Vamos nos vestir."

Alimento Nicole e lhe coloco um vestido. Levo-a para a casa da piscina, onde jogamos uma versão não-competitiva, simplista de xadrez. Lá fora, duas senhoras em batas estão pegando garrafas de cerveja e um cara está removendo a água da piscina.

Ray Heywood quer encontrar você?

É Laura, minha agente da West Side. Não atendo chamadas pessoais quando estou com crianças, mas normalmente posso enviar mensagens de texto.

Não combinamos nada, mas sim

Que tal amanhã?

Ray chamou Laura para marcar uma consulta comigo. Significa que ele vai me pagar e não apenas pedir conselhos pessoais. Ele não irá só me agradecer ou gritar comigo.

O que ele quer?

Eu acho que espera que você mantenha silêncio sobre Willow

Existe algumas palavras para exatamente quão insultante isso é.

Quando já divulguei qualquer coisa que se passa com a família?

Nunca. Eu sei. Apenas o encontre. Contratar você de volta na melhor da hipóteses. Almoço grátis na pior

Nicole está fazendo o rei preto beijar a rainha branca.

"Eu amo você, Sr. Rei" ela imita a fala da peça. "Amo você também, Sra. Rainha." Ela faz sons de beijos.

Certo. Ele vai pagar.

* * *

Voltamos para a casa principal por volta das onze. Nicole quer outro sanduíche de queijo cremoso.

Brad já está na cozinha sublinhando coisas de um roteiro. Parece como se já tivesse saído e retornado.

"Nós vamos estar fora daqui a um minuto" digo quando Nicole e eu entramos.

"Espere!" Ele fecha o roteiro. "Tive um monte de tempo para pensar."

"Efeito colateral de uma criança forçando-o em uma cama de solteiro." Puxo o tubo de queijo cremoso gourmet da geladeira. Os pãezinhos torrados estão na gaveta de pão. Faca. Prato. Menininha no banquinho.

Brad se inclina para Nicole. "O quanto você gostaria de ir para a Disneylândia?"

Ela engasga e cobre a boca, com as sobrancelhas arqueadas sobre olhos arregalados.

“Isso é um sim, vou aceitar” Brad fala com um grande impressionante meio sorriso.

Nicole rebate. “Quando?”

“Depois de amanhã. Dois dias de nada além de diversão.”

Ele olha para mim. Eu deveria dizer alguma coisa.

“Acho uma ótima ideia.”

Nicole salta como se a cadeira fosse um trampolim.

“Eu odeio trazer isto” falo suavemente, olhando para Brad. “Arranjou segurança?”

Ele estala os dedos. “Sob controle.”

Isso é o que eu temia. A versão dele de sob controle não é a minha. Não quando diz a respeito à Nicole e para onde seus lábios pousam. Eu tenho certeza que iríamos entrar em combustão espontânea em momentos de fraqueza, sem tomar quaisquer decisões sobre se devo ficar ou ir.

“Acho que precisamos conversar” digo. “Muita coisa aconteceu ontem. Cruzamos linhas.”

“Odeio linhas” ele diz, sorrindo. Deus amaldiçoe esse rosto. “Ouça. Pensei sobre isso.”

Ele dá uma pausa longa o suficiente para reabastecer seu café.

“Vá em frente” falo, enquanto Nicole desenha Minnie Mouse.

“Café?” Ele pergunta. Boa estagnada. Eu dou a ele, porque preciso de café.

“Sim.”

Brad não se apressa em derramar e tirar o creme da geladeira. Quando me entrega a xícara faço um esforço para pegá-la sem tocá-lo e falho. Seu dedo escova o meu e me lembro do jeito que acariciou meu braço na noite anterior. A quantidade ideal de pressão.

Coloco a xícara nos lábios.

“Vá em frente” peço.

“Antes de começar, tem algo a dizer? Tenho certeza que tem uma opinião.”

“Você bebeu.”

“Não tanto assim.”

“Estou tentando te dar uma saída.”

“Se eu quisesse uma saída, estaria fora. Quero entrar.”

Minha boca fica seca. Engulo em seco, mas não tem nada para descer. Nicole está cantando para si mesma no balcão e quero morrer ou saltar para cima e para baixo com alegria. Ambos. Nenhum.

Começo a dizer algo, mas nunca decido o que, então só fico lá com o meu café circundado por ambas as mãos, a boca entreaberta. Ele encontra meu olhar e o segura.

“Vai ser assim” ele fala, finalmente quebrando o silêncio. “Você não quer trabalhar para mim de qualquer maneira. Espere mais um pouco, então todas as apostas estão fora.”

“Que apostas estão fora, exatamente?”

Agora sou a única aguardando.

Ele aponta o polegar para Nicole. “Não quer que eu conte sobre o que vou fazer para o seu corpo com companhia.”

Tenho aquela atitude profissional por uma questão científica, porque desejo ouvir o que ele vai fazer comigo em detalhes.

Limpo a garganta e foco na xícara de café.

“Não é apropriado. Nada disto é. Não deveríamos nem mesmo estar falando sobre isso.”

“Quando seu tempo acabar, essa conversa vai ficar real. Marque minhas palavras.”

Ele toma um gole de café com uma certeza absoluta.

“Faço um monte de coisa errada” ele diz, enxaguando sua xícara. “Mas quando decido algo, acontece.”

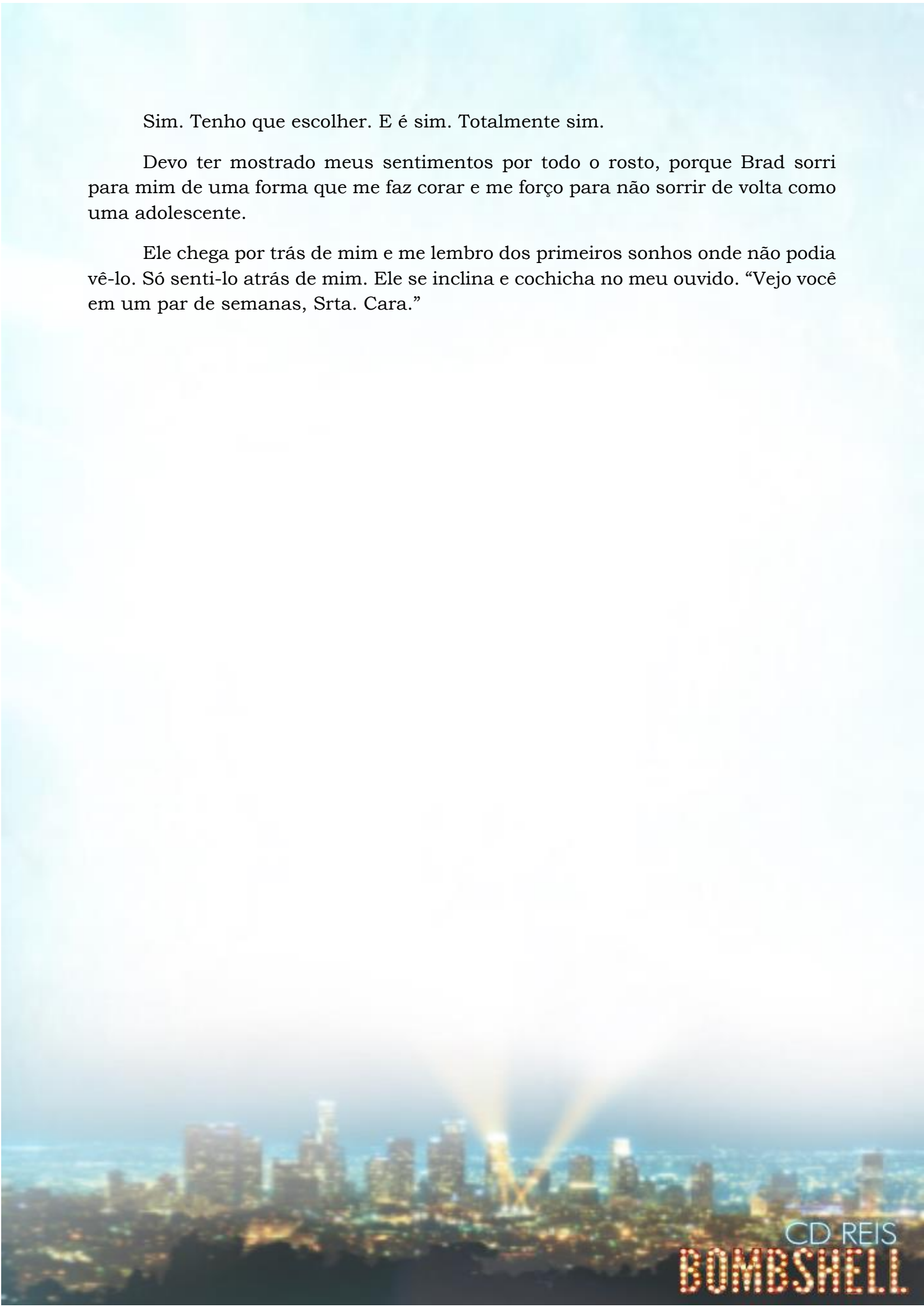
“Tenho que decidir?”

É uma pergunta retórica. É claro que preciso decidir. E o deixarei me dizer o que vai fazer e depois deixar acontecer. Eu mal consigo respirar pensando sobre isso. Não imagino a protuberância em suas calças de smoking por pura força de vontade, mas no balcão com suas promessas pesadas no ar, deixo essa visão me mover.

Sim. Tenho que escolher. E é sim. Totalmente sim.

Devo ter mostrado meus sentimentos por todo o rosto, porque Brad sorri para mim de uma forma que me faz corar e me forço para não sorrir de volta como uma adolescente.

Ele chega por trás de mim e me lembro dos primeiros sonhos onde não podia vê-lo. Só senti-lo atrás de mim. Ele se inclina e cochicha no meu ouvido. “Vejo você em um par de semanas, Srta. Cara.”



CAPÍTULO 34

Brad

Esta é uma intervenção. Mike não viria para o escritório de Ken a menos que tivesse uma boa razão e a desta vez é o Sr. Bagunça Fodida. Eu.

Ken me chamou ao seu escritório para falar sobre a segurança na Disney, que admito, não tinha falado com ele sobre isso até Cara sair, porque não me pensei até que ela mencionou. Apresso-me ao edifício do meu publicitário, no caminho onde não serei visto por alguém que queira um autógrafo ou uma foto e vou até seu escritório, que é decorado com cerca de quarenta e nove tons de cinza.

Ken me disse, em uma sentença, que irá cuidar da segurança no caminho para seu escritório. Então, quando entro, ele fecha a porta. Michael Greydon está no sofá com uma jaqueta azul marinho e camisa branca. Sr. Arrumado. Meu amigo. Que não ligou. Que não enviou mensagem de texto. Apenas está sentado ali com um iPad em seu colo. Ele me abraça e me dá um tapa no peito com o tablet.

É aí que vejo a foto de celular comigo ao lado da minha piscina. Tenho uma cerveja, mas estou de calças, então fodam-se eles.

“Me diga porque me importo” falo.

“Porque eu me importo” Ken fala, agarrando o iPad.

“E trouxe este idiota para colocar juízo em mim? O cara se casou com uma paparazzi. Uma paparazzi quente... mas ainda.”

Ken balança seu dedo sobre a tela. Outra foto minha, com a camisa aberta. Minha piscina. Geraldine Mancuso com a parte inferior do biquíni verde. Os peitos dela estão borrados, porém a mancha é cor de pele, não verde. Ela segura um cachimbo de vidro longo em uma mão e um cigarro na outra. Atrás dela, outra menina de topless está de costas para a câmera.

E, claro, eu suspirando pela babá de Nicole.

Sabe o que estou pensando?

Não penso *fodam-se eles*, nem, danem-se eles. Não ligo para o que o público pensa. Não me incomodo que meu agente está prestes a usar a minha amizade com Mike como uma maneira de me fazer ser alguém com uma vida mais administrável.

Meu primeiro pensamento?

Cara está fora da foto. Fico aliviado.

“Foda-se isso. Tracey Shim foi pega fazendo carreiras de cocaína no quarto Thelonius.”

“E ela não conseguiu uma capa de revista desde então” Ken interrompe.

Entrego o iPad, mas Ken não o pega.

“Leia isso.”

Eu congelo. Michael pega o tablet e lê.

“*E o Prêmio de Pai do Ano vai para... Literalmente qualquer um exceto Brad Sinclair.*” Michael faz uma pausa, olha para a minha reação e continua. “*Seu comunicado de imprensa o tem tão graciosamente tomando uma criança estranha, mas em vez de se dedicar à criança abandonada, mantém seus caminhos de playboy. Apenas na noite passada, foi fotografado em meio a uma constelação impressionante de álcool e cordas de biquínis. Onde está o bebê? Bem na mesma casa com as babás, é claro. Para tornar a situação mais deliciosamente complexa, na verdade existem duas babás. Uma é a clássica, que pula nos papais de Hollywood, saltando da cama de Josh Trudeau para a Casa da Devassidão de Brad Sinclair. A outra é fresca como uma margarida. Ela conseguiu não ter um único escândalo divulgado em toda a sua carreira. Vamos ver quanto tempo dura, não é?*”

Ele abaixa o tablet. “Há mais. Mas você pegou a ideia.”

“Isto?” Ken diz, “Não posso consertar para você. Se as pessoas pensam que você está festejando na casa, vão começar a se perguntar por que o serviço de proteção a criança não está à sua porta.”

“Deixe que perguntem. Não me importo” falo, mas não acredito nisso. Não, apenas escuto a voz de Cara me dizendo como é difícil. Como se eu tivesse que escolher uma pista maldita ou sair da estrada.

Ela nunca disse isso exatamente. Mas quando digo para mim mesmo é com a voz dela.

“É aqui onde eu falo?” Michael pergunta a Ken.

“Vá em frente. Coloque seu pequeno coração para fora. Mas conserte-o.” Há uma batida na porta do escritório e a sombra da assistente executiva de Ken aparece através do vidro fosco.

“Desculpe-me, se pessoalmente ofendi você” estalo, porque foder Ken e sua pequena vida ocupada com as crianças e sua esposa, precisando de cuidados 24 horas por dia 7 dias por semana.

“Nada pessoal. Você entende? Quanto a mim, não tenho nada *pessoal* para ficar ofendido.” Ele aponta para Michael, então para mim, enquanto olha para o meu amigo. “Tenho que fazer uma chamada. Conserte-o.”

Ele sai com o telefone no ouvido, como se já tivesse seguido em frente. A porta de vidro abre, depois é trancada.

“E estou preso no escritório com o Dudley Do-Right – o Sr. Certinho” falo, me jogando no sofá. “Se vai me ensinar, estou bem aqui.”

“Dudley Do-Right não é anterior ao seu tempo?”

“Minha mãe costumava dizer isso. É um cara real?”

“Não tenho ideia.” Ele sacode seu relógio até que esteja em seu punho, então verifica. “Ouça. Não me importo com sua imagem.”

“Bom.”

“Ou sua carreira. Se ninguém contratá-lo mais, você pode simplesmente voltar para o Arkansas. Seus pais ficariam felizes.”

“Não vou voltar.”

“Eu sei. É apenas um cenário de pior caso. Para você. Sua filha está vivendo o cenário do pior caso dela.”

“Cara, me dá um tempo. Ela tem tudo o que uma criança poderia desejar.”

“Eu juro a você, ela não se importa.”

“Sabe o quê?” Me levanto. Tive o suficiente e ele nem sequer começou. “Seis filhos adotivos há alguns meses não faz de você um especialista. Não como um todo. Faz você mais louco do que um rato de banheiro.”

“Talvez, mas...”

“Não. Sem, mas. Trabalhei toda a minha vida para que pudesse fazer o que quero. Então cheguei aqui e tenho que cortar semanas entre filmes. Não há nenhuma vida de lazer. É tudo mentira. Você consegue e não consegue fazer o que almeja. Começa a trabalhar como um burro de carga. Você sabia disso. Não está surpreso. Seu pai, sua mãe, seu primo em segundo grau do lado de sua mãe... todos sabiam. Bem, eu não. Trabalhei para sair e cheguei aqui e é mais trabalho.

Não posso respirar, Mike. Não posso respirar e agora tenho que ser um pai? Mais que... *que porra*?"

"O que quer que eu te diga?" Seus dedos passam entre suas pernas abertas.

"Diga-me que posso ter uma vida."

"Pode ter uma vida. Mas não a que planejou."

Quantos pais um cara precisa? Será que bati em uma colmeia deles ou algo assim? Sinto como se estivesse sendo cercado de pessoas me dizendo o que fazer.

"Para me falar isso que você desceu a colina?"

"É pegar ou largar. E nisso você precisa ir mais devagar. Isto é grande. Não é método. Não está se preparando para uma parte. É isso. Isto é tudo que tem."

Foda-se isso. Foda-se para sempre. Foda-se tudo sobre isto.

"Sem pressão, certo?" Resmungo e vou para a porta. Estou sendo um pirralho. Eu sei, mas me sinto como um pirralho justificado que chega a ser malcriado.

"E a babá?" Michael grita quando chego perto da porta. Meu coração gela como o lago Blomer em janeiro. Gelo sólido. Pronto para rachar se for tocado.

"Como você sabe?"

"Todo mundo sabe." Ele olha para mim como se eu fosse uma folha de hortelã pequena de um refresco. Talvez seja. Estou perdendo a porra da minha cabeça. Quase pergunto a ele o por quê. Quase fico com raiva porque soa como se ele fosse insultar Cara.

Mas ele é Michael Greydon. Não insulta as pessoas. Isso é abaixo dele.

"Eu a quero e vou manter, Mike. Apenas não descobri como. E não tente me convencer do contrário."

"Está brincando."

"Não estou. Ela tem esse jeito. Quero fazer direito por ela e então quero..."

Fazê-la gritar meu nome.

Fodê-la tão duro que ficará dolorida por dias.

Não posso dizer isso. Fui bem educado. Esquisito o bastante estar imaginado tudo dessa forma. Eu me livrei da besteira cavalheiresca do Sul e aprendi a viver, foder e festejar do jeito de LA. Sem regras. Adoro essa vida. Mereço isso.

“Ela faz isso comigo” falo mais para mim do para Mike. “Ela me faz querer incendiar a casa abaixo. Não sei o que é.”

Esfrego os olhos. Não consigo tirá-la dos meus pensamentos depois de tê-la beijado.

“Bem, acho que já sabemos o que Josh viu nela” Michael fala.

“Josh quem?” Devo ter soado enfurecido, porque meu sangue ferve. Foda-se ele. Quem ele é. Foda-se ele.

“Josh quem?” Se o olhar de Michael é um guia, sou estúpido, bem como louco. “Trudeau. Quem achou que fosse?”

Eu sorrio, sacudindo a adrenalina.

“Certo. Deixa pra lá.”

“O que está acontecendo?”

“A outra babá. Não a que Josh teve um caso. Não Blakely. Cara. Eu a quero e isso não deve ser um problema. Não posso deixar de ser um idiota e apenas pegar o que desejo, porque isso está lá. Não me importa o que eles pensam de mim. Mas me importa o que pensam *dela*.”

Ele não responde. Apenas se encosta no sofá.

“Pode parar de olhar para mim assim?”

“Como?”

“Como se fosse um médico e eu o paciente.”

“Conte-me sobre sua mãe” ele fala com uma cadência freudiana distinta.

Ótimo. Se eu vou ser um burro emocional, vou ser um burro emocional.

“Então, lembra da vez em Strasberg? Quando estávamos fazendo o jogo com a bola de golfe?”

“Não.”

“Seu babaca. Sim, você lembra. Havia seis de nós. Britt também. E passamos a bola entre nós. Toda vez que a conseguíamos, tínhamos que contar uma verdade sobre a pessoa que nos passou a bola. Certo? E eu passei a você e disse que você era um Príncipe de Hollywood, que conseguiu isso com facilidade e ficou com raiva, então a jogou de volta forte e falou que eu era um menino de ouro, porque tinha todo o talento e não precisava trabalhar para isso. Eu a enviei de volta para você e

disse que iria desperdiçar sua vida se preocupando com o que todos pensavam sobre você. Então enviou de volta e disse a verdade sobre Brad Sinclair, ele se preocupa que todos vão saber que se incomoda com o que as pessoas pensam então vai garantir que todos pensem o pior. Lembra-se disso?"

"Trevor levou a bola para longe depois, certo?"

"Sim. Mas você tinha razão. Eu também, porque você era um fodido Príncipe."

"Ainda sou."

"Obrigado por admitir. E agora? Sentado aqui no escritório de Ken, quero ser você. Com uma reputação que possa me orgulhar. Quero olhar para o que construí e dizer: 'Isso é meu', como se importasse."

"Ter filhos vai fazer isso para você."

"Pode parar de ser um pau por um minuto?"

"Bem. Deixe-me ver se entendi direito. Você quer a babá. Mas se tiver a babá, vai ter uma reputação de merda de que realmente não se preocupa exceto que sim, por causa da babá. E quer parar de ser o menino festeiro de Hollywood pela filha. Mas se começar a foder sua babá, vai ferrar com ela?"

"Algo assim."

Michael se levanta e aperta o botão de cima do seu casaco. Cary fodido Grant não tinha nada desse cara.

"Posso te falar uma coisa."

Levanto-me também.

"O que é?"

"Você não tem mais problemas de uma cidade pequena do Arkansas. É quase um Príncipe de Hollywood. Mas não o bastante."

"Te cuida, amigo."

"Você me deu alguns conselhos uma vez. Disse para fazer o que quisesse, porque era o que eu desejava e não fingir que era outra coisa. Então, pelo o que você anseia?"

A questão mais simples do mundo. Desejo o corpo de Cara e seu tempo. Quero ser um bom pai e fazer um bom trabalho. As festas e os clubes vêm em um distante dez na lista. Já realizei tudo isso. Não há nada de novo.

O que desejo?

“Tudo” digo. “Tudo isso.”



CAPÍTULO 35

Cara

Não sei o que esperar de Ray Heywood, mas ele não pode fazer nada pior do que me dar uma bronca na frente de todos no Kate Martello.

Tenho a sensação de que vai ocorrer tudo bem. Meu sonho COM Brad apareceu como um relógio e acordei não apenas excitada, mas feliz. Somos uma combinação terrível, mas quando não for mais a babá de Nicole, posso pelo menos provar a mim mesma que esses sonhos e sentimentos são equivocados. Estou faminta por sexo e afeto. Não por Brad Sinclair particularmente.

Sim, uma vez que eu não for a babá de sua filha, poderia beijá-lo novamente e isso será... triste.

Estaciono o carro e atravesso para a entrada dos fundos do restaurante.

Brad e eu iremos ter algum tipo de aventura de curto prazo que provará que somos incompatíveis e depois? Eu me apaixonei por Nicole.

Não se apaixone pelas crianças.

Eu tenho uma fantasia. Ray me contrata de volta. Então, deixarei Brad fazer todas as coisas com o meu corpo que ele jamais imaginou.

Mas não tenho imaginação o suficiente para fazer o relacionamento permanecer. Então, o que acontecerá com Nicole? Não posso ser a primeira de muitas que entrarão e sairão de sua vida. Não posso quebrar seu coração.

O problema padrão do bando de paparazzi pendurados atrás da corda de veludo está aqui. Eles geralmente me ignoram, o que funciona perfeitamente, obrigada.

Nem sequer olho para eles ou para baixo quando passo. Meus pensamentos estão em Nicole, que amo e Brad, que é o pior tipo de pessoa no mais agradável pacote, repreendendo-me por desistir de um para que possa ter o outro. Não consigo ver uma maneira de contornar isso. Não posso pensar em uma maneira de ter os dois. Ou até mesmo um sem o outro.

Aproximo-me do cara de terno que deixa as pessoas entrarem (ou não) e estou prestes a dizer meu nome quando escuto, alto e claro.

“Cara DuMont!”

Procuro a fonte do grito e não encontro, porque foi abafado por todo o grupo chamando meu nome e a visão desconfortável de flashes apontando na minha direção.

“Senhorita DuMont!”

“Onde conseguiu esses sapatos?”

“Onde está Brad Sinclair?”

“O que você disse quando ele te expôs?”

“Como foi aquele beijo na noite passada?”

Engulo o meu coração e os pulmões em um gole, mas se alojam na minha garganta.

O beijo.

No caminho para a casa da piscina.

É claro que alguém viu aquilo, mas não tinha visto qualquer coisa na web sobre o assunto. Nenhuma foto apareceu. Perdi isso? Quem sabia? Todos? Informantes? O público? O que estão dizendo? Sou uma prostituta? Uma curiosidade? Quem sou? Não posso ouvir, saborear, sentir nada além da fratura do meu senso próprio.

“Senhorita Dumont” o homem com o terno escuro fala. Olho para ele. Quarentão. Rosto gentil. Tablet escondido na dobra do seu braço.

“Sim.” Eu mal consigo fazer a minha voz passar pelos órgãos presos na garganta.

“Por aqui.”

Ele me conduz através das portas, da sala amontoada com os tetos altos. Reconheço Fiona Drazen e Neville Rage sem tirar meus olhos das costas do maître. Nem quero saber se estão olhando para mim.

Ray se levanta quando me vê. Ao lado dele, Kendall sorri com seu cabelo longo, brilhante e brincos caros. O maître segura uma cadeira para mim e Ray senta-se depois de mim.

Kendall coloca seu cabelo atrás da orelha direita com sua mão esquerda. A pedra no anel de noivado é do tamanho de uma lâmpada e duas vezes mais

brilhante. Ela tem a minha idade. Mais alta. Mais rica. Mais sofisticada, porém não mais mundana.

Não sei por que sinto como se tivesse que me comparar com ela. Meu nome nos lábios de um bando de paparazzi me deixou exposta as minhas vulnerabilidades.

“Obrigado por ter vindo” Ray agradece.

“Estou feliz por isso. Sinto muito sobre o que aconteceu com Willow. Não sabia mais o que fazer.”

“Está tudo bem...”

“Nós queremos que você entenda” Kendall interrompe Ray, “Que não aprovamos. Ela é muito jovem, pelo amor de Deus.”

“Ela deveria estar no treino de vôlei.”

Eles pulam nas frases um do outro. É quase fofo.

“E falamos com a mãe da menina de quem ela deveria pegar uma carona.”

“A babá deveria levá-las para casa.”

“Nunca nos contou que Willow não estava no carro.”

“Disse que não era o seu trabalho.”

“E a mulher que contratamos perdeu a trilha completamente.”

“E pensamos que você nunca faria isso.”

“Nunca.”

“Nunca, jamais.”

Eles ficaram sem história. Deixo falarem até o final. O garçom vem e fazemos os pedidos.

Não sabia o que queria que saísse dessas pessoas. Vim esperando que me oferecessem um emprego para que pudesse deixar Brad com outro trabalho pronto, mas sentada aqui, imaginando que parentalidade inconstante tem a ver com os problemas de Willow, o que isso significa para Nicole, o quanto desejo Brad e que tola fui pensando que poderíamos manter em segredo. Duvido de tudo. Estou caindo nas fendas entre todas as coisas que quero.

“E Willow?” Pergunto. “Ela é velha o bastante para ser responsabilizada.”

“É claro!” Ray fala.

“Tirei o telefone dela por uma semana” Kendall diz com firmeza.

“Ela te disse para ir se foder?”

Eu até me encolho de meu comentário sem filtro, mas Ray ri.

Kendall não parece divertida.

“Ela vai viver” Ray diz. “Minha linda futura noiva talvez não.” Ele coloca seu braço em torno de Kendall e ela o empurra de brincadeira, mas sem qualquer humor verdadeiro. Ela está louca. Willow deve ter ultrapassado bastante a linha. Só imagino a gritaria e Jedi se escondendo no quarto com seus Legos.

“Acho que você vai ficar bem” digo. “Honestamente... não sei o que você quer de mim. Nunca fui para a imprensa com problema de qualquer criança.”

“Estávamos preocupados” Kendall fala.

“Não realmente” Ray interrompe.

“Você não trabalhava para nós quando a viu. O acordo de confidencialidade não cobre incidentes depois que demitimos você.”

“Oh, Kendie” Ray diz, exasperado. “Você não entendeu.”

“Olha, é negócio, querido.”

“Sim e não. Principalmente não.”

Ela vira o pulso para ele e seus braceletes fazem barulho.

“Há dinheiro envolvido” Kendall insisti. “É negócio.”

“É mais complicado...”

“Você não a teve assinando qualquer coisa para ganhar a indenização.”

“Vocês estão me deixando louca” interrompo. “Podemos chegar ao ponto?”

Kendall se inclina para trás e cruza os braços, sua linguagem corporal adiando a matéria inteira para seu marido, que parece agora querer rastejar sob uma rocha e morrer.

“Basta dizer o que for, Ray” peço. “Não vou sair. Estou com fome.”

Ray coloca os cotovelos sobre a mesa. Seus punhos sobem para mostrar uma pulseira de ouro grosso que não vi antes. Não é mais do que outra bugiganga elegante, mas lembra-me quanto dinheiro e poder ele tem. Quantas conexões.

“Willow é jovem e seus erros podem segui-la por um longo tempo.”

“Sabe que não vou começar a chamar as pessoas.”

“Talvez não agora. Mas se alguma coisa acontecer e se tornar público, as pessoas vão chegar até você pela história. Ela não está coberta com este incidente. Legalmente, você poderia falar e não queremos isso.”

É a minha vez de me inclinar para trás e cruzar meus braços. De quantas maneiras posso dizer a esse cara que não iria machucar Willow?

“Então” ele fala, puxando um envelope do bolso interior. “Aqui está um acordo de não revelar o que aconteceu e onde a viu. É o mesmo acordo, mais ou menos, como você assinou quando foi contratada.”

Pego o envelope. Poderia assinar apenas para estes dois conseguirem dormir à noite. Isso não importa. Eu não ia dizer nada mesmo. Abro o envelope. Ray pega uma caneta do seu bolso interior.

“E se assiná-lo” Kendall diz, “tem dez mil para você.”

Não sei o porquê, acho isso agravante.

Não. Uma vez que congelo no lugar com a mão para a caneta, descubro porque todos os pelos do meu corpo ficaram em pé. A recompensa implícita que tenho informações privilegiadas sobre uma criança. Isso questiona os conceitos básicos da minha integridade.

Fecho o envelope.

“Não desejo o seu dinheiro” falo, entregando o envelope para Ray. “E não vou assinar. Eu nunca, nunca iria ferir Willow. E obrigada, mas não estou mais com fome.”

Saio, andando direto para a parte de trás, como se não houvesse um bando de paparazzi esperando por mim. Não me incomodo. Talvez contem que estou correndo porque Ray e eu estamos tendo um caso. Claro. Por que não? Deixe eles me verem. Deixe-os pensarem o que quiser.

Aparentemente, Ray não se importa também porque me alcança ainda do lado de dentro.

“Cara, sinto muito.”

“Está tudo bem.”

Só quero ficar longe dele. Representa uma falha que não consigo controlar e ele é um triste saco passivo-agressivo. Não sei como consegue dirigir um escritório

com dezenas de funcionários, muito menos os domésticos que você pode contar em uma mão.

"Realmente sentimos sua falta" ele diz.

"Diga 'oi' para as crianças por mim."

O maître segura a porta aberta para mim. O bando está gritando para Wanda Cravitz, que está dando uma volta e acenando antes de entrar para almoçar.

"Não há ninguém como você" Ray fala atrás de mim. Olho de volta para ele.

"Está tentando entrar em minhas calças?"

Ele sorri com a piada que não teria feito quando trabalhava com ele. Isso me faz desejar que quando estava em sua casa pudesse ter sido menos exigente.

"Nós pensamos em te contratar de volta."

Se eu pudesse escolher os meus sentimentos, "esperançosa" não estaria na lista, mas é assim que me sinto. A porta não foi aberta, mas está entreaberta, ou talvez desbloqueada. A casa Heywood foi um trabalho invejável e se Kendall está a bordo, melhor. Eu acho que sei qual é o obstáculo. Poderia esmagá-lo.

"Só estou com Brad por um tempo limitado."

"Descartei quando as imagens chegaram à minha mesa esta manhã."

Quarenta mil fotos chegam a sua mesa em um dia. Uma delas tem a ver comigo. Seguro a alça da minha bolsa com tanta força que meus dedos ficam brancos.

Ele tira seu telefone e o maître deixa Wanda Cravitz entrar. Dou um passo para o lado na lufada de sua comitiva, sabendo muito bem o que está nas fotos, mas esperando que esteja errada. Não as vi e deveria.

"Compramos todas elas e não vamos publicar. Todo mundo sabe sobre elas. O boato se espalhou. É real."

Ele me passa o telefone. "Essa é a primeira. Há mais quatro." Ele limpa a garganta enquanto folheio. "Se Kendall alguma vez as vir, irá até você. E a mim. Assumiria coisas que não são verdadeiras sobre nós. Ela é uma mulher bonita, mas foi machucada antes."

Todas parecem pretas, exceto por uma mancha de luz que ilumina dois conjuntos de pernas que estão paradas juntas. Uma tem um borrão de luz nos rostos. Brad e eu poderíamos ter sido qualquer casal se beijando em um quintal escuro, mas com a cópia certa, eu serei um alvo.

Entrego o telefone de volta.

“Obrigada.”

“Senti como se lhe devesse.”

“Você não precisa. Mas não vou assinar essa coisa.”

Eu poderia sair e provavelmente deveria ter ido o mais rápido possível, mas Fiona Drazen está caminhando para fora com Karen Hinnley e não posso andar com o tráfego que elas causam. Então tenho que ouvir o seu breve discurso doloroso.

“Ouça. Você me deu uma abundância de bons conselhos sobre crianças. Deixe-me dar-lhe um pequeno sobre os homens. Fique longe deste cara. As únicas duas coisas que ele já amou foram uma boa diversão e conseguir o que quer. Você é um desafio para ele e merece ser mais.”

“Sim.” Concordo então consigo ir embora. Não quero ficar presa no restaurante da indústria nem mais um segundo. Os paparazzis podem me fotografar e chamar meu nome. Não me importo, desde que não estou beijando alguém para quem trabalhei por um tempo. É a multidão fazendo-me sentir como um animal enjaulado. O ruído do teto alto. A agitação da hora do almoço. Não consigo pensar. Não sei o que fazer.

“Obrigada, Ray. Novamente. Eu quis dizer isso quando te desejei o melhor.”

Apertamos as mãos e passo ao redor de uma estrela de reality da TV e um bando de paparazzis me ignoram em favor dela. Entro no banco da frente do meu carro como se tivesse acabado de roubar um banco, mas quando viro a chave, não dirijo.

Não me mexo. A placa de Hollywood está na minha frente, cinco quilômetros de distância no horizonte entre dois cartazes, letras pouco legíveis do lado ocidental. Um dos cartazes é para *Broken*. O olho azul de Brad tem três metros de altura. As linhas de riso ao redor dos olhos não foram suavizadas e os poros são tão grandes como um punho. Intencional. Apropriado para a história. Ele parece exatamente como aquele beijo de perto e compartilho a visão de milhões.

Sinto-me violada por aquele olho.

Digo a mim mesma que não quero ser parte da cultura de celebridades. Que quero apenas estar perto das crianças. Falo um monte de coisas e bem aqui, não acredito em nenhuma delas.



CAPÍTULO 36

Brad

Elas são lindas. Todas são nocautes completos. Meninas assim saem de sua cidade natal, logo que o capitão do time de futebol vira suas costas. Alta. Em forma. Parecem modelos de lingerie. Todas se sentam na sala de conferência da agência como se fosse uma chamada de elenco, mas com blusas de botão e rabos de cavalo.

"Por que veio para Los Angeles?" Pergunto a quinta. Talvez décima quinta. Quem diabos sequer sabe. Na entrevista número dois tive a sensação de que não encontraria alguém para substituir Blakely ou Cara.

"Meu agente disse que eu tinha que mudar pra cá se estivesse falando sério sobre atuação. Então, aqui estou. Tenho uma licenciatura em psicologia infantil de Michigan e adoro crianças."

Desde que o tempo é curto, Laura estabeleceu um dia cheio de entrevistas. Falou que elas deveriam conhecer Nicole, não a mim. Como fizemos na primeira vez. Eu a trouxe e fizemos dessa forma na parte da manhã, mas não aprecio estranhas olhando para a minha filha e tentando levá-la a gostar delas. O que ela deveria fazer com todos esses rostos bonitos? Tem cinco anos e é minha. Eu pegaria uma pequena lista. Nós poderíamos começar daí.

Coloco Nicole na sala de jogos com Blakely, que me dá um olhar de lado como se quisesse que eu entendesse que ela se sente culpada por perseguir seus sonhos. Ela não deve se sentir culpada. Eu não me sentiria.

A menina de Michigan possui um bom currículo. Parece vir de uma boa família. E é tudo muito bom. Parece exatamente como o headshot dela. Não tive nenhum sentimento por ela.

"Minha filha perdeu a mãe dela. Ela se apega."

"Adoraria conhecê-la."

"Está fazendo testes em seus dias de folga?"

"Às vezes." Ela sorri. Pele deslumbrante. Tenho que dizer, ela é material de nocaute.

Eu não me barbeei nesta manhã e esfrego o começo da barba. Gosto da sensação em minha mão. Isso me desperta.

Estou comparando todas elas com a babá que estou perdendo. Que é perfeita. Que quero tanto foder que minhas bolas doem. Não estou comparando a capacidade de foda de cada uma. Juro. Mas meus fios estão todos cruzados. Não consigo olhar para elas sem achar que não desejo fodê-las e vejo como uma coisa boa.

Meu pau não deveria estar no comando. Quão muito ou pouco desejo foder a babá não deveria importar. As entrevistas são para Nicole. O que é melhor para *ela*. Não para mim.

Depois da nonagésima babá, acho Blakely ainda sentada na mesa de criança com Nicole. Eu almejo estar sentado naquela mesa. Quero desenhar unicórnios loucos. Então mando Blakely para casa.

"Isso seria mais fácil se elas se encontrassem com sua filha primeiro" Laura fala, da porta da sala de jogos.

"Ela não precisa ser confundida" digo. "Muitos rostos agradáveis tentando levá-la a gostar delas." Seguro uma canetinha para a minha filha. "Azul é o próximo?"

Ela olha para o meu papel e aponta para a faixa laranja em cima do meu arco-íris.

"Não, papai bobo." Ela arranca a canetinha azul da minha mão e me dá uma amarela como se estivesse me entregando um Oscar.

"Aqui está o que quero" digo enquanto desenho uma faixa amarela no arco-íris. "Quero o melhor. Duas senhoras. Pelo menos uma deve ter tanta experiência que nada a choque. Estou pensando em uma que esteja com a mesma família vinte anos e agora está entediada porque as crianças vão para Harvard. Se tiver valores da minha mãe, ainda melhor."

"Quais são os valores da sua mãe?"

"Boa Sulista Batista."

"Ótimo. Tem certeza de que não quer manter Cara DuMont? Acho que podemos convencê-la."

Estou prestes a descartar a ideia, porque quero mantê-la e a única maneira de fazer isso é substituindo-a. Mas Nicole, abençoe seja, tem ouvidos como um fodido coelho. Ela me entrega a canetinha verde e não diz uma palavra. Não olha para mim. Que atriz. Ela ouviu tudo. Cada maldita palavra.

Eu achei que desistiria de tentar substituir Cara. Mesmo que a esteja substituindo para que possa ficar com ela, não há nenhuma maneira de explicar isso para Nicole.

Blakely é mais fácil. A notícia desce como um sorvete e casquinha espiral de baunilha.

“Você vai viver em outra cidade?” Nicole pergunta conforme Blakely limpa seu rosto.

“Não” Blakely enrola o guardanapo. “Vou ficar em Los Angeles.”

“Papai” Nicole diz com naturalidade.

“Sim?”

“A Srta. Blakely deve ficar com a gente. Ela pode ir para audições durante o dia e dormir em casa à noite.”

Nicole Garcia-Sinclair. Resolvendo todos os problemas do mundo.

“Precisamos daquela cama para a sua nova babá.”

“Que nova babá? Não a Srta. Cara. A Srta. Cara fica, certo?”

“Sim” eu falo sem pensar. Blakely me lança um olhar. “Eventualmente.” Então Nicole me lança um olhar. Jesus Cristo. Estas mulheres. “Sim. A Srta. Cara fica.”

Nicole pergunta sobre a Srta. Cara todo o trajeto para casa. Durante o jantar, questiona se a Srta. Cara vai para a Disney no dia seguinte. Quando tento fazer uma trança francesa e faço uma enorme confusão, ela sugere que eu aprenda com a Srta. Cara. E, quando a Srta. Cara aparece para fazer o turno da noite, Nicole corre para a porta.

“Papai falou com uma centena de mulheres bonitas hoje.”

“Sério?” Ela se agacha ao nível dos olhos de Nicole e me olha de soslaio. Meio sorrindo. “Uma centena?”



CAPÍTULO 37

Cara

Brad fica um pouco para trás, braços cruzados.

“Noventa e nove!” Nicole abre seus braços largos. “Mas nenhuma era tão bonita quanto você!”

“Não acredito nisso.”

“A Srta. Blakely vai embora! Vai ser atriz!” Nicole grita como se os sonhos de Blakely se tornassem realidade só porque tem horários vagos em sua agenda. Espero que ela esteja certa. “Gosta do meu vestido?” Ela segura a saia de algodão listrada cor de rosa. “Eu gosto dos seus sapatos.”

Estou usando tênis novos. Agradeço a ela, elogio seus cintilantes sapatos que acendem e continuamos a troca pelo corredor. Brad aguarda, encostado no batente da porta, olhando para mim como se eu fosse a única mulher no mundo. Meu coração afunda. Não tenho nenhuma chance contra ele.

Decido bem ali que não vou contar a ele sobre as fotos. Não quero que me diga que não é um grande problema.

“Estava no West Side hoje, presumo?”

“Sim. Está ruim lá fora.”

“Você vai amanhã, certo?” Nicole balança minha mão para trás e para frente e dá um sorriso de por favor, por favor, por favor.

“Para a Disney?”

“Sim, por favor!”

Brad não se move. A suposição é que desde que é meu dia, eu iria. Isso teria de ser renegociado. Tudo teria de ser renegociado. Ele muda de assunto como se soubesse.

“Vou ler seus livros hoje à noite. Nós pegamos alguns.”

“Sério?”

“Sério. Por quê?”

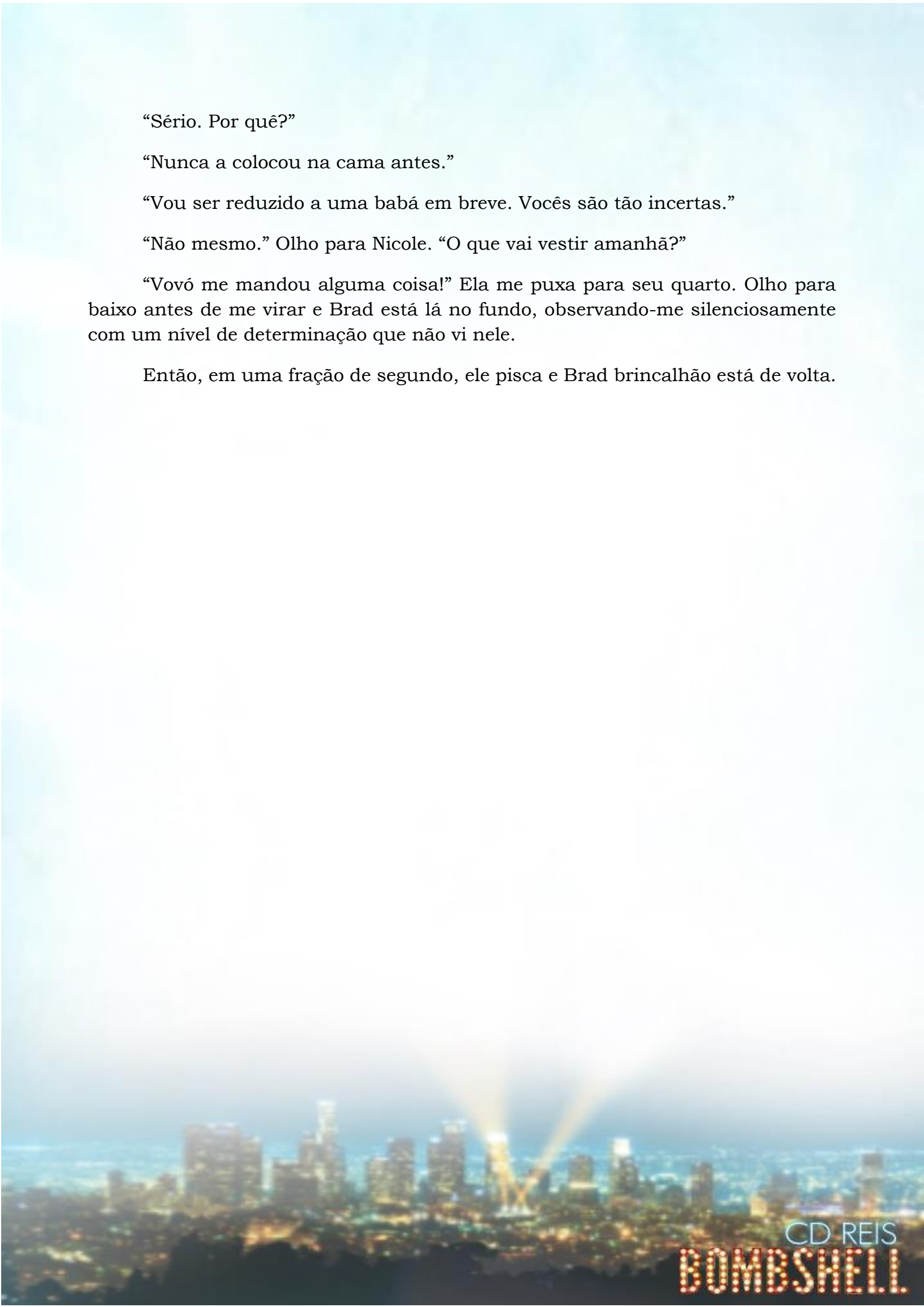
“Nunca a colocou na cama antes.”

“Vou ser reduzido a uma babá em breve. Vocês são tão incertas.”

“Não mesmo.” Olho para Nicole. “O que vai vestir amanhã?”

“Vovó me mandou alguma coisa!” Ela me puxa para seu quarto. Olho para baixo antes de me virar e Brad está lá no fundo, observando-me silenciosamente com um nível de determinação que não vi nele.

Então, em uma fração de segundo, ele pisca e Brad brincalhão está de volta.



CAPÍTULO 38

Cara

Aprovo a roupa dela para o parque temático e a devolvo para Brad para o ritual de dormir. Tudo parece ir bem. Banho. Vestir. Beijo no papai. Leitura na cama, que é mais cantar e fazer coisas do que seguir a história. Beijo de boa noite. Luzes apagadas. Aparentemente a hora de dormir foi tudo bem. Eu até mesmo o ouço escovar os cabelos e dentes dela.

Brad vem para a cozinha com sua camiseta branca e jeans. Meus hormônios correm através do sangue como saqueadores incendiando a aldeia.

"Se ela dormiu, vou para a casa da piscina" falo. "Se precisar de mim..."

Ele está em mim em meio segundo com aquela boca, aquelas mãos. Estou completamente impotente contra seu beijo. Sua língua encontra o caminho em minha boca. Ele tem gosto de uma má decisão. Como a coisa que você sempre disse que não deveria ter feito, mas não se arrepende de qualquer maneira. Um pouco de luz das estrelas. A picada ácida do proibido e a doçura de um pecado que acha que está fugindo.

Cada centímetro da minha pele ganha vida e me pesada e inchada entre as pernas. Um grande pulsar inegável definido com o ritmo de seu beijo.

Nós tropeçamos para o corredor e sem o som da tagarelice de Nicole, nos tornamos desvairados. Desesperadamente, descontroladamente irracional. Estou saindo e uma vez que não estiver cuidando da sua filha isso não fará diferença. Eu serei um alvo para os paparazzi, mas não como a babá.

Ele me empurra contra a parede. Algo chacoalha. Eu. Ele puxa minha camisa para cima, põe a mão sob o meu sutiã e puxa sobre os meus seios. Isso acontece tão rápido, sua boca no meu mamilo, testando seus limites, suas mãos puxando minha calça jeans aberta.

Sussurro seu nome e ele me cala pondo a boca sobre a minha novamente. Gemo uma vez e quando ele coloca sua mão na minha buceta sobre a calça jeans e pressiona com força, gemo novamente.

"Eu quero você há semanas" ele diz entre os dentes. "Agora *isso*." Ele pressiona seus dedos contra mim com força e engasgo com prazer. "Vou te ter."

Seus olhos são tão azuis, tão intensos e sua voz não é do menino festeiro descontraído que conheço.

Ele é um cara que não aceita um não como resposta e sou uma menina que anseia dizer sim.

Ele me pega e me coloca na mesa da cozinha. Envolvo minhas pernas nele e ele me empurra para baixo, moendo sua ereção em mim, espelhando os movimentos de sua língua na minha boca.

"Sim" eu digo. Sem tempo para outra palavra. Juntos abaixo da cintura como ímãs, ele me leva ao fundo do corredor, beijando rosto e pescoço, todo línguas e lábios, minhas mãos sob sua camisa. Ele é duro em todos os lugares. Esticado. Pele esticada sobre músculo magro.

Ele impulsiona seu pau contra mim e empurro de volta. Calor puro. Atrito flamejante. A chama do potencial do que está por vir. Não posso conseguir o suficiente dele em minhas mãos. São muito pequenas, arranhando roupas e pele.

"Alguma vez foi comida por um menino do Sul?"

Tenho que pensar. Não houve muitos, mas ninguém de Los Angeles é nascido em Los Angeles.

"Sul da Inglaterra."

"Não conta." Ele enfia seus dedos sob o meu jeans e começa a tirar. "Você é um deleite, querida. Nós meninos do Sul comemos buceta como torta. E adoro torta."

Sim. Sim e sim. *S'il vous plaît — Por favor —* e obrigada também. O mundo poderia tomar estas últimas semanas a seu serviço e empurrá-las bem onde o sol não brilha porque...

"Paaaaaaaaaiiiiiiiiiii..."

* * *

"Eu não tenho nenhuma ideia de como aconteceu" Brad diz suavemente. Ele está deitado no escuro do outro lado do corpo adormecido da sua filha. Eu posso vê-lo sobre a borda da bochecha redonda e macia dela. O braço dela está sobre mim e suas pernas estão jogadas em cima dele.

"Você está mimando ela, é assim que aconteceu."

“Ela está com medo de ter um pesadelo. Então se tornou um.”

Eu nunca vi Brad dizer uma coisa negativa sobre sua filha ou mostrar sinais de um pavio curto. Fico contente de ver que está finalmente se envolvendo o suficiente para ficar aborrecido.

Ele estende o braço sobre ela e toca meu cabelo.

“Você é muito bonita na mesa da cozinha.”

“Deveríamos esperar de qualquer maneira.”

“Não estou interessado.”

“Nós concordamos.”

Sua voz fica afiada com urgência, mas não cruel. Não. Apenas feroz.

“De jeito nenhum consigo suportar te ver e não te foder.”

Aponto para Nicole, levantando a cabeça um pouco para fazer uma careta, murmurando a palavra *linguagem*. Nicole geme e abre seus olhos pela metade.

Ele e eu esperamos em silêncio a respiração dela ficar normal de novo.

“Qual é a diferença?” Ele sussurra.

Qual a diferença? Pessoas.

“Tive um almoço com Ray Heywood hoje” falo. “Havia uns paparazzis fora do Kate Martello e queriam saber como você beija. Ray me mostrou fotos da festa. Eram de nós no quintal. Estava escuro. Poderia ter sido qualquer um... mas todos sabem que sou eu. E ele sabe também. Ia me oferecer o meu emprego de volta, mas não podia por causa das fotos.”

“O que você disse?”

“Agradeci a ele por não publicá-las.”

“Sobre como eu beijo. O que contou?”

Levanto minha cabeça. Nicole não se agita.

“Brad, sério?”

Você é um desafio para ele.

“Bem, foi muito rápido na outra noite. Agora mesmo? Antes do pequeno pesadelo? Acho que tem uma ideia melhor do que está recusando.”

“Eu não estou recusando. Estou adiando.”

Nicole desliza para baixo com o sono, aninhando sua cabeça no meu pescoço e seu corpo em seu pai. Ela não está entre nossos rostos mais e posso vê-lo à meia-luz. Poderia me inclinar e o beijá-lo com o menor esforço, exceto para o que isso levará.

Ele estica a mão em minha direção, tocando minha bochecha. Não consigo respirar enquanto seu dedo se move para o queixo e acaricia meu lábio inferior. Minha boca fica seca.

“Você sempre joga tão seguro?” Ele pergunta.

“Sim.” Respondo rapidamente. “Não, na verdade.” Ele sorri quando mudo a resposta, puxando meu lábio inferior um pouco. Levaria o menor movimento para ter seu dedo na minha boca. Eu quero prová-lo.

“Conte-me.” Seu sussurro é uma sedução. “Conte-me tudo.”

A noite está tão escura e eu me sinto tão segura em nosso pequeno casulo que decido contar a ele.

“Meus pais estavam no serviço militar então nos mudávamos o tempo todo, mas nos mudamos para Austin quando eu tinha quatorze anos. Apenas outra escola onde eu era a novata. Não tinha amigos. Nunca tive tempo para mantê-los. Nunca me encaixava porque no momento que descobria o que tinha que fazer para me ajustar, nos mudávamos novamente. Mas desta vez falei com meus pais para me mandarem para a escola regular em vez do Lycée. Só queria ser uma criança normal e a diferença entre a escola francesa e uma escola pública regular no Texas? Planetária. Eu viajei por todo o mundo até aquele momento e aquela escola no Texas não era como nada que eu já tinha visto.”

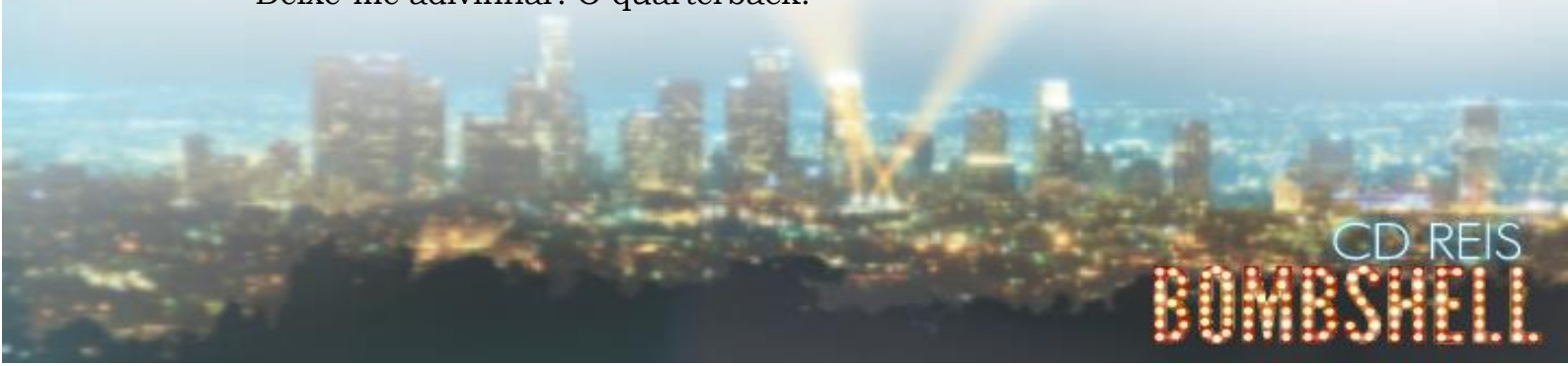
“Como?”

“Tudo era sobre futebol. Como uma religião. Exceto que a religião, ficava em segundo lugar.”

“Minha mãe iria discutir com isso.”

“Bem, ela estaria certa, tenho certeza. Mas do lado de fora, onde eu estava? Os jogadores do ensino médio eram tratados como reis. As meninas sussurravam seus nomes. E houve um. Tyler Stokes.” Eu digo com o mesmo fascínio que o ouvi.

“Deixe-me adivinhar. O quarterback.”



“Sim. Um do último ano. Com uma namorada que era a maior V-A-C-A da escola. Eu poderia dizer no minuto em que a vi. Então fiquei bem longe dela e saia com as crianças do clube de francês.”

“Você tinha um clube de francês?”

“Quatro de nós, na verdade, incluindo Tyler.”

Ele ri.

“A mãe dele o fez participar, porque reprovou antes. Ela queria que ele fosse para o Texas Tech e ele precisava de outro idioma.”

“E o cara flertou com você” ele fala, como se fosse um fato que já conhecia malditamente bem.

“Sim.” Não continuo logo depois, me lembrando daquele momento no corredor depois da escola. Nós estávamos fora da biblioteca. As outras meninas no clube praticamente fizeram sua lição de casa e ele me encurralou. Senti-me pequena e vulnerável, mas emocionalmente animada. “Senti como se tivesse a grande oportunidade. Poderia realmente me encaixar. Poderia viver onde eu estava como se fosse de lá. Sabe? Como se ele pudesse me validar ou algo. Joguei de tímida por uma semana, mas quando ele terminou com sua namorada e veio para mim uma hora mais tarde, não conseguia nem fingir que diria não. Então sim. Seguiu por cerca de um mês. E não joguei seguro, porque ele não queria. Queria muito me encaixar. Sonhei com um grande casamento estúpido e um grande vestido. Uma festa. Tudo isso. Tão estúpido.”

Não estou chorando abertamente, mas bastante umidade se reúne sob os meus olhos para ele enxugar com seu polegar.

“Engravidei. Naturalmente, certo? E ele não foi tão legal. Ele me perguntou com quantos caras estive, só que ele nem mesmo disse de um jeito bom porque eu não era mais virgem. E me disse para cuidar da situação, que não era seu problema. Eu não sabia o que fazer. Se dissesse aos meus pais, eles me tirariam da escola e era a única chance que tinha de ser normal. E não tinha amigos para conversar ou perguntar o que fazer. No Texas têm todas essas regras sobre o aborto. As clínicas são longe e há períodos de espera. Então implorei a Tyler por ajuda. Ele pegou um endereço com um de seus amigos e me levou. Não esperou porque tinha treino de futebol. Não teria mudado nada se ele tivesse de qualquer maneira. Era a casa de uma senhora. Eu estava sentada sozinha, esperando, pensando o que é que ganhei por sonhar com um grande casamento. Como se pudesse ser normal e ter todas as coisas que todos com uma verdadeira casa tinham.”

“Você pode ter...”

Eu o interrompo. Não terminei e a parte seguinte é crítica.

“A senhora era boa. Uma enfermeira eu acho e tinha boas intenções. Tenho certeza que sim. Mas foi uma bagunça. Uma verdadeira bagunça.”

Uma bagunça sangrenta. Uma bagunça de lágrimas e tubos e agulhas. Meus pais me surpreenderam com sua compreensão e amor, mas nada disso poderia curar o que foi quebrado dentro de mim.

“De qualquer forma” digo, engolindo um monte de meleca. “Tudo deu errado. Não posso mais ter meus próprios filhos.”

Brad se inclina para trás e tira um lenço de papel da caixa em cima da cabeceira. Estendo a mão para pegar, mas ele o segura para longe e só quando abaixo meu braço que ele o coloca sobre meu nariz para limpar o choro.

“Isso é um crime” ele fala com ternura.

“Eu acho. Tyler me espantou por não ser um idiota sobre isso. Ficamos juntos até o fim do ano, mas ele me traiu uma semana antes de partir para a Tech.”

Surpreendo-me por não me importar.

“Sim, bem” continuo depois de limpar minha garganta, “agora sabe por que jogo seguro o tempo todo. Você não precisa que o universo te mostre duas vezes.”

Ele me puxa para perto e coloca a testa na minha.

“Isso é uma história e tanto, Cara-Querida. Lamento que aconteceu com você.”

Antes que possa responder, ele me beija suavemente, com ternura. Eu o respiro. Tão bom. Tudo sobre ele é conforto. Um temporário, fácil, conveniente conforto que não posso me acostumar, porque não muda nada.

Nicole se estica e Brad e eu nos separamos, rindo baixinho. Ela se vira e aninha em seu pai como se tivesse medo dele sair. Ela é a rede de segurança mais perfeita.

“Ela está certa.” Ele acaricia Nicole. “Acho que conheci uma centena de garotas bonitas hoje.” Ele afasta o cabelo do rosto da filha. “Algumas ainda mais qualificadas para o trabalho. Mas não as quero. Não estou nem falando de fod...” Ele para antes de deixar cair uma palavra com f em frente a ela. Bom homem. “Todas tinham uma coisa em comum.” Ele olha para mim. “Elas não eram você.”

Eu não respiro. Estou confusa demais. Não posso ficar como babá de sua filha. É uma armadilha. Ele é errado para mim. Festeiro demais. Muito ocupado com seu trabalho. Jamais seria fiel ou estável. Mas eu o desejo e nunca o teria se ficasse.

Estou ciente da contradição, mas o desejo.

"Isso é uma bagunça", sussurro. "Se eu ficar com Nicole, estaremos fora dos limites. Você e eu. Nós não existimos. Nunca poderíamos existir. E não posso estar aqui com vocês e ficar perto de você mais. É tão difícil."

"Vamos resolver isso."

"Não vejo como."

"Tem que confiar em mim." Ele toca minha bochecha novamente. "Tenho tudo sob controle."

"Você está muito confiante." Meus olhos se fecham. Não sei o que estou dizendo; só quero que ele continue acariciando meu rosto e pescoço durante toda a noite.

"Vou encontrar uma maneira de tê-la" ele diz. "Eu não faço nada pela metade. Pergunte a qualquer um. Invisto tudo, o tempo todo. E é você, Cara DuMont. Quero você toda. Você parece boa para mim. Tudo sobre você. Sua voz, seu rosto, esse corpo. Esse corpo."

Ele morde seu lábio inferior. Gostaria de poder fotografar o momento em que me senti como o seu mundo. Ninguém mais. Nada mais. Apenas eu. Passei tantos dias sendo uma força invisível na vida das pessoas que a atenção dele é tão desconfortável quanto excitante. Passamos longos segundos sem fazer nada além de olhar uma para o outro na luz da noite. Ele tornou-se algo mais do que o jogador, o fanfarrão, o talento brilhante, está tranquilo.

"Se minha filha não estivesse nesta cama, você estaria gemendo muito alto."

"Deixe-me encontrar outro emprego."

"E depois?"

"Vai ter que cumprir essas promessas, menino do Sul."

"Você conseguiu um acordo."

Ficamos acordados horas depois disso, compartilhando piadas, tocando o que poderíamos alcançar com segurança. Acho que dormi um pouco, mas, pela

primeira vez desde que aceitei o emprego, não tive um sonho vívido do corpo dele junto ao meu.



CAPÍTULO 39

Cara

“Eu disse a Babás do West Side que pegaria qualquer coisa” falo para Brad enquanto tranço o cabelo de Nicole à mesa do café. “Então tenho que ir lá.”

Brad veste shorts e sandália. Nada de extraordinário, exceto a forma como os usa. Seus óculos de sol estão no topo da cabeça e ele nem mesmo deixou a casa ainda.

“Mas hoje? Tem que ir tão rápido?”

Estou irritada que ele esteja irritado. Ele parecia com urgência sobre o assunto no dia anterior e agora não consigo dizer se ele está vacilando ou se simplesmente não entendeu.

Não quero procurar clareza na frente de Nicole, então só tranço seu cabelo conforme ela come o cereal e cantarola para si mesma. Ele me observa. Completo contato visual. Batendo seu pé.

“Papai” Nicole fala com naturalidade quando aponta para o topo de sua cabeça, “Observe a Srta. Cara. Vê como faz?”

Hora perfeita para mudar de assunto.

“Olhe” digo. Ele se encosta e mim, seu pé empurrando contra o meu, ombros se tocando. “Você começa no topo com três mechas e junta mais conforme continua.”

“Você com certeza tem dedos agradáveis” ele fala com um sotaque sulista espesso.

“Observe o cabelo.” Falo rapidamente. “Em cima. Pegar. Em cima. Pegar. Vê?”

“Vai tirar uma foto com as princesas?” Nicole pergunta. Nenhum de nós responde. Nicole olha para mim, quase puxando o final da trança.

“Não vou hoje.” Termino o meu trabalho com um pequeno elástico azul.

Seu rosto passa de animado para angustiado.

“Por quê?”

“Tenho que encontrar alguns amigos.”

Espero, mas não tenho ajuda de Brad. Ele pode ser um idiota real às vezes. Como quando sua filha não consegue o que quer. Anoto em meus pensamentos.

Nicole fica mal humorada, vira-se para seu pai, então de volta para mim.

“Por que eles não podem ir?”

“Não vão caber no helicóptero” Brad diz. Bem, isso é uma resposta, pelo menos. Ela não vai funcionar, mas ele tentou.

“Consiga outro.” Uma solução óbvia para qualquer problema de criança de cinco anos de idade. Os adultos são tão estúpidos e sorrio para mim mesma. Brad faz o mesmo.

Aquele sorriso me bate na borda. Não é sobre o seu poder ou a capacidade de controlar a sua filha. É sobre um momento prazeroso na lógica de uma criança. Gosto dele outra vez. Ele é aprazível por uma centena de razões para quais foi pago um bom dinheiro. Mas há mais. É genuíno. Ele ouve. Está aberto a mudar suas crenças. Gasta seu dinheiro em coisas que o agradam ou em inconveniência mínima, não objetos de status. Nunca fingiu ser mais do que é, mas não sofre de insegurança ou falsa humildade.

Ele é quem é. Total e autenticamente.

O sorriso dele dura menos de um segundo e nessa fatia de tempo, eu olho.

“Para o que está olhando?” Ele pergunta, o sorriso ausente. O efeito disso permanece na forma de um batimento cardíaco ignorado.

Estou olhando para você.

Mesmo.

Apenas você.

Engulo as palavras, porque nem sei o que significam, agachando-me na frente de Nicole para que possa olhar para longe dele.

“Você vai passar o dia com seu pai. Sabe quantas meninas querem passar um dia com seu pai?”

“Você precisa ir também.” Ela cruza seus braços num acesso de raiva. “Ou não vou.”

“Vai deixar o papai ir sozinho?”

Ela assente decisivamente.

Brad olha para seu telefone. “O carro está pronto.”

Nicole aperta a tensão de seus braços e boca, apontando o queixo para cima apenas o suficiente para exibir a intransigência orgulhosa.

Começo a explicar: “Este é um dia para você e o papai.”

“Senhorita Cara tem que ir” Nicole interrompe. “Ou não vou. Não quero dormir no hotel de princesa ou andar nas naves espaciais ou *qualquer coisa*” ela reclama, quase em lágrimas. “Por favor, por favor, por favor, venha.”

“Não posso.”

Olho para seu pai, esperando por um pouco de ajuda. O que consigo é um cara com seus braços cruzados e metade de um encolher de ombros.

“Seria um inferno de muito mais fácil se viesse, tenho que dizer.”

“Você quer fazer isso ou não?”

“Se tiver que fazer xixi?”

“Há banheiros familiares.”

“Ela vai ficar entediada sem você.”

“Ela nunca fica entediada.”

“O que ela come? Tenho que alimentá-la?”

Eu quero matá-lo, mas então teria que tocá-lo. E se eu tocasse nele, toda a violência fluiria diretamente para fora de mim.

“Podemos conversar?” Rosno.

Ele apenas sorri para mim e me segue para o pátio de trás.

“O que está fazendo?” Exijo.

“Nada?”

Eu senti uma sombra de admiração e desejo cruzar meu coração trinta segundos antes? Derreti em sua autenticidade e sinceridade? Deus! Devo ter tomado drogas no meu café da manhã. Coloco as mãos em meus quadris. Às vezes, uma pessoa autêntica pode ser um autêntico idiota.

“Você está mudando de ideia.”

“Se sabe o que estou fazendo, por que está perguntando?”

“Você. É. Irritante.”

“Sabe o que é engraçado?” Ele aponta como se formulando a ideia. “Eu te vejo com ela e você nunca perde a paciência. Nicole é um verdadeiro espinho, mas você é uma santa não importa o quão desagradável ela fique. Mas comigo? Está jogando duro aqui. Por que isso?”

“Ela tem uma desculpa.”

“Eu também.”

“O que é?”

“Não vai me dizer tudo o que há de errado comigo?”

“Vá para o inferno.” Viro-me para entrar na casa, mas ele dá um passo na minha frente.

“Eu quero você lá porque desejo você. Ok? Gosto de você. Gosto de estar ao seu redor. Quero que venha, porque é mais divertido com você. E quero uma chance de ficar em cima de você. É isso aí.”

Lá está ele novamente. Exposição total de honestidade. Sem sorrir neste momento. Sem prazer. Apenas a realidade brutal de quem ele é. Ele dá um passo na minha direção, apenas um passo muito perto. Coloco a mão em seu peito e empurro um pouco contra o músculo duro.

“Estamos esperando até que eu não esteja na folha de pagamento. Lembra?”

“Odeio esperar.”

“Você...”

Ele me beija e juro que a coisa de beijar tem que parar.

Amanhã.

Porque nesta manhã do Dia da Disney estou fraca e despreparada. Fico chocada com sentimentos que não tive tempo para processar. E já tínhamos nos beijado e ninguém estava por perto, então eu o deixo. E não apenas o deixo, provo sua língua e digo o que quer que seja. Não preciso me preocupar com onde estamos ou quais são os nossos papéis porque ele está comigo e parece bom. Muito bom.

“O que você está fazendo?”

A voz de Nicole vem da casa, sessenta centímetros de distância, onde estupidamente deixamos uma menina que não gosta de ficar sozinha. Ela está do outro lado da tela, sorrindo tão grande que seu rosto parece que vai quebrar em uma explosão de covinhas.

Pior do que mil paparazzi nos vendo juntos.



CAPÍTULO 40

Brad

Não sei qual é o problema de Cara. Como uma criança que nunca viu duas pessoas se beijar antes. Mas ela congela pior do que a primeira vez que eu a beijei. Fica total e fodidamente silenciosa comigo. Nenhum som. Nenhuma palavra.

Sou quem diz para Nicole pegar o seu casaco. Quem tem que amarrar o laço em seu vestido de princesa. É como se Cara tivesse medo do palco ou algo assim. Dou uma batidinha nela e pergunto se está bem e ela fala que está ótima, mas caramba, não acredito nela. Algo está acontecendo.

Ela me beijou de volta. Não podia ser isso. Estava inteiramente no beijo. Juro a você que sei quando uma mulher quer ser beijada e quando não e Cara queria ser beijada. Cem por cento. Até Nicole perguntar o que estávamos fazendo e eu dizer "beijando", porque era bastante óbvio o que estávamos fazendo. O que eu deveria falar?

E Cara virou as costas para mim como se eu fosse um estranho. Desligamento do sistema completo.

Quero dizer, vamos lá. Nós três compartilhamos uma cama de solteiro. Não podia ser mais próximos. Porque uma coisa estava bem e a outra não?

"Por favor, reprograme" falo. "Estou te implorando. Não segure o que está acontecendo entre nós contra Nicole."

Ela diminui, descansando sua mão na parede. Tem belos dedos. Cada um está retraído, tenso, revelando suas emoções apenas pelo modo como descansam.

"Você é bom" ela diz. "Sabe exatamente onde me pegar."

"Acho que não vai funcionar para sempre."

Ela volta para o hall de entrada. Não escuto o que diz, mas Nicole aplaude e salta para cima e para baixo. Dez minutos depois, estamos no heliporto.

Nicole está com medo do helicóptero. Ela se agarra a mim como uma aranha, encolhendo-se o tempo todo. Cara ainda está desligada, mas quando olha para Nicole, sorri. O sorriso é besteira. Iria enganar uma criança de cinco anos de idade, mas eu? Não. Eu não sou enganado. De modo nenhum.

CAPÍTULO 41

Cara

Quero explicar isso para Brad Sinclair.

Sua filha é bonita como um botão. Claro. Também é forte. Está no processo de suportar algo que poucas crianças da sua idade já tiveram que lidar com a perda da vida como conhecia. Ela faz isso com bom humor e curiosidade. É digna do orgulho dele, mas ainda é uma criança.

Ela anseia por estabilidade. Orientação de adultos. Por conclusão e permanência. A razão pela qual queria que ficássemos em sua cama com ela foi porque desejava a gente juntos. E deixá-la ver o beijo é enviar a mensagem que aquela estabilidade que ela quer foi alcançada.

Mas é mais complicado do que sua cabeça jovem pode entender. E quando chegar o dia em que Brad e eu não funcionarmos, ou eu já não for sua babá, ou continuar a ser sua babá, mas não a parceira de beijos de seu pai, o que acontecerá?

Tomo o passeio de helicóptero para Disneylândia em silêncio. Nicole observa a terra abaixo com fascinação e grita quando mergulhamos ou desviamos enquanto seu pai ri e a abraça apertado. Ele passa sorrateiramente as pontas dos seus dedos no meu braço quando consegue, mas estou profundamente em pânico que não consigo nem mesmo olhar para ele.

Willow se rebelou depois que saí. Enquanto eu estava lá, ela nunca ficou estressada e foi a uma festa de adulto com um homem que não tinha nada que levá-la para lá. Muitas crianças dessa idade realizam façanhas assim tão frequentemente, que deixam de ser façanhas, mas eu a conheço. E as cuidadoras de suas amigas. Nós conversamos. Willow é muito comportada e não foi até que fui demitida que ela atacou.

Agora Nicole. Como ela iria atacar? E quando?

Sinto-me como uma agente do caos em vez da estabilidade. Faço mais mal do que bem.

Tudo parece de cabeça para baixo. Eu nem mesmo deveria me importar tanto assim.

Pousamos no heliporto da Disney, que tem a forma de uma silhueta de uma grande cabeça branca de rato. Tenho que colocar uma cara boa para o resto do dia funcionar.



CAPÍTULO 42

Brad

Eu deveria ter convidado mamãe e papai, mas isso aconteceu tão rápido que nem sequer pensei. Foda-se. Eu trarei Nicole após a Tailândia. Talvez leve meus pais para Bangkok. Ou não. Talvez simplesmente fodidamente desista porque não posso fazer absolutamente nada certo.

"Cara" digo conforme saímos do heliporto. Tenho Nicole enrolada em mim. "Você está me enlouquecendo."

"Por quê?" Ela sorri. Falso como merda. Mas não posso beijar a coisa falsa para fora dela. E ela precisa ser beijada. Por mim. Muito.

"Porque se transformou em um pedaço de gelo."

Ela sorri novamente, mas há algo triste nisso. Pelo menos não é falso.

"Vamos dar a ela um bom dia e conversamos mais tarde."

"Boa ideia."

Quatro pessoas de terno azul escuro saem de um carrinho de golfe de bolinhas vermelhas e brancas e nos cumprimentam. Três homens e uma mulher.

"Oi!" A mulher de meia-idade em um terno azul cumprimenta através de um sorriso cheio de dentes. "Meu nome é Erin. Você deve ser Nicole!"

Minha filha assente e se inclina para mim.

Erin se agacha ao nível dos olhos. "Eu te trouxe uma coisa especial."

Nicole abraça minha perna, mas olha para a mulher profundamente o bastante para dar a ela a hora do dia. Erin puxa uma pequena bolsa rosa de sua mochila e a estende. Nicole olha para mim, depois para Cara, então Erin.

"Pegue", ela diz. "É um presente nosso para você."

Cautelosamente, Nicole pega a bolsa e diz: "Obrigada." Ela segura a bolsa para mim. Tem papel de seda rosa aveludado vindo da abertura. "Posso abrir?"

"Claro."

Erin a ajuda com o papel de seda e Nicole puxa uma tiara com duas enormes orelhas de rato rosa de lantejoulas no topo. Com os olhos bem abertos, sorrindo largamente, Nicole a abraça contra o peito, então entrega para Cara, dando tapinhas em sua cabeça e dizendo: “Você pode colocar em mim?”

Cara faz as honras enquanto Erin estica a mão.

“Sr. Sinclair” ela fala, apertando minha mão. “Estes são Steve, John, Bob.” Aperto a mão de cada um. “Nós temos tudo arranjado para você. Como discutimos, não podemos impedi-lo de ser fotografado, já que é uma sessão regular hoje. Podemos manter outros hóspedes de ficar muito perto de você ou sua filha e temos o prazer de informá-lo que terá acesso a todos os nossos passeios e atrações sem tempo de espera, à medida que nos avisar para onde estará seguindo. Este carro está à sua disposição durante todo o dia e estamos felizes em mostrar as nossas áreas VIP para todas as atrações e eventos.”

Sua emoção é palpável.

“Erin” digo. “Você se esqueceu de se apresentar para Cara.”

Dou um passo para o lado.

“Claro” Erin praticamente exclama com prazer. Falso. O que há com o falso hoje? “Eu sou Erin.”

Cara aperta a mão dela e todos nós entramos no carrinho de golfe. Nicole está tão animada como um filhotinho com um novo osso. Saltando no meu colo, então no de Cara, insistindo em se sentar entre nós e na borda onde consegue ver.

Cara não está olhando para mim. É doce como açúcar para a minha filha, que é o que importa... mas para mim? Rainha do gelo.

“Fiz alguma coisa errada?” Pergunto a Cara.

“Você não apresenta a babá.”

“Antes disso.”

“Ei Nicole!” Ela diz, “Você vê o castelo? É nessa direção!”

Nicole grita e sobe em cima de mim para chegar ao lado do carro onde o castelo branco surge sobre a linha de árvore.

“Cuidado” Steve ou John ou quem quer que seja fala.

Eu a seguro no banco e me inclino para Cara de modo que só ela possa ouvir.

“Da próxima vez que eu te perguntar uma coisa e você usar a minha filha para mudar de assunto, vou te beijar e eu não me importo com quem veja.”

Sua cabeça gira. Olhos afiados. Boca pressionada. Ela está brava. Eu gosto, de certa forma. O fogo é melhor do que gelo.

“É melhor não deixar sua filha ver de novo.”

“Por quê?”

“O que acontece quando eu partir?”

“Quando o quê?”

“Eu quero dizer isso.”

Partir?

Ela quis dizer morta?

Você é lento como uma tartaruga, Bradley Sinclair.

Partir significa ir embora. Fora de nossas vidas, pessoal e profissional. Sempre imaginei que ela encontraria uma razão para ficar por aqui. Pensei que toda a coisa “eu não gosto de trabalhar para as famílias de celebridades” fosse uma fachada. Mas não.

Ela não está mentindo. Quer dizer isso e está séria.

Eu vou cair na real sobre isso também. Admitir para mim mesmo o que sempre soube.

Ela não vai a lugar nenhum. Pessoalmente ou profissionalmente.

Um ajuste. Não vai ser fácil. Ela não vai ficar só porque estou fazendo tudo. Tenho que batalhar para isso.

“Estou dizendo” ela repete, então sussurra, “Mantenha seus lábios para você mesmo.”

Isso me faz querer beijá-la mais. Não porque está me negando, mas porque está agitada. Eu poderia cuspir moedas e ela não se moveria.

Não. Ela se mexeria se eu a beijasse forte o bastante e tempo suficiente. Aqueles pequenos lábios pressionados suavizariam bem. Sem necessidade de cuspir moedas.

E batalhar para isso fodidamente me excita.

Inclino-me mais perto.

“Não se preocupe. Não vai haver qualquer beijo hoje. Mesmo se me implorar.”

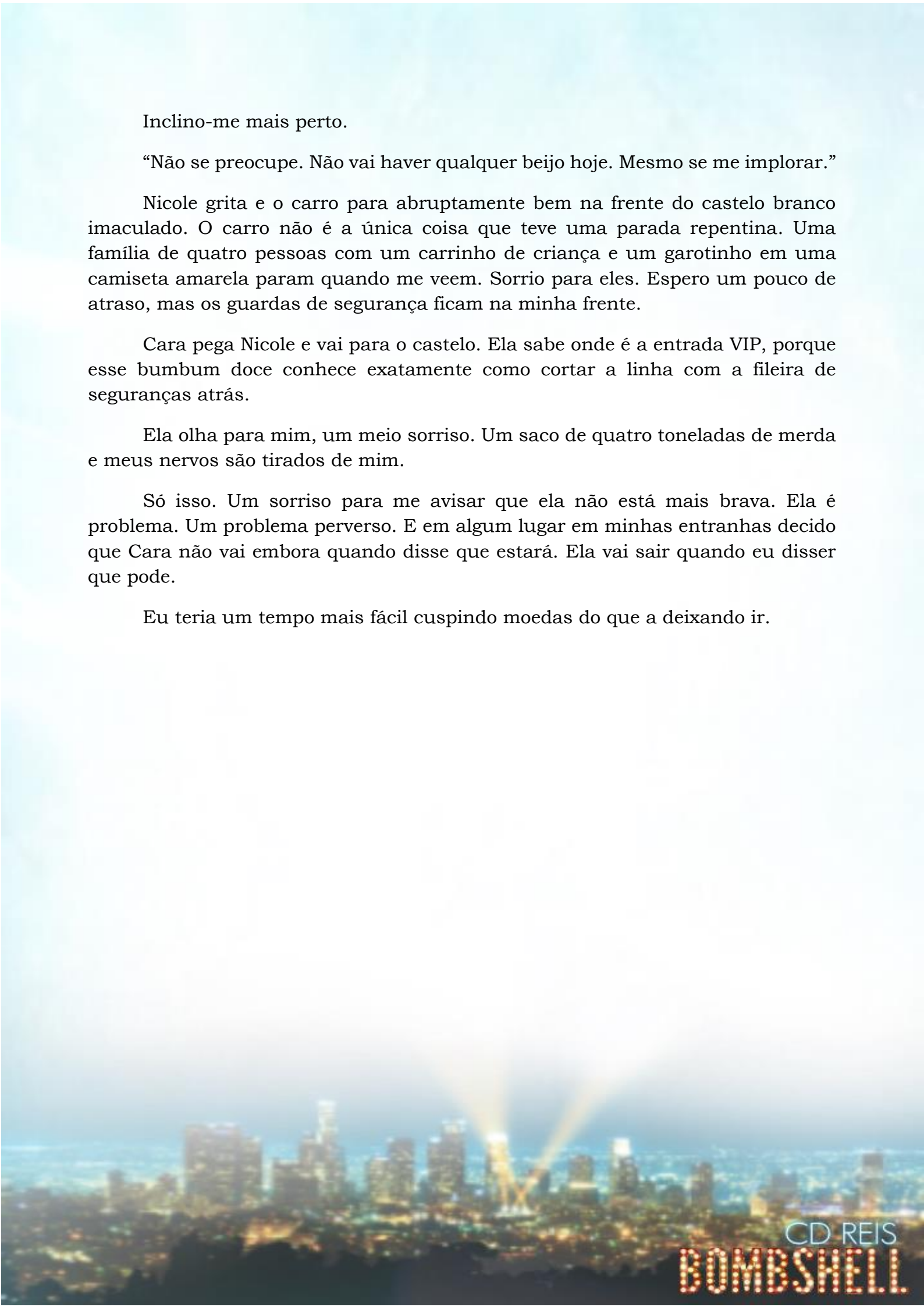
Nicole grita e o carro para abruptamente bem na frente do castelo branco imaculado. O carro não é a única coisa que teve uma parada repentina. Uma família de quatro pessoas com um carrinho de criança e um garotinho em uma camiseta amarela param quando me veem. Sorrio para eles. Espero um pouco de atraso, mas os guardas de segurança ficam na minha frente.

Cara pega Nicole e vai para o castelo. Ela sabe onde é a entrada VIP, porque esse bumbum doce conhece exatamente como cortar a linha com a fileira de seguranças atrás.

Ela olha para mim, um meio sorriso. Um saco de quatro toneladas de merda e meus nervos são tirados de mim.

Só isso. Um sorriso para me avisar que ela não está mais brava. Ela é problema. Um problema perverso. E em algum lugar em minhas entranhas decido que Cara não vai embora quando disse que estará. Ela vai sair quando eu disser que pode.

Eu teria um tempo mais fácil cuspindo moedas do que a deixando ir.



CAPÍTULO 43

Cara

Passei algumas semanas com as crianças de Kevan Delight, incluindo um convite VIP, dirigindo o carrinho ao redor e viajando na Disney. Não tinha ideia de como isso era feito de outra maneira. Fui a Euro Disney uma vez com a minha turma da terceira série, mas não me lembro de algo além das filas e um cachorro quente realmente bom.

Nicole está fora de si. Quer fazer tudo de uma vez. Montanha assombrada, a montanha-russa de bebê, os jogos, as maçãs do amor, os karts. E Brad está disposto. Ele foi a cada brinquedo com ela. Seja qual for a comida que ela pede, ele come e discutem os méritos relativos de pipoca caramelada com a sua prima com manteiga com absoluta seriedade.

Os seguranças mantêm uma zona agradável em torno deles. Brad os ignora e foca em sua filha. Isso se torna o normal para Nicole. A zona de amortecimento do público e uma passagem livre de inconvenientes.

Tento manter um ou dois passos de distância. Não é o meu dia. Estou aqui apenas para ajudar, mas Nicole continua me puxando para perto e verificando estou dentro do alcance do braço.

Sempre penso nela primeiro, mas seu pai torna difícil manter uma distância profissional. Se ele não está falando comigo, fazendo uma pergunta, ou me convidando para participar do Grande Debate do Sabor da Pipoca, está me comendo viva com seus olhos. Ele é totalmente inadequado. É exatamente o pai sobre o qual todas as babás falam durante o café. O que você tem que observar, porque dado o momento certo ele irá dar o bote.

Mas Brad não é esse pai. Não totalmente e não indiscriminadamente. Blakely não receber essa vibração de papai impróprio. Só eu. Espero que nenhuma das pessoas que nos fotografam com seus telefones com câmera ou gritam o nome dele para um aceno ou um sorriso vejam a maneira como ele olha para mim.

“Você precisa ir a um brinquedo” ele diz, dobrando um tufo de algodão doce em sua boca. Ele e Nicole estão em um banco ao lado de um aglomerado de árvores de sombra. Agacho-me na frente dela.

Ele usa óculos de sol, mas sei que está olhando para mim. Posso sentir seus olhos queimando através das minhas roupas. Nós paramos para comer uma torta de morango apenas dez minutos antes. Ele espetou sua torta, observando-me com uma mensagem.

Nós meninos do Sul comemos buceta igual uma torta.

Acontece que, Nicole não gostou da torta de morango. Termino o pedaço dela.

"Não" eu falo, enxugando o doce pegajoso da mão direita de Nicole enquanto ela lambe o cone de papel em sua mão esquerda. "Não gosto de passeios. E hoje não é sobre mim. É o seu dia."

"Meu dia significa você fazer o que eu digo."

"Forçar-me a um brinquedo pode ser divertido para você..."

"É divertido para mim. Completamente divertido."

"Estou aqui para facilitar. Nada mais."

Ele se debruça, cotovelos nos joelhos, baixando sua voz para o timbre exato que vibra minha coluna. "Você é uma profissional. Entendemos. Agora solte-se, doçura."

"Alguma mulher alguma vez já resistiu a você?" Pergunto. Ele balança sua cabeça muito lentamente. Não estou surpresa que não tenho companhia.

"Xícaras de chá!" Nicole aponta de volta do caminho que viemos. "Vamos! As xícaras de chá!"

Olho para trás naquela direção por nenhuma razão em particular. Sei onde estão. Apenas preciso olhar para longe dele. Mas se puder resistir a ele, Nicole tem outros talentos igualmente poderosos contra mim. Ela pula do banco e me puxa pelo caminho.

"Xícaras de chá" Brad anuncia para John / Steve / Bob e toda a comitiva contornando pelo caminho de tijolos. Passamos a fila, na parte de trás e estamos sentados na nossa própria xícara lavanda e branca com flores roxas e rosas.

Nicole me puxa para perto dela, depois Brad, até que ocupamos metade da xícara. Ela segura uma das nossas mãos e ri incontrolavelmente.

"Ela é assim em todos os brinquedos?" Pergunto.

"Sim. Ela sabe como festejar."

“Oh e eu não?” O brinquedo começa a girar. Lentamente no início. Quase agradavelmente.

“Quero que você passe os próximos três minutos neste brinquedo não se preocupando com qualquer coisa.”

Ele desliza para o local na minha frente. O mundo atrás dele fica fora de foco com uma mancha de cor.

“Tenho que me preocupar.”

“Admiro a forma como acha que pode cuidar de qualquer coisa que vem junto. Mas agora tem que colocar isso de lado...”

Suas últimas palavras são abafadas pelo vento chicoteando e gritos satisfeitos de Nicole. Perco o controle do meu corpo, escorregando ao redor antes que possa me agarrar. Brad tem seus braços nas costas dos bancos e Nicole pendurada na borda o tempo todo, o sorriso dela um ponto de quietude no redemoinho.

Este é um brinquedo de crianças? A força da rotação é incrível. Deslizo para Brad e caio com minha cabeça no seu peito e ele ri, o braço casualmente envolto atrás de mim. Tento me endireitar, fico no meio do caminho e rio com ele enquanto meu rosto é empurrado para o dele.

Eu não me preocupo.

Nem por um segundo.

Ele coloca seu braço em volta de mim e me segura firme. A rotação joga toda a preocupação e ansiedade para fora de mim. O riso as desaloja e inércia as atira longe para um canto distante do parque. Nós temos o agora. Estas duas pessoas maravilhosas e eu, numa xícara roxa, gritando com a música que mal consigo ouvir sobre o vento sibilante em meus ouvidos.

Deixo o brinquedo empurrar-me para ele e rimos juntos, gritando com Nicole nesta xícara giratória boba. Mesmo quando meu estômago embrulha, ele cambaleia até um sorriso. Mesmo depois que sei que vou perder o punhado de torta de morango premiada, não me preocupo. Estou feliz. A força centrífuga é como uma droga que separa corpo e mente.

Vomito com um meio sorriso. Cai em Nicole, cujos guinchos de prazer viram gritos de horror. Meu estômago embrulha de novo e um fluxo de torta vermelho brilhante faz um padrão circular da minha boca para, bem, todos os lugares.

Quanta torta eu comi?

O volume de torta vomitada para longe supera o pedaço, mas continua chegando, salpicando a parte de trás da xícara de chá, Nicole e minha camisa.

Brad tem um pouco sobre ele, mas está mais preocupado comigo. O braço que esteve friamente atrás do meu assento agarra meus ombros e me segura.

Não posso dizer que não estou feliz. De certa forma, porque meus pensamentos estão lá, enquanto meu corpo está aqui, os minutos despreocupados presos comigo. Mas com certeza estou mal do estômago.

O brinquedo para depois de cerca de uma dúzia de mais voltas e corpo e mente batem juntos novamente.

"Oh meu Deus" eu digo. "Sinto muito."

Vômito em todos os lugares. Brad recolhe Nicole. Cubro minha boca conforme ele se agacha ao meu lado com sua filha chorando em seu joelho.

"Você está bem?"

"Estou tão envergonhada."

"Isso não vai te matar."

Sabe o que é engraçado?

Não estou envergonhada. Apenas pensei que deveria estar. No momento em que a equipe de ternos chega perto, estou rindo por trás das minhas mãos e Brad está rindo como se eu tivesse acabado de fazer uma piada visual de classe mundial.

Sou parte de algo. Um pequeno triângulo de pessoas. Não paro de me preocupar com a intimidade imprópria ou amarras, então. De nomear isso e aceitar porque Brad me tem. Estúpido menino festeiro Brad Sinclair em sandália e shorts. Ele me possui.

E ele tem Nicole, que está fora de si.

"Meu vestido! Temos que limpar o meu vestido!"

Brad me ajuda a levantar com sua mão livre. "Vai ficar enjoada de novo?"

"Não. Eu estou bem." Levanto-me, mãos pairando sobre minha camisa encharcada de vômito.

"Quanta torta você comeu, mulher?" Brad brinca.

"Não diga torta."

Mesmo os ternos azuis sorriam quando nos levam para fora da xícara lavanda do inferno. Nicole mantém suas mãos alguns centímetros de seus lados, chorando baixinho, dizendo “meu vestido, meu vestido.”

Uma vez que estamos no carrinho de golfe, tiro o vestido de Nicole. Ela cruza os braços sobre o peito e faz um movimento de tremor. Brad tira sua jaqueta e a coloca sobre os ombros dela conforme o carrinho de golfe de bolinhas anda em torno do parque.

“Você deve tirar o seu.” Nicole franze seu nariz e aponta para minha camisa com vômito.

“Concordo.” Brad torce seu nariz como sua filha. “Você cheiraria melhor. Sem mencionar pareceria melhor.”

“Seja bom.”

Brad sorri. Nicole se enrola perto dele, sopra seu cabelo e ele coloca o braço em volta dela. São malditamente fofos.

Erin gira no banco da frente.

“Chamei a estação de primeiros socorros.”

“Não, sério. Foi apenas enjoo. Estou ótima.”

“Sinto muito, mas é responsabilidade do parque. Você sabe como é. Se deixarmos isso pra lá, terá que assinar um documento.”

“Eu vou assinar...”

“Basta ir” Brad fala. “Eles vão aferir a sua pressão arterial e dar uma olhada em você. É um check-up grátis.”

“Brad...”

Tenho uma lista de bons argumentos sólidos. Mas a maneira como ele olha para mim me impede de terminar o pensamento. Ele não se importa com o check-up grátis, se importa comigo.

“Você não tem que se preocupar comigo” falo.

“Não estou.”

O carrinho chega a uma parada suave na estação de primeiros socorros.

“Essa foi a primeira mentira que você me contou?”

Ele dá de ombros, deixando um pequeno sorriso aparecer nas bordas de sua boca. Ele pula do carrinho.

“Vamos te fazer companhia, certo, abóbora?”

“Sim.” Ela levanta seu pônei rosa e faz uma voz estridente. “Nós vamos com você.”

Brad me ajuda a sair do carrinho, enquanto Steve me guia através das portas de vidro. Elas abrem automaticamente, mas ele ainda me guia como se eu pudesse tropeçar sobre o enjoo.

Dentro a sala é decorada para iluminar o humor de crianças feridas, com um trem zunindo ao longo do perímetro da sala, logo abaixo do teto e brinquedos de marca e decorações em todos os lugares. Nenhum canto é deixado com falhas.

Uma jovem com um corte pixie, bem Joãozinho, e uniforme médico rosa nos encontra na porta. Seu estetoscópio está pendurado em torno de um longo pescoço e ela fala com Brad antes de sequer olhar para mim.

“Oi! Sou a Dra. Barnes. Ouvimos que você estava vindo! Bem-vindo!” Seu olhar permanece sobre ele um tempo longo demais. Ela finalmente olha para mim. “Como está se sentindo?”

“Estou realmente bem.”

“Você vai sair daqui logo. Nós temos muito isso com as xícaras de chá. Venha!” Voltando para Brad. “Sr. Sinclair, possuímos uma sala de espera VIP para você e sua filha.”

Ela me leva para a sala de exame e pressiona suas costas contra a porta fechada e respira fundo. É apenas um momento, mas a forma como coloca a prancheta em seu peito conta outra história.

“Ele é magnífico” digo. Ela parece aliviada que abordei o assunto.

“Como você até mesmo se senta ao lado dele?” Ela balança sua cabeça, puxando a caneta do topo da prancheta.

“Não sento muito, para ser honesta. Sua filha não para.”

“Eu aposto. Ok, desculpe. Isso é terrivelmente não profissional.”

“Ele tem esse efeito nas pessoas.”

“Sim. Ufa. Ok. Sente-se aqui e vamos ter certeza que foi um incidente isolado de xícara de chá.”

O papel colorido range quando me sento sobre ele, pensando em como Brad Sinclair absolutamente esmagou meu profissionalismo.



CAPÍTULO 44

Brad

Quando voltamos para o hotel, Nicole escolhe um novo conjunto de roupas. Agarra um DVD com laços e um submarino azul com estridentes pequenas criaturas. Tento prestar atenção, mas a mensagem de texto de Ken, meu PR, chega quando percebo que nunca me preocupei em encontrar todos os laços no submarino.

Ken não me aborrece sobre o que acontece na mídia social, a menos que precise fazer controle de danos. Isso é raro, uma vez que a minha reputação é próxima do ruim, mesmo expor um empregado mal registra um blip. Nunca expliquei por que não fiz mídia social. Todo mundo acha que é porque não quero dizer algo que não possa negar mais tarde. Eles estavam certos. Parcialmente.

Salto sobre as pequenas palavras e vou direto para a foto que Ken enviou. Eu e Cara no brinquedo da xícara de chá e a manchete em amarelo forte.

ZΓMORNI ∀ TƎƆ∀P∩.

Merda. Vai levar alguns minutos para descobrir o que isso significa. Não tenho um pedaço de papel também.

Compreendo que isso vai tomar algum esforço para Cara passar de seus trinta dias, mas se este título é ruim e assumo que se é Ken enviando mensagens de texto, então vou ter que quebrar minha bunda para mantê-la.

“O que diz, papai?” Nicole pergunta. Nem percebi que ela está olhando por cima do meu ombro.

“Coisas de adulto” eu falo. “Você pode ler isto?”

Ela junta suas sobrancelhas e sonda as letras lentamente, porém mais rápido do que eu faria.

“SSSSStttttttt... que som o O faz?”

“Depende. Experimente o som de ‘oh’.”

Estou muito orgulhoso dela. Sei o que as pessoas querem dizer quando falam que seus corações derretem. Não sabia antes, mas essa frase é exatamente verdade. Isso me atinge de repente. Não apenas por ela ser um pequeno filhote bonitinho, com um grande fator “awww”, mas que é minha. A minha garotinha. Minha própria criação. Minha responsabilidade. Minha alegria.

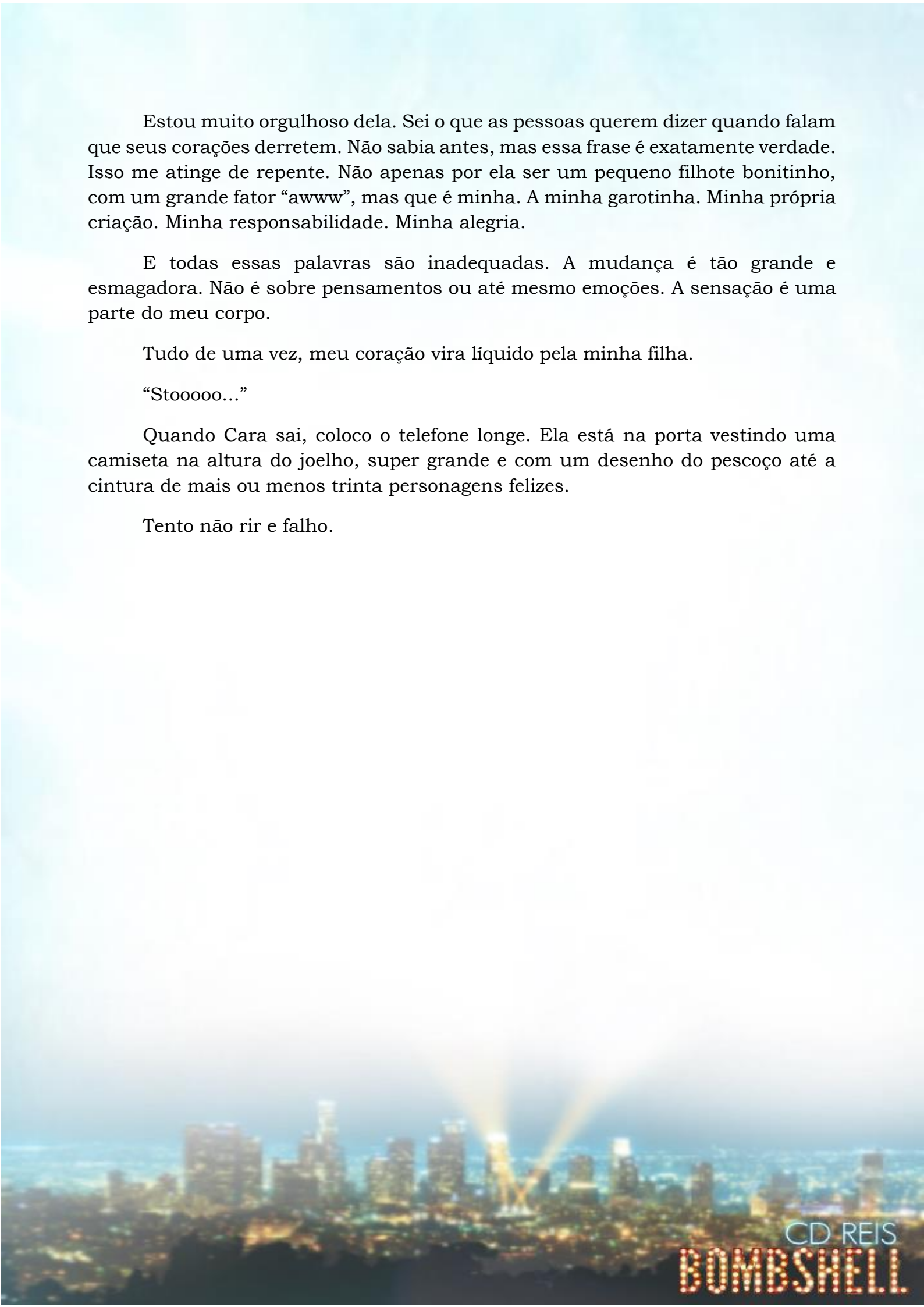
E todas essas palavras são inadequadas. A mudança é tão grande e esmagadora. Não é sobre pensamentos ou até mesmo emoções. A sensação é uma parte do meu corpo.

Tudo de uma vez, meu coração vira líquido pela minha filha.

“Stooooo...”

Quando Cara sai, coloco o telefone longe. Ela está na porta vestindo uma camiseta na altura do joelho, super grande e com um desenho do pescoço até a cintura de mais ou menos trinta personagens felizes.

Tento não rir e falho.



CAPÍTULO 45

Cara

Brad não se concentra muito em seu telefone. Não gasta tempo em mídias sociais que eu saiba, deixando para seus fãs falar sobre ele pelas costas. Não me questiono sobre isso. Algumas estrelas não se envolvem dessa maneira.

Então, quando entro na sala de espera VIP e ele está olhando para o seu telefone com os lábios retos em concentração, estou tentada a perguntar qual é o problema.

Mas o que quer que esteja no telefone de Brad simplesmente não é o meu negócio. Ele o põe de lado assim que dá uma boa olhada em mim e ri com a minha nova camiseta limpa horrível. Então, esqueço do assunto.

Conversamos sobre o DVD e minha camisa no passeio de carrinho e na limusine até que entramos na garagem do hotel.

"Tudo bem?" Eu digo, cedendo à tentação.

"Sim. Tudo ok." Ele dá um grande sorriso estrela de cinema que não confio absolutamente.

Nós paramos na unidade circular em frente ao hotel.

Ele e Nicole têm uma suíte com um quarto adulto e banheiro enquanto ela dorme em um quarto com tema de princesa com um banheiro separado feito em castelos e arco-íris. Eu estou no estúdio ao lado deles. Há apenas duas suítes e dois estúdios no andar. A configuração babá é óbvia.

"Eu deveria dar um banho nela" falo, estendendo meus braços. Nicole boceja e enfia sua cabeça no pescoço de seu pai.

"Você é quem precisa tomar um banho, teacup." Ele pega meu cartão de acesso e o puxo para cima.

"Mas..."

"Sou perfeitamente capaz. Vá em frente, agora." Ele me enxota.

“Todas as roupas dela estão em saquinhos, estabelecidas em conjunto.” Dou um passo para trás no corredor.

“Você está brincando?”

“Ela deveria usar os sapinhos amanhã, mas pode precisar hoje.”

“Sim, madame. Xô.”

Recuo outro passo, me viro e entro em meu quarto.

Ele é capaz em pequenas doses. Sei disso. Estou sendo muito sensível à inconveniência dele. Ele viverá. Pode até mesmo se aproximar da filha.

O quarto é pequeno, mas luxuoso, com travesseiros em abundância no colchão tipo queen, um edredom, uma TV tão grande quanto uma mesa de jantar e um chuveiro de vidro separado da banheira. Existem vantagens em ser uma babá para os ricos e famosos. Tiro minha calça e a mergulho em uma das duas pias do banheiro. Escovo a meleca da minha boca na outra. Tiro minha calcinha, defino a água para escaldante e entro.

Tem pedaços de vômito no meu cabelo. Nojento. Isso é o que ganho por vomitar ao vento. Ugh. Que cena estranha. Que cena divertida. Eu iria rir sobre isso em dez anos. Inferno, ri em cinco segundos depois que aconteceu.

Nunca me diverti tanto com uma família. Nem mesmo a minha própria. Nunca fomos a qualquer lugar porque vivemos em todos os lugares. Quando você vive em Paris durante oito meses, aonde vai nas férias? É assim que meus pais pensavam. Talvez estivessem certos. Suas vidas eram loucas. A última coisa que precisavam era bloquear tempo divertido com o meu irmão e eu. Eles não poderiam até mesmo planejar uma semana antes, porque nunca sabiam quando iríamos embalar para nos mudar.

Nunca senti como se tivesse perdido alguma coisa até que lavei o shampoo do meu cabelo em um chuveiro de hotel na Disneylândia. Eu perdi alguma coisa, mas ainda não estou morta. Tenho muito tempo na vida para vomitar em todos os tipos de brinquedos.

“Do que está rindo?”

Eu pulo. A forma indistinta ainda inconfundível de um homem está do outro lado do vidro molhado, no centro do banheiro. Totalmente vestido. Descalço.

“Brad!”

Ele abre a porta, olha para o meu corpo nu de cima a baixo.

“Eu bati. Você não respondeu.”

Ele entra no chuveiro. Sua camisa fica escura sob a água, grudando a cada curva e ângulo.

“Jesus! Você ferve lagostas aqui?” Ele coloca sua mão no botão e eu o empurro.

“Vá embora.”

“Diga de novo e eu vou.”

Minha boca faz a forma para o som V, mas um riacho de água flui pela sua bochecha e muda de direção, seguindo o caminho de menor resistência aos seus lábios e escorre. Isso me encanta. Como as gotas de cristal entre seus cílios e o vapor subindo de sua camisa. Eles brilham como se infundidos com magia.

“Onde está Nicole?”

“Limpa e desmaiada.”

Seus lábios. A maneira como se movem. Assim como na tela, mas maior, melhor, mais molhados. Cada segundo que passa me tira o fôlego.

Ele está esperando por alguma coisa?

Eu, talvez?

Não sei o que devo fazer. Estou congelada. Ele não pertence aqui. Não pertencemos ao mesmo chuveiro. Ele não pergunta primeiro. Por que não estou chateada? Não grito e o jogo para fora?

Porque os meus mamilos estão arrepiados, mesmo na água quente. Porque seu corpo chama o meu. Sou feita de carne e sangue.

E bom senso. Sou feita de todos os pensamentos sensatos que já tive.

“Isso não pode ser uma coisa” falo. “É algo de momento. E é um segredo.”

Não realizo coisas assim. Não tenho sexo casual ou encontros sexuais. Não por qualquer razão moral. Simplesmente não me interessam mais. Estive lá, fiz isso, vomitei na camiseta. Até agora, é tudo o que tenho.

“Isso é um sim?” Ele pergunta.

“Sim” confirmo. Não sei com o que estou concordando, exatamente, mas estou tranquila com isso, o que quer que seja. Enquanto for agora, quando quero, não quando poderia pedir desculpas.

Ele bate seus lábios nos meus.

Sem sua filha entre nós, longe de sua propriedade, longe de Los Angeles, me permito sentir as coisas que forcei para longe.

Você tem permissão.

É uma decisão tão consciente de deixar ir. Preciso dizer a mim mesma que tenho permissão para desfrutar da sua boca, suas mãos e a pressão de seu corpo contra o meu. Sou inundada com a concordância da mente e do corpo.

Vá em frente.

Eu o beijo de volta completamente. Suas mãos descem nas minhas costas, sobre a minha bunda, agarrando-a e puxando-me para ele.

“Quanto tempo ela cochila?” Ele sussurra em meu ouvido.

“Quarenta e cinco minutos.”

“Vire-se.”

Ele me vira gentilmente até que estou com o rosto perto da parede.

“Vamos tirar o sabão. Vamos. Cabeça para trás.”

Ele acaricia meu cabelo, deixando a água correr por ele, passando as mãos sobre meu corpo em conjunto com a água superaquecida. Gemo quando suas mãos derivam para baixo, deslizam entre as minhas pernas, pressionam onde pulso mais. Dobro meus joelhos e espalho as pernas para que ele possa ir todo o caminho para baixo.

Perdendo minha cabeça. Estou perdendo minha cabeça.

“Você quer que eu te foda?” Ele diz em meu ouvido.

“Sim.”

“Agora?”

“Sim. Não posso acreditar que estou dizendo isso, mas...” A última palavra cai em um gemido conforme ele acaricia meu clitóris. Minhas pernas não me seguram.

“Não apenas uma vez. Esta não é uma situação de uma vez. Deus, você é tão fodidamente sexy. Preciso de mais do que quarenta e cinco minutos.”

“Não podemos ser uma coisa. Diga que não é uma coisa. Não pode ser.”

“Não é uma coisa.” Ele puxa a umidade de dentro de mim e a passa ao longo do meu clitóris.

“Cale a boca, oh Deus, cale-se.”

“Coloque em seu bolso.”

Ele aperta o botão do chuveiro, desligando a água.

“Não em pé no chuveiro” ele diz. “Não a primeira vez.”

Ele me pega, nós dois completamente molhados e me carrega para fora do chuveiro com minhas pernas em volta dele. Deixa-me cair na cama e fica ali, cabelo todo molhado, camisa aderindo a sua perfeição absoluta. Fico de joelhos e ele gentilmente me empurra de volta para baixo.

“Quero olhar para você, teacup. Não temos um monte de tempo.”

Ele tira a camisa. Sua cueca molhada pendura pesada e baixa na cintura. Além da linha abaixo de seu umbigo. Passando o V na parte inferior de seu abdômen. Muito além do decoro.

“Tempo, Brad. Nós não temos um monte.”

“Sim e quero você por muito tempo. Que boa menina você é. Ficou no assunto. Nunca olhou para mim. Nunca flertou.”

Ele me pega de joelhos e abre minhas pernas lentamente. Essa ação só envia ondas de choque através de mim.

“Vi você olhar para mim.”

“E?”

Ele coloca os lábios na minha coxa.

“Eu desejo você, mas...” Arfo e paro quando ele belisca a pele sensível.

“Mas?”

“Sem mas.” Dizer a verdade é difícil, porque não considerei isso completamente, não quando sua boca está perto de mim e suas mãos puxam minha pele para que ele possa ver onde sou mais macia. “Quero que você me foda.”

Eu mal consigo respirar. Não deixo palavras como essas saírem dos meus lábios por um longo tempo e parecem ótimas.

Ele luta com a braguilha e sua calça cai com um tapa molhado. Seu pau é longo e Deus me ajude, tão duro que a pele está esticada.

Do outro quarto, seu telefone apita. Ele nem sequer faz uma pausa. Sinto-me como a mulher mais importante no mundo. Apenas neste momento, o mundo dele é meu.

"Diga-me como quer que te foda" ele fala, movendo-se para o interior da minha outra coxa, me deixando louca com luxúria.

Estou fora de prática, mas seus lábios me inspiram. E sua mão, acariciando minha buceta sempre tão levemente, sim.

"Naquele dia que me viu no chuveiro?"

"Uhum."

"Eu estava pensando em você dentro de mim duro. Estava chupando seus dedos enquanto você me fodia."

Ele olha para mim e beija meu monte. "Não fazia ideia."

"O quê?"

"Que você tem uma boca tão suja."

Oh, ele não fazia, não é?

"Coma minha buceta, Sr. Sinclair. Como um menino do Sul come torta. Quero gozar em sua boca."

"Antes de fazer você gozar, precisa que concorde. Esta não é a última vez. Não terminei com você."

Mas como?

Como vai funcionar?

Empurro todas as perguntas para fora dos meus pensamentos quando sua língua corre do clitóris para a abertura e retorna. Minha boca se abre e ele estende a mão, colocando seu dedo nos meus lábios e o chupo, cavando meus dedos em seu cabelo.

Às vezes Nicole acorda cedo e com a agitação da manhã, é possível que se levante logo. Rezo por essa soneca, chupando o dedo dele mais forte quando penso que vou explodir. Não faço nenhum som. Mordo de volta. Criança dormindo. Tão perto.

Ele para. É quando arfo.



Ele olha para cima entre as minhas pernas, um sorriso tocando os cantos dos seus olhos. Linhas de riso e poros, assim como o homem no letreiro, só que melhor.

“Você está perto?” Ele pergunta.

“Deus, sim.”

Ele se levanta e fica de joelhos, esticando magnificência sobre mim.

“Alguma vez já provou a si mesma?” Ele pergunta, lábios nos meus, não beijando. Ainda não, apenas me tocando.

Eu fiz isso? Nem sequer me lembro. Não consigo nem mesmo recordar uma memória particular de outro encontro sexual. Beijo seus lábios, sua bochecha, saboreando-me nele. Torta de sexo e água almiscarada. No meu mundo, a relação é tão proibida que fico mais desinibida do que nunca, colocando a língua nos lábios que estavam entre as minhas pernas.

“Eu estava falando a verdade.” Sinto a cabeça do seu pau no interior da minha coxa. A metade inferior do meu corpo gravita em direção a ele. “Não posso engravidar. Podemos pular uma etapa.”

Ele não responde de imediato, mas lança os olhos para os meus lábios. Brad pulou uma etapa antes e terminou com uma garotinha. Por que deveria confiar em mim?

“Ou não” acrescento rapidamente. “Mas não tenho nada. E não sei se você trouxe proteção para o chuveiro.”

“Eu estive por aí. Sempre usei camisinha.”

“Exceto a única vez.” Sorrio um pouco para retirar o tom acusativo das palavras. Não acho que esteja mentindo. Ele se lembra de tudo.

“Não tem que confiar em mim.”

“Eu sei que não.” Abro minhas pernas mais largas em resposta.

“Vá em frente, teacup. Coloque-o onde quiser.” Eu formigo. Obscena. Crua. Ele move seus quadris, roçando em cima de mim.

Engulo em seco. Estico a mão. Acaricio-o. Meu polegar encontra uma gota de umidade na ponta e a esfrega.

Eu o desejo imediatamente e quero fazer durar. Seguro-o perto e passo sua ponta ao longo da minha costura. Gemo. Ele me tem tão próximo com sua boca. Quero fazer esta a foda da sua vida, mas não sei como.

Coloco seu pau na minha abertura e empurro para frente.

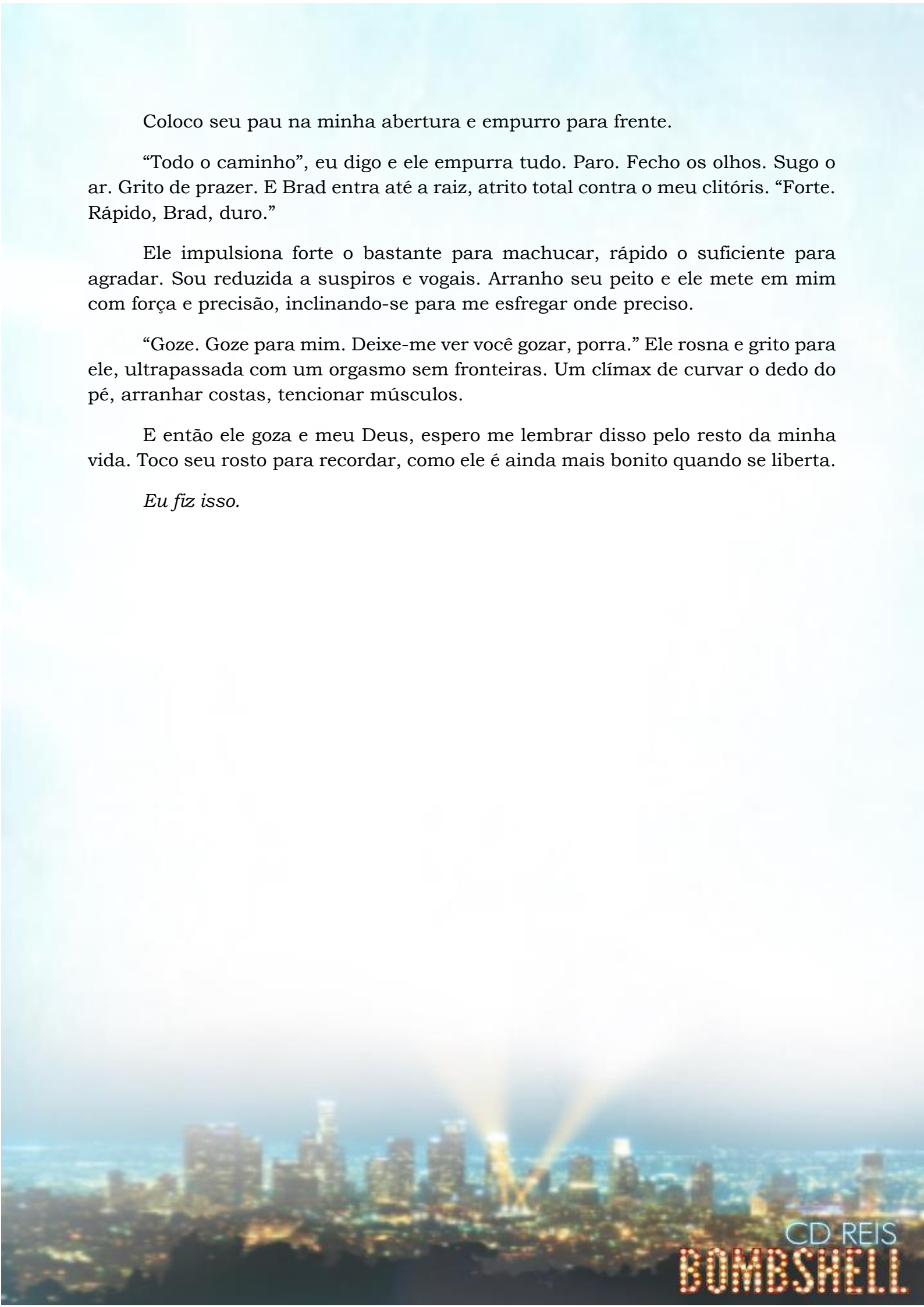
"Todo o caminho", eu digo e ele empurra tudo. Paro. Fecho os olhos. Sugo o ar. Grito de prazer. E Brad entra até a raiz, atrito total contra o meu clitóris. "Forte. Rápido, Brad, duro."

Ele impulsiona forte o bastante para machucar, rápido o suficiente para agradar. Sou reduzida a suspiros e vogais. Arranho seu peito e ele mete em mim com força e precisão, inclinando-se para me esfregar onde preciso.

"Goze. Goze para mim. Deixe-me ver você gozar, porra." Ele rosna e grito para ele, ultrapassada com um orgasmo sem fronteiras. Um clímax de curvar o dedo do pé, arranhar costas, tencionar músculos.

E então ele goza e meu Deus, espero me lembrar disso pelo resto da minha vida. Toco seu rosto para recordar, como ele é ainda mais bonito quando se liberta.

Eu fiz isso.



CAPÍTULO 46

Brad

Deitado na cama ao lado de Cara, eu sinto uma onda de culpa. Poderia esquecer sobre as mensagens de texto que recebi no caminho para o hotel há algum tempo. Mas quando terminamos, as mensagens me cutucam como um prego afiado.

Sugiro que você volte para LA agora e faça algum controle de danos

Ken mandou uma mensagem conforme estávamos falando sobre cheiros de vômito na limusine. Supostamente tem uma foto no brinquedo das xícaras de chá e estava esperando por isso.

Enquanto isso, o corpo de Cara é diretamente responsável pelo sorriso no meu rosto.

Eu não tive pele na pele em um longo tempo. Ela é molhada, apertada e flexível em todos os lugares. Goza como uma tempestade. Se não tivesse com algo em meus pensamentos, explodiria no terceiro impulso e esqueceria minha resposta estúpida para Ken.

O que? Tenho algum vômito em mim? Grande problema.

Estão preparando manchetes que não têm nada a ver com vômito. O que está fazendo com a babá?

Foi desonesto transar com ela depois que vi o título e mais ainda não demorar sessenta segundos para decifrá-lo.

Nada

"Peguei leve com você" falo, saindo dela. Eu disse a Ken que não é nada, mas ela não é nada. Não tenho certeza do que Cara é ou o que somos juntos, mas isso não é nada.

"Da próxima vez vai gozar tão forte que vai querer sair correndo."

Em seus cotovelos. Joelhos dobrados. Peitos apontando diretamente para mim. Mamilos ainda arrepiados. Não vou interromper esse momento com a foto que está prestes a ser publicada. Não antes de lidar com isso e a foder pelo menos mais uma vez.

Pelo menos. Outra vez por trás. Ela em cima. Inclinada para o lado. E essa boca.

“Promessas, promessas” ela fala, rolando. Essa bunda.

Meu shorts é uma pilha encharcada de quatro quilos no chão. Não vou colocá-lo de volta. Ela levanta-se em seus joelhos, de costas para mim e não deixo passar. Agarro um punhado de cabelo e puxo até que ela está inclinada, olhando para mim. Enrolo meu outro braço em torno dela e coloco os dedos entre suas pernas. Ela engasga. A maneira que me faz sentir. Como um fodido leão.

“Eu digo o que quero com certeza absoluta.”

“Isso é uma coisa sulista?” Ela mexe seus quadris contra meus dedos. Gosta disso. Essa profissional fria, sem emoção adora meus dedos na sua buceta. Cada pensamento na minha cabeça é imundo.

“Você nunca vai me esquecer.”

“Mais uma vez.” Ela sussurra. Eu poderia fazê-la implorar. A ideia me deixa duro de novo. “Podemos?”

Poderíamos? Merda, ela já está implorando. Claro que podemos. Eu a beijo forte. Deixo isso ser a resposta dela.

“Papai? Senhorita Cara.” Nicole chama por detrás da porta da suíte. Eu fechei, mas não tranquei. “Estou solitária!”

“Já vou!” Cara pula da cama como um tiro, deixando-me de joelhos sobre o colchão nu, pau a meio mastro.

Tanto quanto estou preocupado, ela nem tinha começado a gozar.



CAPÍTULO 47

Cara

Visto um moletom e uma camiseta, sem roupas íntimas. Vou para a suíte e fecho a porta atrás de mim. Nicole está no meio da sala de estar com o telefone de seu pai em uma mão e Pony Pie na outra.

“Isso toca demais.”

“Te acordou?” Pego o telefone dela e o coloco sobre a mesa lateral, pegando-a. Ela esfrega os olhos com seu punho, tirando uma enorme remela do canto do olho.

“Estava sonhando sobre o passeio no escorrega. Aquele que desce o rio assim?” Ela derruba Pony Pie para abrir sua mão e movê-la para baixo na diagonal.

“Talvez depois do almoço nós possamos ir.” Tiro a crosta de remela. É apenas o final da manhã. Saímos muito cedo e isso é o quão rápido o parque funciona quando não há filas.

Atrás de mim, ouço Brad andar até a porta. Suas roupas estão molhadas e não tenho que me virar para saber que ele não pegou um robe do hotel e está nu como um impressionante masculino deus do sexo. “Vamos para o banheiro.”

Eu a levo pelo corredor e ela corre para longe. Achei que ia correr para o banheiro, mas vai em outra direção.

“Esqueci Pony Pie!”

“Espere!”

Eu a persigo, mas é tarde demais. Quando viro na sala de estar, Brad está no meio da sala, furiosamente rígido e nu, segurando seu telefone sobre sua magnífica...

“Papai! Como ficou pelado?”

“Ele estava tomando banho.” Eu a pego, mas é grande demais para ser pega se não colaborar e estou tentando não rir. Então, ela volta para o chão.

“Por que está tomando banho na sala de estar?”

“Não estou. Vá em frente, agora.” Ele retira uma mão do telefone para espantá-la.

A cena é inteiramente muito deliciosa, mas Brad parece como se quisesse morrer uma morte rápida e não consigo vê-lo sofrer.

“Vamos lá, Nicole, vamos ao banheiro.”

Ela pula em minha direção e pega minha mão, pronta para me arrastar pelo corredor. Eu dou um último olhar para o corpo nu de Brad, pronta para ele saber que não me importo com a vista. Meus olhos encontram os dele. Ele pisca para mim. Me deleito em todo o seu corpo, direto ao seu núcleo, onde segura o telefone entre mim e a perfeição.

...TADE EM UMA XÍCA...

As letras enormes que seus dedos não cobrem brilham em amarelo no telefone. Eu congelo. Nicole me puxa.

“O quê?” Ela questiona.

“Tempestade em uma xícara de chá? O que é isso?”

“Vamos, Srta. Cara!”

Mas não consigo me mover. A fonte está em maiúsculo. Fonte de manchete. Vi isso uma centena de vezes quando virava revistas do supermercado para trás para Blakely.

“Mais tarde” ele fala.

“Brad.”

“Vá em frente, agora.”

Ele está sério e certo. Levo Nicole para o penico, mas uma nuvem permanece sobre mim.



CAPÍTULO 48

Brad

Saindo diretamente de uma foda muito boa, a última coisa com o que desejo lidar é Ken. Não quero lidar com a minha filha também, mas não existe muito que possa fazer sobre isso. Pelo menos ela é fofa.

E agora é definitivo. Eu trepei com Cara cinco minutos antes da vida dela ser ferrada.

Tenho dificuldade em ler em dias normais e se estou ansioso ou distraído, esqueça. E é claro, no novo texto, o título é incorporado a imagem, então não posso usar o aplicativo de voz. Pego a caneta e o bloco em cima da mesa, copio o absurdo como um estudante escolar e o decifro dali.

TEMPESTADE EM UMA XÍCARA DE CHÁ

Não é um grande negócio. Não vale a pena uma mensagem de texto de Ken. Então me concentro de volta na fotografia. Ali está o problema.

A foto é ridícula. O ângulo e o movimento mentem. Odeio mentirosos e essa foto.

Todas as fotos. Alguém ficou com o obturador na repetição e todas foram coladas juntas e publicadas como uma porra de animação.

O enjoo está em technicolor completo e sim, ela vai ter vergonha, mas podemos rir disso. O que não podemos rir é da situação antes disso, onde ela desliza pelo assento e parece que está me beijando. A inclinação da minha cabeça. A posição de nossas bocas. Meu braço em torno do assento, então ela. Nicole assistindo.

Depois ela vomita e não é apenas hilariante como um inseto de água usando um terno.

Eu direciono o link de Ken para o jornal lixo que postou a pequena animação de merda. Há comentários. Um valor de três dígitos. Algo entre 129 e 921. Eu conheço o suficiente. Não existe tinta bastante na caneta ou tempo no relógio para me ajudar a descobrir o que disseram. Uso o aplicativo de voz em um e com um tom monótono uma voz feminina fala:

Outra puta se disfarçando como uma babá de crianças. Sinto muito por essa garotinha.

Tomo cada pequeno esforço para não jogar o telefone do outro lado da sala.

Quero fazer esses idiotas desaparecerem da terra. Desenhar uma linha em torno de Cara e destruir qualquer um que atravessasse. Eu realizaria isso ou pagaria alguém para fazer.

Dito uma mensagem de texto.

Você entende que essa merda é besteira. São ângulos da câmera. Peça a porra do meu advogado que descubra o nome do fotógrafo

Envio o texto para Ken sem pensar. Estou explodindo por dentro. Nunca estive tão furioso. Puxo o leitor automático para o volume mais baixo.

Trabalhando nisso. Volte para cá

Onde está o Brad descontraído que não dava à mínima? Preciso tomar um fôlego. Se Cara me vir assim, vai ficar chateada.

Eu poderia não esquentar, mas Cara não é boba. E não é inexperiente com essa merda também. Esposas de Hollywood têm memórias longas.

O tempo que me leva para pensar sobre as esposas de Hollywood, o vídeo das fotos juntas foi acessado 170 ou 701 vezes.

Os comentários. Meu Deus. Muitos. Não posso lê-los. Sinto a raiva turvar tudo de novo.

E acabei de fodê-la. Isso não iria ajudar.

Mas não pode ser desfeito também. Não é possível desfoder a situação. Ou a desfoder. Isso vai contaminar tudo. Estou segurando meu telefone tão forte que meus dedos estão brancos.

“Pode colocar algumas roupas?”

Olho para cima. Cara está em pé na porta com a mão sobre os olhos de Nicole.

“Sim, claro.” Vou para o quarto e fecho a porta.

Pronto, fiz algo sobre o qual não pensei tempo o suficiente. Algo que nunca pensei que faria.

Criei uma mentira.

Se eu mostrar a ela, nunca se sentirá segura comigo. De todas as razões para esconder o que sei, uma me aterroriza mais.

Preciso ver até onde isso vai com ela. Só para ver. Não entendo o porquê. Não vamos a lugar algum, mas é uma compulsão. Se ela descobrir sobre isso, minha compulsão nunca seria satisfeita.

Não sou um cara intenso. Não normalmente. Mas isso é verdadeiro. Preciso protegê-la e o que quer que for que estamos fazendo.

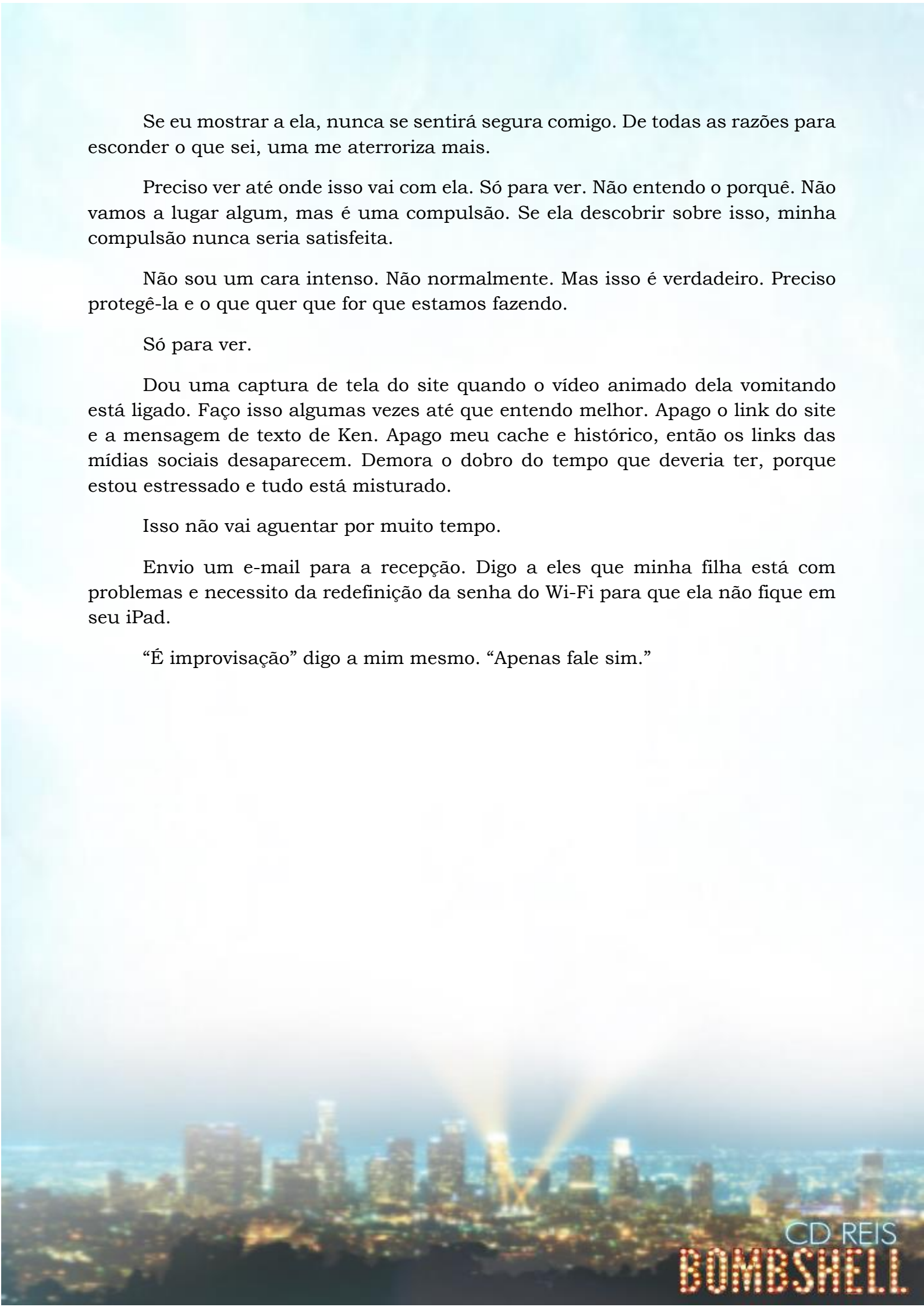
Só para ver.

Dou uma captura de tela do site quando o vídeo animado dela vomitando está ligado. Faço isso algumas vezes até que entendo melhor. Apago o link do site e a mensagem de texto de Ken. Apago meu cache e histórico, então os links das mídias sociais desaparecem. Demora o dobro do tempo que deveria ter, porque estou estressado e tudo está misturado.

Isso não vai aguentar por muito tempo.

Envio um e-mail para a recepção. Digo a eles que minha filha está com problemas e necessito da redefinição da senha do Wi-Fi para que ela não fique em seu iPad.

“É improvisação” digo a mim mesmo. “Apenas fale sim.”



CAPÍTULO 49

Cara

Nicole quer assistir TV, então permito enquanto leio uma mensagem de texto da Blakely.

Onde você está? Tenho que te contar algo

Disney

Eu pensei que você não ia?

Você não tem algo a me dizer

RECEBI UMA CHAMADA DE RETORNO!

Também há uma coisa que acabou de aparecer no Twitter

Parabéns!

O que?

Brad sai do quarto devagar. Usando calça. E sapato. Fico imediatamente desconfiada. Até mesmo Nicole, que está assistindo o programa do pônei com uma pequena tigela de cereal em forma de O em seu colo, nota.

"Gosto de seus sapatos, papai."

"Obrigado. Gosto da sua presilha."

São sapatos parecidos com tênis, mas novos. Pergunto-me se a mudança por sandálias e shorts foi por minha causa. Viro meu telefone e o coloco de bruços sobre a mesa da sala de jantar brilhante.

"Será que você quer pegar o almoço?" Questiono. Ele vem na mesa e se inclina.

"Você é a única coisa que desejo comer."

"Fofo. Sua filha precisa de mais do que cereal seco. E por isso devemos voltar para fora. Não vimos metade do parque antes de lançar meus cookies."

Ele ri, então se vira para Nicole.

“Nicole, querida, quanto gostaria de ver a vovó e vovô?”

Ela dá um salto. “Vovó!?”

“Sim.”

“Estão vindo?”

“Não, vamos pra lá.”

Sinto-me impotente. Ele está saindo cedo da Disney e não consigo parar de pensar que é por minha causa.

“Se isso é porque eu vomitei, sinto muito.”

“Não sinta. Esqueça. Acho que podemos espremer uns dez dias antes que tenhamos que viajar para a Tailândia.”

“Meus trinta dias acabam durante essa filmagem.”

“É perfeito, ouça.” Ele estende as mãos como se pudessem me conter. Como se eu já tivesse um pé para fora da porta... que, talvez eu tenha, mesmo que ainda não percebi. “Você e eu temos este problema. Trabalha para mim” ele faz uma balança com as mãos, como se pesando pó de ouro “E temos uma relação pessoal. Então você vai para o Arkansas como babá de Nicole e volta da Tailândia como a não babá dela.”

Ele bate as mãos juntas como se tirando a poeira delas.

Isso é um monte de viagem para uma criança e sua solução não resolve nada entre nós.

Começo a contestar, então me lembro do meu lugar, que é ir até onde Nicole vai. Se ele não estiver prejudicando-a ou tomando decisões ruins, não tenho nada a dizer. Tanto quanto ele e eu somos, não tem uma solução melhor. Então, vou com ele para seus pais e depois para a Tailândia, onde me transformaria de babá para “não a babá dela.” Nada.

“Nós devemos comer primeiro?” Pergunto, tentando voltar para a questão se não em minha cabeça, pelo menos em minhas ações.

“Vamos conseguir alguma coisa no trajeto.” Ele sorri para mim, coisa linda. Nunca pensei que iria durar, mas também não achei que seria curto.

“Vou arrumar as malas.”

Vou para o meu pequeno quarto. Os lençóis estão bagunçados e tem uma mancha úmida onde o meu cabelo molhado estava.

Pego meus artigos de higiene do banheiro, o sabonete suave e o pequeno frasco de condicionador.

“Você está bem?” Brad diz da porta. Ele usa uma jaqueta esportiva. Não sabia que ele até mesmo possuía uma jaqueta esportiva.

“Sim. Confusa. Mas vou ficar bem.”

“Sobre o que está confusa?”

Elimino as palavras rapidamente. “Nós temos cerca de dez dias restantes e depois Tailândia e não sou nada exceto o que não sou, então não quero pensar se sou eu ou o que acabou de acontecer aqui que é o que está fazendo você sair, mas tenho que pensar nisso.”

Ele dá um passo para frente e segura minha mão para cima.

“Não.”

“O que?”

“Não me beije ou qualquer coisa.”

Ele pega seu telefone. “Queria te mostrar isto longe da minha filha.”

TEMPESTADE EM UMA XÍCARA DE CHÁ

É o título que vi anteriormente.

“Role” ele fala. Coloco o shampoo para baixo e deslizo meu dedo pelo vidro. Uma imagem do brinquedo da xícara de chá aparece. Estou vomitando em Nicole.

Nunca quis me ver no jornal. Minha imaginação perversa construiu o cenário sobre o qual eu pensava quando queria me horrorizar. Para ser chata, sexualizada, chamada de nomes e rodeada por estranhos que me odiariam.

Agora está bem na minha frente. Estou no jornal e riso é a única resposta apropriada.

Sem conotação sexual é apenas engraçado.

“Tudo certo? Essa é a razão. Só quero sair daqui até que isso passe. Quer dizer, sei que é engraçado, mas pode parar de rir agora.”

“Eu não posso. É muito bom.”

“Estou tentando protegê-la do constrangimento aqui.”

“Eu sei, eu sei. Sinto que não tenho controle. Digo...” Aceno minhas mãos entre nós, tentando desfazer o mal-entendido. “Vou para onde você for, porque trabalho para você e depois do que vamos chamar isso? E o que vamos dizer a Nicole, porque não podemos falar que estamos apenas... você sabe.”

“O que aconteceu com a boca suja?”

“Estou de serviço.”

Ele guarda o telefone. “Vamos sair daqui a meia hora.”

Arrumo minhas coisas em cinco minutos e vou para o quarto de Nicole para arrumar sua mala. Passo pela mesa da sala de jantar, para enviar uma mensagem de texto a Blakely e avisá-la que vou para o Arkansas.

“Você viu o meu telefone?” Pergunto.

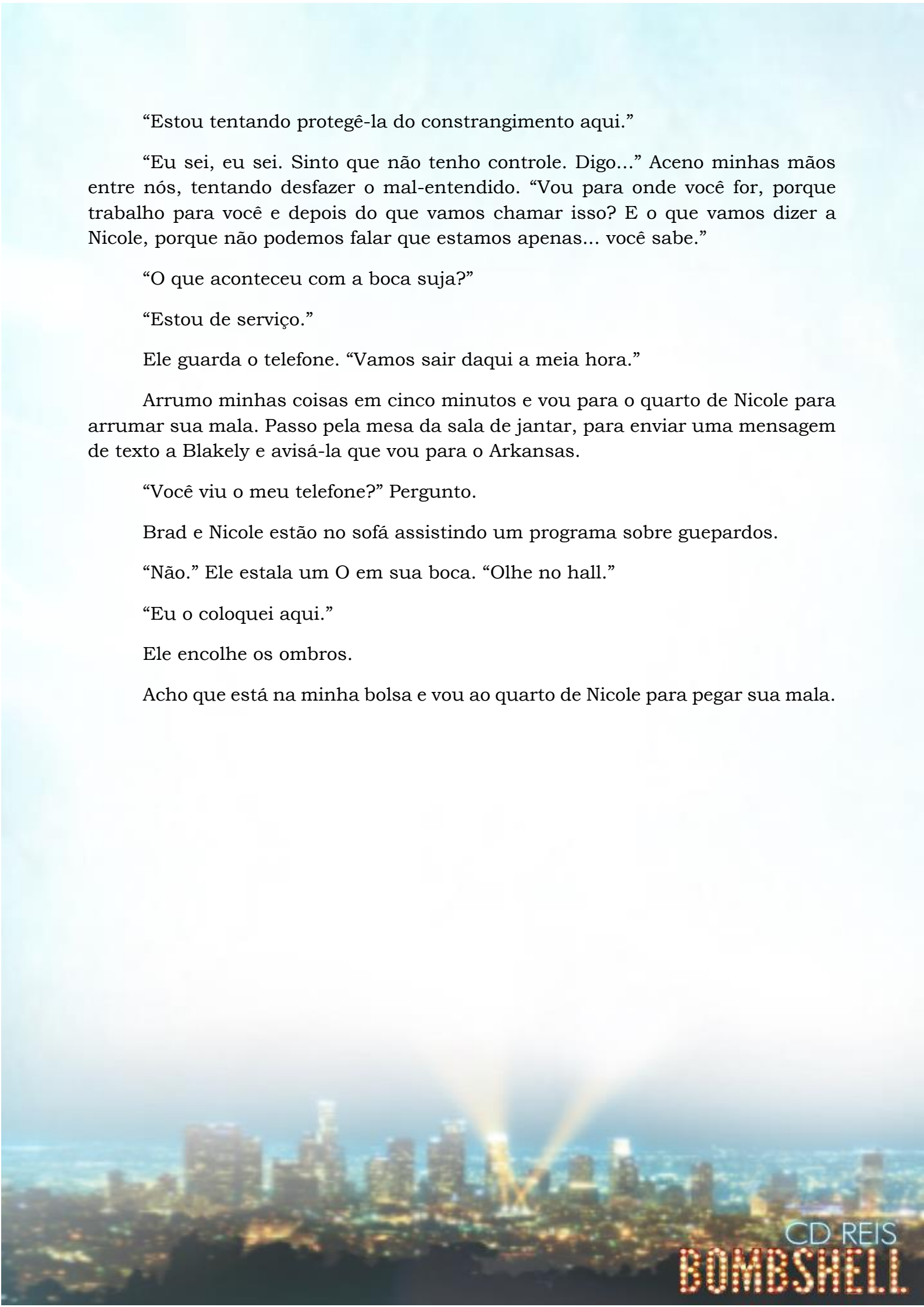
Brad e Nicole estão no sofá assistindo um programa sobre guepardos.

“Não.” Ele estala um O em sua boca. “Olhe no hall.”

“Eu o coloquei aqui.”

Ele encolhe os ombros.

Acho que está na minha bolsa e vou ao quarto de Nicole para pegar sua mala.



CAPÍTULO 50

Cara

Sou a principal babá de Nicole por ausência do pai e vou ser mais difícil de ser substituída do que nunca.

Sexo complica tudo. Quando eu for embora, realmente irei? Se Brad e eu estamos trabalhando em direção a algo, então estaria em torno de Nicole e das novas babás. Terei uma palavra a dizer sobre o que elas farão? Serei a namorada. Namoradas não criam os filhos de seus namorados.

É por isso que você não se apaixona pelas crianças ou pais ou famílias. É o motivo que eu faço isso, em primeiro lugar, porque amo as crianças, mas não fico muito próxima. E aqui estou eu. Em um trem vagando pelas estações, indo rápido demais para parar. No carro. Para o heliporto. Sobre Orange County. Pousando em Santa Monica. Entrando no avião fretado.

Quando o riso sobre meu passeio na xícara morrer, o que a mídia falará?

Pare de se preocupar.

Nicole está um pouco enjoada no helicóptero. Dou a ela um remédio. Não precisamos de duas pessoas vomitando em um dia.

Brad foca em Nicole, que nos alegra com contos de uma terra de pôneis feitos de massas e sua rainha de molho de tomate. Deduzimos que está com fome e vasculho a cozinha por lanches. É um longo voo e ele organizou o plano em curto prazo. Não temos nenhuma atendente, nem refeições.

“Encontrei algumas coisas.”

Despejo caixas de suco, sacos de amendoins e batatas fritas, duas barras de granola açucaradas e uma maçã na mesinha entre os sofás de couro. Nicole pega a caixa de suco e estende-a para seu pai, que está sentado em sua frente.

“Abra, por favor.”

Ele abre a caixa e tira o canudo. Eu me sento ao lado dela e entrego a ela quando está aberta. Brad abre o amendoim, olhando para mim.

“Como está indo, teacup?”

“Bem.”

“Percebi uma coisa enquanto estávamos decolando.” Ele passa o saco aberto de amendoins para Nicole. “Nunca a ouvi dizer que ligou ou visitou seus pais ou qualquer coisa.”

“Nunca estive em Arkansas.”

“Onde está sua mamãe e papai?” Nicole pergunta, imune a minha estratégia de mudar de assunto.

“Muito distante. E não nos falamos muito.”

“Por quê?” Nicole coloca um amendoim no meio de sua língua e fecha a boca em torno dele. Zombo para Brad.

“Porque às vezes as pessoas se afastam. Acontece. Às vezes, há tanta coisa errada entre as pessoas que faz com que falar com eles seja difícil, então você não conversa mais.”

Os olhos de Brad se estreitam como se não confiasse na minha resposta.

“O quê?” Pego uma barra de granola.

“Sem grande briga ou nada?”

“Somos educados demais para isso. Meu pai se ressente que eu o coloquei em apuros com o Departamento de Estado. Mereci ser arrastada por toda a terra. Não posso dizer-lhe para voltar no tempo e ser um pai diferente e ele não pode me dizer que gostaria que eu tivesse sido uma filha moralmente correta. Então, não falamos nada.”

Prendo a barra de granola entre os meus dentes e arranco um pedaço. Nicole faz um rosto sorridente de amendoins.

“Se não vai comê-los, simplesmente não os coma” eu falo. “Não brinque com a comida.”

Nicole empurra-os em uma pilha.

“O acordo que você tem com seu pai soa realmente produtivo” Brad diz.

“Não quero falar sobre isso. Conte-me sobre Arkansas.”

Debaixo da mesa o pé descalço de Brad encontra o meu. Em cima da mesa, ele abre uma barra de granola e um saco de batatas fritas para Nicole.

“É meu lar.”

“Gosto do som disso. Mais. Conte-me mais.”

Ele dispara um amendoim em sua boca. “Posso descer a rua Dickson a qualquer hora do dia e ver alguém que conheço.” Seu pé se arrasta para cima na minha perna. “Em todos os lugares que olhar tem família. Cada rosto. Mesmo os primos que não gosta, vão vir quando precisar deles.”

Seu pé pressiona o interior do meu joelho e o empurra para o lado, abrindo minhas pernas sob a mesa. Aponto meu queixo para Nicole, que está comendo uma barra de iogurte de morango e desenhando em seu iPad. Ele é destemido, correndo seus dedos por dentro da minha coxa. Engulo em seco, deixando meu corpo decidir por mim. Uso calça. Está tudo bem. Mesmo que ela visse, não entenderia.

“Redfield Lumber é bem fora da cidade.” Ele joga outro amendoim, perfeitamente calmo acima da mesa, enquanto seu pé empurra meu outro joelho para o lado. “Poucos quilômetros. Meu pai trabalhava lá desde quando tinha dezessete anos. Sustentou-nos com apenas esse único trabalho. Eu estava no ensino médio, apenas fod... bagunçando ao redor. Matei algumas aulas no meu dia. Trabalhava no quintal no verão. Então percebi que trabalharia lá uma vez que me formasse. A escola não tinha importância. Tinha que aparecer para testes e às vezes fiz.”

Ele coloca seu pé plano entre as minhas pernas.

“Brad.”

Ele não para. Olho para Nicole. Sua cabeça está sobre a mesa. O remédio de enjoo faz isso com as crianças. Ela estará fora por duas horas.

“No dia em que os dedos do meu pai foram cortados, minha irmã foi até a escola para me avisar. Mas eu não estava lá. Estava fumando atrás da loja de doces Sweetzers e bagunçando com Ginger Halley. Não queria ser encontrado. Bem, minha irmã Susan, o que ela fez? Não entrou em pânico. Não colocou um disse a policia que eu tinha desaparecido. Ela disse a três pessoas que precisava me encontrar.”

Ele impulsiona contra mim, endireita o joelho, a sola do seu pé encontra o calor do outro lado do meu jeans. Deslizo para baixo para aumentar a pressão. Não posso me segurar. Ele está me esfregando no exato lugar com a intenção certa.

Em cima da mesa, ele conta três dedos. “Um policial. Um lixeiro. E a Sra. Liston, que sabe onde todo mundo está, o tempo todo. Vinte minutos depois que minha irmã voltou para o hospital, Buddy deu a volta na parte de trás da loja e me contou o que aconteceu com meu pai e ele queria um maço de cigarros, por me avisar.”

Eu o escuto, mas não consigo criar perguntas inteligentes ou fazer uma boa piada. Não tenho nada, além do atrito do meu corpo contra ele.

"Você deveria ver seu rosto" ele fala.

Meus lábios se separam. "Não posso." Olho para Nicole. Mesmo dormindo, sua presença irá impedi-lo de me fazer terminar.

Ele coloca o pé no chão. Parece que está arrancando um Band-Aid e arfo em decepção. Ele se inclina para frente.

"Você tem duas opções."

"Sim?"

"Atrás dessa cortina há uma cama. Atrás da porta um banheiro."

"Nicole na cama."

Entramos em ação. Ele pega Nicole, que não acorda e vou para o banheiro. É pequeno, mas não tão pequeno como em um voo comercial. Há espaço para dois e é limpo e quente. Eu mal estou dentro quando ele me segue, fechando a porta e de repente o espaço tem metade do tamanho e está duas vezes mais quente. Ele me empurra contra o balcão, rosto esmagado ao meu, abrindo meu jeans.

Ele afasta seus lábios dos meus. "Quero te ver. Incline-se para trás, linda." Me debruço para trás, colocando as duas mãos no balcão atrás de mim. Ele escorrega as mãos dentro da minha calça, sem a menor cerimônia encontrando meu clitóris molhado. Vibro em todos os lugares.

"Sim" sussurro. "Assim."

Ele puxa uma das minhas pernas para cima até que meu pé esteja na parede oposta.

"Vá em frente" ele fala. "Goze em meus dedos. E olhe para mim."

"Quero te dizer uma coisa" eu digo. Quase.

"Não vou parar então é melhor começar a falar."

"Estou com você. Você. Brad da cidade pequena e que fuma atrás da loja de doces. Esse é quem está me tocando agora."

"Não é a verdade."



As sensações ficam mais intensas e mais quentes, crescendo como uma bola de prazer maior do que o meu corpo. Mantenho os olhos abertos para ele, deixando seu rosto me encher.

"Eu vou..." Endureço e gozo, boca aberta, sem som, olhos fechados. Com sua mão livre, ele segura meu queixo e continua esfregando.

"Pare!"

Ele não o faz.

"Olhe para mim desta vez" ele rosna, colocando dois dedos dentro de mim, pressionando meu clitóris com a palma da sua mão.

"Deus, porra" falo entre dentes conforme outro orgasmo chega. Meus quadris empurram. Mantenho os olhos abertos, deixando ele me possuir plenamente. Estou cega com prazer, mas posso ver a satisfação em sua expressão nas luzes quentes.

Puxo meu corpo para frente e caio contra ele.

"Obrigada" agradeço, peito arfando.

"Eu não tinha ideia que você era tão quente. Preciso de tempo para descobrir o quão quente você fica."

Afasto-me e vou direto para a braguilha dele, abrindo o botão.

"Vamos começar com os próximos dez minutos."

"Oh sim?"

Abro com uma mão e puxo seu pau para fora com a outra.

"Eu realmente gosto do que você tem aqui, Brad." Ele se encaixa na minha mão como se fosse feito para mim. Ele me deixa no controle. Lambo os lábios e coloco minha boca perto dele. "Me beije, agora. A próxima vez que me beijar vou ter o seu gosto."

Ele me agarra pelo cabelo na parte de trás do pescoço e esmaga seus lábios em mim, boca aberta, língua me provando. Depois, me empurra para longe pelo cabelo.

"Comece a chupar então" ele diz por entre seus dentes.

Eu me ajoelho. Respiro fundo. Faz muito tempo. Lambo seu comprimento, língua plana, tornando-o liso e molhado conforme ele agarra meu cabelo.

“Você está me provocando” ele geme.

Olho para ele, boca suspensa em sua ponta, segurando-o pela base.

“Faça-me levá-lo” peço, então abro minha boca.

Seus olhos ficam surpresos, então aquecem quando agarra meu cabelo ainda mais forte e desce a minha cabeça em seu pau. Abro minha garganta e o sugo, lutando contra a vontade de vomitar, abaixando mais. Ele desce pela minha garganta e eu o deixo empurrar minha cabeça para frente até que meu nariz está pressionado contra ele.

Ele me retira e respiro.

“Jesus.” Ele está em estado de choque puro. Então sorri e sorrio de volta para ele. Não sei por quanto tempo mais posso surpreendê-lo, mas amo o passeio.

“Continue chamando e ele pode aparecer. Odiaria que seu gozo estivesse em qualquer lugar além do meu rosto.”

Ele tenta manter uma cara séria, mas ri de qualquer maneira. Eu também. Eu e Brad da cidade pequena. Tenho certeza que gostaria dele com ou sem a carreira chique.

“Tudo bem” ele fala, passando seus dedos no meu cabelo com mais força. “Você pediu por isso.”

Respiro fundo e tomo seu pau. Deslizando, chupando, respirando ele. Ele empurra mais duro e mais rápido, deixando-me respirar quando me afasto. Vou para um local, usando seu ritmo, gemendo por dentro. Estou molhada novamente para ele, pulsando com cada impulso. Envolvo as mãos em torno de seu eixo, deslizando ao longo do comprimento quando puxa para fora.

“Goze na minha boca” Engasgo antes de abrir e chupá-lo outra vez, usando o meu cuspe como um lubrificante para as mãos.

Um longo gemido profundo sai dele e pulsa conforme goza na minha garganta.

Quando termino, engulo e caio para trás contra os armários. Ele escorrega pela parede até que está sentado no chão comigo.

“Porra.” Ele balança sua cabeça em fascínio. “Você tem outro lado.”

Esfrego meu maxilar doendo. “Estou sem prática.”

Ele se inclina e me beija.

“Ninguém em casa vai te entender.”

“Não sou assim tão complexa.”

“Quero dizer que você é uma babá. O que isso significa.”

“E o fato de que estamos transando?”

“Provavelmente deve ficar em segredo. Eles não se importam se você é a babá, se importam que não estamos casados.”

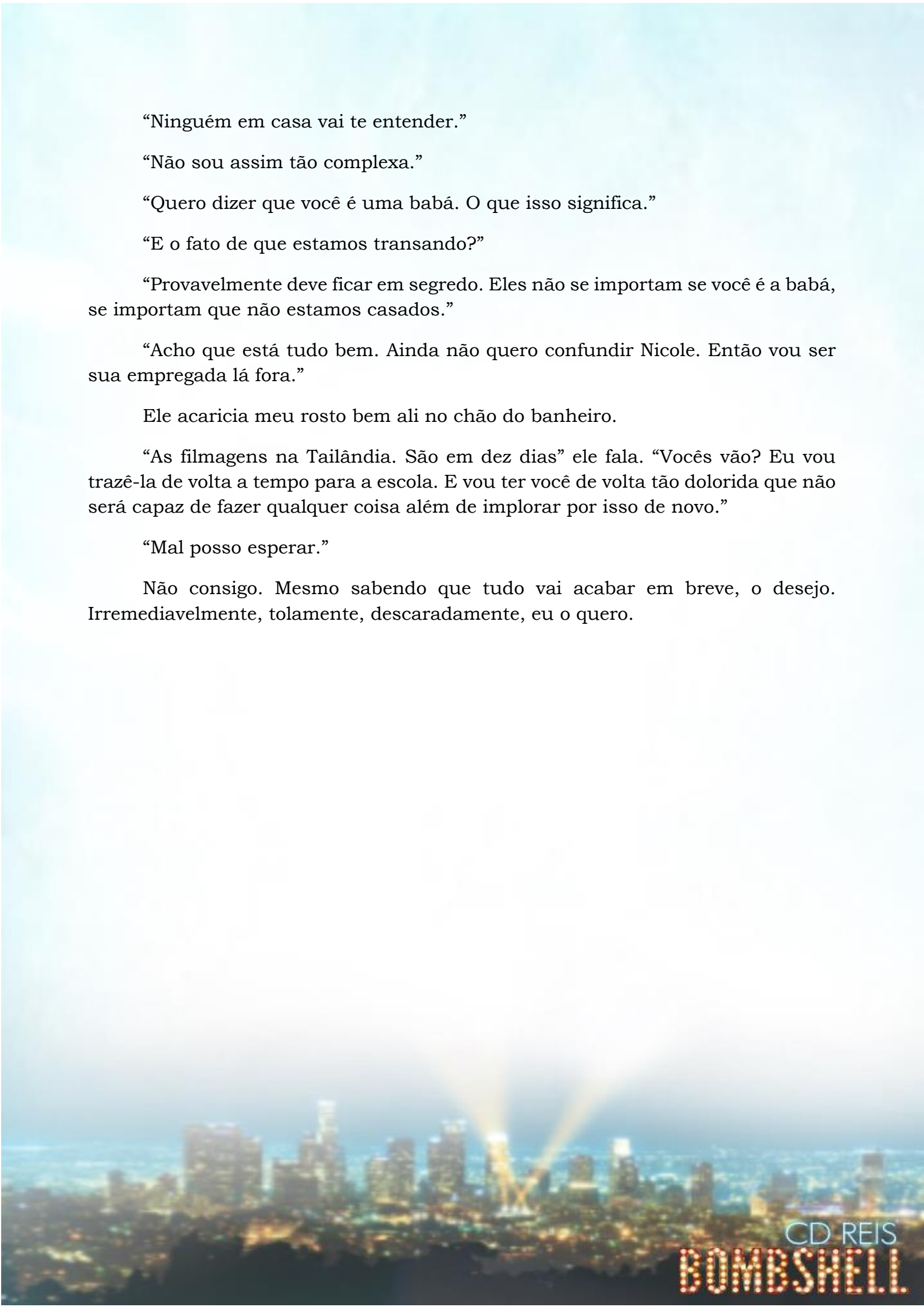
“Acho que está tudo bem. Ainda não quero confundir Nicole. Então vou ser sua empregada lá fora.”

Ele acaricia meu rosto bem ali no chão do banheiro.

“As filmagens na Tailândia. São em dez dias” ele fala. “Vocês vão? Eu vou trazê-la de volta a tempo para a escola. E vou ter você de volta tão dolorida que não será capaz de fazer qualquer coisa além de implorar por isso de novo.”

“Mal posso esperar.”

Não consigo. Mesmo sabendo que tudo vai acabar em breve, o desejo. Irremediavelmente, tolamente, descaradamente, eu o quero.



CAPÍTULO 51

Brad

Papai nos pega no aeroporto, assim com fez quando eu não tinha dinheiro para um táxi. Ele e eu nos sentamos na frente, Nicole e sua babá na parte de trás. Cara vasculha sua bolsa nos primeiros quilômetros.

“Meu telefone. Juro que estava sobre a mesa e agora não está em nenhum lugar.”

“Quando chegarmos em casa, pode ligar para o hotel e descobrir se está lá” falo.

“Tão frustrante.” Ela fica olhando para o poço sem fundo da sua bolsa. Não conhece o significado de frustrante. Frustrante foi deixá-lo debaixo do meu travesseiro no hotel e me sentindo como um desonesto de merda.

“Então” Papai olha para Cara pelo retrovisor, esfregando o local onde o seu dedo mindinho direito costumava estar “Te chamamos de que?”

Quero chutá-lo. Sei que ele não gosta da ideia de eu ter ajuda com Nicole, mas se vai ser um idiota em relação a Cara, vou matá-lo.

Cara não parece se incomodar.

“Cara está ótimo. Nicole me chama de Srta. Cara.”

Papai concorda. “Bom. Crianças precisam ter respeito. Esse negócio de primeiro nome realmente me desconcerta.”

“Do que devo chamá-lo?” Ela pergunta.

“Vovô!” Nicole entra na conversa.

“Ele é o seu avô, querida” digo. “Não da Srta. Cara.”

“Milton está bem” Papai fala. “Minha esposa é Ermine. Todo mundo a chama de Erma.”

“Ok. Obrigada.”



“Você tem alguma...” Ele acena com a mão como se estivesse tentando limpar a poeira da palavra certa. “... do que vocês chamam? É uma vegetariana ou alguma coisa?”

“Não. Eu como de tudo.”

Papai desce nossa rua e assente como se ela tivesse acabado de lhe dizer tudo o que precisa saber.

“Bom. Isso funciona.”

Mamãe e minha irmã Susan esperam na varanda com um bando de netos. Não estamos em casa e já estão batendo no carro. Pior do que paparazzi. Nicole surta, escondendo-se nas axilas de Cara.

Depois que ela sai e vê a vovó, ri e aplaude. Papai a pega e gira. Susan aperta a mão de Cara. Meu irmão dá um tapa em minhas costas. Tia Janie belisca minha bochecha e me diz que estou magro. Meu velho tio Walter, que tem 1,91m. e 160 kg, concorda com ela, agarrando minha cintura para sentir os pneuzinhos que não estão lá. Nicole corre para a varanda com seus primos, segurando sua pilha de cartões de pônei. Cara tenta pegá-la, sacudindo os tênis cintilantes.

“Nicole! Coloque seus sapatos!”

Agarro o braço dela. “Deixe-a. Se não ficar suja, nós estamos fazendo isso errado.”

“Nós?”

Não tenho a chance de criar uma explicação para este deslize. Buddy da casa ao lado, que comia sua meleca do nariz todos os dias na hora do almoço, até a terceira série, que engravidou e se casou com Vicki Sommer antes que deixasse a escola, me aborda. Ele cheira a graxa de motocicleta e suor.

“Você não trouxe a Paula?” Ele questiona.

“Não, não estou aqui para trabalhar.”

Na terceira série, quando Buddy realizava os exercícios mais de uma vez, tinha um olhar em seu rosto que era meio torcido e meio relaxado. Isso significava que as coisas não estavam funcionando bem e ao invés de se esforçar, ele geralmente apenas aceitava um D e seguia em frente. Ele tem este olhar quando menciono a ausência de Paula, então dá de ombros e aceita o seu D.

“Você tem que ver Margie.” Ele aperta meu braço. “Mano, ela é linda!”

Margie é sua Harley. Está consertando desde que tinha dezessete anos. Ele nunca pareceu estressado e distante com suas mãos em um motor.

“Você a esteve fodendo ela?” Aceno minha mão na frente do meu nariz. “Você fede, mano!”

“Bradley James Sinclair!” Mamãe grita. “Você tem uma boca de esgoto.”

Buddy joga seu braço em torno da mamãe. “Estou feliz que está de volta. Agora, ela pode sair das minhas costas. Venha conferir Margie. Ela ruge e ronrona.”

Não olho para os meus pais ou irmãos, mas para Cara, que está conversando com minha irmã sobre não sei o que.

“Ei” eu chamo e ela se vira. “Vou ali ao lado por um minuto. Vai ficar bem?”

“Ficaremos bem. Divirta-se.”

Caminho até a garagem de Buddy para ver sua moto e olho para Cara conversando com a minha irmã no caminho da casa que cresci. Não sinto qualquer coisa. Nada.

Apenas em casa.



CAPÍTULO 52

Cara

Tantas. Pessoas.

A pessoa mais velha que conheci parece que tem uns 150 anos e a mais nova acabou de nascer algumas semanas atrás. Aprendi tantos nomes quanto pude e tentei manter um olho em Nicole, mas sou puxada em uma dúzia de direções diferentes, antes de ser colocada na frente de um monte de cenouras e uma tábua de cortar.

"Babá?" a irmã dele pergunta. Repito o nome dela para mim mesma. Susan. Um tio ou dois vieram pelas cervejas, mas os tios são indistinguíveis dos primos. As regras de gênero parecem definidas em pedra. Todas as mulheres estão comendo o jantar na mesa, todos os homens estão sentados do lado de fora. Todos ajudam com as crianças.

"Babá" respondo.

"Que tipo de palavra é essa?" Ela divide uma cebola pela metade.

"Apelido para cuidadora?"

"Deixe-a em paz, Suze." A mãe de Brad, Erma, está em constante movimento.

"Estou interessada." Susan tem a mandíbula de seu irmão, que é ao mesmo tempo desconcertante e surpreendente em uma mulher.

"Você está falando sem significado algum."

Susan revira os olhos e corta a cebola finamente. "Parece legal é tudo que estou dizendo. Cuidar de crianças? Não sou paga." Ela morde a borda da cebola e a mastiga com a ajuda da ponta dos dedos.

"É ótimo" falo. "Tenho o melhor emprego do mundo."

Porque o meu chefe tem o pau de um Deus.

"Paula ainda está por perto?" Susan tenta parecer casual enquanto corta o restante da cebola.

"Sim." Estou silenciosa. Nem mais uma palavra passará por meus lábios.

“Ela e Brad ainda estão fazendo isso?” Susan come outro pedaço de cebola e me olha intensamente com seus olhos cinzentos.

“Susan.” Erma pontua o nome golpeando um pedaço de carne crua na ilha. “Por que está cutucando esta mulher?” Ela coloca a mão limpa no meu ombro. “Ignore-a. Paula a irritou quando ela foi visitar. Agiu como a rainha e alguém está querendo derrubá-la com um taco.”

“Ela me tratou como uma serva. Depois me disse para não incomodar meu irmão quando estavam trabalhando e não fazer perguntas. Como se eu não soubesse o seu ‘grande segredo’.” Ela congela com aspas suspensas no ar e a cebola pendurada em sua boca meio comida. Ela olha para sua mãe, que sacode a cabeça e fica atenta em amarrar a carne.

“Ela se preocupa com ele, é tudo” Erma canta. “Abençoada seja.”

Tia Rochelle, que não expressa nada além de reações não-verbais, bufa ironicamente enquanto mede duas xícaras de arroz.

“Claro que sim” falo, cortando minha cenoura. Mais palavras sobre Paula estão querendo sair dos meus lábios apesar das minhas melhores intenções. Ela não fez nada de errado. Não tecnicamente. Não exteriormente. Não para mim. “E abençoada seja por isso.”

Brad tem o sorriso de sua mãe. Ela não olha para mim quando o tenta esconder, mas vejo. Ele se parece exatamente como ela.

Susan é menos cautelosa. Ela ri e bate palmas. Soa exatamente como ele.

Ela para abruptamente quando as janelas começam a tremer. Terremotos de LA sacodem as janelas. Se é forte e você está nas colinas, pode ouvir um estrondo enervante. O soluçante motor soltando gases que treme as janelas laterais é muito mais alto do que isso.

“Buddy!” Susan grita com uma despreocupação que só pode ser de emitir os mesmos avisos centenas vezes. “Tire essa coisa da nossa propriedade!”

A mãe de Brad abre a janela sobre a pia.

“Bradley! Você é mais esperto que isso!”

“Onde está Cara?” Ele berra sobre o barulho. “Eu não consigo encontrá-la.”

Abandono minhas cenouras e me inclino sobre a pia, a faca ainda em minha mão. Brad está sentado em uma Harley que mal cabe na garagem. Na escuridão da noite e com a luz do farol, ele se parece com James Dean, porém mais sexy e

mais doce. Com tênis em vez de botas e cabelo não penteado por gel. Não notei que estou mordendo meu lábio inferior até ele doer.

"Deixe-me te levar para um passeio" ele grita.

Amo a sensação de sua atenção e me deixo apreciá-la antes de responder. Sou a babá. A equipe. Não a primeira pessoa em quem ele deve estar pensando quando quer companhia em um passeio de motocicleta.

"Nicole iria adorar" Eu grito da janela, desviando a atenção.

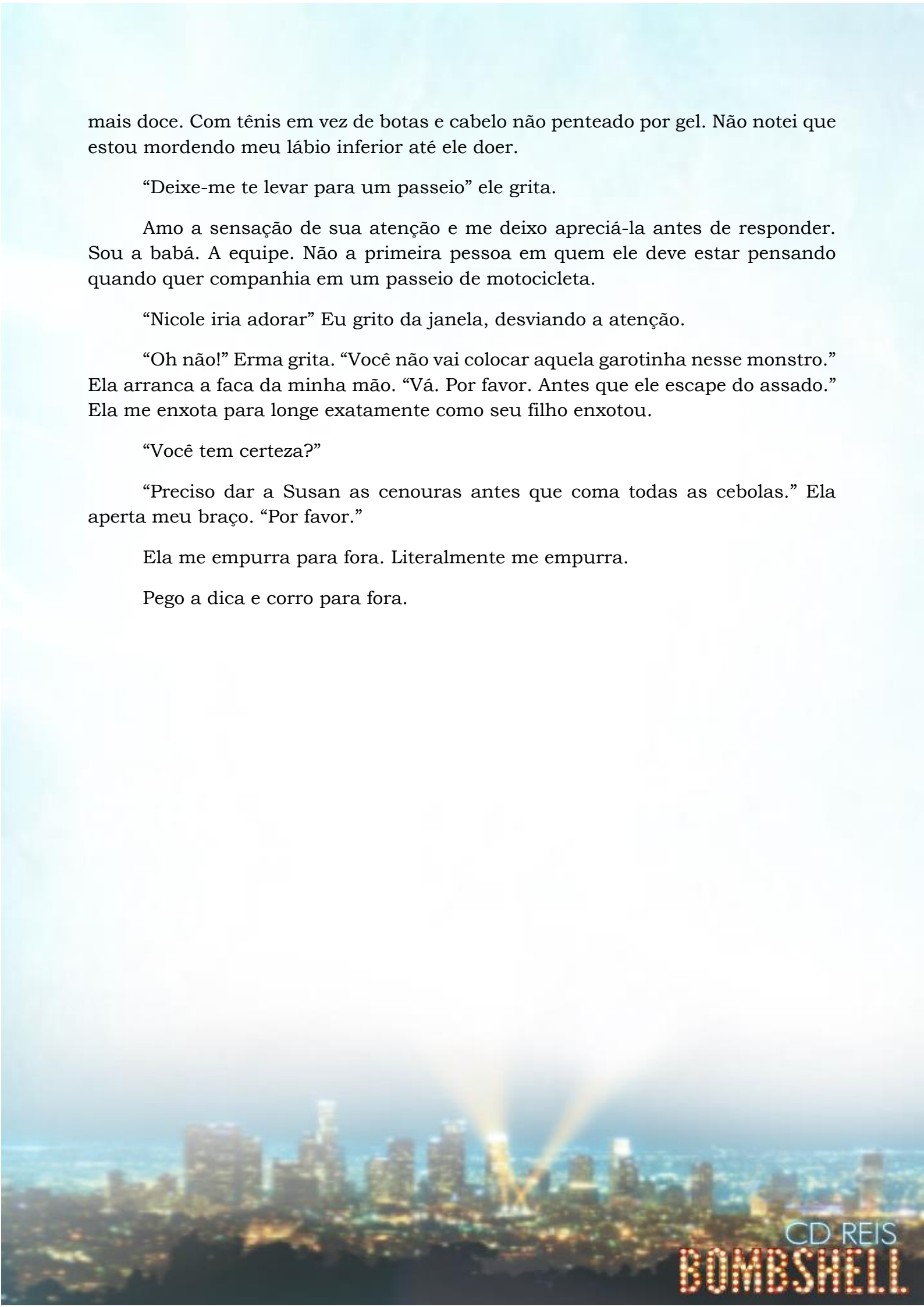
"Oh não!" Erma grita. "Você não vai colocar aquela garotinha nesse monstro." Ela arranca a faca da minha mão. "Vá. Por favor. Antes que ele escape do assado." Ela me enxota para longe exatamente como seu filho enxotou.

"Você tem certeza?"

"Preciso dar a Susan as cenouras antes que coma todas as cebolas." Ela aperta meu braço. "Por favor."

Ela me empurra para fora. Literalmente me empurra.

Pego a dica e corro para fora.



CAPÍTULO 53

Cara

O último feixe do sol baixou no horizonte cinco minutos mais cedo e o céu escureceu de azul petróleo no leste e brilha laranja no horizonte ocidental. Margie retumba entre as minhas pernas e meus braços enrolam na dura cintura de Brad.

Ele não está usando um capacete e não me ofereceu um. O casulo seguro da sua família já deve estar comentando sobre mim, porque não pensei em nada disso. Dando uma volta na rodovia, através de uma área arborizada, descendo a rua principal, já estou perdida. Pressiono minha bochecha em suas costas, sentindo o cheiro do couro e do vento e deixando ele me levar para onde quer que queira.

Ele vira em uma estrada arborizada e para onde a estrada termina. Quando o motor desliga, posso ouvir o gotejar de um riacho e o barulho tripé descendo.

O farol apaga. Quando a moto está estável, saio.

“Como está se sentindo, teacup?” Ele balança uma perna por cima da moto.

“Ótima. Esse foi um passeio agradável.”

“Estava preocupado de você atirar seus cookies.”

“Leve-me para um passeio nas xícaras de chá novamente. Aí vai ver alguns biscoitos sendo atirados.”

Ele pega minha mão. Hesito. Está muito escuro. Não consigo ver um pé na minha frente.

“Eu cuido de você.” Ele me puxa para frente, dizendo para ter cuidado com o meu passo quando uma raiz se projeta para cima, até que as árvores diminuem e consigo ver a borda do céu estrelado acima e escuto o farfalhar das folhas e a água de um riacho.

Brad tira sua jaqueta e a coloca sobre uma rocha na margem, então pega minha mão novamente. Ele me ajuda a sentar e se senta atrás de mim, as pernas ao redor das minhas, braços em volta da minha cintura, queixo no meu ombro.

Palavras para descrever como isso parece. Nenhuma em Inglês. Melhor coisa de sempre, com um tom de isso é errado. Reconfortante e desconcertante.

“Sua família é muito legal.”

“Sinto que vivo em outro planeta” ele fala. “Não sabem por que não consigo cuidar da minha própria casa como ela é. Não entendem por que trouxe você.”

“Não os culpo.”

“E há outra coisa. É sobre Paula. Buddy me informou.”

“Ok?”

“Paula é daqui. Ela tem, por hábito, sugerido que estou apenas me divertindo até me estabelecer e casar com ela.”

“Sério?” Digo sarcasticamente. “Ela é mente aberta. Se você estivesse prometido para mim, colocaria um sino de vaca no seu pau.”

Ele ri. Ouço algum alívio nisso, como se ele esperasse que eu ficasse louca.

“Ela falou por aí e bem, as pessoas não aceitam ser enganadas. Vai ficar constrangida. Sem dizer o que vai fazer.”

“Vai perguntar a ela sobre este assunto?”

“Não. Vou fazer da maneira do Sul. Manter isso cortês. Sem confusões. Mas acho que você deveria saber no caso de alguém falar sobre isso.”

“Anotado. Vou fechar o zíper.”

“Trancar.”

Nós falamos juntos: “Colocar em seu bolso.”

Ele me beija na luz moribunda do dia. Não sinto nada, não escuto nada, não provo nada além dos seus lábios.

“Precisamos ficar longe de tudo. Basta alterar a geografia. Ir para qualquer lugar, sou assim e até mesmo se eles não entendem, me amam. Acho que esta viagem está certa. Faço tudo errado e parece bom.”

“O que fez de errado? Conquistou Hollywood. Cinco anos atrás você era ninguém.”

Ele não responde de imediato.

“Há muita coisa que você não sabe.”

Dou de ombros. É claro que existe.

“Bem, sei que gosta de espiar o banho de uma garota.”

“Verdade.”

“E de mostrar a sua bunda quando está perdendo uma discussão.”

Ele ri e me aperta.

“Você é um voyeur e um exibicionista. Quão ruim poderia ser o resto?”

“Bem, agora você sabe de onde sou. Eu deveria ter avisado primeiro, mas estava com medo que se fizesse, me acovardaria. São caipiras e velhas Harleys. Minha casa não é muito, mas pago a hipoteca. Papai não corta a grama e parece uma fazenda de ervas daninhas. Minha irmã têm quatro crianças de três caras diferentes. Acho que é o pior de tudo.”

“Acho que isso é o melhor de tudo. Você é tão real, Brad. Acho que está mais bem equipado para lidar com a fama do que a maioria das pessoas. Você é completo.”

Ele coloca um pouco de cabelo atrás da minha orelha. O vento imediatamente o tira do lugar.

“Eu não sou” continuo “mas queria que você soubesse. Fui feita para ter filhos e não posso porque rejeitei o primeiro.”

Nunca falei isso em voz alta. Preciso encará-lo.

“Vendo a sua família...” continuo. “Mesmo durante algumas horas... gosto de você ainda mais, mas sei que não é uma coisa permanente que temos e estou bem com isso. Não posso te oferecer o que precisa. Então não tem que tentar e me impressionar ou provar nada para mim. Você precisa ter uma vida plena e vou mantê-lo a partir daí.”

Talvez a maioria das mulheres estivesse com medo de que ele concordaria e reiteraria que temporário é o melhor tipo de relacionamento. Mas eu não. Tenho medo de que ele negue. Ele também não falou que sou inteira e bem, porque não desejo pensar em nós como temporário, ou porque estou mentindo só para me fazer sentir melhor.

Ele não faz nenhum dos dois.

“Uma vida plena não é apenas para as pessoas que não têm problemas, teacup.” Seu telefone toca contra mim e soa um toque de banjo. “Essa é minha mãe” diz. “É melhor irmos.”

Ele se levanta e me puxa para cima. Já é noite e os grilos guincham alto, competindo com o telefone tocando. Nos beijamos por um momento, suavemente antes de eu o empurrar.

“Responda quando sua mãe chamar.”

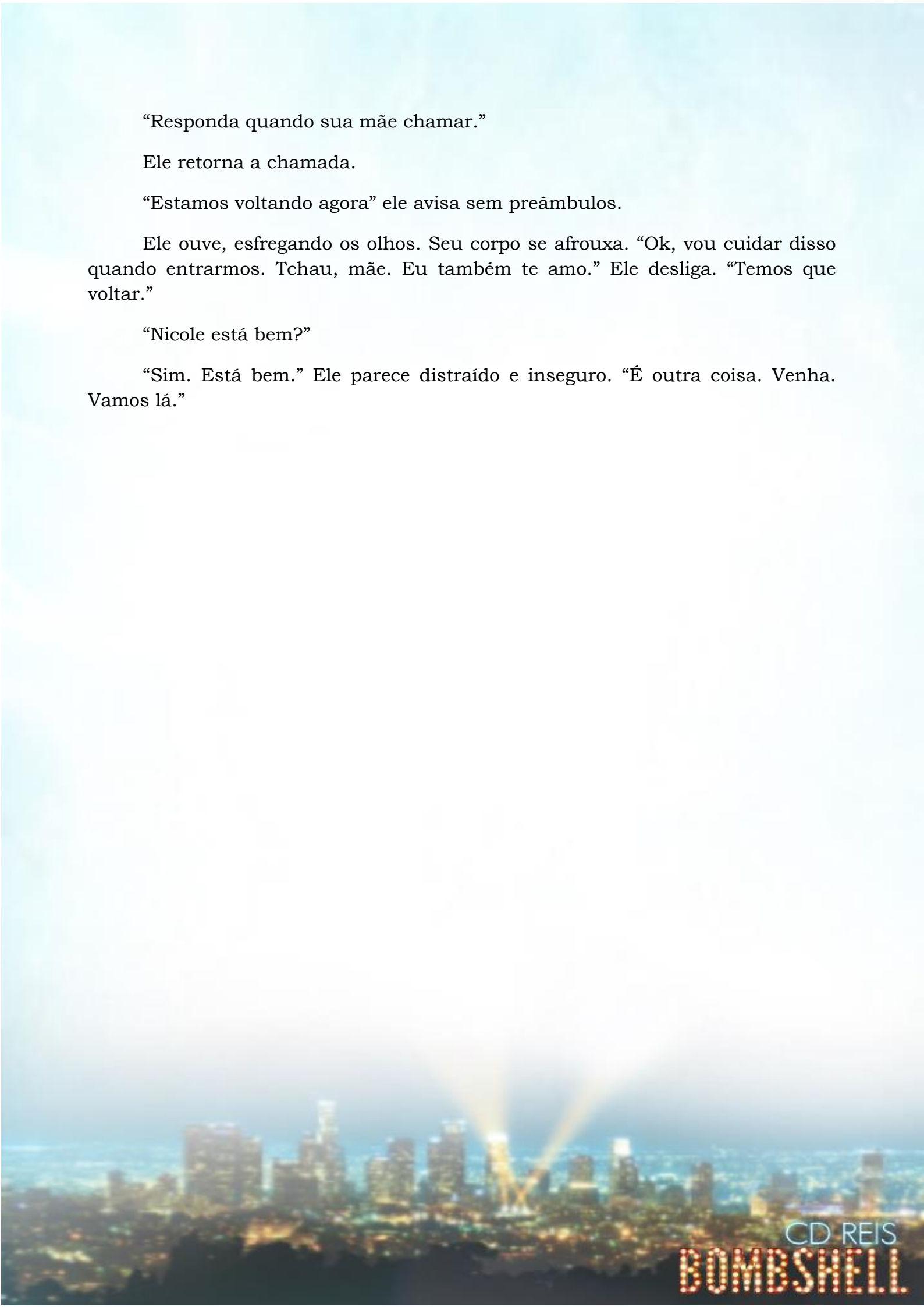
Ele retorna a chamada.

“Estamos voltando agora” ele avisa sem preâmbulos.

Ele ouve, esfregando os olhos. Seu corpo se afrouxa. “Ok, vou cuidar disso quando entrarmos. Tchau, mãe. Eu também te amo.” Ele desliga. “Temos que voltar.”

“Nicole está bem?”

“Sim. Está bem.” Ele parece distraído e inseguro. “É outra coisa. Venha. Vamos lá.”



CAPÍTULO 54

Brad

"Eu tenho que ir. Não tenho escolha. Não. Foda-se. Tenho uma escolha. Ficar e reduzi-la até que não seja nada além de um pedaço de merda de uma mulher ou..."

Paro. Mamãe mandou uma mensagem que Paula está ligando. Temos uma sessão da qual esqueci. Não posso continuar adiando o roteiro.

"O quê?" Paula diz da tela. O Skype do computador velho do meu pai está desatualizado e consigo escutar a preparação do jantar acontecendo atrás da porta, mas tenho que ter uma hora para revisar o roteiro ou vou fazer papel de bobo no set. Pena que meu cérebro está em todo o lugar que não deveria estar. Estou fora do meu elemento. Distraído. Quero estar na mesa da sala de jantar mais do que estar trabalhando.

"Esqueci" eu digo. "Você pode...?"

Nicole entra com uma coroa de papel e uma rosquinha.

"Papai, trouxe uma sobremesa."

Ela pula no meu colo e enfia a rosquinha na minha boca. Dou uma mordida e a devolvo.

"Obrigado, abóbora."

Ela tenta colocá-la na minha boca de novo, mas me viro e dou a ela um olhar severo. Eu quero voltar ao trabalho.

"Sim, obrigada." Paula dá um sorriso largo do tamanho da tela. "Você está bonito como um inseto em uma banana split. Cara está aí para ajudar?"

Nicole aponta a rosquinha na minha boca novamente, fazendo sons de avião.

"Chega", grito. Ela começa a chorar.

Um pequeno quadrado na parte inferior da tela mostra a imagem de mim com a minha filha no meu colo. Atrás de mim, Cara está na porta.

"Ela está bem?" Cara pergunta. "Posso levá-la."

“Papai não quer minha rosquinha!” Nicole segura o pedaço com migalhas caindo.

“Guarde para mim” falo, enxugando suas lágrimas com o polegar.

“Cara, querida” Paula diz da tela.

“Eu a tenho” Cara fala, com suas mãos sob os braços de Nicole, mas não vou deixar pra lá. Se ela está chorando, quero ser o único a dizer que está tudo bem. Ela é minha responsabilidade e preciso ser o único a enxugar suas lágrimas.

“Vocês duas têm que se acalmar!” Eu digo aos outros dois adultos na sala. Cara está atrás de mim e Paula fecha a boca enquanto falo com Nicole.

“Você.” Aponto para a minha filha. “Às vezes tem que deixar o papai trabalhar. Às vezes tem que guardar a rosquinha para mais tarde.”

Ela funga e assente. “Ok. Podemos jogar o jogo de cartas depois?”

“Sim. Agora vá com a Srta. Cara.”

Depois de uma pequena pausa, ela estica seus braços para a mulher atrás de mim. Cara a pega e com a criança em seu quadril, dá um tapinha no meu ombro.

Distraidamente, aperto sua mão antes dela sair. A porta se fecha atrás de mim e retorno minha atenção para Paula.

“Tudo bem, estamos na página oitenta e sete?”

Ela não responde. Não se move. Seu rosto está cheio e redondo e sem expressão.

“O que?”

“Você está... odeio ter que perguntar isso. É terrivelmente indelicado.”

“Nós já passamos disso, Paula.”

“Está tendo relações físicas com aquela mulher?”

Ela sorri quando questiona, como se estivesse em um programa de entrevista perguntando ao presidente o que aconteceu com o estagiário. Leva um segundo para perceber o fato de que apertei a mão de Cara como se Paula não estivesse aqui. Mas ela está e fui estúpido.

“Você está na página oitenta e sete, ou não?”

“Estou falando sério, Bradley.”

“Tenho certeza que você tem seu próprio negócio para se preocupar.”

“Você não quer dizer isso” ela fala. “Sei que não. Você me conta tudo e se tentar me distrair novamente, é o mesmo que uma mentira. E você... não pode mentir para mim. Eu te dou tudo, então não. Só não minta para mim, Bradley Sinclair. Mereço mais.”

Não posso ver muitos detalhes na tela de baixa qualidade, mas consigo dizer que está chateada.

“Não se trata de mentir. Não estou pronto para falar sobre isso. Estou pronto para a página oitenta e sete.”

Uma última e patética tentativa de salvar a sessão e minha amizade. Mas empurrei isso de um penhasco antes de mencionar o número da página. Descuidadamente toquei a mão de Cara na frente de Paula.

“Você é um mentiroso” ela fala. “Tenho uma lista tão longa quanto o meu braço.”

Eles dizem que a verdade dói mais do que uma mentira.

Esta dói muito. Mais do que a grosseria atípica de Paula, suas palavras me machucam. Não há nenhum subtexto para elas. Descem direto pela garganta e reflexivamente coloco minhas defesas.

“Diga-me por que isso importa” falo. “Nunca fez antes, então me diga por que é importante agora.”

Ela fecha o roteiro.

“Você a levou para casa. Para Redfield. Ela vai conhecer Buddy e Susan. Vai para a farmácia do Warren. O riacho. O ensino médio. Ela vai ver tudo. Eles vão conhecê-la.”

“Por que isso é um problema?”

Eu a peguei agora. Movimento suave, imbecil.

“Não posso te falar sem abrir meu coração.”

Ela sacode as bordas do roteiro distraidamente, olhando para fora da câmera. Talvez olhando para o pequeno quadrado no canto e se perguntando se pode ver a si mesma contando o problema.

“Você não precisa” falo, tentando protegê-la de si mesma. Sei o que vai dizer e quero protegê-la da minha resposta. Ela não vai gostar.

Ela não me ouve ou não acredita em mim. Talvez precise tirar do seu peito.

"Esses são os nossos lugares e não quero compartilhar. Você vai passear com ela em toda Redfield e os manchar."

"Não estou entendendo." Talvez eu esperasse algo mais simples.

"Não sei o que não é compreensível a menos que você seja grosso como um tijolo. Nós possuímos esse lugar juntos. Você e eu. Todas as garotas só conhecem uma parte de você e a outra é minha. Você a levou para a minha cidade e isso apenas diz algo sobre você. Mostra que não se preocupa sobre a propriedade ou o que as pessoas falam sobre nós."

"Nós? Paula, não há um *nós* há anos."

Seu rosto cai novamente. Penso que ela não pode parecer mais magoada, mais irritada, mais triste, toda confusa em um monte de pontos brilhantes.

"Não para você. Mas sou a última com quem esteve ai e isso é meu. Sou a garota sobre quem eles falam, agora estou sendo substituída pelo que? Uma *babá*? Como é que vou mostrar meu rosto no Warren no Natal? Com todos sentindo pena?"

"Espere um minuto..."

"Você não conhece as pessoas. Não sabe a estrela que é aí. Não tem ideia do que todos eles pensam. Agora tenho que sair ou a conversa vai queimar em meus ouvidos."

"Está dizendo a todos que estamos juntos? É uma mentira."

"Todos perguntam quando você vai acordar e se casar comigo e o que eu deveria falar?"

"Que você pode conseguir algo melhor."

"Isso é uma mentira."

Ela poderia ter uma tonelada de coisas melhor do que eu, mas em vez de pendurar o meu argumento em seu valor intrínseco, que salvaria a amizade, fico mais agressivo.

"E dizer que estou esperando casar com você não é uma mentira?"

"Não fale comigo sobre mentiras, Bradley Sinclair."

Seu braço se move e a tela fica preta.

Desligo o computador. Estou tremendo porque ela e alguns outros protegem uma mentira que conto todos os dias.

Levanto-me para ficar longe do computador. Dependo da amizade e o apoio dela, ela depende de mim para ter esperança. Removendo a esperança da vida dela, eu teria que viver sem a amizade e seu apoio.



CAPÍTULO 55

Brad

Qualquer criança da quarta série irá te contar mentiras como bolas de neve rolando morro abaixo. Mas me disseram desde o início que se eu fosse honesto sobre minha dislexia, ninguém iria me contratar. Eu teria muitos problemas. Era difícil gerenciar mudanças no roteiro. Não conseguia ler diálogos sem lutar.

Se alguém os lesse para mim e eu os repetisse, aprendia facilmente, mas era um ninguém no ramo. Estava sem dinheiro, inexperiente, anônimo. Um dos milhões entrando e saindo da cidade a cada ano. Diretores de elenco estavam procurando razões para desqualificar o talento para que pudessem diminuir até o vencedor e passar para o próximo. A dislexia me fez não empregável.

Então, quando tinha audições, gravava alguém lendo perto de mim e prestava atenção até que decorar. Paula foi a primeira, Michael me ajudava quando estava na cidade e depois Paula de novo. Confiava neles para manter em segredo. E quando consegui o meu primeiro longa-metragem, não contei ao diretor. Queria apenas fazer o trabalho. Então eu diria a eles.

Mas tive o meu próximo filme antes que a filmagem do primeiro tivesse acabado e não queria perder.

Então, aqui estamos nós.

"E aqui estamos nós", eu falo para o meu pai na varanda da frente. Quase todo mundo foi embora. Cara está com mamãe e Susan na cozinha. Nicole e seus primos estão assistindo TV. Papai está sentado na cadeira de alumínio azul onde sempre se senta e eu estou no balanço. Nossas cervejas estão quase vazias e quentes na mão, mas as seguramos como cobertores de segurança. "Sou realmente bom em memorizar. E posso fluir com alterações com apenas algumas repetições. Mas foda-se, não confio em Paula. Eu nem sei se tenho um voo para a Tailândia. Tenho quarenta mensagens no meu telefone da equipe de pré-produção e tudo o que quero fazer é sentar na varanda e beber cerveja."

"Você vai descobrir. Sempre foi inteligente."

"É por isso que todos me chamavam de retardado?"

Uma faísca e um *zumbido* vêm do mata insetos elétrico azul que pende da viga do teto.

"Não usamos essa palavra, não mais."

"Nunca achei você politicamente correto, pai."

Ele dá de ombros e coloca a garrafa nos lábios com sua mão de três dedos. "As coisas mudam. Se você não entrar no trem, ele parte sem você."

"Gostava da forma como as coisas eram."

Um zumbido. A umidade é enjoativa, espessa, uma densidade pesada contra mim.

"Deus não se importa com o que você gosta, mas Ele irá te enviar o que precisa descobrir. Como esta garota que trouxe. Ela te ajuda. Podemos ver. Você necessitava dela e Deus a enviou."

"Sim." Bato minha garrafa na borda do balanço.

"E você a ama."

"Não. Jesus Cristo, pai."

"Olha sua boca. Esse trem em particular não saiu da estação."

"Desculpe." Sinto-me como se tivesse dez anos de novo, deixando escapar meu primeiro palavrão. "Fiquei surpreso por você dizer isso."

"Sei que você vive de maneira diferente lá fora. Todos têm babás e equipe para sua família e lida com a carreira sozinho. Sempre soubemos que Paula não é o seu futuro, não importa o que ela disse ou não. Você veio um Natal com ela e tudo que fez foi trabalhar. Mas essa." Ele aponta o polegar para dentro. "Você Ama esta menina não importa o quanto amaldiçoa nosso Senhor sobre isso."

Não sei o que me fez pensar que poderia esconder qualquer coisa dos meus pais. Estas são pessoas que descobriram que eu estava matando aula embora minhas notas não fossem as piores. Nem Buddy, nem Arnie me traíram. Mamãe e papai sabiam exatamente porque eles *sabiam*.

"Eu a amo e não tenho nenhuma ideia de como fazê-la minha."

"Pode começar dizendo que a ama."

"Você não tem ideia de como é complicado."



Ele abre mais as pernas e se inclina para trás, colocando a cerveja em sua barriga.

"Quão complicado pode ser?"

"Ela teria que parar de fazer o que ama. E daí, certo? Iria somente... o que? Cuidar de Nicole porque é minha filha? E se não der certo e depois? Nicole a perde. Eu a perco. Ela perde sua carreira. Seu anonimato. Não posso estar com ela e protegê-la ao mesmo tempo. Mas preciso estar com ela. Eu tenho que estar. Ela é como cola. Mantém tudo junto."

Ele concorda, olhando para o jardim da frente. Os grilos cricrilam alto e a luz do mata insetos eletrocutou mais mosquitos do que há dez minutos.

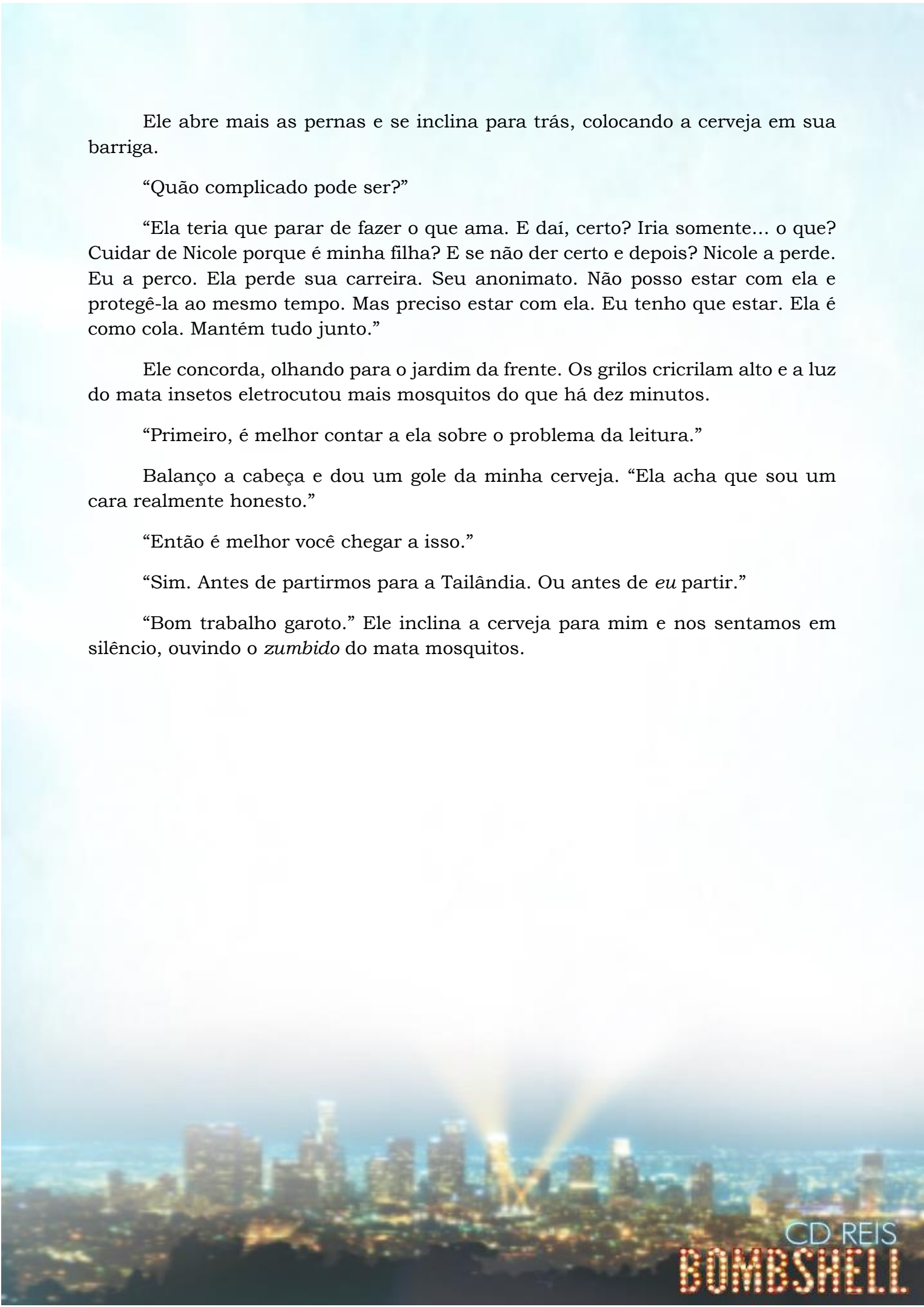
"Primeiro, é melhor contar a ela sobre o problema da leitura."

Balanço a cabeça e dou um gole da minha cerveja. "Ela acha que sou um cara realmente honesto."

"Então é melhor você chegar a isso."

"Sim. Antes de partirmos para a Tailândia. Ou antes de *eu* partir."

"Bom trabalho garoto." Ele inclina a cerveja para mim e nos sentamos em silêncio, ouvindo o *zumbido* do mata mosquitos.



CAPÍTULO 56

Cara

Brad ficou estranho conforme as duas horas passaram. Ele falou que teve uma briga com Paula e agiu como se fosse nada. Bebeu um pouco, riu menos, saiu com seu pai para a varanda, mas continuou olhando para longe como se sua mente estivesse de volta a Los Angeles.

Ajudo a limpar as garrafas e pratos. A mãe de Brad lava e eu seco. Aparentemente, a máquina de lavar louça funciona, mas ainda não é digna de confiança com a boa porcelana.

Eu acabei de desligar o telefonema com o hotel da Disney. Confirmaram que enviaram o meu telefone para um endereço de Arkansas por uma imoral quantidade de dinheiro. Erma brinca com os talheres e faz uma pergunta que deveria estar em seus pensamentos.

“Ele é um bom pai?” Ela questiona.

Não pensei sobre o assunto. Não penso nos pais como bons ou maus. Eles fazem o seu melhor ou não. Então levo o meu tempo respondendo.

“Tenho trabalhado com alguns pais e tenho que dizer... ele e ótimo.”

Ela não responde. Espero que acredite em mim, porque quando surge a dificuldade, Brad tenta mais do que o resto deles e isso importa. Ele cometeu muitos erros, mas Nicole iria crescer para ver um homem que está presente para ela.

“Eu tinha este pressentimento” ela fala calorosamente.

* * *

Seus pais arrumaram o antigo quarto de Susan para mim e Nicole, colocando seu filho famoso para dormir no sofá. Seu quarto de infância é agora a sala de costura de sua mãe e seu quarto de adolescente ficava na garagem. É usado para armazenamento.

“Honestamente” diz sua mãe, “Por que voltaria aqui com aquela mansão em que vive?”

“Mãe, esse sofá é para anões” ele reclama.

“Você não é muito grande para o chão, moço” seu pai responde com uma sobrancelha levantada. “A menos que queira pedir pra alguém de sua equipe chique fazer uma reserva no Motel Sleepytime na Rota 46.”

Brad agarra um travesseiro e o joga no chão.

“Durmo até tarde, pai. Não pise em mim na parte da manhã.”

Então nos instalamos. Durmo na cama com Nicole.

“Onde está o papai?” Ela sussurra no escuro.

“Andar de baixo.”

“Ele está vindo? Não consigo dormir sem ele e você. Vou ter medo.”

“Você vai ficar bem.”

“Não! Eu...”

Como se na sugestão, a porta se abre e Brad entra. Eu me apoio no cotovelo, ajustando os olhos com a luz do corredor.

“Papai!” Nicole senta-se e levanta os lençóis do seu lado.

“Shh” ele fala, entrando totalmente vestido.

“Você vai ficar em apuros” eu digo.

“O que eles vão fazer? Me proibir?”

Nos espremeMos na cama de solteiro, como de costume. Com sua filha enrolada contra ele e a luz azul em seu rosto, tenho certeza que não menti para sua mãe durante a secagem de pratos. Ficamos em silêncio por alguns minutos, compartilhando um longo travesseiro, existindo no espaço juntos, até a respiração de Nicole ficar lenta e regular.

“Está tudo bem com Paula?” Pergunto.

“Sim. Quero dizer, não.” Ele faz uma pausa e respira fundo. “Vamos descobrir.”

“Foi sobre o que falamos? O que ela está dizendo sobre você?”

“Não quero falar muito sobre isso. Só que ela descobriu que eu sei e tenho bastante certeza de que está muito brava com si mesma, o que não vai fazer fácil tê-la por perto.”

“Quer voltar e resolver com ela? Esperamos aqui.”

Ele vira todo o seu corpo na fatia minúscula de espaço deixado sobre a cama de solteiro e olha para mim sobre a cabeça de Nicole.

“É mesmo?” Ele fala. “Você ficaria aqui enquanto volto para fazer as pazes com ela?”

“Sim. Não é um grande problema.”

Ele estende sua mão sobre Nicole e acaricia minha bochecha.

“Confia em mim?”

“Para quê? Negociar uma reconciliação? Ou ficar com as calças?”

“Sim.”

“Tenho certeza que posso encontrar um sino por aqui em algum lugar.”

Ele sorri nas sombras. Nenhum cineasta poderia capturar este momento melhor do que o meu coração faz.

“Eu aposto” ele fala. “Que se sairmos da cama, ela não vai acordar.”

Escorrego para fora da cama. Ele gentilmente se afasta, praticamente caindo.

Nicole se levanta, olha para mim com os olhos meio fechados, então para seu pai.

“Onde está meu pônei?” Ela pergunta. Eu o acho no chão e entrego. Ela cai em uma pilha e está fora como uma lâmpada apagada.

“Acho que passamos por uma etapa aqui” Brad fala.

“Também acho que sim.”

Ele pega minha mão e me puxa para fora do quarto. No final do corredor, passamos nas pontas dos pés por um quarto onde um homem ronca tão alto que soa como uma serra. Chegamos a uma porta no final do corredor que leva para fora.

“Estou de camisola” falo, como se ele não pudesse ver meus quadris e mamilos arrepiados através do algodão fino.

“Não por muito tempo.”

Ele abre a porta e me leva para um conjunto frágil de escadas de madeira na lateral externa da casa. *Pancada, rangido, pancada, pancada*, Brad não diz uma palavra e não me deixa uma abertura para fazer perguntas.

Quando chegamos ao final, ele me levanta, tirando meu fôlego, poupando meus pés descalços das pedras frias.

“Você está bem?” Pergunto quando chegamos a uma porta trancada. “O que está acontecendo?”

“Essa casa é malditamente pequena demais.”

Ele destranca o cadeado e a abre. Balança a dobradiça e abre a porta com um empurrão. Entro.

A luz é fraca, mas posso ver teias de aranha e cartazes de filmes velhos em tinta azul. Caixas de papelão estão amontoadas em todos os lugares, mas consigo discernir a forma de um quarto sob elas. Uma mesa com caixas em baixo e em cima. Um beliche sem colchão. Uma cômoda com caixas na parte superior e na frente.

“Quando disseram que era um depósito, queriam dizer isso mesmo” falo.

Ele me encara e sei por que ele deseja estar longe da casa. Banhado em intensidade, brilhando com desejo, é um homem em uma missão.

“Não vou passar mais uma noite na cama com você a menos que esteja nua.”

Eu já me sinto nua com o jeito que ele está olhando para mim. Meus mamilos apontam na camisola e meu clitóris começa a pulsar.

Brad passa as mãos sobre meus seios, sentindo os mamilos. “Todo dia, eu quis você. Você se sentou ao lado da ribanceira e vi um pouco mais de pele sobre sua cintura.”

“Você foi um cavalheiro.”

“Não mais.” Ele belisca um mamilo através da camisola e gemo. Minha coluna vira geleia. É fácil para ele me virar, então fico de frente para um monte de caixas. Meu corpo não tem vontade própria quando ele me debruça. Até mesmo silvo um “sim...”

Ele levanta a camisola em um movimento rápido, expondo minha bunda no ar.

“Isso é meu.” Ele passa os dedos sobre a minha buceta escorregadia, deslizando dois dentro de mim. Gemo. Ele os tira e coloca um terceiro dedo dentro, me esticando. “Você está pronta para ser fodida?” Brad empurra dentro de mim tão profundo quanto pode.

Eu não o vejo puxar seu pau para fora, mas sei que o fez, pois o sinto na minha bunda enquanto ele acaricia a parte inferior das minhas costas.

“Me foda” peço. “Por favor.”

“Você é muito gostosa. Uma menina tão sexy. Me deixa muito duro.” Ele dá um tapa na minha bunda e a dor me faz estremecer.

Empino de volta e ele responde. Três golpes e ele mete fundo. Quando está até a raiz, agarra meu cabelo e puxa.

“Isto é o que você quer?”

“Mais forte.”

“Toque-se. Faça-se gozar e vou te foder tão forte que você vai quebrar.”

Ele planta suas mãos nos meus quadris. Alcanço entre as minhas pernas, no meu clitóris, seu pau, sentindo a forma como se move dentro de mim.

“Cara” ele sussurra, sugando ar. A ternura de seu chamado é o oposto da maneira como ele me fode.

Ele morde a parte de trás do meu pescoço ao mesmo tempo em que gozo, me segurando enquanto perco o controle do meu corpo. Digo seu nome, transformando um grito em uma respiração profunda e um grunhido.

Ele sai de mim, mas me segura pelo cabelo. Então marca a parte inferior das costas com seu gozo, suavemente dizendo *minha, minha, minha,* como se estivesse tentando se convencer de que é verdade.



CAPÍTULO 57

Cara

“Decidi algo.” Brad me empurra contra a parede do quarto onde Nicole dorme. Ele me beija e sente meu corpo através da camisola. Sussurramos juntos depois da meia-noite, mas ainda me preocupo em acordar alguém.

“Você não deveria tomar decisões logo após o sexo.”

“Tomei durante.”

“Pior ainda.”

“Preciso de você. Vai ficar.”

“Não pode me pagar e dormir comigo ao mesmo tempo.”

“Só estou te pagando pelas horas que não estou te fodendo.”

“Está falando sério?”

“Absolutamente sério.”

“Não. Isso é...”

“Bom. Está decidido. Vou dormir no chão da sala de estar. Vejo você pela manhã.”

Ele dá um passo para trás, me olha da cabeça aos pés e caminha pelo corredor.

“Brad” falo calmamente. Ele diminui. “Você confia em Paula para estar em sua casa enquanto está aqui? Depois da briga, quero dizer?”

“Pare de pensar sobre isso. Está surtando por nada.”

Não concordo com ele. Acho que há muito sobre o que surtar. Suas rotinas diárias. Listas e tarefas. Tudo o que ela realiza, que é demais.

Pressioná-lo não vai adiantar nada, entretanto. A respiração dele já ficou lenta e superficial. Se ele vai deixar pra lá, também posso.

“Boa noite, Brad.”

“Boa noite, teacup.”



CAPÍTULO 58

Cara

Brad e eu passamos dois dias e duas noites juntos. Conheci seu amigo Buddy, cozinhei com sua mãe, levei Nicole em longas caminhadas ao redor da cidade. Nós a levamos para a loja de sorvete na parte da tarde, depois no parque infantil, onde Brad senta-se comigo e fala sobre sua infância e família.

"Não posso acreditar o quão inteligente ela é" ele fala de sua filha enquanto ela sobe a estrutura do brinquedo. "Ela está lendo. E pare de me dizer que é normal."

"É normal" digo. "Entre cinco e oito anos."

Ele me pega pelo queixo. "Ela é excepcional."

"Sim. Mas seu nível de leitura está no tempo normal."

Quando ele segura meu queixo assim, derreto em uma poça quente. Ele está tão perto de me beijar, roçando seu polegar ao longo da minha mandíbula, seu rosto suavizando um pouquinho. Não sei quando ele deixou de ser uma estrela para mim, quando parei de ver seu rosto verdadeiro e seu rosto de filme / outdoor / revista ao mesmo tempo, mas Brad é mais lindo sem o pano de fundo de celebridade.

"Sem tocarem frente da pequena" falo suavemente. "Mais tarde, pode terminar esse pensamento."

"Vou terminar esse e alguns mais." Ele deixa sua mão cair.

Os últimos dias foram perfeitos e compreendo que é porque permiti que eles fossem. Deixo Brad ser Brad e me permito derrubar qualquer pretensão de que estou mantendo um padrão de comportamento. Ele não me trata como uma babá e não ajo como uma. Só deixo acontecer.

Talvez o fato de estar fora de Los Angeles torne mais fácil. Talvez fosse a determinação dele de que o que temos não é uma aventura. Eu me desgastei. Mas não finjo que não tenho sentimentos por ele. Não fico de repente estúpida ou irrealista. Sei que temos que voltar. Que as pessoas irão falar e minhas perspectivas de emprego estão prestes a encolher para o tamanho de um estúdio.

Tarde da noite, depois de ir para garagem noite após noite, deitada na cama ao lado dessa menininha bonita, me preocupo tanto que tremo. Meu coração bate rápido e a dor em meu peito parece insuportável. Não consigo respirar. Não quero voltar para casa e não consigo ficar. Quantos dias isso durará? Quanto tempo antes que eu esteja no frio, sem emprego, sem Brad e Nicole?

Fiz tudo o que pude para evitar que acontecesse e aqui estou eu, no Arkansas, me apaixonando por um pai celebridade e sua filha.

Tarde da noite, com os grilos, a brisa lá fora e a respiração de Nicole ao meu lado, entro em pânico.

Mas pela manhã, se dormi ou não, me sinto em paz. Estou vivendo uma mentira, mas é a minha mentira e se eu não a viver, quem o fará? Visto Nicole e a levo para baixo. Sou carinhosa com ela. Sorrio para Brad com a plenitude dos nossos segredos compartilhados. Vivo do jeito que desejo viver, percebendo finalmente que, mesmo quando tudo isso terminar, aprenderei alguma coisa. Aprenderei o que quero. Almejo uma casa, uma família e um homem para chamar de meu. E quando estou com ele, posso fingir que essa vida é com Brad Sinclair, não a estrela de cinema, o homem, porém.

O único limite que mantenho é com Nicole. Ela não pode ver a afeição física. Precisamos de uma negação plausível para protegê-la de se magoar.

"Contanto que a tenhamos de volta a tempo para a escola, não tenho nenhuma objeção." Eu acaricio seu rosto na garagem. Ele colocou cobertores em cima da mesa e me fodeu no escuro. Resolvemos as questões do nosso relacionamento em pequenas medidas, elaborando um plano em pedaços.

"Consigo estar na Tailândia um mês depois de você sair."

"Você não vai. É temporada de monções. Duas semanas no máximo." Levanto dois dedos e os beijo. "Se fizermos isso assim..."

"Nós vamos."

"*Quando* chegarmos a essa ponte... não posso nem mesmo dizer isso."

"Vou te chamar de minha namorada. Vai encontrar outro emprego se quiser. Você vai ver Nicole todas às noites quando vier. Tudo vai ser normal."

"Você é um verdadeiro otimista."

"Só quando estou com você."



CAPÍTULO 59

Brad

Eu sou disléxico. Seriamente disléxico. Seria engraçado se você pudesse ver o que vejo, mas você nunca riria. Desculpe-me, nunca te contei, mas fora a minha família, ninguém sabe além de Paula e Mike. Não estava pronto para contar e agora estou. Porque amo você.

Escondi seu telefone porque estava tentando esconder algo mais de você.

Pode me odiar por essa merda, mas te amo e não vou te deixar ir.

Tudo soa ridículo e teatral. Ensaio as palavras mais e mais, tentando parecer bom, mais honesto e modesto. No final, vou falar o que sinto e ver como ela reage.

Mas Paula é uma ponta solta. Tenho que dar um jeito nisso. Ela foi boa para mim por muitos anos e sim, tem sentimentos por mim e falou coisas que não eram verdadeiras, mas não vou guardar rancor contra ela.

Com Cara, Nicole e o caçula de Susan no jardim da frente soprando bolhas de sabão, mando uma mensagem para Paula da varanda, falando suave, mas claramente em meu aplicativo de voz.

Você está bem?

Você me deu falsas esperanças por muitos anos

Dei falsas esperanças para ela? Nem um pouco. Não a toquei, não pisquei para ela, não fiz nada. Coloquei um grande esforço para *não* dizer uma única coisa sexy ou flertar até mesmo um pouco, porque precisava que trabalhasse para mim e aqui está ela, transformando no exato oposto.

Sabe que isso não é verdade

Não sou uma mulher burra. Sei como ler você

Isto é ridículo. Ligo para ela do jardim da frente. Ela atende no primeiro toque.

"Paula, que está acontecendo? Você foi longe demais."

“Decidi te falar algo, Bradley. Não me importo com nada agora, além de te dizer isso.”

Tenho certeza que não quero ouvir e que não tenho escolha a não ser escutar.

“Certo.”

“Estive com você por anos. Desde que todos aprenderam as letras na primeira série e você não. Ninguém te conhece como eu. Todas essas pessoas no ramo, como você chama, não sabem com quem estão falando. Eu sei. E todo esse tempo atrás, quando nos separamos, deixei acontecer porque pensei que você precisava de tempo para curtir. Agora acho que já curtiu o suficiente. Acho que é hora de se acalmar.”

E lá está, ao telefone, pessoa para pessoa. Toda a porcaria jogada no ventilador... Não estou absolutamente preparado para isso.

“Não” eu falo. “Eu te amo, Paula, mas não dessa forma. Você é leal e constante. Eu te respeito. Mas não sinto o que você quer que eu sinta. Desculpe-me.”

Queria cavar um buraco como um pequeno esquilo marrom. Simplesmente desaparecer na sujeira. Não desejo machucá-la. Ela não merece ser humilhada. Fico no telefone pelo que parece ser a pausa mais longa na história das pausas estranhas e só rezo que Nicole esteja se divertindo com as bolhas o bastante para não interromper essa pausa horrível.

“Paula?”

“Eu fiquei por você” ela responde.

“Eu sei.”

“Estava esperando que acordasse. Crescesse. Todo esse tempo. Todas as coisas que fez.”

“O que eu fiz?”

“Sorriu através de tudo isso.”

“Paula. O que é que acha que eu fiz?”

Eu a ouço respirar fundo e não quero atrapalhar.

“Estávamos em um avião para Dublin para filmar *Everly*” ela fala.

“Certo. O voo Delta. Aquele que...”

“Não.” Ela me corta. “O depois. A primeira vez que voou de primeira classe e era a porra de um rústico sorrindo quando te deram uma toalha quente. A aeromoça fez sexo oral em você na cozinha.”

Certo. Eu era aquele cara. O cara que achava que precisava acumular conquistas e filmes. Não era o cara em Redfield que assisti minha filha e minha namorada (eu poderia chamá-la assim?) soprar bolhas de sabão com os meus sobrinhos e sobrinhas.

“Não me lembro do que você está falando” digo, observando Nicole pular para uma enorme bolha e perdê-la.

“Eu sim” Paula afirma. “Você mal prestou atenção, que era exatamente o que Ken queria. Você estava olhando para a aeromoça e lhe dei a carta. Eu te disse para lê-la, mas sabia que mal ia tentar, como sempre.”

Sua voz é uma sopa de raiva e mágoa. Rasguei o seu tapete da vida bem por debaixo dela. Ela já estava fora de equilíbrio por causa de Nicole e fui um amigo de merda.

“O que tinha nela?”

“Eu te pedi para lê-la e você a empurrou para mim e falou ‘Pode me dizer o que tem aí? então eu fiz, a li para você e te disse para cancelar o que Ken achava que era melhor e você fez. Assinou no lugar onde indiquei e foi direto trepar com a aeromoça no banheiro.”

“O que ela dizia?”

“Eu lhe falei exatamente o que ela dizia.”

“Diga-me de novo.”



CAPÍTULO 60

Cara

Brad trabalhou todos os dias. Ele se trancou no escritório / sala de costura e trabalhou em seu roteiro. Fui babá para uma abundância de atores. Nunca vi um trabalhar assim tão duro. As horas que ele colocou para preparação foram, de longe, as mais intensas.

Susan apareceu bastante. Ela mora na esquina e sua mãe cuida das crianças a maioria dos dias. A rua é como um campus Sinclair estendido.

Estou sentada na varanda jogando um jogo da memória com Nicole quando um caminhão de entrega chega.

"Ei" o cara fala, carregando uma caixa debaixo de seu braço.

"Oi." Levanto-me.

"Você deve ser a menina que Brad tem carregado por aí." Ele tem a pele escura e um sorriso branco nítido. 1,89 de altura mais ou menos. Músculos ondulantes. Em Los Angeles, seria um ator ou um modelo.

"Acho que você está falando de Nicole."

"Ela também." Ele sorri para a menina e me entrega a prancheta. "Como vai, Nicole?"

"Bem." Ela olha para cima do jogo da memória tempo suficiente para dizer: "Gosto da sua cabeça."

Ele ri e coloca a mão em sua cabeça careca. "Obrigado."

Assino o pacote e trocamos a caixa e a prancheta, nos despedindo. Olho para o rótulo conforme entro na casa. É para mim. Não esperava isso. O endereço de retorno é do Babás do West Side, mas nenhum nome. Estranho.

"O que ele nos trouxe?" O pai de Brad pergunta quando chego à cozinha.

"É para mim, aparentemente."

Ele pega uma faca, empunhando-a com três dedos. "Vamos ver." Corta a fita, abrindo a caixa. Espio dentro.

Livros.

Lidando com Dislexia

O Adulto Disléxico

Encontro um envelope e o abro.

Cara:

Tenho certeza de que Brad te contou sobre o problema dele.

Agora que já não sou assistente dele, é importante que alguém assuma para ajudá-lo a memorizar suas falas. Estes livros vão ajudar você a aprender como.

Espero que esteja feliz com ele.

Boa sorte,

Paula Blount

O problema dele. Eu deveria ter visto isso chegando a quilômetros de distância.

A maneira como ele está tão feliz que Nicole pode ler sem problemas.

A maneira como nunca lê nada na frente de ninguém.

A lenta memorização por repetição do roteiro.

Paula cuidando de tudo.

Mais papéis dentro. Roteiros marcados. Cartões de memória com ortografia falada.

"Paula" eu digo para mim mesma, identificando o remetente para seus pais. "Brad é disléxico?"

Eles trocam olhares. "Ele não te contou?" Sua mãe pergunta incrédula.

Não tenho um momento para responder. Brad entra vestindo uma camiseta esticada sobre seu peito perfeito e jeans que me fazem querer deixá-lo nu. Meu cérebro gira fora de seu eixo por um segundo.

Se estivesse pensando direito, falaria algo sobre os livros de imediato. Diria a ele que isso não importa. Ou os esconderia. Mas tudo o que consigo fazer é ficar segurando *Fonética para Disléxicos* olhando para ele porque é bonito e aquele é o livro que tenho na mão no momento.

Ele me vê, os livros sobre o balcão, seus pais parecendo calmos e sai.

CAPÍTULO 61

Brad

Cinco minutos após Paula desligar, seis minutos depois que me contou o que estava na carta que assinei, caio na real. Tentando trabalhar, porque isso é tudo o que me mantêm são, mas a minha concentração foi derrubada. Descobri como contar a Cara que sou disléxico apenas para constatar que é uma pequena mentira, minúscula em relação ao incidente no avião que Paula me lembrou.

Merda, caminho para a cozinha para pegar uma coca cola, decidindo se escondo isso de Cara ou simplesmente cuspo fora. Imaginando se Paula poderia ser comprada com dinheiro ou elogios. Não tenho a coragem para fazer suborno ou bajulação, mas não tenho outras opções.

Nunca peguei aquela coca.

Quando chego à cozinha, meu pai tem aquele encolher de ombros. Minha mãe está meio que balançando sua cabeça e aquela que importa? Que odeia mentiras? Ela está olhando para mim, segurando um livro. Não entendo a sua expressão.

Ken, o meu PR pessoal? Ele possui expressões que compreendo.

A vaca foi para o brejo.

Eu deveria me desculpar?

O que alguém faz fora do portão?

Deveria me defender? Dizer a ela que não estávamos próximos para eu mencionar este problema?

Não ligo para o que qualquer um pensa de mim, mas me importo com o que ela pensa.

Se você não se incomoda com o que as pessoas pensam, por que não diz a elas que é disléxico?

Inundado. Sou inundado com as minhas próprias contradições e necessidades. Cara baixa o livro e sei que o que quer que esteja para acontecer, vai acontecer agora. Vou ter que responder por minha ambição. Contar a Cara tudo o

que minhas ações realizaram para ela, para mim, para nós, para Nicole e não estou pronto.

Não.

Porque Paula acabou de me dizer a única mentira que eu esqueci. A maior. Ainda não tive que escondê-la porque a fechei, tranquei e joguei pela janela, para nunca mais ser recuperada. Agora o que? Agora que amo Cara e quero encontrar uma maneira de fazê-la parte da minha vida? Agora que descobri como contar a ela a primeira grande mentira, uma segunda apareceu bem quando ela percebeu o mentiroso que sou.

Este menino festeiro precisa de uma bebida.



CAPÍTULO 62

Cara

Nicole lambe sua tigela de sorvete e a entrega para sua avó.

“Está limpa agora. Não precisa colocá-la na máquina de lavar louça.”

Ela tem manchas de chocolate nas bochechas, na ponta do nariz e sob o queixo. Está muito engraçada e fofa como sempre, mas já faz duas horas que Brad saiu da sala, estou nervosa. Limpo seu rosto enquanto ela tenta se afastar.

“Ai! Ei! Não gosto disso!”

“Nenhuma criança de cinco anos de idade gosta de ter seu rosto limpo.” Coloco a toalha de papel na mesa e Nicole me dá o olhar infantil teimoso.

“Eu. Não. Gosto. Disto.”

“Bem” Vovó fala, “Por que você não mostrar a Srta. Cara como fazer.” Ela entrega a toalha de papel de volta para Nicole.

“Venha aqui” ela exigiu, acenando para eu me abaixar.

Eu me conformo, me inclinando para baixo. Nicole limpa suavemente meu rosto, batendo tão levemente que não teria tiraria uma partícula de sorvete se eu tivesse lambido a tigela.

“Você está chateada” Erma fala.

Ela está certa. Estou distraída e infeliz. Devo ter transmitido isso com cada gesto e palavra. Sinto como se estivesse pendurada. Não tenho um telefone, por isso não consigo ligar para ele e os telefonemas de seus pais ficaram sem resposta. Só quero falar com ele. Nada mais.

“Não sei por que ele acha que isso me incomoda.”

Erma coloca a tigela de sorvete de Nicole na máquina de lavar louça, enquanto ela não está olhando.

“Quando se mudou para lá, no início, tinha um monte de gente dizendo a ele o que fazer. Pessoas que queriam ajudá-lo. E as coisas aconteceram muito rápido, ele não conseguia acompanhar, então as ouviu.” Ela limpa o balcão pensativa.

“Uma das coisas que disseram foi que, se as pessoas soubessem que ele levava tanto tempo para ler, não iriam contratá-lo. Ele não batalhou tanto para não ter trabalho.” Ela aponta para meu rosto e fala para Nicole: “Você não limpou aqui, querida,”

“Obrigada, vovó.” Nicole limpa uma mancha na minha testa e abaixa a toalha. “Vê? É assim que você deveria fazer.”

“Quero dizer a ele que está tudo bem.”

“Ele provavelmente está no Buddy” Milton resmunga, chegando da sala de estar. Com seu telefone no ouvido, ele grita um segundo depois. “Sim! Buddy! Estou... sim! Estou bem! O meu filho está aí!... Quando?!... Tudo certo! Obrigado!”

Ele desliga. “Saiu uma hora atrás.”

O que vem a seguir é uma boa meia hora de ligações, gritos, algumas fofocas conforme Erma e Milton Sinclair tentam rastrear seu filho. Ligações atendidas. Ligações desligadas. Susan entra com sugestões e faz mais telefonemas. Brad esteve no Buddy, saiu com um casal de amigos da escola, comprou o jantar para todos, frango e fritas do Jack, apareceu no estacionamento da loja de conveniência Chevron bebendo cerveja com seus amigos antes do oficial Froman conseguir um autógrafo dele e dizer para seguirem em frente. Aparentemente, voltou para o Buddy e colocou Theresa Crump na Harley, porque estava bêbada demais para sair do estacionamento, muito menos cinco quilômetros para Hensley.

E essa é a última notícia dele. Theresa Crump não responde seu telefone. Brad não atende o dele.

Não estou preocupada com Theresa Crump, embora sinta simpatia pela ressaca dela. Não estou preocupada que o pau do Brad irá encontrar seu caminho nela. Deveria estar, mas não estou. Estou apreensiva que ele esteja correndo pela cidade, porque acha que estou zangada com ele. Estou preocupada que esteja festejando para encobrir alguma grande ferida que expôs.

“Ele está lá?” Susan grita ao telefone. “Diga a ele para não se mover. Mantenha-o. Amarre-o.”

Ela coloca o telefone longe do rosto e faz com a boca “M-e-P” à sua mãe.

“Descubra com quem ele está” Milton fala.

“Sherri espere.” Ela coloca sua mão sobre a parte inferior do telefone. “Ninguém. Está pegando uma garrafa de água. Conversando com Winch Welton.”

“Então está voltando.” Erma joga as mãos como se fosse o correto. “Ele com certeza pode nos deixar loucos, porém nós o amamos.” Ela aponta para mim. “Mas ele te deve um pedido de desculpas.”

“Se estivesse voltando, pegaria água aqui” digo a mim mesma, mas alto o bastante para que todos possam ouvir. “Casa de Theresa Crump. Ela pode pegar sua própria água. Ele está indo para algum lugar sem uma pia e vai ficar lá.”

Onde estivemos nestes dias? Mais importante, onde não estivemos? Quem ele esta evitando?

“Ela pode segurá-lo lá?” Pergunto a Susan.

Ela revira seus olhos e tira sua mão do telefone. “Sherri. Ele ainda está aí?” Ela assente. “Tudo certo... diga para Winch continuar a falar... é a sua área de especialização... Eu sei querida... Até logo...”

Milton me joga as chaves do Buick.

“Sabe como chegar ao M & P? À esquerda da rodovia. Duas luzes. Direto no Wolfe. Não tem como se perder.”

“Obrigada.”



CAPÍTULO 63

Cara

Não acho que conseguiria chegar ao supermercado M& P a tempo de pegá-lo, mas vou mesmo assim. Um folheto está preso entre as portas. Quando se abrem para mim, liberam o papel. Eu o agarro.

MADEIREIRA REDFIELD - PEGUE O QUE VOCÊ PRECISA!

É um sinal dos céus.

“Sinto muito, senhorita.” Sherri se apressa para fora da cabine do gerente em um terninho azul, com zíper na frente. “Winch e Barn tentaram bater papo com ele, mas ele avisou que tinha que ir.” Ela tropeça em uma pilha de jornais recém-entregues. Quando caem se espalham em um spray multicolorido de retângulos.

“Está tudo bem.” Coloco o folheto de lado e me ajoelho com ela para pegá-los. “Ele está na moto?”

“A Harley de Buddy. Sim.”

Os papéis estão lisos com cera e tinta colorida. Caíram com a frente para baixo, então tudo o que vejo são os anúncios de redução de peso e classificados. Sherri pega um pouco e os bate para arrumar as bordas.

“Nós podemos vê-lo todo o tempo nesses jornais.” Sherri sorri com tristeza. “Anima toda a cidade.”

Meg Birch está na capa da revista Hollywood com seu futuro ex, parecendo como se já tivesse uma dezena de plásticas.

“Você deveria ir pegá-lo” Sherri fala, cabelo loiro escapando de suas presilhas. “Eu arrumo isso.”

“Obrigada.”

Levanto e caminho em direção às portas deslizantes automáticas. Elas ficam abertas e conforme dou um passo, observo a pilha que está sob a que Sherri derrubou.

Estou na primeira página com ele.

Paro.

Seu rosto é enorme, no meio da frase, olhos meio para baixo, despreparado. Parece embriagado ou com raiva. Não lindo. A imagem de algumas fotos que um amigo teria descartado é a primeira página do jornal. E estou cortada e colada bem atrás dele. Eles avermelharam meus lábios e fizeram com que parecesse que estou prestes a beijá-lo.

PAPAI SINCLAIR FODE A BABÁ.

Bem na frente da doce Nicole!

Atrás disso, em um retângulo separado, está uma imagem da gente nas xícaras. O ângulo da câmera faz parecer que estamos no meio de um abraço com os lábios se tocando.

Imaginei um momento como este algumas centenas de vezes e recuei, bloqueando o horror com outros pensamentos, outras visualizações.

Qualquer coisa menos isso.

Qualquer coisa, menos o que aconteceu com Blakely.

“Posso pegar um desses?” Pergunto a Sherri.

Ela passa por mim, escorregando sobre os jornais, endireitando-se e olhando para o que eu indico.

“Você é mais bonita na vida real” ela diz.

“Obrigada.”

“Acho que ele largou Paula Blount.” Ela dá de ombros. “Talvez ela vá parar de insistir nisso agora.”

“Acho que ela terminou com ele.”

Sherri solta um *pfft* como se eu estivesse falando besteira, então me entrega um jornal. “Vá em frente. Pegue.”

Pego minha bolsa para pagar por ele, mas ela descarta a ideia.

“Basta pegá-lo por me ajudar a limpar.”

Agradeço novamente e coloco o jornal debaixo do braço, então pego o folheto da madeireira.

O estacionamento está escuro e vazio. Não há uma alma ao redor, mas sinto olhos em mim. As pessoas vão me ver. Vão saber onde estou e quando. Nunca me senti tão exposta. Não desde que fui pega no banco traseiro de um carro com um garoto da escola e todos souberam. Não desde que os pensamentos dos meus colegas ficaram aparentes sobre todos os seus rostos.

Estou com raiva de Brad, mas não realmente. Estou com raiva do mundo. Com raiva de mim mesma por dançar nas bordas da celebridade. O que mais eu podia esperar?

Corro para dentro do carro, bato a porta e a tranco rapidamente.

Nada poderia me proteger e é minha culpa.

Este é apenas um sentimento. Está segura. Ninguém está aqui.

Eu acreditaria nisso outra vez?

Penso duas coisas diferentes. Desejo Brad. Me sinto segura com ele, mas ele é a causa dos meus sentimentos de vulnerabilidade.

Minha boca fica seca e a respiração rápida e superficial. Inspiro pelo nariz e expiro pela boca cinco vezes. Isso não ajuda. Acendo a luz para que possa encontrar a garrafa de água na bolsa e vejo meu reflexo no vidro.

Blakely falou sobre a mudar seu rosto. Eu teria que fazer isso?

Respiro fundo e olho para o jornal sob a luz do teto do carro.

Aqui estou, longe de casa, olhando para o meu pior pesadelo. Eles não sabem o que existe entre mim e Brad. Não sabem sobre as madrugadas conversando com Nicole entre nós, ou como compartilhamos um amor por uma garotinha.

Eles não sabem que o amo. Não a concha de um homem que fotografaram, mas o homem de verdade. Onde ele está na foto? Lugar algum. Ele não está na primeira página. Nem eu.

Minha armadura é todas as coisas que a câmera não consegue ver.



CAPÍTULO 64

Cara

A Madeireira Redfield ocupa a estrada principal atrás de um enorme estacionamento. Bege com portas e letras verdes, luz brilhante sob inundações. E fechada. Esta escuro dentro, sem um sinal de vida.

Mas Brad está aqui. Eu sei. Este edifício é o espaço de armazenamento para seus maiores medos.

O semáforo muda para verde, como se alguém quisesse deixar o estacionamento agora. Volto para o carro e desço a rua lateral. Viro à esquerda para uma estrada estreita que mal posso ver no escuro. O carro bate no asfalto desconexo. Árvores e arbustos invadem em cada lado.

A estrada abre em um pequeno e muito bem iluminado estacionamento, atrás do depósito de madeira. Brad está deitado no chão de concreto na frente da porta do carregamento da doca. A Harley está estacionada ao lado da lixeira e quando ele vira sua cabeça para ver quem está chegando, ainda é o homem mais bonito em um raio de dez galáxias.

Agarro o jornal no painel e saio.

"Vejo essa coisa na sua mão" Brad fala, olhando de volta para o telhado da doca. Seus dedos pendem de uma garrafa de chá gelado do lado da doca de carregamento. "Você já estava furiosa antes de encontrar isso."

"Não estava furiosa."

"Sim, estava."

Eu subo no cais, me sentando ao lado de sua cabeça.

"Besteira" falo. "Você viu a caixa de Paula e saiu. Não me deu a chance de dizer ou sentir qualquer coisa."

Coloco meu rosto diretamente sobre o dele. Ele está bêbado? Seus olhos estão claros. Não está falando arrastado ou cuspindo. Talvez a garrafa de chá gelado só tenha chá gelado nela.

Coloco o tabloide em seu peito.

“Não posso acreditar o quão rápido mandaram isso para a imprensa” ele diz, olhando-o rapidamente antes de se sentar para abri-lo. “Vai me levar uns quinze minutos para ler. Dê-me o resumo.”

“Você está me fodendo porque está confuso. Sou uma prostituta. Nicole já está estragada e mimada.”

Ele não reage de imediato. Apenas deixa o holofote lavar a cor de seus olhos. Como um tiro, ele se endireita e deixa a velocidade empurrá-lo de volta no chão. Ele espalha o papel sobre o capô do carro do seu pai. As imagens são cristalinas no holofote. Pulo no chão também.

Ele aponta para a minha foto com tanta força que o capô sob a imagem faz um som oco.

“Está linda nesta.”

“Brad.” Cruzo meus braços. Odeio me ver na foto. Detesto que ele veja esta versão achatada de mim. Me sinto fora de controle.

“E esta também? Um pouco embaçada, mas...”

Jogo os papéis de lado. Não posso suportar.

“Pare.”

“Não consigo ler o que estão dizendo sobre você!” Ele grita. “Não sei o que disseram sobre a minha filha. Quero sufocar alguém e tenho que me acalmar para ler esta fodida merda. E agora você sabe que sou atrofiado. Com atraso de desenvolvimento. Um fodido retardado. Sim. Fui chamado de retardado. Agora entende. E fodidamente me mata que aconteça neste dia, *mas acontece*” ele indica o jornal, “Este é o dia que você descobre que Paula tem lido para mim como uma professora de jardim de infância toda a minha carreira. Não posso nem ficar com raiva sobre o que eles disseram, porque estou muito chateado para ler isso.”

Ele agarra as páginas, rasgando e as separando. Pego suas mãos nas minhas para acalmá-lo.

“Solte-as. Por favor” falo, mas ele as segura firmes e agarro suas mãos tão forte quanto.

“Não sou burro” ele fala. “Ele disse... o chefe do meu pai disse que ia me fazer um favor. Me contrataria em tempo integral após meu primeiro ano. Era a sua maneira de retribuir. Pagar isso antecipadamente. Empregar o retardado.”

“Você sabe que não é” falo, evitando a palavra que o fere. “Você terminou o ensino médio. Foi para a faculdade de atuação.”

“Com uma dispensa especial para idiotas talentosos.”

“Você sabe que provou que eles estavam errados.”

“Mas o que eu provei para você?”

Ele afrouxa seu aperto sobre o papel e eu o pego.

“Provou que é um pouco louco” falo, abrindo a lixeira. Jogo o tabloide amassado nela e a fecho. Uma página escapa. Eu a pego. “Você é um cara apaixonado e se importa com o que as pessoas pensam.”

Coloco a página solta no lixo, mas a ele toma de mim.

“Isso não é o que você queria.”

“Não é. Odeio isso. Me deixa desconfortável em minha própria pele. Meus pais me ensinaram a me proteger, pode acreditar nisso? Ensinaram isso a partir do minuto em que eu conseguia falar. *Proteja-se*. Então isso? Me dói em lugares que esqueci porque não importam mais.”

“Você não pode estar comigo e ter certificado de segurança.”

Eu sorrio. Meu certificado não tem importância há tanto tempo e aqui estou falando sobre isso.

“Sempre somos crianças” falo. “Tudo o que fazemos, tudo o que amamos, odiamos, tememos, é tudo a criança em nós reagindo aos nossos problemas adultos. Não, não faz diferença se as pessoas me veem no jornal. Não realmente. Mas me assusta porque isso deixa meus pais loucos. Isso me assusta porque tenho medo de perder alguém próximo de mim do jeito que os perdi. Quando é que vamos decidir o que significa para *nós*? Não para nossos pais?”

“Quando descobrir, me avise.”

“Enquanto tiver você, está tudo bem.” Coloco a mão em seu peito. “Eu tenho você?”

Ele toma meu pulso e o leva aos seus lábios, beijando o interior. “Como poderia querer tal bagunça?”

“Eu não quero” falo. Ele me olha com surpresa e o deixo esperando. “Não quero uma bagunça. Desejo você.”

Ele agarra o tabloide e o ergue.

“É o que você quer?”

“O que é isso mesmo? Não conheço essas pessoas.”

Estendo a mão para tirá-lo, mas ele segura o papel fora do meu alcance e me pega pela cintura com sua outra mão, me puxando para perto.

“Vai me deixar louco por você” ele diz.

“Tenho esse efeito nas pessoas.”

Ele me beija longa e intensamente. Tem gosto de água fria e salgadinhos. Enquanto ainda estamos presos, alcanço o papel e ele afasta. Nós rimos, beijamos e lutamos pelo papel ao mesmo tempo.

Finalmente, ele tira seus lábios dos meus e me segura ao seu lado. Olhamos para a foto juntos. Ele a inspeciona de perto. Não sei o que está vendo.

“São pequenos pontos” ele fala.

“Sim. Você não é assim tão bonito em pontos.”

Coloco a mão sobre a foto e a empurro para baixo. Ele a tritura.

“Você é sexy em pontos” ele diz. “Mas, na vida real?” Brad joga o último papel fora. “Ainda é sexy. Porém mais. Você transformou esta bomba surpresa de seis anos atrás, em uma família. É mágica. Sabe? Eu não estava pronto para essa garotinha e agora estou. Ainda posso ser eu e ter uma família. Nunca vou ler este artigo, mas aposto que não há nada aqui sobre o que você significa para mim.”

“Provavelmente está certo” concordo. Pego o papel e o jogo fora, deixando a tampa da lixeira pousar com um *tapa*.

“Esta cidade, essas crianças, a porra da minha família” Brad fala. “Essa é a casa que cresci. Sinto-me bem quando estou aqui. Todas as coisas que estava fazendo, as festas, as mulheres... Foi porque não me sentia bem. E você me faz sentir ótimo e sei que significa que você e eu vamos estar na capa de revistas, mas quero que me diga que pode viver com isso. Diga-me que não se importa. Que vai lidar com tudo o que disserem.”

“Só me importo com você.”

Ele me puxa para ele.

“Bem, Cara DuMont, as pessoas vão achar que você não tem um coração de gelo.”

“Eu não me importo com o que as pessoas pensam.”

“Eu sim.” Sua palma segura meu rosto. “Quero que todos saibam que tipo de pessoa você é.” Acho que vai me beijar, mas para a dois centímetros de distância. “Exceto na cama. Esta pequena boca suja é o meu negócio privado.”

“Então a beije” digo. “Apenas beije.”

Seu beijo é definido por aquilo que ele não fez. Não me devora. Me aprecia com este beijo. Ele roça seus lábios contra os meus, como se valorizasse cada lugar que se encontram. A totalidade do que Brad deseja mostrar está neste beijo.

Sua língua chicoteia contra a minha e eu a envolvo, abrindo minha boca. Ele me empurra contra o carro e em uma explosão, meu corpo queima. Brad respira com dificuldade, prendendo meus braços na janela do passageiro.

“Quero te foder bem aqui, teacup.”

“O convite impresso está no correio.” Levanto a perna por cima da cintura dele e ele coloca sua mão atrás do meu joelho. “Ele diz: ‘Seu pau está cordialmente convidado a entrar. ‘”

Ele sorri, mas não por muito tempo, porque a mão que está atrás do meu joelho se arrasta sobre minha coxa e vai direto sob minha calcinha. Nós dois arfamos ao mesmo tempo. Estou mais molhada do que pensava, receptiva ao seu toque. Sinto como se um raio atingisse onde ele toca.

“Não consigo te foder rápido o bastante” ele fala, puxando minha calcinha. Coloca para baixo, puxando uma perna para fora, conforme abre sua braguilha.

“Vai.” Coloco minha perna ao redor de sua cintura novamente. “Tome. Tome forte.”

Eu mal falo a última palavra antes que ele me tire o fôlego, entrando em mim com dois golpes rápidos.

Brad empurra para frente e envolvo minhas pernas nele, cavando os dedos no seu cabelo.

Às vezes, não frequentemente, mas às vezes olho para ele e não posso acreditar que me desejava sequer uma vez. Ele é mais lindo do que um ser humano é autorizado a ser. Às vezes eu me sinto quebrada e indesejada e seu desejo não combina com como me vejo.

Este não é um desses momentos.

Ele é tão bonito como sempre, mas nitidamente humano. Falho além da crença. Emocional e quebrado. Precisa de mim para encher seus lugares vazios e me deixando fazer isso, ele enche os meus.

Meu coração quase fala através dos meus lábios, mas Brad geme no meu ouvido primeiro. Acho que vai me falar sujeira pura, mas seu coração está fazendo sua própria língua.

“Eu nunca... Cara... nunca quis uma mulher assim antes.”

Ele beija meu pescoço, me fodendo de pé e não consigo me ouvir pensar, passado o rugido de emoção e prazer.

“Só quero entrar em você” ele fala, lábio a lábio antes de bater em mim novamente com seu pau encravado entre minhas pernas e sua língua na minha boca.

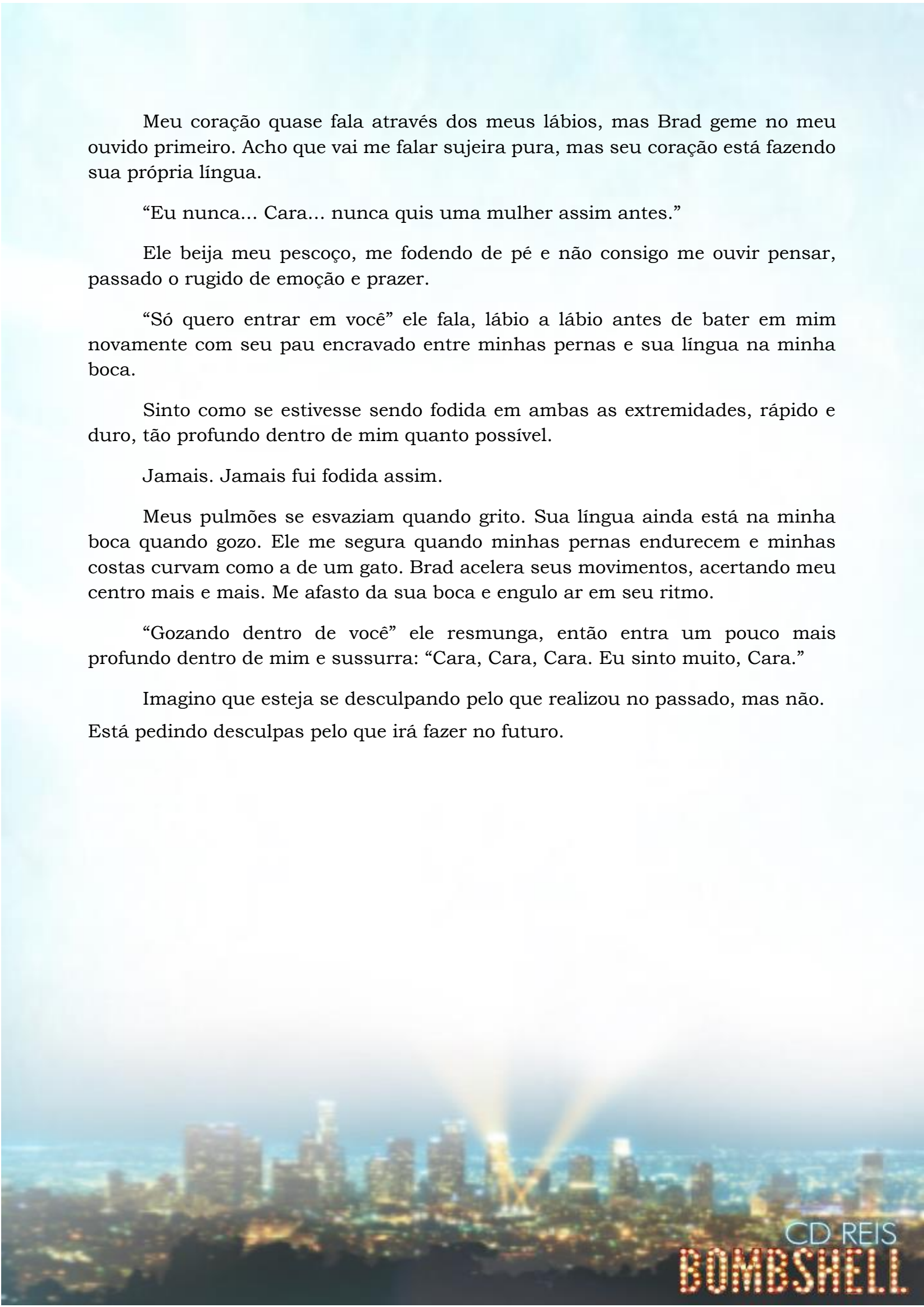
Sinto como se estivesse sendo fodida em ambas as extremidades, rápido e duro, tão profundo dentro de mim quanto possível.

Jamais. Jamais fui fodida assim.

Meus pulmões se esvaziam quando grito. Sua língua ainda está na minha boca quando gozo. Ele me segura quando minhas pernas endurecem e minhas costas curvam como a de um gato. Brad acelera seus movimentos, acertando meu centro mais e mais. Me afasto da sua boca e engulo ar em seu ritmo.

“Gozando dentro de você” ele resmunga, então entra um pouco mais profundo dentro de mim e sussurra: “Cara, Cara, Cara. Eu sinto muito, Cara.”

Imagino que esteja se desculpando pelo que realizou no passado, mas não. Está pedindo desculpas pelo que irá fazer no futuro.



CAPÍTULO 65

Brad

O telefone de Cara chega pelo correio com a bateria morta. Ela o liga à tomada ao lado da torradeira e não diz nada.

“Cara?”

“Sim?”

“O telefone?”

“Vai levar apenas um par de horas para carregar.”

“Eu o deixei no hotel.” Limpo a garganta, porque ela não está entendendo o que estou dizendo. “De propósito.”

“Por quê?”

“As fotos. Se você estivesse conectada, iria vê-las. Foi errado. Muito errado. Sinto muito.”

Punhos nos quadris, ela se inclina em um pé.

“Há mais alguma coisa que precisa me contar?”

Mamãe e Nicole entram antes que eu responda.

Mas sim. Tem mais coisas para contar a Cara. Uma coisa. A que eu tinha esquecido, porque estava preocupado com um boquete no banheiro do avião. Mas há tanta coisa que um cara pode fazer. Somente quanto uma menina consegue ouvir. Estou chegando a isso. Juro. Mas não agora. Apenas não agora.

Antes de aparecer na cozinha para descobrir a caixa de livros sobre dislexia, Paula enviou os detalhes da minha estupidez juvenil em detalhes, enviando-me uma carta do advogado de Brenda Garcia de cinco anos atrás.

Levou uma hora para decifrar palavras que pareciam criadas apenas para confundir meu cérebro de ovos mexidos.



Sr. Sinclair,

Você foi nomeado o pai do bebê Garcia. A mãe, Brenda Garcia, gostaria de oferecer-lhe a oportunidade de fazer um teste de DNA para provar a paternidade. Se o teste for positivo, vai ser responsabilizado por apoio à criança e têm o direito de visitação estabelecido no tribunal familiar.

Também tem a oportunidade de recusar o registro de paternidade e ao fazê-lo entende que abre mão de todos e quaisquer direitos parentais, incluindo direitos de visita para a criança para sempre.

Atenciosamente,

Carlina Cruz, Advogada

Havia um formulário de renúncia voluntária. Assinei com minha grande assinatura idiota. Não poderia nem mesmo negar isso.

Então, entendo. Porém mal li a coisa porque estava distraído e Paula me falou o problema em uma frase. Algo na ordem de: "Você engravidou alguma menina e se não quer ter seus salários apreendidos para sempre, apenas assine aqui."

Isso soa ridículo mesmo na minha própria cabeça. Talvez eu me lembrasse dessa maneira, mas culpar Paula não me faria parecer um santo. Não para Cara e ela é a única mulher que anseio que me canonize.

Com Nicole lá em cima com Cara, tento dizer a mim mesmo a história de uma forma que iria me desculpar, mas nada funciona. Eu desisti dela. Disse "não" para ser seu pai, logo esqueci sobre ela antes de o avião sequer ter pousado. Fiz milhões, enquanto sua mãe teve que mantê-la em um armário no Coffee Chain, quando não podia ter uma babá.

Quem faz isso? Que tipo de pessoa? Incrível como eu decidi não pensar em algo por tanto tempo. Talvez tenha colocado para fora da minha mente, porque assinei uma centena de diferentes pedaços de papel que não conseguia entender e aquele foi só mais um na pilha. Ou quem sabe não queria ver a carta pelo que era. Uma declaração sobre a minha aptidão como pai e ser humano. Fui tão inútil que Brenda Garcia preferiu ser uma mãe solteira a me deixar reivindicar sua filha.

Ken atende ao telefone.

"Olá?" Ele soa como se tivesse engolido um novelo de lã.

“Mano, você está na cama?” Pergunto da varanda. A rua está escura. Não há iluminação pública, sem holofotes sobre as varandas. L.A. nunca é assim tão escura. “É meia-noite aí.”

“Estou na cama. Como um adulto.”

“Você sabia sobre Nicole. Você e Paula. Você me fez assinar os papéis no caminho para gravar *Everly*.”

“Sim. Você fugiu da sorte por cinco anos.”

“Não poderia me lembrar?” Meus calcanhares abalam o balanço da varanda. Os ganchos no teto gemem como faziam quando eu tinha doze anos.

“Para quê? Então, falaria para a imprensa que a recusou? Você estava à beira de se tornar alguma coisa ou nada. E essa vantagem? Essa carta na manga? Decidimos controlar os danos.”

“Nós?”

“Paula. Quem você acha?”

“Jesus.”

“Não Jesus, eu.” Ele aparenta estar mais acordado. Escuto o som de uma geladeira abrir e fechar. “Ela teria matado qualquer chance que você teve. Teria se mudado todo o caminho até Los Angeles para se tornar um pai fora do casamento. Poderia ter ficado no fodido buraco do Alabama e feito isso.”

“Arkansas.”

“Tanto faz. Isso não importa, porque a mãe e filha estariam em Los Angeles e você não seria capaz de voltar para casa. Já estaria preso em Hollywood, pior do que nada. Com bagagem. Sem tempo. Nenhuma energia. Nada. Brenda Garcia era uma santa. Tinha tudo sob controle.”

“Quanto pagou a ela?”

“Você pagou a ela cinquenta mil. Por empréstimo. Fui tirando lentamente como despesas. Sem juros. De nada.”

“Cinquenta mil?” A quantidade parece irrelevante em relação a responsabilidade de cuidar de Nicole.

“Cinquenta mil. Ela ficou emocionada. Pagou suas dívidas e comprou um apartamento maior.”



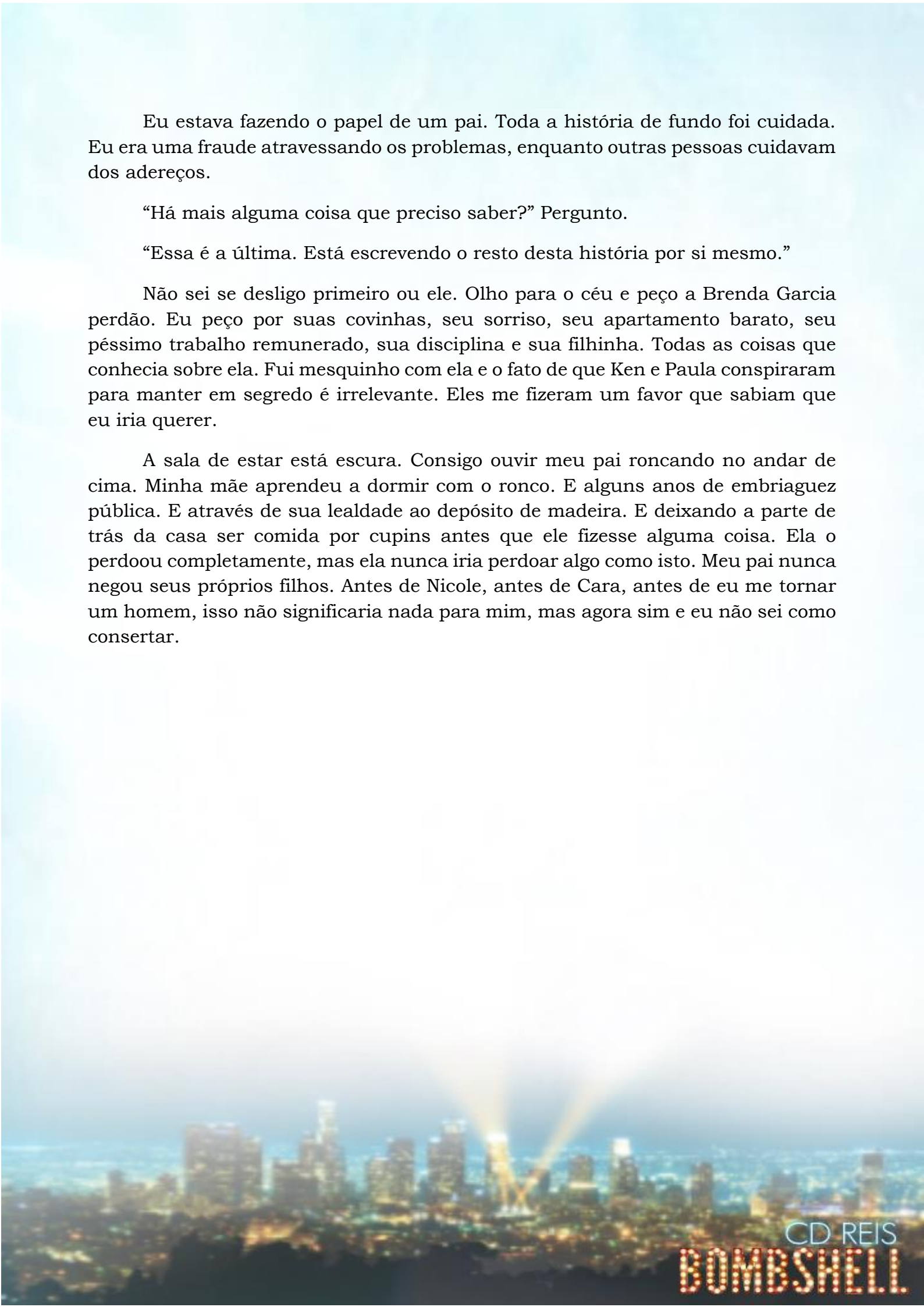
Eu estava fazendo o papel de um pai. Toda a história de fundo foi cuidada. Eu era uma fraude atravessando os problemas, enquanto outras pessoas cuidavam dos adereços.

“Há mais alguma coisa que preciso saber?” Pergunto.

“Essa é a última. Está escrevendo o resto desta história por si mesmo.”

Não sei se desligo primeiro ou ele. Olho para o céu e peço a Brenda Garcia perdão. Eu peço por suas covinhas, seu sorriso, seu apartamento barato, seu péssimo trabalho remunerado, sua disciplina e sua filhinha. Todas as coisas que conhecia sobre ela. Fui mesquinho com ela e o fato de que Ken e Paula conspiraram para manter em segredo é irrelevante. Eles me fizeram um favor que sabiam que eu iria querer.

A sala de estar está escura. Consigo ouvir meu pai roncando no andar de cima. Minha mãe aprendeu a dormir com o ronco. E alguns anos de embriaguez pública. E através de sua lealdade ao depósito de madeira. E deixando a parte de trás da casa ser comida por cupins antes que ele fizesse alguma coisa. Ela o perdoou completamente, mas ela nunca iria perdoar algo como isto. Meu pai nunca negou seus próprios filhos. Antes de Nicole, antes de Cara, antes de eu me tornar um homem, isso não significaria nada para mim, mas agora sim e eu não sei como consertar.



CAPÍTULO 66

Cara

Nós vamos para a Tailândia partindo do Arkansas. Eu seria a professora de estúdio e babá de Nicole, mas ela e eu gostaríamos de voltar para casa quando a escola começasse. Quando Brad se juntasse a nós em LA para fazer as cenas em estúdio, iríamos fazer a transição para a nossa nova versão do normal.

Seja lá o que fosse.

“Posso usar meus sapatos cintilantes?”

Ela ainda pede mesmo que nunca neguemos.

“Sim” falo para Nicole “Pode usar seus sapatos cintilantes. Agora apenas coloque-os, por favor.”

Liguei o meu telefone nesta manhã. Começou a tocar, bipar, vibrar com três dias de mensagens atrasadas.

Nicole senta direto no chão da cozinha e coloca seus sapatos. Ela consegue amarrá-los, mas demora muito. Olho para meu telefone, respondo mensagens. Verifico novamente.

Laura no West Side. Quatro e-mails e três mensagens de textos. Uma mensagem de voz longa.

Empregos.

Mando uma mensagem de texto de volta para adiar até eu voltar da Tailândia.

Blakely.

Mensagens de textos e mensagens de voz.

Seu retorno ocorreu bem.

Ela teve uma segunda chamada de retorno.

Então a felicidade dela virou-se para preocupação.

Onde você está, Cara? Está bem?

Envio uma mensagem de texto rápida de felicitações, conforto e despedida.

“Senhorita Cara!”

Nicole puxa minha camisa e aponta seu dedo do pé.

“Uau” exclamo. “É um laço perfeito!”

Ela sorri timidamente. “Nó duplo!”

“O carro está lá fora!” Susan chama da frente. Milton pega duas malas e Brad desce da escada para pegá-las. Vamos para o Aeroporto Internacional de Memphis a uma hora de distância, muito longe para seus pais dirigirem.

Erma agarra Nicole e beija sua bochecha. Eles estendem afetos amorosos enquanto verifico as mensagens. Lixo. Spam. Penso em chamar Laura de volta e explicar sobre Brad e como isso não aconteceria nunca mais. Talvez tenhamos uma reunião quando eu retornar.

E Paula mandou uma mensagem de texto, como se ela não tivesse causado problemas suficientes.

“Vamos, Srta. Cara!” Nicole chama.

Susan dá um tapinha no meu ombro. “Adeus Cara” ela fala, me abraçando. “Espero que volte.”

Não sei o que dizer. Não quero dar esperança a ela, porque me comprometer e esperança significam que acho que podemos falhar. Não sinto mais isso.

“Eu vou” afirmo, pegando-a pelos ombros. “Não vamos ser estranhas, prometo.”

“Bom.”

Erma se agacha para abraçar Nicole. Ela pega a menina e a balança. Passo meus braços em volta de ambas.

“Bradley!” Seu pai grita da outra sala. “Vamos seguir em frente.” Ele entra na cozinha antes de acabar com sua frase. “Como o ensino médio tudo de novo. Ai, sheesh, agora o que as mulheres estão fazendo? Todos esses abraços. Onde estamos? Califórnia? Entre no carro antes de nos transformarmos em hippies.”

Eu o abraço e apesar de seu medo de dominação hippie, ele me abraça de volta.

“Obrigado” ele fala em meu ouvido. “Cuide bem da minha família. Obrigado.”

“Eu os amo” falo sem pensar.

Brad está bem atrás de mim. Coloca o braço sobre meu ombro quando me afasto de seu pai.

“Tire as mãos da minha garota.”

Milton põe suas mãos para cima, todos os oito dedos abertos em sinal de rendição.

“Fora” sua mãe nos enxota. “A porta da frente está aberta. Vamos ser invadidos por insetos.”

Entramos na limusine, que foi enviada de Fayetteville.

Erma fica nos degraus da varanda, Susan ao seu lado. O motorista abre a porta para Brad. Ele abraça sua mãe e ela irrompe em lágrimas. Lágrimas verdadeiras e honestas.

“Por que vovó está chorando?” Nicole pergunta desconfiada. “O que o papai está fazendo com ela?”

“Ela está triste porque ele está partindo.”

“Vovó!” Nicole chama. Erma enxuga seus olhos e olha para a porta da limusine aberta. “Venha para o aeroporto com a gente!”

“Oh, não posso dirigir todo o caminho de volta.”

“Claro que pode” Brad fala. “Nós temos uma hora na sala de espera para matar. Pode matá-la com a gente.”

“Precisa de um bilhete para entrar na sala de espera.”

“Vou te dar um bilhete. Vá buscar seu documento e vamos.”

“É muita despesa!” Erma protesta.

“Vou buscar” Susan fala, correndo para dentro da casa.

“Vamos, vovó!” Nicole dá um tapinha no assento ao lado dela.

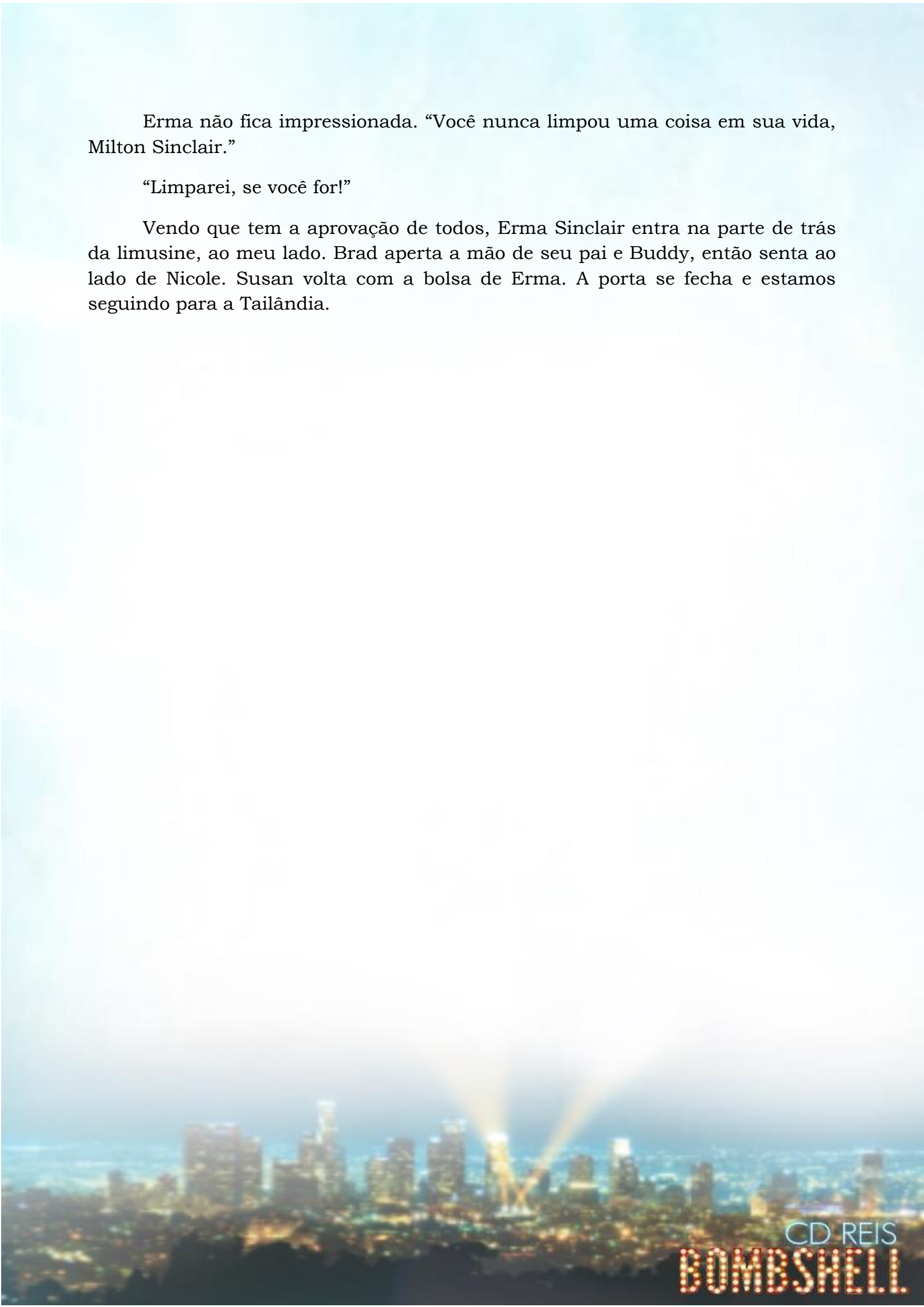
Brad a empurra para a parte de trás do carro. “Ninguém diz não a minha filha.”

“Ele fez três milhões em seu último filme” Milton diz. “Pode comprar outro passeio de limusine. Vá com eles. Tenho que limpar a bagunça por aqui. É como se um exército tivesse corrido pela casa.”

Erma não fica impressionada. “Você nunca limpou uma coisa em sua vida, Milton Sinclair.”

“Limparei, se você for!”

Vendo que tem a aprovação de todos, Erma Sinclair entra na parte de trás da limusine, ao meu lado. Brad aperta a mão de seu pai e Buddy, então senta ao lado de Nicole. Susan volta com a bolsa de Erma. A porta se fecha e estamos seguindo para a Tailândia.



CAPÍTULO 67

Brad

Brinco com Nicole no passeio de limusine para o aeroporto. Ela se ajoelha no chão e usa o assento como uma mesa, desenhando ela mesma e sua nova escola, suas impressões de uma longa viagem de avião, o pônei que estou aparentemente comprando para ela e seu nome. O nome inteiro. Nicole Garcia-Sinclair. Todas as letras, voltadas para a direção certa, em ordem, lado direito para cima. Não mudamos legalmente, mas ela está me mostrando algo.

Pego o papel e o levanto.

"Ei, Cara" digo. "Estas letras estão todas no lugar correto? Certo?"

Ela não responde.

Está olhando para seu telefone.

Um avião faz barulho no céu. Estamos quase no aeroporto.

"Deixe-me ver" Mamãe fala, pegando a página. "Estão perfeitas!"

Nicole sorri e coloca a cabeça para baixo para fazer mais letras. E Cara desliza sua mão sobre o vidro de seu telefone, olhos arregalados, queixo saliente e suave ao mesmo tempo, como se quisesse chorar, mas não pode.

"Teacup?"

Ela não responde. Coloca dois dedos no vidro e os espalha para dar zoom na imagem. Engulo em seco, mas nada acontece.

Mamãe e Nicole conversam sobre os desenhos. Eu mal consigo ouvi-las através do grito de concentração de Cara.

Ela coloca o telefone em seu colo e olha para fora da janela, enquanto terras do Arkansas passam. Ela sabe? É a verdade? Uma mentira? Paula embelezou? Fez soar pior?

Como poderia realmente ser pior?

Mando uma mensagem de texto para ela.

Teacup? O que está errado?

Seu telefone apita. Ela olha para ele, depois para mim. Coloca o telefone de volta em seu colo e olha pela janela.

Ok. Isso não está funcionando. Não vou ficar sentado aqui imaginando o que diabos está errado com ela. Não faço isso. Não sento e espero que as coisas aconteçam. Se ela vai ficar furiosa, fará isso agora.

Bato na janela do motorista. Ele abaixa.

"Encoste aqui, ok?"

"Ok."

"O que está acontecendo, papai?"

Olho para Cara quando falo. "Senhorita Cara e eu temos que fazer uma parada."

Nicole levanta rápido, olhando pela janela. "Podemos comprar um cachorro quente?"

"Não há uma parada por aqui, Brad" Mamãe fala.

"Não esse tipo de parada."

Cascalho range sob os pneus e a limusine para. Um carro passa tão rápido que a limusine sacode. Não espero que o motorista abra a porta. Puxo a maçaneta e saio no calor. Cara não me segue. Eu me inclino para o carro. Seu telefone ainda está imprensado entre suas mãos, que estão cruzadas entre suas pernas como se quisesse protegê-la do dispositivo ou proteger-se das informações nele.

"Você vem?" Questiono. "Ou tenho que carregá-la?"

Com a luz do sol, seus olhos estão mais azuis. Menos como o oceano profundo e mais como a cor da água do mar correndo.

"Talvez devêssemos discutir na frente de Nicole?" Sugiro.

Saio da frente e, finalmente, ela vem.

"Dê-nos um minuto" digo à minha mãe, cujo olhar de desaprovação é cortado quando fecho a porta.

Espero, enquanto procuro Cara e a encontro inclinando-se na parte de trás da limusine com seus braços cruzados, não vou fingir que pode ser sobre qualquer

outra coisa. Não tem como e se fosse, iria apenas revelar o assunto de qualquer maneira.

Estou do lado da Cara e cruzo meus braços, por isso estamos idênticos.

"Você pode me ouvir?" Pergunto.

"Sim." Ela me entrega seu telefone. Imediatamente reconheço os documentos que assinei, recusando os meus direitos parentais e o nome da Paula no topo da tela. Eu o devolvo. "Não quero falar sobre isso ainda. Estou confusa."

Sim. Eu não estou confuso. Estou bem lúcido. Enfrentaria e ela iria lidar com o meu pedido de desculpas.

"Ela estava melhor sem mim."

O que não é exatamente o que estava planejando dizer, mas foi o que saiu. A verdade.

"Quão conveniente, menino de ouro." Ela finalmente olha para mim. O vento sopra o cabelo do seu rosto e ele se arrasta atrás dela como uma bandeira preta. O oposto de entrega. "Tudo apenas vai à sua maneira."

Como deveria responder a isso? Não consigo nem mesmo dizer se ela está me insultando ou me dando um tiro no braço por ser sortudo.

"Eu imagino, às vezes." Ela move uma pedra com a ponta do sapato. "Sou apenas a última coisa pela qual você caiu? Ter uma filha e encontrar uma mãe para ela logo depois? Perfeito. Home run. Brad Sinclair pisa na merda outra vez. Rejeita sua filha. Sem consequências. Festeja como um adolescente durante anos. Sem consequências. De repente, um pai solteiro? Fácil. Sinclair não perde uma batida. Mentiras sobre saber que ele tinha uma filha? Qual vai ser a consequência?"

Eu me irrito com seu resumo da minha vida. Ela sabe malditamente que não é assim tão fácil.

"Você não tem que se preocupar com minhas consequências. Você não é Deus."

Sua cabeça se levanta como se puxada para cima pelo choque. Ela queima. Mesmo sob o sol de Arkansas, sua raiva é a coisa mais quente por quilômetros.

"Não. Eu não sou. Deus perdoa. Eu só posso aguentar algumas mentiras. Não sou uma santa. Sou um ser humano e falho..." Ela desvia o olhar por um segundo. Tentando reunir suas emoções. Coloco uma mão em seu rosto e ela dá

um tapa a afastando. “Paguei por cada erro que cometi e você acabou de fazer um show disso. Você a rejeitou. Você a deixou.”

“Eu estava vivendo em um estúdio em Silver Lake.”

“Por quanto tempo? Um ano?”

Eu estava em uma trajetória naquele momento. Um queridinho da crítica de baixa remuneração. Filmando outro filme com um grande diretor e uma tenda de verão programada. Dinheiro significativo não tinha começado a rolar e não iria por mais um ano. Mas a minha trajetória foi iluminada como uma pista de decolagem.

“Eu nem sequer me lembro de assiná-lo. Me entregaram um papel no meio de um voo.”

“Qualquer outra coisa na lista de desculpas?”

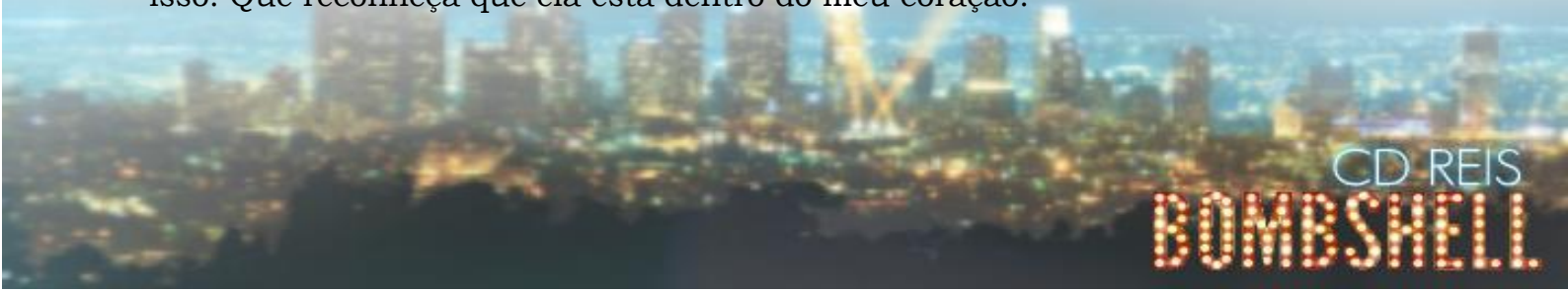
E sabe de uma coisa? Foda-se ela. Está me traindo, bem aqui. Me apunhalando pelas costas com minhas próprias decisões.

“Você sabe o quê, senhora? Estou tentando o meu melhor. Eu aproveitei isso. Não tentei sair. Eu tive que mudar minha vida toda em torno de Nicole e estou feliz que fiz. Mas não preciso do seu julgamento hipócrita. Não preciso olhar por cima do ombro a cada segundo, porque você pode não aprovar. Aqui está o acordo. Estou no jornal o tempo todo. Sou um cara. Faço coisas de cara. Lide com isso. E não contei a ninguém que não posso ler. Teria terminado antes que começasse. E não vou admitir agora. Não vou ariscar. Lide com isso. E a última coisa que você pode superar é que tenho um passado assim como você e tomei decisões no passado que você não vai gostar.”

Bem, isso foi bom. Muito bom. Expliquei tudo ali mesmo. Não sei o que espero dela depois disso, mas mantenho esse sentimento bom de tirar a merda do peito porque a bondade está prestes a desaparecer. Nada do que eu disse é negável. Sei que estou certo no papel. Mas a vida não está no papel. A vida está no lado da estrada em Arkansas, no caminho para a Tailândia com minha filha e uma mulher que necessito.

“Estou decepcionada” ela fala, o vento soprando o cabelo sobre seu rosto. “Estou decepcionada comigo mesma por confiar em você. Pensei que fosse honesto. Nem sei quem você é.”

Como eu poderia dizer que ela sabia? Quando estamos a sós com Nicole no escuro, estou completo. Cara tem que saber quem sou. Ela precisa me ver porque me abri com ela. Não me abri a ninguém e percebo o quanto preciso que ela veja isso. Que reconheça que ela está dentro do meu coração.



Eu a amo. Necessito dela. Ela não pode virar as costas para mim por causa disso. Não vou permitir.

Uma minivan aparece na estrada, desacelera. A porta lateral se abre e duas meninas, com idade inferior a doze anos, acenam e gritam, segurando seus telefones com câmera.

“Brad Sinclair!”

Eu aceno, mas quero que vão embora. Minha primeira reação é mostrar a elas meu dedo do meio, mas são muito jovens. Então viro de costas e quando enfrento Cara novamente, minhas defesas sobem.

“Isto é o que eu sou” falo. “Não sou profundo. Apenas estou tentando manter este trabalho.”

Ela balança a cabeça sutilmente.

O motorista da minivan percebe a dica e foge com as meninas gritando.

Cara e eu?

Estamos presos em uma batalha sem palavras.

Não compreendo o que está passando em sua cabeça. Não consigo ler além da raiva. Nem desviar o olhar. Não posso me mover. O silêncio dos nossos corpos é uma mentira no meu caso. Meus pensamentos estão em chamas. Devo pedir desculpas? Dizer que foi um erro? Posso rastejar e passar horas rejeitando a decisão como a pior ainda em uma série de más decisões. Posso pedir e implorar por seu amor.

Mas não vou.

Fiz o que tinha que fazer e não menti. Eu meio que mais ou menos optei por não pensar neste assunto.

O cabo entre nós rompe quando a porta do carro abre.

“Papai?” Nicole fica no chão com suas pernas cruzadas.

“Sim?”

“Tenho que fazer xixi.”

“Você pode aguentar quinze minutos?” Cara pergunta.

“Acho que sim.”

“Vamos embora” falo, feliz por estar longe daquela cena de merda ao lado da estrada. Não tinha ideia que iria piorar. Nem sequer pensei que era possível.



CAPÍTULO 68

Cara

Nicole conseguiu. Que criança. O melhor tipo. O tipo que você conhece em um banheiro e diz adeus em um banheiro. A criança que você ama rapidamente e tem que deixar quando a assistente de seu pai te envia capturas de tela de documentos negando que ele queria uma filha. Poderia perdoá-lo. Não sei como, mas iria se ele admitisse. Brad não precisava se desculpar, mas fingir que esses documentos não existiam e ficar hipócrita sobre eles me fez querer acertá-lo na cabeça. Vou fugir, então.

Levo toda a viagem para o aeroporto e os sete minutos para o salão VIP da primeira classe para absorver quão zangada estou.

Não posso suportar este relacionamento.

Não posso lidar com Brad Sinclair. Com sua fama ou sua desonestidade. Não posso confiar nele. Hoje foram mentiras sobre rejeitar sua filha. Amanhã? Quem sabe? Qual a profundidade que eu chegaria antes de ser demais? E quanto mais próxima de Nicole estaria na hora que tivesse que partir?

Nicole dá a descarga sozinha. Levanta sua calça com a seriedade de resolver os problemas do mundo. Eu me agacho ao seu lado e vejo como tira sua camisa da frente para que consiga amarrar o laço em sua cintura. Faz isso lentamente, de modo que não irá cometer quaisquer erros.

Eu me apaixonei por um homem e sua filha e é um desastre.

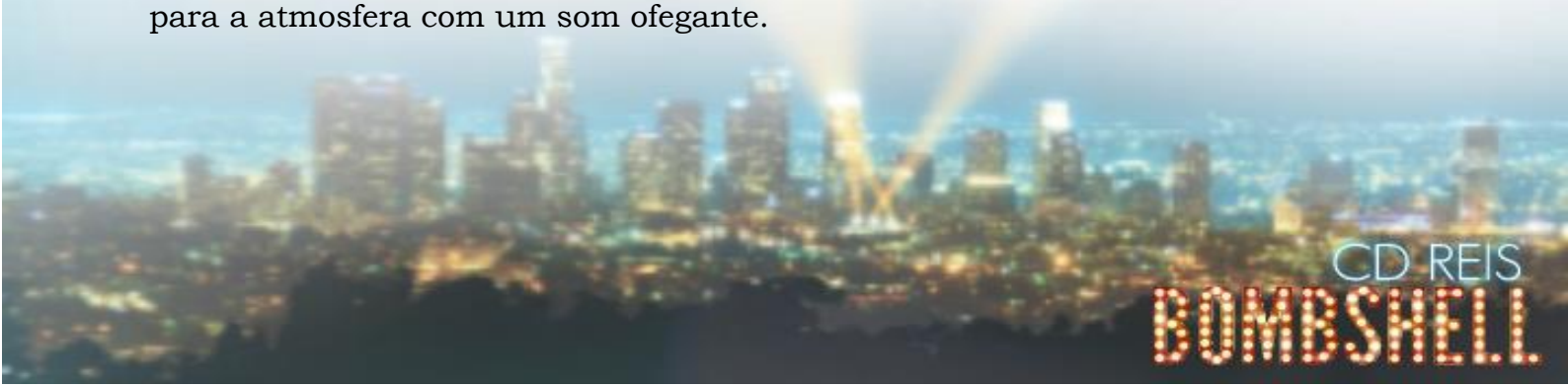
Ela olha para mim através do cabelo.

“Devo dar nó duplo nisso?”

“Não. Acho que está ótimo.”

Ela abaixa a camisa.

“Ok! Vamos voar alto no céu!” Ela bate palmas uma vez e envia uma mão para a atmosfera com um som ofegante.



Eu a agarro pela cintura e a puxo tão perto que posso sentir seu batimento cardíaco. Seguro mais do que deveria. Até o silvo da descarga parar e meus joelhos doerem. Eu a aperto até que ela se mexe com tanta força que a solto.

“Amo você” falo. “Eu te amo e estou sempre aqui por você. Por favor, lembre-se sempre disso.”

Ela coloca suas mãos nas minhas bochechas.

“Ok”, sussurra perto do meu rosto. Ela cutuca o canto interno do meu olho. “Porque está chorando?”

“Tenho medo que você vá esquecer.”

“Não vou.” Ela coloca as mãos nos meus lábios, então os gira. “Vou pegar isso, trancar.” Seus dedos vão para o bolso do peito que não está lá. “Colocar no meu bolso.”

Coloco a mão sobre o lugar onde ela guardou o meu amor. “Mantenha-o sempre.”

“Eu vou. É rosa. Não jogo fora as coisas cor de rosa.” Ela rasga um pedaço de papel higiênico do rolo. “Aqui.”

“Obrigada.” Limpo os olhos, mas ainda choro por dentro, porque a amo e ela não é minha para amar.



CAPÍTULO 69

Cara

A sala VIP tem sofás de couro e um barman dedicado. O recepcionista reservou um canto para a gente e colocou barreiras sutis entre Brad Sinclair e o resto do mundo. Ele se senta de costas para o resto da sala e sua mãe lê a revista *YOU* do mês passado. Ela dobra sua revista, levanta-se quando me vê, nos encontra do outro lado da sala.

"Vovó, posso pegar uma rosquinha?"

Antes que eu possa dizer não, Erma faz o que as avós fazem.

"É claro!"

Nicole salta para o buffet de doces. É o melhor, de qualquer maneira. Não tenho nenhuma dúvida.

"Está tudo bem?" Erma pergunta.

"Sim. Apenas cansada."

Nicole se inclina sobre a mesa de metal e bate em seu queixo. Tantas possibilidades. Tantas cores.

"As crianças vão fazer isso com você."

"Não posso ir para a Tailândia" solto. "Não sei o que fazer."

"Oh, não, não, não..."

"Sim, sinto muito, mas..."

"Esta é do último mês!" Ela levanta a revista.

"O que?"

Ela a deixa aberta para me mostrar a data, mas tudo que vejo é a foto de Brad com a coadjuvante de seu último filme. Ela está sussurrando em seu ouvido e ele está sorrindo.

“Vê?” Erma disse, alegre. “Não, espere. Estas vêm semanas antes da data da revista. Portanto, é do mês retrasado!”

Pego a revista. Quando essa edição saiu, eu ainda trabalhava com Willow e Jedi Heywood, que eu amava. Sempre. Ele não tinha sequer me encontrado quando estava namorando Geraldine Starrck. Eram bonitos juntos.

Ele me substituiria em um minuto. Estou bem com isso?

Tenho que estar.

“Quero aquele os granulados!” Nicole fala.

“Sim, querida”, Erma grita para Nicole antes de voltar para mim. “É difícil de ver, mas ele se importa com você.”

Dobro a revista.

“Pegue um prato e use o pegador” Digo a Nicole, então volto minha atenção para a mãe de Brad. “Alguma vez já esteve na Tailândia?” Pergunto.

“Não. Por quê?”

Suas sobrancelhas se juntam e ela inclina a cabeça. Com cada palavra, cada expressão, cada respiração que deixo passar, me aproximo do ponto sem retorno.

“Tem um passaporte?” Questiono.

“Tive que mostrá-lo para comprar a passagem.”

Vou chorar outra vez. Sinto minha boca se contorcer e o gosto salgado de lágrimas no fundo da minha garganta. Erma coloca minha mão sobre a dela.

“Eu sinto muito fazer isso com você” boto pra fora. “Estou colocando você no meio e incomodando terrivelmente. Mas não posso ir para a Tailândia. Não quero enviar Nicole com uma babá que é estranha.”

“Não é a revista, não é?”

“Não. Não me importo com isso.”

Não vou contar a ela porque estou saindo. O que eu diria? Seu filho é um mentiroso? Ele negou sua filha e nunca admitiu? Não posso confiar nele. Ele é seu bebê. Não sou ninguém, exceto a primeira mulher que está com ele quando começou o processo de mudança da sua vida. Sou a única que está zangada demais para perdoá-lo.



Nicole vem do buffet com uma rosquinha em cada mão. Uma de chocolate. Uma de baunilha. Ambas com granulados de arco-íris manchando os guardanapos de papel onde estão. Ela tem um ponto de bolo de chocolate em sua bochecha e granulado azul em seu queixo. Nicole, obviamente, experimentou os doces enquanto estava no buffet.

"Eu trouxe rosquinhas. Vovó tem que pegar primeiro porque é mais velha."

Limpo a garganta. Algumas melecas descem, apenas para serem substituídas por um pouco fresco, para me lembrar que posso chorar a qualquer segundo.

"Vou pegar a branca." Erma arranca o doce e o guardanapo. Nicole estende o de chocolate.

"Você pode guardá-lo para o avião, se não estiver com fome. Ou pode me dar se quiser. Consigo esperar até que estejamos no avião."

Nunca vi uma criança querer tanto uma rosquinha. Mas não é sobre a rosquinha. Não para mim. É sobre o plano.

Eu me agacho na sua frente.

"Não acho que vou estar no avião com você."

"Por que não?"

Porque fiz uma coisa estúpida. Fiz exatamente o que evitei fazer com qualquer outro pai para quem trabalhei. Eu me apaixonei e isso vai afetar você.

"Tenho que ficar em casa."

"Posso ficar em casa com você." Ela dá de ombros. Isto é facilmente resolvido, é claro. "Não quero ir para a Tailândia de qualquer maneira."

Estou fazendo ao contrário e é uma droga. Tenho que ir falar com Brad e...

"Ei. O que está acontecendo?" Brad pergunta atrás de mim. Perfeito. Ele me ouviu conversando com sua filha, é claro.

Erma olha para mim, depois para seu filho e coloca um grande sorriso sulista em seu rosto.

"Vamos olhar para fora da janela, querida! Acho que aquele grande avião está decolando!"

"Espere!" Ela me entrega a rosquinha. Eu a pego. Nicole e sua avó se afastam para ver os aviões na grande janela.

“O recepcionista falou que embarcaremos em quinze minutos.” Ele diz isso com desconfiança, retransmitindo a informação que aparentemente perdeu o interesse. “O que é isso? Você não vem? Está bem? Você tem medo que vá vomitar ou algo assim?”

Ele vai me fazer dizer. Sabe muito bem que não vou vomitar. Tento ficar zangada com ele para que possa realmente cortá-lo e ir embora, mas ele tirou o paletó e consigo ver seus braços. Eu me lembro de como ficam tensos quando me seguram. Quão duros seus bíceps parecem sob a minha mão quando os agarro.

São seus olhos que quase levam a minha determinação. Brad confia em mim. Ele entende que estou com raiva, mas acredita que é uma colisão na estrada e eu o estou traindo.

“Acho que é melhor se eu ficar para trás.”

“Com Nicole?”

“Você deveria levá-la.”

“Vou trabalhar o dia todo.”

“Sua mãe vai. Ela...”

“Que *porra* está acontecendo?”

Isso é ruim. Muito mal. Eu estou abandonando e sou o pior tipo de covarde. Mas tão perfeito e belo como ele é, tanto quanto admiro o que ele atravessou na vida para chegar onde está, não posso ver além das mentiras.

“Você a negou. Isso só vai me comer. E sabe de uma coisa? Mantenha em segredo. Nunca conte a ela. Deixe Paula colocá-lo nos jornais agora antes que Nicole possa entender, depois nunca mencione isso novamente. No momento em que ela descobrir, vai te amar tanto.”

Ele endireita sua mão e a joga em minha direção.

“Isso é besteira.”

“Me desculpe.”

“Você faz isso *agora*? Nós temos um pé em um avião e você aparece com isso?”

O mundo fica quieto e ele está no final de um longo e escuro túnel. Nada existe além das palavras duras entre nós.

“Basta levá-la” rosno. “Nicole vai ficar bem. Vai se acostumar com isso sem mim. Não sou necessária aqui...”

“Não, você a leva. Vocês duas esperem por mim. Eu sinto muito, teacup. Não vai virar as costas para nós. Talvez ela fique bem sem você, mas eu não. Estamos precisamente no meio de algo bom e não vou permitir que vá facilmente. Já estraguei demais. Quando a neguei na primeira vez e não te revelando o meu problema. Estraguei pegando seu telefone. Tentando esconder os jornais. Vou arruinar de novo. Sei quem eu sou. E estou te pedindo para ficar comigo e me deixar estragar. Deixe-me tentar de novo e outra vez. Não há ninguém mais com quem quero foder. Não há ninguém mais para quem quero pedir desculpas. Não há ninguém mais para quem quero ser melhor. É só você. Vou ser melhor para você e se partir, tenho medo de nunca ter uma razão para deixar de ser uma bagunça fodida.”

“Nicole tem que ser sua razão para parar.”

“Ela é, eu só...” Mãos para fora, como se me entregando uma explicação. “Estou com medo. Com ela, tenho medo que vou estragar tudo. Não tenho medo com você. Posso fazer isso do seu lado. Você torna possível.”

Em suas mãos estendidas está o meu poder. Posso aceitá-lo ou negá-lo. Confiar nele e em mim mesma. Confiança que tenho o poder de construir com ele algo que sempre quis. A minha própria família.

Ou fazer o que sempre fiz. Fugir da dificuldade. Da vulnerabilidade e desconforto, ficar do lado de fora olhando para dentro. Estou segura lá, mas se fosse honesta comigo mesma, também estou miserável.

“Sei que sou um idiota” ele fala. “Mas esse idiota te ama.”

Sim. Ele me ama.

Tenho uma reação física. Meu coração se expande para caber na sala. Cresce para caber um sentimento de valor e de pertencer. Ele me ama e sei disso.

Seu amor não muda nada. Eu o amo, mas não sou capaz de caber em sua vida ou entender as mentiras que ele contou. E meu coração encolhe de volta, dobrando em si mesmo como um pássaro dobrando suas asas depois de um curto voo.

“Eu te amo” falo. Não precisava. Não deveria ter falado, porque é irrelevante. “Mas não acho que é o suficiente.”

Brad ainda está no túnel. O resto do mundo, o aeroporto, a sala VIP desapareceu. Então, quando a voz de Erma corta através do túnel, eu me assusto.

“Onde está Nicole?” Ela pergunta.

A atenção de Brad se afasta de sua mãe, para olhar ao redor da sala.

“O que você quer dizer?”

“Ela estava aqui olhando para vocês. Então fui colocar o guardanapo no lixo e...”

“Merda.” Ele examina a sala de janela em janela e eu também, verificando atrás do buffet, perto das rosquinhas, no chão, onde um rastro de migalhas e granulados terminam trinta centímetros de distância de onde Brad e eu estávamos de pé.

“Não está aqui” digo.

“Nicole!” Ele chama. Todos olham, mas nenhuma garotinha vem.

“Eles têm que fechar o salão” falo, apontando para o recepcionista. “Agora.”

Brad corre para ele. Aponto para Erma. “Verifique os banheiros.”

“Ok.” Ela vai para os banheiros e vou para as portas giratórias na cozinha.

Ela provavelmente está bem.

Mas Brad é famoso e rico. É alvo de pessoas loucas por simplesmente existir. Sua equipe de segurança não veio ao Arkansas conosco, porque ele se sentia seguro, mas isso não significa que a notícia de sua localização não saiu. A oportunidade certa com a pessoa errada quase significaria um desastre.

“Será que uma garotinha passou por aqui?” Grito para o pessoal da cozinha. As batidas de panelas e gritaria do pessoal param. Não espero por uma resposta. Eles me avisariam se tivessem visto algo. Olho para o chão, caminho até a saída de trás. Está aberta. Há elevadores. Uma escada com um alarme. Enormes cestos com panos.

Ela poderia estar em um cesto ou dois andares abaixo. Merda, merda, merda...

Pego o cesto. Está leve demais para ter uma garotinha sob as toalhas de mesa, mas verifico de qualquer maneira.

“Ei!” Uma voz masculina no fundo do corredor.

Eu me levanto e olho. Segurança.

“Você fechou o salão?”

Ele chega perto o bastante para me ver. “Você é a babá?”

“Sim.”

“Está bloqueado. Os elevadores estão fechados. Por favor, junte-se ao seu pessoal no salão.”

“Há armários baixos na cozinha. Nicole poderia estar escondida em um deles.”

Ele estende uma mão na minha direção e com a outra abre a porta da cozinha. “Por favor, junte-se ao seu pessoal, senhorita.”

Ando rapidamente pela cozinha, tomando o caminho mais longo no caso de ela estar aqui e entro no salão onde todos os passageiros de primeira classe estão agora de pé, parecendo aflitos.

Estou entre Brad e sua mãe, ouvindo outro cara da segurança com cabelos grisalhos enquanto usa seu tom mais autoritário.

“Não podemos bloquear todo o aeroporto” ele fala. “A forma como o fazemos é...”

“Fodam-se seus círculos concêntricos” Brad diz.

“Eu sei que é estressante, mas...”

“Precisa bloqueá-lo de fora para dentro, não o...”

“Nenhuma criança sumiu no meu turno, senhor. Juro. Acontece com mais frequência do que você pensa.”

Sua rádio assobia e estala. Ele levanta o dedo e pede licença para atender a chamada.

“É minha culpa” falo. “É o meu trabalho cuidar dela.”

“Não vamos entrar nisso.” Ele fala para mim, mas seus olhos estão por toda a sala, como se estivesse à procura de uma algema caída. Não posso culpá-lo. Minha atenção está em cada canto e recanto onde uma garotinha poderia caber.

“Nós estávamos falando sobre o nosso relacionamento” falo, indo sob o buffet e abrindo as portas de correr. Nenhuma criança. “O que eu deveria estar fazendo era cuidar de Nicole.”

“Seu relacionamento comigo é importante para ela.”

“Acha que ela nos ouviu?”

“Tenho certeza disso.” Ele se vira para mim e pega meu queixo em sua mão para me fazer olhar para ele. Eu me sinto protegida e sólida quando tenho a sua atenção. “Ela não está no salão.”

“Como sabe?”

“Não sei como eu sei. Mas precisamos de mais olhos lá fora.” Ele quebra o nosso olhar. “Mãe.” Ele acena para ela.

“Acho que devemos rezar” ela fala.

“Sim” Brad diz. “Faça isso. Vamos olhar no terminal.”

“O salão está bloqueado.”

“Vamos rezar então.” Ele agarra o guarda de segurança de cabelos grisalhos, que tinha acabado de prender seu pequeno rádio de volta ao cinto. “Minha mãe precisa chegar à capela. Ela quer fazer uma oração para encontrarmos Nicole.”

“Sim, senhor. As pessoas estão saindo ali para embarcar em seus aviões. Pode sair dessa maneira.”

Não esperamos por outro conjunto de instruções. Este bloqueio é besteira. Tenho certeza de que estão tentando, mas também de que eles não querem que ninguém perca seu voo.

“Você não pode cortar a fila” Erma protesta quando Brad empurra a multidão para sair. Muitos telefones com câmera são apontados em nossa direção e é uma maravilha que ninguém está olhando para onde eles estão indo.

Exceto Brad, que não se intimida. “O inferno que não posso.”

Estamos no terminal em um minuto. Erma torcendo suas mãos, Brad segurando uma das minhas. Há quanto tempo ele está segurando a minha mão? Publicamente?

Nem sequer me importo. Ele precisa segurar minha mão tão apertada quanto puder.

“O que estávamos dizendo, quando ela estava perto da gente?” Pergunto, esperando que haja uma pista lá.

Brad balança sua cabeça, olhando para o terminal lotado. As pessoas o veem e sorriem, ou encaram, ou dão uma cotovelada em seus amigos. Um par de guardas de segurança passa por nós, todos com olhos nos cantos e paredes, procurando por uma garotinha.



“Temos que continuar em movimento. Mãe, vá por esse caminho.” Ele indica a mesma direção que a equipe de segurança foi. “Mantenha o seu telefone ligado. Cara e eu vamos por aqui.”

Erma obedece e Brad e eu andamos. Solto sua mão, mas ele agarra de volta. Está tremendo. Não acho que já o senti tremer, mas pela primeira vez parece impotente e fora de controle.

Não posso culpá-lo. Eu me sinto da mesma forma.



CAPÍTULO 70

Brad

Tenho tudo o que desejo, mas tudo que preciso está sendo arrancado. Estou tentando segurar uma carreira pela qual lutei e estou perdendo algo que nem sabia que precisava. Cara está indo embora e Nicole se foi.

Nunca me senti tão sozinho. Nunca entrei em pânico. Jamais me senti tão fora de controle.

“Vamos encontrá-la” Cara fala. Não estamos olhando um para o outro, mas em todos os lugares, passando tudo, todos, procurando um objeto em movimento em um mar de agitação.

“Claro.” Falo só por falar, mas não sei que direito tenho de estar confiante. O terminal não tem fim.

“Ela é uma sobrevivente. provavelmente vai nos encontrar.” Cara verifica os cantos. O que eu faria sem ela, se perdesse a minha filha?

Sua mãe, Brenda, não tinha uma equipe. Não tinha um detalhe de segurança ou toneladas de tempo para ensinar Nicole qualquer coisa. Foi uma empregada sobrecarregada na cafeteria que às vezes não podia encontrar quem cuidasse de sua filha. Com tudo isso contra ela, fez um ótimo trabalho. Nunca perdeu Nicole. Criou uma menina que é saudável, inteligente e bem educada.

E o que eu realizei? Nada. Eu a neguei. Nunca sequer perguntei como ela estava. Nunca disse a Brenda que bom trabalho estava fazendo. Se eu pudesse fazer tudo de novo, faria com que Brenda não tivesse que trabalhar. Eu a libertaria de seu trabalho para que pudesse cuidar da nossa filha em tempo integral e entraria e seria uma parte da sua vida.

Muito tarde para tudo isso.

Talvez não. Talvez se a encontrar, posso mudar as coisas. Quem sabe tenho o poder de dar a Nicole tudo que Brenda não pôde. Talvez eu consiga terminar o trabalho direito.



“É só que ela está acostumada a pequenos espaços onde sua mãe a levava para trabalhar” Cara fala. “Então, se está louca ou com medo, pode estar em um maldito armário.”

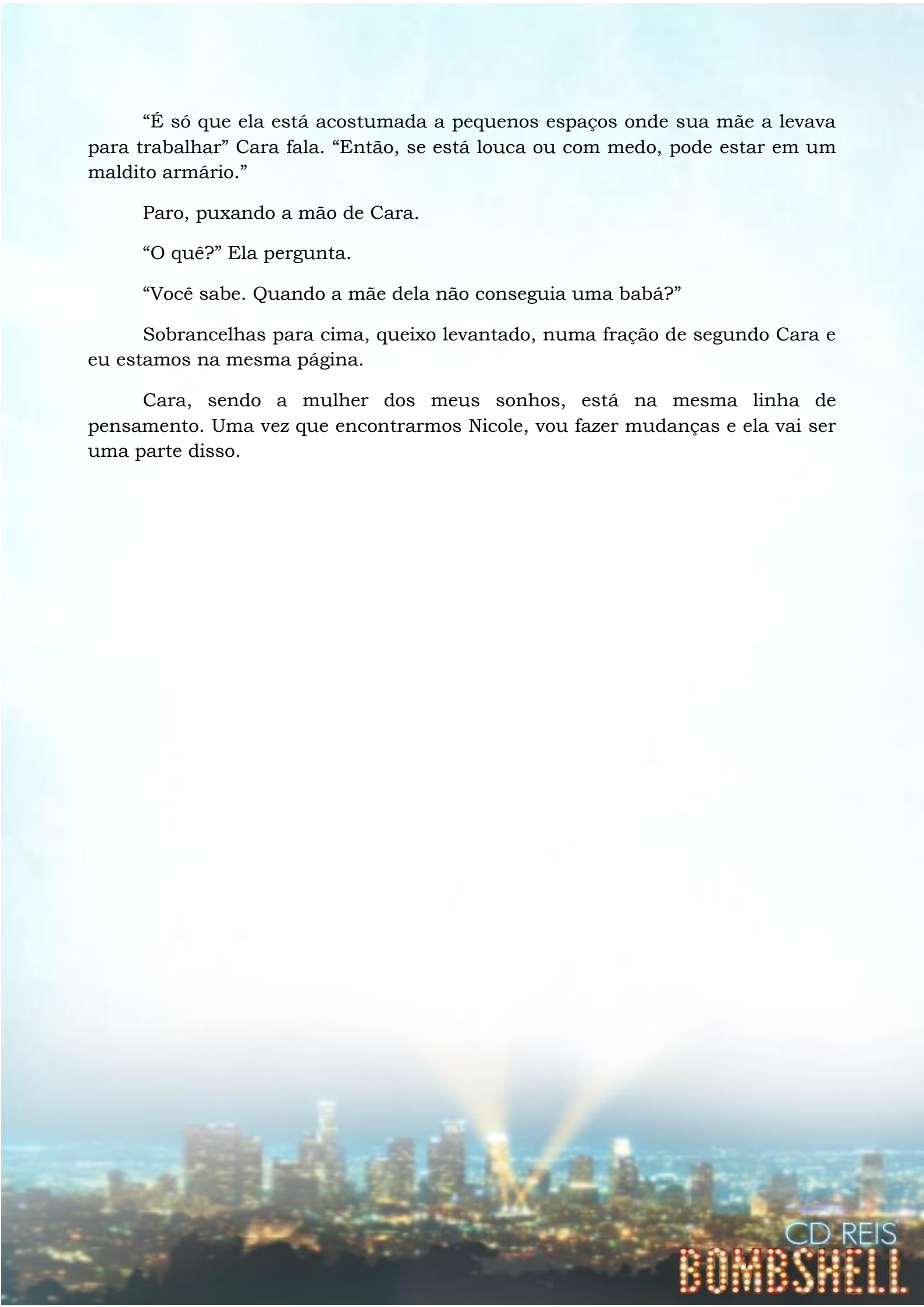
Paro, puxando a mão de Cara.

“O quê?” Ela pergunta.

“Você sabe. Quando a mãe dela não conseguia uma babá?”

Sobrancelhas para cima, queixo levantado, numa fração de segundo Cara e eu estamos na mesma página.

Cara, sendo a mulher dos meus sonhos, está na mesma linha de pensamento. Uma vez que encontrarmos Nicole, vou fazer mudanças e ela vai ser uma parte disso.



CAPÍTULO 71

Cara

“Ah! Coffee Chain!” Eu exclamo. “Você acha?”

“Não, mas não temos nenhuma ideia melhor.” Brad para uma mulher na casa dos vinte anos segurando um copo de papel com um logotipo azul em uma mão e uma mala de rodinhas na outra. “Ei!”

Seu rosto registra aborrecimento. Depois choque.

“Oh meu Deus, você é...”

“Sim, sou. Onde conseguiu esse café?”

Ela gira o braço para trás em uma direção geral, sem palavras.

Ele a beija na bochecha e me puxa para longe. Chegamos ao fim do corredor, olhamos para a esquerda, depois à direita e encontramos uma Coffee Chain quase que imediatamente. A placa é grande, mas a loja parece eternamente distante. Nós corremos. Aquela cafeteria é nossa única esperança. Se ela não estiver lá, não temos um plano B. Teríamos que começar a procurar tudo de novo.

Então corremos, colidindo com os viajantes, pulando sobre malas, nos esquivando quando conseguimos. Brad é rápido e passa à frente. Quando chego ao Coffee Chain, entro em um pandemônio. Brad está atrás do balcão, intimidando através das objeções do gerente, batendo armários. Alguém está chamando a segurança. Uma dúzia de pessoas está fotografando a coisa toda.

Apesar do caos, digo uma coisa. Nicole não está desenhando pôneis nos armários.

O que Brad e eu estávamos falando que a fez fugir?

Você a leva.

Não, você a leva.

Ela tem cinco anos. Não tem como saber que não estávamos tentando nos livrar dela. Ela pensou que estava sendo empurrada para fora novamente. Ela não teria mais uma casa.

Que é a que estou condenando se eu partir.

Coloco as mãos sobre na boca e olho para o chão.

Estou rompendo uma família.

Minha família.

Olho para meus sapatos e considero o que isso significa. Quanto de um compromisso é e como as regras mudam quando as apostas são altas.

Um ligeiro brilho rosa cintila contra o chão e em um lado do meu tênis esquerdo. Acontece tão rápido que eu deveria ter perdido. Mas não faço.

Olho para a esquerda, para um anúncio de três painéis de pé sobre bebidas espumantes de outono. E para baixo, para onde os painéis levantam quatro centímetros do chão e consigo ver as luzes piscando do tênis favorito de uma garotinha.

Eu me afasto da divisória e meu coração cai enquanto minha respiração voa.

Nicole Garcia-Sinclair está agachada no espaço onde o piso encontra a parede com seus braços em volta de seus joelhos. Ela levanta sua cabeça quando a divisória desaparece.

“Brad!” Grito muito alto. Nicole começa a chorar. Eu a pego nos braços, um braço sob seus joelhos, um debaixo dos seus braços.

Não me incomodo se ela está chorando. Pode chorar durante todo o dia e noite.

“Eu te amo, Nicole.” Eu a seguro perto e falo com seu rosto encharcado de lágrimas perto do meu. “Eu te amo. Eu te amo muito.”

Brad chega perto e a enche de beijos, abraçando nós duas, me ajudando a segurá-la e nos puxando juntos ao mesmo tempo.

“Graças a Deus” ele fala. “Graças a Deus e a Cara. Obrigado.”

O cara relaxado sem uma preocupação no mundo está de volta, mas diferente. O alívio e alegria em seu sorriso são tão reais e honestos como de outra pessoa poderia ser. Todas as outras coisas? Bem, são apenas coisas. Aquele sorriso é do homem que eu amo e isso é para mim e Nicole.

“Papai” ela soluça. “Quem é que vai me levar?”

Ele não olha para longe dela, mas sua mão aperta meu cotovelo.

“Vamos descobrir isso...”

“Nós dois vamos” interrompo.

Eu me encolho com minhas próprias palavras, esperando que Brad não tenha mudado de ideia. Eu ultrapassei? Estou prometendo a ela algo que não poderia?

Mas seu peito expande e seus ombros caem como se tivesse tomado uma respiração profunda e compreendo que não ultrapassei.

Nicole sufoca um soluço. “Sério, papai?”

“Sim” ele confirma. “Você pertence a nós dois.”

O grande nó na minha garganta finalmente cai quando engulo.

Eu fugi disso, dele, de Nicole, de todas as crianças que já amei e, nesse momento, fugir acabou. Correria direto para casa.

Ele se afasta de sua filha e olha para mim. Somente para mim. Alegria em seu rosto. Alívio. A dança da vitória e sou o prêmio final.

Por um segundo o seu olhar fica nebuloso, como se estivesse olhando para dentro em vez de para fora. Ele aperta sua filha e beija sua testa, então pega seu telefone. Assumindo que está chamando a segurança para cancelar a busca, estendo as mãos para Nicole. Ele balança a cabeça.

“Eu a encontrei.”

Brad coloca o telefone em seu ouvido. Os seguranças nos encontram. Rádios apitam e vozes agudas cancelam a busca. Os viajantes deixam cair suas malas para tirar fotos da gente e estou preocupada com a reação de Nicole. Ela tem seu rosto no ombro do pai.

Eu ia sugerir que ele saísse do caminho dos paparazzi improvisados, mas o medo instintivo da exposição fica muito grande quando ouço para quem ele está ligando.

“Gene” ele fala ao telefone. “Está sentado?... Bom, porque você está prestes a me despedir.”

Que diabos?

“Não vou fazer *Irmandade Bangkok*.”

“Brad!” Grito mais alto do que pretendia.

Ele pisca para mim. Está brincando?

“Nunca... Sim, tenho certeza. Eu tentei, mas não vou arrastar minha família para um set de filmagem agora. Preciso de tempo para conhecer a minha filha.”

“Você não pode!” Eu falo, provavelmente ecoando os sentimentos de seu agente. “É um filme de centenas de milhões de dólares! Não podem filmá-lo sem você! Você vai...”

“... Nunca trabalhar novamente” ele diz ao telefone e para mim ao mesmo tempo. “Posso viver com o que eu tenho pelo resto da minha vida. Não me importo... Não” ele diz, parando a si mesmo. Nicole olha para ele e seus olhos se encontram. “Eu me importo.”

Ele afasta o telefone de sua orelha e o estica para mim.

“... O estúdio? Não vão nem mesmo fazer a ligação. Overland vai certificar-se de que você esteja acabado. Sabe o que *acabado significa*? Não terá uma linha no teatro comunitário do fodido buraco...”

Pego o telefone antes de Nicole ouvir mais sua linguagem suja.

“Olá?”

“Quem diabos é?”

“Aqui é Cara.”

“Isso não responde nada. Nada. Seja quem for, está ficando ao lado de ninguém. Ele estará virando hambúrgueres em três meses. Três *semanas*.”

“Espere...”

Brad agarra o telefone das minhas mãos. “E diga a Roger que seu projeto é um talvez. Ir para uma filmagem na Argentina durante o ano escolar não está acontecendo. Estou reavaliando todos os meus futuros projetos e como afetará a minha filha.”

Ele segura o telefone no ouvido enquanto Gene grita e ruge, mas Nicole está dizendo a ele um segredo em seu outro ouvido e ele parece estar ouvindo aquilo com interesse real.

“Por que não pergunta a ela?” Ele fala.

Nicole assente.

“Senhorita Cara?”

“Sim, Nicole?”

“Você virá conosco?”

“Aonde vamos?”

Nós duas olhamos para Brad.

“Nos falaremos mais tarde, Gene.” Com isso, Brad desliga o telefone e olha para mim e para Nicole. “Aonde quer ir?”

Nicole dá de ombros e olha para mim esperando confirmação.

Não sei o que dizer ou pensar. Seu agente falou tudo. Ele afundou a sua carreira com um telefonema. “Está me fazendo pirar.”

“Meio que pirei” ele fala. “Mas eu perdi tudo hoje e consegui de volta. Posso não ter tanta sorte da próxima vez.”

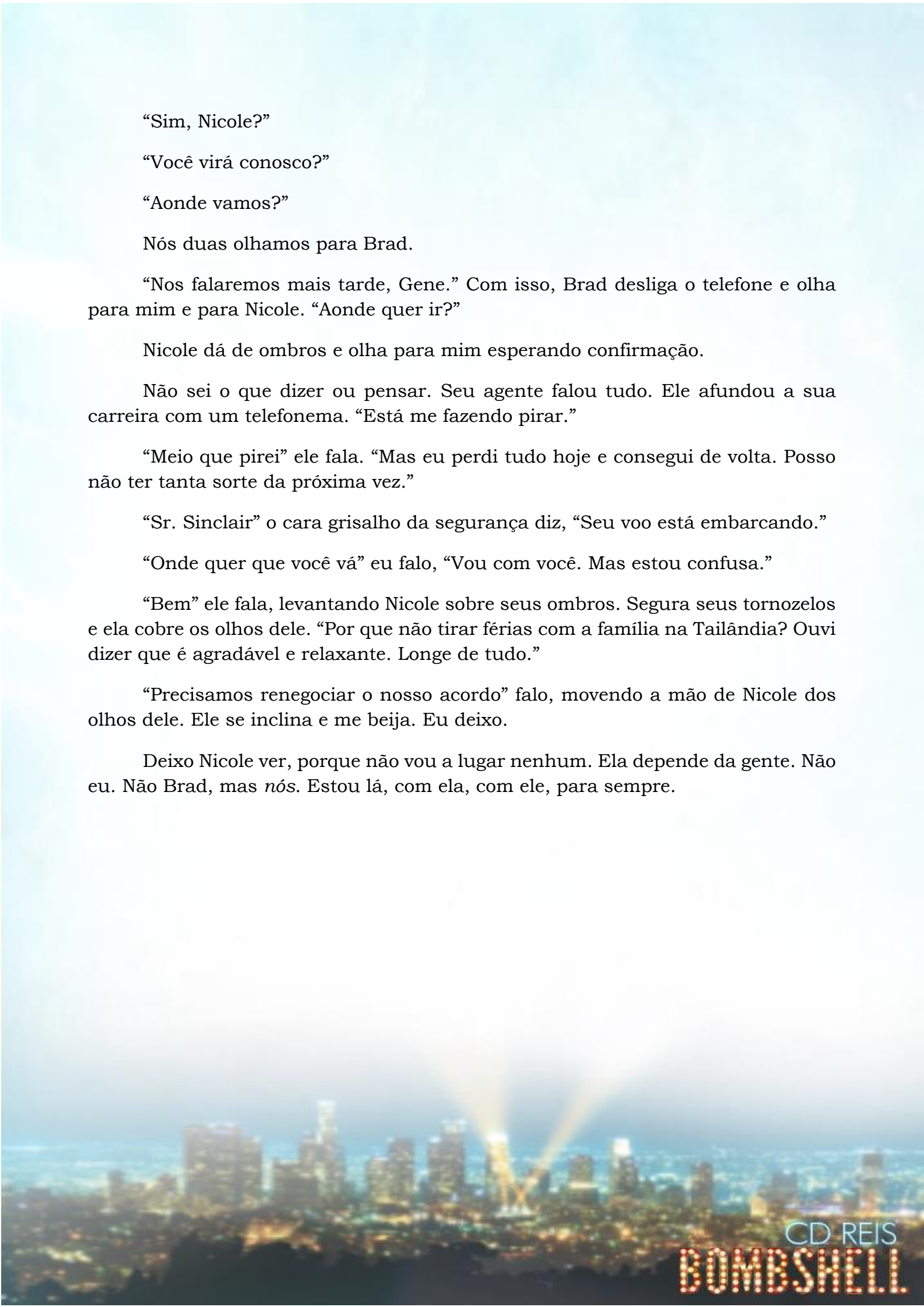
“Sr. Sinclair” o cara grisalho da segurança diz, “Seu voo está embarcando.”

“Onde quer que você vá” eu falo, “Vou com você. Mas estou confusa.”

“Bem” ele fala, levantando Nicole sobre seus ombros. Segura seus tornozelos e ela cobre os olhos dele. “Por que não tirar férias com a família na Tailândia? Ouvi dizer que é agradável e relaxante. Longe de tudo.”

“Precisamos renegociar o nosso acordo” falo, movendo a mão de Nicole dos olhos dele. Ele se inclina e me beija. Eu deixo.

Deixo Nicole ver, porque não vou a lugar nenhum. Ela depende da gente. Não eu. Não Brad, mas *nós*. Estou lá, com ela, com ele, para sempre.



CAPÍTULO 72

Cara

“Como é que você voa para o paraíso se é velho?” Nicole pergunta. Essa é mais recente em seu ataque de perguntas irrespondíveis que começou assim que se levantou pela manhã. “Alguém vem e você voa?”

Na verdade, o ataque começou no momento em que entramos no mosteiro com os homens em túnicas cor de açafrão. Ela bateu em um pequeno gongo ao amanhecer e fez perguntas que não poderíamos sequer responder para nós mesmos.

“O que é existir e não existir?”

Como tentar explicar o que “existir” significa para uma criança de cinco anos de idade?

“Seu avô não vai gostar disso” Brad fala no café da manhã no pátio. Sempre parece haver carrilhões e sinos no pequeno resort budista.

“Ele vai ficar emocionado.” Tomo um gole do meu chá. Pauzinhos nadam na parte inferior da xícara. Sinto falta de café. “Ele pode responder a todas estas perguntas na maneira como um bom batista do Sul faria. Ela vai acreditar em seus avós. Confie em mim.”

Milton está prestes há ter um mês para se deleitar com sua linda neta também. Estaremos gastando todo o mês de Agosto no Arkansas. Então voltaríamos para Los Angeles e a realidade. Nicole estaria fora da escola, seu pai desempregado e sua babá no limbo.

“Há um último número?” Nicole pergunta, alinhando castanhas e pegando-as uma por uma, conforme as conta.

“Um” Brad diz. “O último número é um.”

Ela junta as sobrancelhas e aperta seus lábios.

“Não” ela fala. “Não um. Esse é o primeiro.”

“Não se contar para trás.”

“Papai bobo.” Do jardim ouvimos o toque de um gongo. Seus olhos se arregalam e sua boca abre com excitação. “Estão batendo no pequeno gongo!”

Ela joga o guardanapo sobre a mesa e se arrasta para fora do banco. Um monge, que dizem ter 113 anos de idade, se aproxima dos degraus do terraço. Sua marcha é dolorosamente lenta e seu corpo tem pouca massa muscular restando, mas ele sempre sorri para Nicole. Ele deve ter sido a razão para a pergunta sobre como as pessoas de idade voam para o paraíso. É difícil imaginar este homem voando.

“Ela pode vir?” O monge estende a mão torta para Nicole, que pula para ele, sem um pensamento. “Para as orações da manhã?”

“Posso bater no pequeno gongo? O vermelho?”

“Vá em frente” Brad fala.

Ela entra no jardim com o monge e não olha para trás, tagarelando sem parar.

“Precisamos conseguir um gongo para o quarto dela.”

“De jeito nenhum.” Ele leva sua xícara a boca, olhando para mim por cima da borda. Seus olhos estão serenos e sua pele está corada outra vez.

O dia mais difícil foi o primeiro, quando ele disse ao seu agente que estava de fato desistindo de *Irmandade Bangkok* e reavaliando sua agenda. Esteve no meio das negociações de contrato em dois papéis e os perdeu antes do sol se pôr sobre as montanhas. Outro filme menor caiu completamente quando ele se tornou um fracasso, porque perdeu os outros dois. Seu filme de Março? Deixou pra lá quando a companhia de seguros dobrou seu vínculo.

Ele riu de tudo isso e disse à *Variety* que é disléxico. Se reuniu com o diretor de *Irmandade Bangkok* em um café a margem do rio nas proximidades para explicar. Não achei que iria ajudar e ele me garantiu que isso não aconteceu. Brad está acabado no ramo.

Nada separou seu corpo do meu à noite. Nicole está em um quarto adjacente e não chora para estarmos na cama com ela. Talvez saiba que estamos juntos do outro lado da parede.

“Iremos para casa amanhã” ele diz no pátio do mosteiro. “Nunca pensei que eu iria querer ver Arkansas duas vezes em um mês.”

“E depois Los Angeles.”



Não falamos sobre quem somos ou como organizaremos nossa relação quando voltarmos. É fácil na Tailândia. Estou com ele e nós dois estamos com Nicole. De volta a Hollywood, teríamos perguntas sobre se sou uma babá ou uma namorada residente que cuida de sua filha. Se eu trabalharia e ele contrataria outra pessoa. Se Nicole ficaria confusa e o quanto. Não há resposta simples.

Mas a brisa é tão perfeita, a umidade não ficou pegajosa ainda e os sinos e gongos ecoam através das montanhas.

"Estive pensando sobre ir para casa" ele fala.

"Sério?" Eu me inclino para trás e cruzo as pernas, descansando a xícara de chá sob meus seios como se fosse proteger o coração.

Ele coloca os cotovelos sobre a mesa. Isso significa que está falando sério. "A principio pensei que todos nós deveríamos apenas nos mudar para Redfield. Se eu nunca trabalhar de novo, vou apenas viajar."

Tento não reagir. Adoro a família dele e até mesmo Redfield, mas meu espanto por estar longe dele deve ter aparecido em todo o meu rosto, porque ele levanta a mão por um momento como se quisesse me acalmar.

"Mas iria acabar mantendo a casa em Los Angeles e sem vocês nela?" Ele balança sua cabeça. "Seria uma droga. Então aqui está o que tenho. Está pronta?"

"Provavelmente não."

"Acho que temos que definir o que esta família é para nós. Não para os outros. E você tem que definir o que você é para si mesma."

Sou a peça mais complicada deste quebra cabeças. Entendemos isso. Se eu for uma cuidadora de crianças, o que significaria para Nicole? E se amo Nicole tanto quanto uma mãe pode, ainda seria sua babá? Ela se sentiria abandonada se eu tivesse outro emprego?

"Ainda não sei nada."

"Eu sei."

"Exceto que amo Nicole" falo, "E eu amo você."

"Deixe-me te perguntar. Será que seria mais fácil se..."

"Papai!" Nicole grita do jardim, o exato oposto de um som meditativo. Os monges não parecem se importar. Eles disseram que alugam as suas cabanas para famílias porque amam crianças. Graças a Deus. Porque a iluminação é difícil o suficiente sem as exigências de uma criança de cinco anos de idade.

“Sim, abóbora?”

Ela se afasta do círculo de monges entoando um cântico e levanta o pequeno gongo com uma mão e o martelo com a outra.

“Escute! Vou bater agora!”

“Ok. Vá em frente.”

Ela senta-se de pernas cruzadas no círculo, olha para nós e bate o gongo.

Nós damos a ela polegares para cima.

“Não importa o que eu diga” ele fala, ainda olhando para o jardim, “Vai soar como se fosse de conveniência. Mas não é.”

“O que é uma questão de conveniência?”

Os gongos vibram, enviando sua harmonia para o céu azul e as nuvens espumosas.

“Estava feliz antes de te conhecer, entende.” Seus olhos vão para a mesa entre nós. “Estava perfeitamente bem. Mas ela chegou. Veio primeiro e isso é um fato. Ela separou tudo isso e eu reuni minha vida com saliva e goma de mascar.” Ele olha para mim e sorri. “Sabe, se você quebrar um vaso e colá-lo de volta, ele fica maior após ele quebrar? A cola ocupa espaço. As rachaduras adicionam mais.”

Coloco minha xícara na mesa. Brad pega minha mão antes que eu possa colocá-la no braço da cadeira.

Ele prossegue. “Você é a minha cola. Me fez maior. Melhor. E você segura isso junto. Toda a minha vida. Não sou nada sem você.”

Aperto sua mão.

“Você era um bom homem antes de me conhecer.”

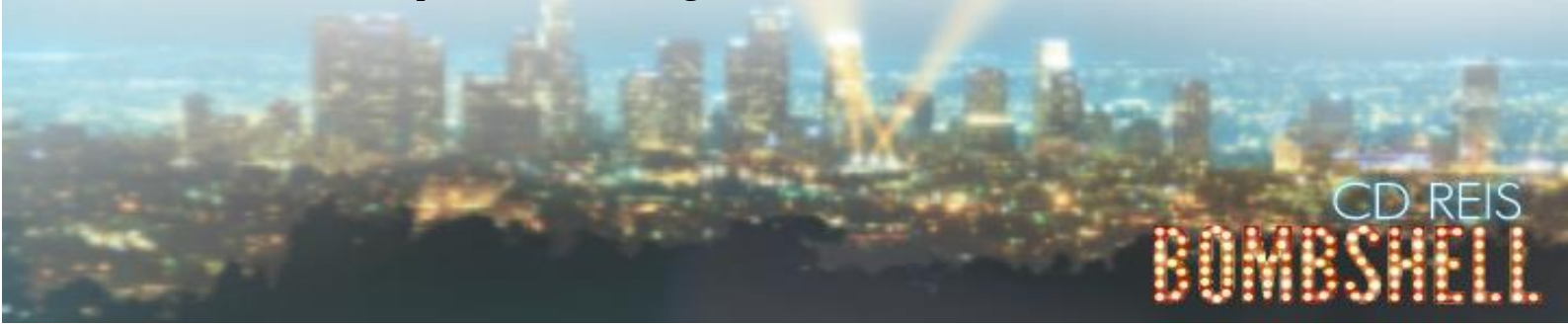
“Era inútil.”

“Disse que descobriu algo sobre voltar para casa?”

“Estou apenas avisando que não é sobre conveniência. O que descobri. Não estou fazendo a coisa fácil.”

“Consegue parar de enrolar?”

“Você tem que se casar comigo.”



Surpresa, tento puxar a mão de volta. Me enrolar para que possa pensar por um minuto. Mas Brad não quer pensamentos profundos. Ele está prestes a agir.

“Quero dizer isso” ele fala.

“Brad. É rápido.”

“E daí? Você não vai a lugar nenhum, não é?”

“Não, mas...”

“Bom, porque vou persegui-la.”

Isso é um sim. Claro que sim. Realmente não tenho uma escolha. Ele me deu um propósito. Me faz feliz. Não escolheria a miséria sobre ele porque não nos conhecemos o suficiente. Nos unimos pelo o bem-estar de outra pessoa.

Talvez essa seja a minha preocupação. Não preciso, mas sempre faço. Aperto sua mão e o olho nos olhos.

“Jure que não está fazendo isso por Nicole.”

“O que você quer dizer?”

Ele entende exatamente o que digo. Está me fazendo por pra fora.

“Se ela não estivesse aqui, teria me pedido para casar com você?”

“Quer dizer que se eu tivesse encontrado você... Onde? Em um bar? Na sala de espera da SAG?” Ele se inclina para trás. “Não posso imaginar você sem ela. Minha vida mudou e você foi uma parte disso. Sem a mudança de vida, você não iria me querer.”

Brad levanta seu traseiro da cadeira e se debruça para chegar mais perto de mim, puxando minhas mãos mais próximas dele. Tenho certeza que vou falar sim, porque ele está certo. O homem que ele era não é um homem que eu levaria a sério. Mas o Brad Sinclair que deixou o melhor emprego do mundo para dar espaço para sua filha? Esse é um cara que eu levo a sério.

Meio que fico fora da cadeira, por isso meu rosto está perto do dele.

“Sabe que nenhuma mulher pode resistir a você.”

“Você não é uma mulher qualquer. É minha.”

“Eu sou. Sempre.”

Nossos lábios se encontram apenas brevemente.

“Não beije na boca!” Nicole grita em seu caminho de volta do jardim. “Há germes!”

Eu me afasto, mas Brad me agarra pela parte de trás do pescoço e me puxa para mais perto, selando o negócio. Ele tem o gosto do sal da terra e a brisa escovando através das árvores. Estou segura com ele.

Não importa onde estivéssemos, estaríamos em casa.



EPÍLOGO

Cara

É o aniversário de um ano da chegada de Nicole e temos uma grande surpresa planejada para ela. Um pônei. Nós não tínhamos um minuto para transar. Nem mesmo uma rapidinha.

Não. Nem um segundo de sobra.

“Silêncio” ele fala. “Sem um som.”

A voz de Brad não é mais que uma respiração no meu ouvido. Deixamos Nicole junto à piscina com Blue, Bonnie Greydon e Perla, sua babá. Temos tanta coisa para fazer que o sexo precisa ser rápido, mas nunca prometo ser quieto.

“De jeito nenhum” respiro de volta. Brad empurra seus quadris.

Estamos no segundo quarto de hóspedes, que fica perigosamente perto da área de jogos. Eu que comecei. Poderia já estar vestida, mas quando ele pega Nicole e a joga na piscina, rindo, seus braços esticados me chamando. Percebo que tenho dez minutos para escapar com ele.

Fecho as cortinas, escurecendo o quarto com algumas pinceladas de luz que entram entre a parede e as cortinas. Fico de joelhos na frente dele e o chupo, passando as mãos sobre ele.

Não consigo ter o suficiente.

Ele mal está na minha boca um minuto antes de me jogar na cama e me foder com nada mais alto do que um arquejo. Estou deitada de costas, suando no calor razoável do início do verão, deslizando contra ele, as pernas enroladas em sua cintura.

“Eles vão ouvir” falo, segurando seu rosto em minhas mãos.

“Não se você se calar.” Empurra, esfrega, uma estocada gentil. Brad está devagar de propósito. “E quando gozar, goza apenas para mim.”

Meus dedos pressionam em suas costas enquanto o meu corpo vibra em um pulsar aquecido.

Eu o olho nos olhos, nariz com nariz.

“Mais rápido. Fode mais rápido.”

“Não. Você é sexy demais assim.”

Sua boca fala não, mas ele empurra dentro de mim novamente. Forte. Lento. Estou aquecida por cozinhar em fogo brando.

“Vou ficar quieta.”

“Vai. Sim, você vai.”

Lento e constante, ele tira um orgasmo de mim, provocando-o mais e mais alto. Eu mordo os lábios conforme sussurra o quanto ele me ama.

* * *

Família primeiro.

Brad não inventou a frase, mas seria sempre associada com ele saindo de seu carro na fila, na hora de buscar Nicole na escola, para enfrentar o enésimo bando de paparazzi com a enésima bateria de perguntas.

Por que saiu da Irmandade?

O que acha deles escalando um desconhecido?

Nós ouvimos que você está sendo processado pelos estúdios Overland.

“Querem saber por que eu saí da *Irmandade Bangkok*?”

Brad abriu o carro e o ângulo da câmera mudou conforme os paparazzi filmaram por trás. Ele ficou louco. Chegou em casa louco e quando vi o vídeo, sabia que ele só voltou para casa com uma fração do ódio que expressou uma hora antes.

“Porque o cara que assinou para *Irmandade* não tinha (*beep*[6]) para fazer com o seu tempo, além de trabalhar e (*beep*) ao redor. O cara que quase chegou no set teve uma filha. Isso mudou as coisas. Alterou quem eu era e mudou quanto tempo poderia estar no (beep) set. Ela perdeu a sua mãe. E precisava de mim. Ela era a

[6] Som usado na tv para sobrepor palavrões.

primeira então e é primeira agora. Não a porcaria de um filme. Ok? (*Beep*) primeira. Família primeiro. Agora dê o (*beep*) fora daqui. Não sou ninguém."

Assistindo ele perder a paciência no noticiário de entretenimento nesta noite, pego a mão dele. É a única maneira que conheço para apoiá-lo. Ken alertou sobre o contra golpe, finalmente resignado ao fato de que não há nada que ele possa fazer para evitar a possível queda de Brad de alguém para ninguém.

"Estou orgulhosa de você" falo.

Ele acredita no que fez. Nicole é a primeira na vida dele. Mas, incomparável como qualquer ator parece, seus meios de subsistência dependem de fatores que são invisíveis para o público. Sua carreira realmente acabou e ele teve que realinhar sua ideia do que fazer. Esta noite, dormimos os três em uma cama como nos velhos tempos.

"Estou com medo" ele diz. "Não sei o que vou fazer. Não desejo fazer infomerciais para espremedores."

"Espere uma semana" falo. "Não tome quaisquer decisões. Apenas decida não se preocupar por sete dias."

Ele pega minha mão. "Se eu não tivesse você, seria ninguém. Estaria perdido."

"Você seria o pai dela."

"Tudo o que eu estou dizendo é, não vá a lugar nenhum. Estou pendurado em você. Eu preciso de você."

"Estou aqui." Aperto sua mão. "Vamos passar por isso."

Vinte e quatro horas após o vídeo tornar-se público, a população respondeu.

Meu pai trabalha quatorze horas por dia. #familiaprimeiro #Bradvsmeupai

Prefiro ser Nicole Sinclair pobre a ter um pai rico. #familiaprimeiro #EstoucomSinclair

Meu pai foi embora e fez outra família. #familiaprimeiro #Bradvsmeupai

Confira meu artigo do blog sobre o verdadeiro significado da paternidade. #familiaprimeiro #EstoucomSinclair

Quantos pais desistiriam de tudo por seu filho? Um que nós conhecemos. #EstoucomSinclair #familiaprimeiro

Meu pai perdeu o meu recital de piano porque estava bebendo. #familiaprimeiro #Bradvsmeupai

Meu pai nunca me abraçou. Nem uma única vez. Era como se ele estivesse com medo de mim. #familiaprimeiro #Bradvsmeupai

Ele não foi recebeu pelos programas de entrevistas ou as aparições, mas os fez porque sentiu que se seus fãs o estavam apoiando, mereciam uma explicação. Ele se tornou o garoto-propaganda por desistir de tudo por sua família. Falou pelas mulheres e homens de todo o país que fizeram a mesma escolha. Validou-os. Ele mostrou que não eram os únicos e sua dor e crises de identidade eram dele também.

Fiquei tão envolvida no amanhã, no dia seguinte, o progresso crescente que ele fez aos olhos das pessoas que nunca planejei o casamento. Nunca pareceu importante em face de sua carreira sempre em espiral. Para cima. Para baixo. Nunca poderíamos saber e não queria distraí-lo.

Verdade seja dita, estou com medo de que se começar a planejar um casamento, outra coisa iria dar errado. Mas nada deu errado. Ele ficou mais e mais popular.

Celebridades falaram sobre os sacrifícios que fizeram tanto por suas famílias ou suas carreiras. Michael Greydon foi o primeiro, com histórias sinceras de seus filhos e por que só atua em filmes gravados em Los Angeles. Então outros, até que um debate nacional sobre a carreira e a família tornou-se impossível de fugir.

A bolha cresceu e cresceu e quando estourou, perceberam que neste ramo isso não pode ser confiável.

* * *

Paula retornou bem quando a Internet estava explodindo com #Bradvsmeupai. Ela não entrou em contato com Brad, que mudou seu número desde então, mas comigo. Concordo em encontrá-la em uma cafeteria, esperando que exija outras coisas. Mas a razão dela querer me encontrar é pior.

“Mandei o formulário de direitos parentais para o DMZ” ela diz usando sua calça de linho amarela.

“Jesus, Paula. O que você quer? É chantagem?”

“Não quero nada. Eu me sinto como uma Judas de primeira.” Ela cobre seus olhos com as mãos e noto pela primeira vez que suas unhas combinam com o terno. “O diabo me instigou e depois que enviei, tentei desfazer, mas era tarde demais.” Ela abaixa suas mãos. “Sei que ele não pode me perdoar, mas pode falar que sinto muito?”

“Mas por que fez isso?”

“Eu o amo.”

Ela diz e fecha a boca rapidamente. Fecha seus olhos. Respira fundo e continua.

“Estava com ciúmes. E ameaçada como um gato em um canto. Eu me senti suja quando enviei os papéis. Eu só precisava vir aqui, falar com você e te dizer o que fiz.”

Pego o meu telefone e disco um número antigo.

“Isso foi uma merda” digo enquanto ele toca.

“Eu sei... Eu...”

“Não é como se importasse. Ele não tem uma carreira para arruinar agora, mas se Nicole descobrir, pode não entender por que seu pai a rejeitou.”

“Meu pai nos abandonou quando eu era bem pequena” ela diz, pensativa. Estou brava como o inferno e tenho algumas palavras bem escolhidas para ela, mas a ligação é atendida na outra extremidade.

“Olá?” Eu cumprimento. “Ray? É Cara.”

“Engraçado você ligar” ele fala. “Algo acabou de chegar na minha mesa.”

“Eu ouvi. Quero saber se podemos elaborar um esquema.” Estou prestes a ultrapassar quilômetros, mas os tabloides fazem uma verificação cruzada com o distrito e conseguiriam esses documentos em menos de uma hora.

“Estou ouvindo.”

“Acesso.” Deus, vou ficar com problemas quando Ken descobrir. “Acesso exclusivo para o novo Brad Sinclair.”

* * *



Nicole não é boa com surpresas. Ela deseja saber o que é antes que aconteçam. Então, não contamos a ela que planejamos algo para o aniversário de um ano de sua chegada à porta de Brad. Nós a distraímos com um playdate com Blue e Bonnie e compramos um pônei escondido dela.

Seu avô esculpiu uma placa de identificação para o novo pônei de Nicole no depósito de madeira em poucas horas, poliu e colocou uma camada de verniz sobre ela. Ela é uma calma égua roan. Depois de uma garrafa de vinho e uma longa conversa sobre nossas vidas e onde queremos ir, Brad e eu nomeamos o cavalo de Califórnia Pie.

Brad elogia o trabalho de seu pai. “Lindo” ele diz.

“Ela vai amar” grito, pegando a placa dele. Ainda está pegajosa e precisa de outra demão de verniz, mas eu a quero no estábulo quando entregarmos o pônei a Nicole.

Temos uma pré-entrevista com David do DMZ sobre a narração da próxima animação de Brad e seu cronograma de atuação recém adquiridos, mas não muito ruim, então David entra em seu carro para nos encontrar nos estábulos e vendamos os olhos de Nicole para sua surpresa.

“Por que estamos indo pelo caminho errado?” Nicole pergunta no banco traseiro. Ela retira um pouco da sua venda para conseguir ver.

“Largue isso, mocinha” Brad fala, olhando para ela no espelho.

“Ok, mas onde estamos indo?”

“É uma surpresa!” Brad e eu falamos ao mesmo tempo.

Quando nos aproximamos, me arrasto para o banco de trás e cubro seus olhos com minha mão. Infelizmente, não penso em cobrir seu nariz.

“Estou sentindo um cheiro de cocô de cavalo!”

Brad lança um olhar para trás conforme passamos o portão. Atrás do cuidado e lindo clube e gramados aparados fica o espaço do estábulo para treinar cavalos e cavaleiros.

“Onde estão os cavalos?” Ela grita.

“Mantenha a venda nos olhos” digo quando Brad estaciona e entrega ao manobrista as chaves. Ele abre a porta enquanto me inclino para trás e solto o cinto de segurança de Nicole. David está aqui com seu assistente, o operador de câmera. Dez meses em seu ano de exclusividade, que eles usam o tempo com

sabedoria, contando a história da queda da família Sinclair no anonimato e a ascensão à normalidade. O público está faminto para ouvir algo positivo.

"Você está registrando isso?" Brad pergunta a David.

"Sim."

"Esse é David?" Nicole pergunta. "Oi, David!" Ela acena para onde acha que ele está.

"Oi, Nicole. Está animada?"

"Sim. Como está Buster?"

Buster é o buldogue de David.

"Ele está bem. Deve ir visitá-lo novamente."

Nós a guiamos para fora da estrada asfaltada até a estrada de terra dos estábulos. O cheiro de cocô de cavalo fica mais forte.

"Gosta de surpresas?" Ele pergunta.

"Eu gosto daquelas que sei o que é."

Mesmo com a carreira de Brad "acabada", achamos que Nicole ia ter que se acostumar com as pessoas tirando fotos dela. Que se ela ficasse confortável com a pessoa por trás da câmera, ficaria confortável com a câmera.

Vamos para os estábulos. É quando noto que algo não está indo como planejado. Eu não sei o que dizer, a sala parece diferente. Os mesmos cavalos estão aqui. O mesmo cheiro. A mesma tinta branca sobre as baias e as placas de madeira para cada um.

Então Nicole dá uma risadinha e David diz: "*Shh.*"

E uma risada atrás de uma parede.

Por que eu cheiro um pouco de açúcar por trás da cocô de cavalo?

"Brad?"

Ele abre um diabólico sorriso e sei que algo sobre esta imagem está tão errada quanto poderia.

"Feliz aniversário, teacup."

"O que? Eu..."

"SUPRESA!"

Eu pulo, oh, três metros no ar conforme dezenas de pessoas entram no estábulo.

“Espere! O que?”

Nicole está pulando para cima e para baixo, batendo palmas, a venda se foi há muito tempo. Brad a pega enquanto Blakely me abraça.

“Parabéns” ela fala em um vestido de cetim rosa e saltos.

“Pelo quê? Eu...”

Os pais de Brad me abraçam e me parabenizam também. E Susan e seus filhos. Buddy. Willow Heywood. Ray e Kendall.

“Brad? Que dia...”

“Não diga uma palavra ruim!” Nicole grita.

“É o seu casamento” ele diz.

Ele me puxa para fora e a multidão segue, rindo e conversando, até que chegamos ao clube. Solto sua mão quando vejo um cavalete com um sinal florido.

“Casamento de Cara DuMont e Brad Sinclair.”

“Um casamento surpresa?” Exclamo, olhando para o meu futuro marido e não o encontrando. “Não há tal coisa como um casamento surpresa!”

“Sim, há!” Blakely fala. “Nós temos um vestido. Isso faz com que seja real.”

“Onde está o Brad?” Estico o pescoço para procurá-lo, mas apenas vejo David. Jedi Heywood estende a mão para me abraçar e dou-lhe um aperto duro antes de examinar a cabeça de todos procurando pelo meu... bem, meu noivo.

“Vamos” Blakely chama, puxando-me para longe. “Temos meia hora para nos vestir.”

“O que? Eu...?”

Sou levada para um quarto para me vestir.

* * *

Blakely e um bando de babás dos parques e festas me colocam em um vestido branco e me arrumam em trinta e quatro minutos. *Furacão* não descreve isso. Fui

para os estábulos para surpreender Nicole com um pônei e saio em um longo vestido branco com a mão cheia de rosas brancas.

"O casamento é no gramado com vista para o desfiladeiro" Blakely avisa distraidamente, me puxando para fora da porta. Ela não fez nada além de me puxar de surpresa a surpresa por meia hora. Surpresa, é seu casamento. Surpresa, aqui está o seu vestido. Surpresa, longo laço branco em seu buquê. Surpresa, Nicole é a daminha mais perfeita de sempre.

"Mas o pônei" falo. "Ela sabe sobre o pônei?"

"Não, acho que não." Sou levada para baixo por um corredor acarpetado. Viramos num canto. Ela me leva até que estou no topo de uma escada de pedra e...

"Blakely!" Puxo minha mão.

"O que?"

"Não posso caminhar até o altar. Não tenho ninguém para me entregar. Quem pensou nisso? É como uma grande peça faltando. Não posso ir sozinha com todo mundo olhando para mim. É deprimente."

Observo Blakely recuando com horror quando percebe seu enorme erro embaraçoso. Mas ela meio que sorri um pouco, depois sorri muito.

"Surpresa" ela fala em voz baixa, apontando sua mão para o lado. Sigo a linha de seu braço para um homem grisalho em um smoking. Ele está perfeitamente imóvel, uma visão da diplomacia e cortesia. Sua sobrancelha ainda é castanho-escuro, azul e marrom coexistem em seus olhos, como anéis duplos de humor.

"Pai?"

"Oi, querida."

É a sua voz, sua estatura, sua postura. É ele. Sua presença racha através das barreiras que construí em torno dele.

"Pai?" Repito.

Ele estica a mão para mim. Meu pai. Ele me odeia. Tenho certeza que sim. Mas ele está aqui, neste ridículo casamento surpresa.

"Vamos andar juntos" ele fala. "Então, vamos dançar. Depois você, eu e sua mãe..."

"Mamãe está aqui?"

Sou reduzida para pensamentos e frases simples. Nicole poderia ter sentimentos mais profundos.

“É claro que estamos. Amamos você, querida.”

Além dele, abaixo dos degraus de pedra e em um curto caminho de pedra, uma centena de pessoas espera. Além da cem pessoas, Brad Sinclair está de pé em um smoking. Com calças compridas. Todo o traje. Até mesmo a gravata.

“Já podemos ir?”

Esqueci de Nicole no topo dos degraus em seu vestido branco bufante e cesta de pétalas de rosa. Usa os tênis rosa que acendem que não são feitos para combinar com um vestido de daminha. Sua testa está enrugada e parece aterrorizada.

“Ela tem sua boca” meu pai fala.

“Isso é impossível.”

Ele olha para mim secamente. “Estou falando sobre o que sai dela.”

Sua boca se contrai com um sorriso e ele me dá o braço. Deslizo minha mão em torno do cotovelo e descemos as escadas. Diante de nós, Nicole generosamente cobre o corredor central em pétalas brancas.

“Estou feliz que viemos” ele sussurra para mim. “Está linda.”

“Obrigada, pai.”

Nicole fica impaciente nos últimos três degraus. Estende a cesta e joga as pétalas de flores restantes aos pés de seu pai. Todos dão risada e quando ela abraça suas pernas, Brad ri com eles.

“Ele parece ótimo” meu pai fala.

Brad pega Nicole e a segura de um lado quando me aproximo. Ele espera por mim com sua filha e meu pai acaricia minha mão. Quero agradecer a ele por me dar o casamento que estava com medo de criar para mim mesma. Por completar desejos que não ouso ter. Sinto um círculo apertando em mim. Um laço de família que me protege de danos. Um laço que usaria tudo em meu poder para preservar. Completamos um ciclo de amor e proteção passado de pai para filha, de geração para geração.

Brad pega minha mão e estou completa.



EPÍLOGO DO EPÍLOGO

Nicole

Meu pônei é o melhor do mundo.

O nome dele é Califórnia Pie.

Amo meu pônei, minha nova mamãe e meu papai.

Nós quatro estamos muito felizes juntos. Para sempre.

Fim!





CD REIS

BOMBSHELL

Referências

- Música Thumbkin: https://www.youtube.com/watch?v=bRNDu3O2VQY

SWEET CLUB BOOKS